Organizado por
Kevin L. DeYoung

Prefácio de
D. A. Carson

A FÉ QUE NOS FOI DADA

Para jovens cristãos, novos cristãos e cristãos não instruídos, o conteúdo essencial e básico da fé cristã e evangélica em particular e o modo de viver essa fé na vida real.

A FÉ QUE NOS FOI DADA

Organizado por
Kevin L. DeYoung

Prefácio de
D. A. Carson

A FÉ QUE NOS FOI DADA

Para jovens cristãos, novos cristãos
e cristãos não instruídos, o conteúdo
essencial e básico da fé cristã e
evangélica em particular e o modo
de viver essa fé na vida real.

A fé que nos foi dada. Org. Kevin DeYoung © 2012 Editora Cultura Cristã. *Don't Call It a Comeback – The Old Faith for a New Day* Copyright © 2011 by Kevin DeYoung. Publicado pela Crossway Books, um ministério de publicações da Good News Publishers, Wheaton, Illinois 60187, U.S.A.

Esta edição foi publicada mediante acordo com a Crossway. Todos os direitos são reservados.

1ª edição – 2013

Conselho Editorial

Cláudio Marra (*Presidente*)

Christian Brially Tavares de Medeiros

Filipe Fontes

Heber Carlos de Campos Jr

Hermisten Maia Pereira da Costa

Joel Theodoro da Fonseca Jr

Misael Batista do Nascimento

Tarcízio José de Freitas Carvalho

Victor Alexandre Nascimento Ximenes

Produção Editorial

Tradução

Mary Lane

Revisão

Claudete Água

Edna Guimarães

Wilton Vidal de Lima

Editoração

Lidia de Oliveira Dutra

Capa

Osíris C. R. Rodrigues

Livro digital

Lucas Camargo

D529f DeYoung, Kevin

A fé que nos foi dada/ Kevin DeYoung; traduzido por Mary Lane_São Paulo: Cultura Cristã, 2012

ePub3.

Tradução: Don't call it a comeback

ISBN 978-65-5989-159-7

1. Vida Cristã 2. Evangelho

CDU 27.247

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus "símbolos de fé", que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a *Confissão de Fé de Westminster* e seus catecismos, o *Maior* e o *Breve*. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.

abdr ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS

Respeite o direito autoral

EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP: 01540-040 – São Paulo – SP

Fone (11) 3207-7099 – Whatsapp (11) 97133-5653 – 0800-0141963

www.editoraculturacrista.com.br

Superintendente: Clodoaldo Waldemar Furlan

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

For all the saints who from their labors rest,
Who thee by faith before the world confessed,
Thy name, O Jesus, be forever blest.
Alleluia! Alleluia! [i]

---

[i] Por todos os santos que descansam de seus labores,

Que pela fé confessaram o Senhor perante o mundo,

Teu nome, ó Jesus, seja para sempre bendito!

Aleluia! Aleluia!

Primeira estrofe do hino “For All the Saints”, escrito por William W. How, bispo da Igreja Anglicana em Wakefield. Publicado originalmente por Earl Nelson (1864) em *Hymns for Saint's Days and Other Hymns* (NE).

Sumário

Prefácio
D. A. CARSON
Introdução: Bem crescidinho, sem nada a dizer
KEVIN DEYOUNG

Parte 1: História evangélica: Olhar para a frente e olhar para trás

1. O segredo para alcançar a geração mais jovem
KEVIN DEYOUNG
2. A história do evangelicalismo desde o seu início e antes
COLLIN HANSEN

Parte 2: Teologia evangélica: Pensando nas verdades que são mais importantes, sentindo-as e crendo nelas

3. Deus: não é igual a você
JONATHAN LEEMAN
4. Escritura: Como a Bíblia não é igual a qualquer outro livro
ANDY NASELLI
5. O evangelho: Deus em lugar dos pecadores
GREG GILBERT
6. Novo nascimento: "Importa-vos nascer de novo"
BEN PEAYS

7. Justificação: Por que o Senhor nossa justiça é uma notícia melhor do que o Senhor nosso exemplo
JAY HARVEY
8. Santificação: Estar genuinamente aniquilado não é o suficiente
OWEN STRACHAN
9. Reino: Céu depois da terra, céu na terra, ou algo totalmente diferente?
RUSSELL MOORE
10. Jesus Cristo: O único caminho e nossa única esperança
TIM CHALLIES

Parte 3: Prática evangélica: Aprender a viver a vida de acordo com a vontade de Deus

11. Às vezes, a vida pode ser maravilhosa: Os evangélicos e a vocação
TED KLUCK
12. Justiça social: O que Deus tem a ver com isso
DARRIN PATRICK
13. Homossexualidade: Graça, verdade e a necessidade de coragem tolerante
ERIC REDMOND e KEVIN DEYOUNG
14. Aborto: Por que o silêncio e a omissão não se constituem opções para os evangélicos
JUSTIN TAYLOR
15. Confusão de gênero sexual e uma contracultura moldada pelo evangelho
DENNY BURK

16. A igreja local: Nem sempre maravilhosa, mas amada por Jesus
THABITI ANYABWILE
17. Adoração: Algo muito importante
TULLIAN TCHIVIDJIAN
18. Missões: A adoração a Jesus e a alegria de todos os povos
DAVID MATHIS

Colaboradores
Notas

PREFÁCIO

D. A. CARSON

Há um ano, numa conversa particular, John Piper e eu concordamos que era ótimo estar na casa dos 60 anos de idade. Isso porque – e isto é algo surpreendente – a geração que se segue à nossa quer ser monitorada, quer ouvir e ler os escritos e a teologia de um grande número daqueles que estão nessa faixa etária. Nem sempre foi assim no Ocidente, mas agora é. Um grande momento para ser um sexagenário.

No entanto, seria um grande erro pensar, por algum momento, que tudo depende daqueles que têm 60 anos de idade. Deus está levantando uma geração notável ainda na faixa dos 20, 30 e 40 anos e ansiosa para permanecer fiel ao Senhor Jesus e ao seu evangelho, ávida para ensinar a Bíblia corretamente e com unção, ansiosa para usar a própria mente enquanto ama com todo o ser, bem como se esforçando tanto para crer na verdade quanto para praticá-la. Os colaboradores deste livro representam apenas uma pequena parte desse grupo.

Certa ocasião, reuni-me com a maioria deles numa sala de conferências no Aeroporto O'Hare, de Chicago. Fiquei feliz em tentar responder a várias de suas perguntas por algumas horas, com a condição de que eu pudesse também fazer perguntas a *eles*. O fluxo de informações e perspectivas correu alegremente em ambas as direções. Fui para casa agradecendo a

Deus por esses jovens servos cristãos que estão dedicando a vida ao evangelho, trabalho esse do qual não verei o resultado antes da eternidade.

O duplo objetivo deste livro – por um lado, desenvolver e expor ideias sobre o que os cristãos devem crer e como devem agir e, por outro, articular a natureza essencialmente teológica do evangelicalismo – é impulsionado pela ambição dos escritores de se tornarem acessíveis. E nisso, eles têm sido bem-sucedidos. Seria fácil lamentar os tópicos não abordados ou criticar temas não tratados com profundidade e sutileza, mas isso seria nada mais que dizer aos colaboradores para escreverem um livro diferente, um livro com objetivos totalmente diferentes e para leitores diferentes. No entanto, qualquer livro que se dispõe a "apresentar a jovens cristãos, novos cristãos e cristãos não discipulados os artigos mais importantes da nossa fé e mostrar como viver essa fé na vida real" (DeYoung) promove a minha gratidão a Deus pelos dons e graça representados nestas páginas.

Minha esperança e oração é que muitos cristãos comprem vários exemplares deste livro e os distribuam com generosidade.

INTRODUÇÃO:

Bem crescidinho, sem nada a dizer

KEVIN DEYOUNG

Eu não só cresci na igreja, mas praticamente *morava* na igreja. Minha família estava na igreja todas as manhãs e noites do domingo. Condições climáticas, viagens, férias, doença, jogos importantes dos nossos times favoritos – nada disso importava. Nós estávamos na igreja. Muitas vezes, íamos lá para acender as luzes com o pastor e a família dele. Frequentei a Escola Dominical. Ia à igreja nas noites de quarta-feira e nas noites de domingo (depois do culto) para o grupo de jovens. Comecei a fazer devocionais diárias quando estava no ensino médio; lia a Bíblia, tinha pais que amavam a Deus e, em geral, era rodeado por bons amigos cristãos. E eu *gostava* disso.

Depois de concluir o colegial na escola pública, fui para a Hope College, em Holland, Michigan. Embora seja uma escola cristã liberal de artes, a Hope não é uma faculdade especificamente para cristãos. Você não precisava ser cristão, crer como um cristão ou viver como um cristão para frequentar a Hope. Porém, de modo igual a muitos outros, fui para a Hope como um cristão comprometido, tendo sido criado numa igreja evangélica fiel e simples.

Nunca vou me esquecer de uma discussão acalorada sobre religião que tive no primeiro ano com outros três rapazes que residiam no mesmo andar que eu. Um deles era um cristão nominal que cresceu na igreja, mas parecia não dar importância à sua fé. Outro rapaz era um hedonista. Seu objetivo pessoal na vida era ter tantas relações sexuais quantas pudesse conseguir. Para ele, essa era a boa vida. O terceiro rapaz estava envolvido com cristais (é sério). Era um riquinho adepto do movimento Nova Era, que gostava de assistir ao programa Rikki Lake e de jogar videogames. E lá estava eu, o pequeno Samuel que cresceu no templo. No entanto, enquanto conversávamos até tarde da noite, comecei a perceber que eu não havia prestado muita atenção ao que foi ensinado na casa do Senhor durante todos aqueles anos.

Não sei de quem foi a culpa, se é que era de alguém, mas me lembro de ter ficado acordado até a madrugada pensando: "Não consigo colocar em palavras aquilo em que creio e por que creio". Sentia-me um pouco envergonhado porque, depois de todos aqueles anos, eu ainda não entendia bem algumas das doutrinas mais fundamentais da fé cristã. Olhando para trás, gostaria de ter sido mais desafiado (ou me desafiado mais) quando mais jovem para realmente compreender a doutrina cristã. O catecismo estava sendo eliminado do currículo quando eu passava pelos últimos anos de Escola Dominical, e as mensagens do grupo de jovens pareciam terminar com o tradicional apelo de pedir a Jesus para entrar em nossos corações. Provavelmente, eu era um dos que mais estudavam a Bíblia na nossa igreja e, ainda assim, mal conseguia expressar com clareza a teologia cristã básica, "Jesus morreu na cruz pelos nossos pecados". E se não conseguia expressar claramente o fundamental, depois de dezessete sólidos e sinceros anos na igreja, qual deve ser a dificuldade de um rapaz de 17 anos de idade,

recém-convertido ao cristianismo, ou então de uma pessoa de 34 anos de idade que, pela primeira vez, está realmente interessada em se firmar na fé?

Qual é o objetivo?

Este livro tem dois objetivos principais. O primeiro é apresentar aos jovens cristãos, novos cristãos e cristãos não discipulados os artigos mais importantes da nossa fé e como é viver essa fé na vida real. Vou ser o primeiro a admitir que não estamos buscando originalidade nestes capítulos. De fato, esperamos que o que vamos dizer já tenha sido dito por muitos outros antes de nós e que seja dito por muitos depois de nós. No entanto, se não estamos afirmando novas descobertas, estamos ansiosos para comunicar a fé cristã e sua prática de uma maneira que ecoe nos adolescentes, estudantes universitários, jovens adultos e outros que precisam ter uma compreensão melhor do que eles acreditam e por que acreditam. Todos nós somos jovens cristãos – nos nossos 20 ou 30 anos de idade quando este projeto começou – que queremos ver a próxima geração de cristãos aprender a pensar e a viver em adoração de maneira autêntica, bíblica e teológica. Queremos ver a geração seguinte compreender e expressar alegremente as verdades mais importantes.

O segundo objetivo do livro é reafirmar a natureza teológica do evangelicalismo. Nos últimos anos, o termo *evangélico* perdeu quase todo o seu significado. Tornou-se uma categoria política ou um termo usado pelos sociólogos para os cristãos afiliados a certas denominações ou instituições. *Evangélico* passou a significar tudo e nada. Mas nós ainda achamos que esse termo pode ter credibilidade, desde que lhe seja atribuído um

significado teológico que se manifeste em algumas posturas e práticas éticas, sociais e eclesiásticas importantes.

Percebemos que existem alguns sérios perigos nesse segundo objetivo. Um perigo é nos vermos como os donos da verdade do evangelicalismo. Oramos para que essa não seja a nossa motivação. Na verdade, a parte mais difícil da organização deste livro foi ter de deixar de fora muitos impressionantes jovens evangélicos, santos, inteligentes que poderiam facilmente ter escrito estes capítulos tão bem quanto nós. Certamente, o evangelicalismo não gira em torno de nós mesmos ou de nossos ministérios. Um segundo perigo é que nós seríamos vistos como demarcando cuidadosamente os limites para quem pode e não pode ser evangélico. Compreensivelmente, só pelo que estamos abordando ou não isso já acontecerá. E, francamente, sabemos que o termo *evangélico* precisa de definição. Este livro é uma tentativa de sugerir algumas das doutrinas, éticas e práticas que devem distinguir o cristão evangélico. Porém, percebemos que, para algumas pessoas, não gastamos tempo suficiente em alguns temas e, para outras, que deixamos de lado muitos outros. Nosso objetivo não é dizer: "Creia nisto e nisto" ou "Creia nisto e em nada mais", mas dizer: "Aqui estão as coisas que parecem essenciais e básicas para a fé cristã em geral e para a identidade evangélica em particular".

Esperança para o futuro

Nossa esperança é que este livro possa ser minimamente útil em reformar a igreja de Cristo de acordo com a Palavra de Deus e formar cristãos na verdade dessa Palavra. Ao contrário do que dizem alguns relatórios pessimistas, a igreja evangélica não está morta. Pela graça de

Deus, não importa a turbulência financeira, militar ou política que somos chamados a suportar, a igreja pode ter seus dias mais fortes, saudáveis e vibrantes no futuro. É claro, ela sempre estará "angustiada por divisões e heresias", para não mencionar os problemas causados pela nossa própria insensatez e egoísmo. No entanto, vemos sinais de um renovado interesse pela natureza corporativa da igreja, pelo envolvimento social, pelo compromisso teológico robusto e por uma fé madura, que aceita riscos e que é saturada de Deus, que não tolera um cristianismo com truques, imitações ou que seja moldado pela cultura.

Somos pecadores, mas Deus é misericordioso. Assim, a igreja está sujeita a uma mistura de sentimentos. Ela é assim agora e o será no futuro. E, por isso, podemos nos entristecer, mas sempre nos alegrando. Tristes por causa do sofrimento, mas sempre alegres pela nossa redenção. Tristes pelos nossos pecados, mas sempre alegres em nosso Salvador. A nossa oração é que este livro possa ajudar uma nova geração de cristãos a se alegrarem nos aspectos mais importantes de nossa fé e caminhada, em vez de descobrir com tristeza que não sabemos pensar ou viver como cristãos.

PARTE 1

HISTÓRIA EVANGÉLICA

Olhar para a frente e olhar para trás

Capítulo 1

O SEGREDO PARA ALCANÇAR A GERAÇÃO MAIS JOVEM

KEVIN DEYOUNG

Publicar um livro é algo engraçado. Pessoas que você nunca viu, de repente, o consideram incrível. Outros que você nunca conheceu (que talvez coloquem a opinião no *site* da editora) acham que você é a escória deste mundo (e não no bom sentido a que Paulo se refere). E muitas pessoas esperam que você seja um especialista em coisas das quais você não tem muito conhecimento.

Quando meu primeiro livro (*Why We're Not Emergent*)[i] foi publicado, pastores e outros cristãos começaram a me perguntar como a minha igreja conseguiu alcançar os jovens. "Nós não queremos ser emergentes", eles diziam. "Precisamos de uma doutrina sólida. Precisamos de um bom sermão. Mas o que você faz na sua igreja para alcançar a nova geração?" Normalmente, a minha resposta era: "nada". Eu queria que as pessoas entendessem que não há nada de especial ou brilhante na estratégia da nossa igreja. Apenas estamos tentando ser fiéis.

No entanto, depois de um tempo comecei a perceber que "nada" não era uma resposta muito útil. Então, falei sobre o nosso ministério nas-

universidades, a estrutura da nossa equipe de auxiliares e os nossos grupos pequenos – todos os quais são importantes. No entanto, essa resposta parecia a de sempre: "Se você quer alcançar os jovens, tem de ter esse programa, ou captar esse sentimento, ou procurar ser desse jeito". Não me interpretem mal; pensar em estratégia, estrutura e sentimento não é pecado. Sou grato por todas as pessoas em nossa igreja que trabalham arduamente nessas áreas. Tento ser sábio nessas áreas. Porém, esse não é o segredo para alcançar a nova geração.

Como pastor, houve tempos que me senti desmotivado pelo crescimento numérico lento da minha congregação. Pensava: "Por que aquela igreja tem tanto sucesso? Por que eles cresceram de 150 para 1.500 em três anos?" Quase cheguei até mesmo a ser presunçoso algumas vezes: "Senhor, se eu chegar ao céu e descobrir que havia um estilo musical secreto ou clipe de filme ou programa novo que eu deveria ter usado para obter sucesso, vou me sentir muito mal". Porém, nos meus momentos mais saudáveis, enxerguei duas coisas: 1) é mais a minha carne pecaminosa do que o meu espírito santificado que quer o sucesso. E 2) o segredo é que não há segredo.

Alcançar a nova geração – quer estejam fora da igreja ou ali sentados entediados na sua igreja – é mais fácil e mais difícil do que você pensa. É mais fácil porque você não precisa de um certificado em teoria literária pós-moderna ou assistir a vários filmes idiotas. Você não precisa dizer: "Da hora!" ou saber o que significa S2 ou OMG.[ii] Você não precisa ouvir… bem, o que quer que as pessoas estejam ouvindo atualmente. Você não precisa ter uma conta no Twitter, assistir a *GLEE* ou curtir um shopping da moda. Você tem apenas que ser como Jesus. É isso. Assim, a parte fácil é que você não precisa estar antenado com a cultura. A parte difícil é que

você precisa estar com *ele*. Se andar com Deus e andar com as pessoas, você alcançará a próxima geração.

Deixe-me desenvolver um pouco essa ideia. Depois de pensar na pergunta durante mais de um ano, descobri cinco sugestões para pastores, ministros de jovens, funcionários das universidades e para qualquer pessoa que queira transmitir a fé para a geração seguinte: agarre-os com paixão. Conquiste-os com amor. Mantenha-os com santidade. Desafie-os com a verdade. Surpreenda-os com Deus.

Agarre-os com paixão

Cada vez menos pessoas vão à igreja por um sentido de obrigação cultural. Isso é verdadeiro especialmente entre os jovens. As gerações mais novas não irão se interessar pelo cristianismo se ele for sem vida, mecânico e nada inspirativo. Só irão levar a sério a fé cristã se ela lhes parecer algo em que vale a pena investir seu tempo. Você pode ter cultos formais, desde que não tenha formalismo. Você pode ter cultos sem modelo fixo, desde que não aborde sua fé descuidadamente. Seus cultos podem ser de várias maneiras diferentes, mas os jovens querem ver paixão. Eles querem nos ver fazer parte da igreja e seguir a Cristo como nós pregamos.

Faríamos muito bem se atentássemos para Romanos 12: "O amor seja sem hipocrisia. Detestai o mal, apegando-vos ao bem. Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros. No zelo, não sejais remissos; sede fervorosos de espírito, servindo ao Senhor" (v. 9-11). Provavelmente, estaríamos longe de perder nossos jovens e ganharíamos outros se a temperatura espiritual das nossas igrejas não estivesse morna. As pessoas precisam ver que Deus é a

realidade que abrange tudo na nossa vida. A nossa sinceridade e seriedade na adoração são mais importantes do que o estilo que usamos para mostrá-las.

Estou cansado de falar sobre autenticidade, como se estivesse tagarelando a respeito de como você está confuso ou como se escrever no blog sobre seu peixinho vermelho fosse um sinal de maturidade espiritual. Precisamos de paixão, um zelo impulsionado pelo conhecimento (Rm 10.2). Os jovens querem ver nossa fé sendo realmente importante para nós. Eles são como Benjamim Franklin quando lhe perguntaram por que ele ia ouvir George Whitefield pregar. "Você nem crê no que ele diz", as pessoas argumentavam com Franklin. Ao que ele respondeu: "Eu sei. Mas *ele* crê". Se a nossa fé é entediante para nós, será entediante para os outros. Se o evangelho é como uma notícia velha para você, será uma notícia enfadonha para toda pessoa.

Não conseguimos transmitir o que não sentimos. Whitefield criticou a igreja do seu tempo porque "a maioria dos pregadores [na Nova Inglaterra] fala de um Cristo desconhecido e não experimentado. A razão pela qual as congregações estão mortas é porque homens mortos estão pregando para elas".[1] A próxima geração, ou melhor, cada geração, precisa ouvir o evangelho ser pregado com afirmação e paixão pessoais. Há um tempo para diálogo, mas há também um tempo para depoimento pessoal. As pessoas não precisam de uma palestra, um discurso ou uma discussão vindos do púlpito no domingo. Precisam ouvir sobre os atos poderosos de Deus. E precisam ouvir a mensagem de alguém que não só entende isso, mas que também foi alcançado por isso.

Se tivermos de alcançar a próxima geração com o evangelho, devemos agarrá-la com paixão. E para agarrá-la com paixão, nós mesmos devemos

ter sido agarrados pelo evangelho. O mundo precisa ver os cristãos ardendo, não com fúria hipócrita pelos deslizes morais da nossa nação, mas pela paixão por Deus. Como W. E. Sangster colocou: "Não estou interessado em saber se você pode colocar fogo no rio Tâmisa. O que eu quero saber é o seguinte: se eu pegar você pelo pescoço e jogar no rio Tâmisa, você vai chiar?"[2]

Conquiste-os com amor

A igreja evangélica tem passado tempo demais tentando decifrar o envolvimento cultural e muito pouco tempo apenas tentando amar. Se ouvirmos as pessoas com paciência e dermos a elas a dádiva da nossa curiosidade, da nossa atenção, estaremos nos envolvendo plenamente. Não estou defendendo o obscurantismo intencional. O que estou dizendo é que preciso captar a atenção das pessoas com uma força mais poderosa do que a linguagem correta e clips de filme corretos.

Passamos todo esse tempo tentando imitar a Geração-X ou a cultura do milênio, e isso com que finalidade? Para começar, não existe uma cultura jovem universal. Os jovens não pensam todos do mesmo modo, não se vestem todos da mesma forma, nem se sentem à vontade nos mesmos ambientes. Além do mais, mesmo que pudéssemos descobrir "do que a nova geração gosta", quando descobríssemos provavelmente ela já não gostaria mais. Conte com isto: quando a igreja descobre qual é a onda do momento, ela já passou. Tenho visto cristãos bem-intencionados querendo introduzir uma nova música na igreja com um esforço para atingir os jovens, apenas para descobrir que a música "nova" incluía "Brilha Jesus" e "Aclame ao Senhor". Não há nada pior do que uma igreja tentando ser atual

e acabar se revelando um tanto ultrapassada. É melhor ficar com os hinos e o órgão do que com música "nova" que não envelheceu direito ou fazer uma música nova de uma maneira embaraçosa.

A igreja evangélica precisa parar de pregar o falso evangelho da identificação cultural. Não use todo o seu tempo tentando descobrir como se identificar com a próxima geração. Seja você mesmo. Fale com eles sobre Jesus. E mostre amor sem constrangimento. Creio que muitos cristãos mais antigos estão ansiosos para descobrir o que os jovens estão fazendo porque eles estão envergonhados demais para serem eles mesmos e inseguros demais para simplesmente amar as pessoas que estão querendo alcançar.

Jesus disse: "Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros" (Jo 13.35). Jesus não disse: "Eles saberão que vocês são meus discípulos pela maneira que vocês se identificam com as novas tendências da cultura jovem". Ou: "Eles saberão que são meus discípulos pelo clima atualizado que vocês criaram". Desista da relevância e tente o amor. Se eles virem amor em você, amor uns pelos outros, amor pelo mundo e amor por eles, ouvirão você. Não importa quem sejam "eles".

Converse com as pessoas. Receba bem os visitantes. Convide pessoas que você conheceu há pouco tempo para o almoço. Converse de maneira agradável ao sair para comer uma *pizza*. Faça que os adolescentes se sintam à vontade na sua casa. O amor não é garantia de que os jovens nunca sairão da igreja, mas pode fazer que a saída fique mais difícil. Não vai garantir que os não cristãos se entreguem a Cristo, mas tornará o convite muito mais atraente.

Mantenha-os com santidade

Deixe-me esclarecer mais uma vez. Não estou argumentando que pensar nos estilos das músicas ou prestar atenção ao "sentimento" da nossa igreja ou tentar fazer uma exegese da cultura sejam coisas pecaminosas. Não estou dizendo que não devemos fazer perguntas que estejam relacionadas com o envolvimento cultural. O que estou dizendo é que ser especialistas na cultura não significa nada, e será pior do que nada se não formos, em primeiro lugar, especialistas em amor, verdade e santidade.

Considere o que Deus diz em 2Pedro 1.5-8:

> ... reunindo toda a vossa diligência, associai com a vossa fé a virtude; com a virtude, o conhecimento; com o conhecimento, o domínio próprio; com o domínio próprio, a perseverança; com a perseverança, a piedade, com a piedade, a fraternidade; com a fraternidade, o amor. Porque estas coisas, existindo em vós e em vós aumentando, fazem com que não sejais nem inativos, nem infrutuosos no pleno conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo.

Você notou a promessa no último versículo? Se estivermos crescendo em fé, virtude, conhecimento, domínio próprio, perseverança, piedade, fraternidade e amor, não seremos ministros ineficazes de Cristo. Se alguma vez houve um segredo para o ministério eficaz, esses versículos revelam o segredo. Cresça no Senhor e fará a diferença na vida das pessoas. Se nada de importância espiritual está acontecendo na sua igreja, no seu estudo bíblico, no seu pequeno grupo ou na sua família, pode ser porque nada de espiritualmente importante esteja acontecendo na sua vida.

Gosto muito da frase de Robert Murray M'Cheyne: "A maior necessidade das pessoas é a minha santidade pessoal". Dei esse conselho para muitos outros e o repito para mim mesmo uma centena de vezes. Quase toda a minha filosofia de ministério está resumida nas palavras de

M’Cheyne. A minha congregação precisa mais que eu seja humilde do que eu seja inteligente. Eles precisam mais que eu seja honesto do que um líder dinâmico. Eles precisam que eu seja mais ensinável do que precisam que eu ensine em conferências. Se a sua caminhada corresponde ao seu falar, se a sua fé lhe custa alguma coisa, se ser cristão é mais do que um enfeite cultural, eles ouvirão você.

Paulo disse ao jovem Timóteo para cuidar da sua vida e doutrina (1Tm 4.16). “Continua nestes deveres”, ele disse, “… porque, fazendo assim, salvará tanto a ti mesmo como aos teus ouvintes”. Ministérios demais hoje são empreendidos sem qualquer preocupação com a santidade. Descobrimos que mudar o modo como a igreja funciona é mais fácil do que mudar a nós mesmos. Descobrimos que não somos suficientemente diferentes de qualquer pessoa para que sejamos notados; então, tentamos nos tornar como qualquer pessoa. Os jovens hoje não querem um cristianismo cultural que apenas se encaixe perfeitamente no contexto. Eles querem um cristianismo visível que transforme vidas e transforme comunidades. Talvez fôssemos mais bem-sucedidos em alcançar a nova geração se buscássemos mais santidade (1Tm 4.15).

Lembre-se: a geração mais jovem não está apenas lá fora. Eles também estão aqui, sentados nas nossas igrejas, semana após semana. Muitas vezes ouvimos falar quanto a universidade pode ser perigosa para os jovens cristãos; quantos deles deixam a igreja uma vez que chegam à universidade. Porém, estudos revelam que a maioria dos jovens que sai da igreja o faz no período do ensino médio e não no curso superior. Não são os professores liberais que estão tirando os nossos filhos. O empedernido coração deles e nosso testemunho acomodado e insosso é que abrem a porta para que eles saiam.

Um dos nossos problemas é que não fizemos um bom trabalho como modelos de fé cristã em casa e também não integramos os nossos jovens com outros adultos cristãos maduros na igreja. Um líder de jovens comentou sobre o fato frequente de que nossos jovens que "participaram de atividades específicas para sua idade (inclusive Escola Dominical e grupos de discipulado) não serem uma boa referência para sabermos quais adolescentes desenvolverão e quais não desenvolverão uma maturidade cristã". Em vez disso,

> quase sem exceção, os jovens que estão amadurecendo na fé se encaixam em uma das duas categorias: (1) ou vieram de famílias em que pelo menos um dos pais forneceu modelo de crescimento cristão; ou (2) desenvolveram ligações significativas com adultos dentro da igreja, que se tornou uma extensão da família deles.[3]

Do mesmo modo, o sociólogo Christian Smith argumenta que, embora a maioria dos adolescentes e pais não perceba isso, "muitas pesquisas na sociologia da religião sugerem que a influência social mais importante na formação religiosa dos jovens é a vida religiosa apresentada como modelo e ensinada pelos seus pais".[4]

A importância do lar em tudo isso é clara. Uma condição indispensável para desenvolver cristãos maduros e piedosos é ser um cristão maduro e piedoso. É verdade que bons pais ainda têm filhos desobedientes e os professores fiéis nem sempre conseguem influenciar os seus alunos. A santidade pessoal não é a chave que regenera o coração. O sopro do Espírito trabalha onde quer. Mas não se enganem, a promessa de 2Pedro 1 continua tão verdadeira quanto sempre foi. Se somos santos, seremos frutíferos. Mais do que nunca, a maior necessidade da próxima geração é ter ligações pessoais com cristãos maduros.

Desafie-os com a verdade

No auge do crescimento da igreja, estudiosos e pastores estavam discutindo sobre como alcançar crescimento sem uma queda na qualidade espiritual. Hoje eu diria que nós alcançamos crescimento exatamente por *não* decair espiritualmente. A porta está aberta, como nunca esteve, para desafiar as pessoas com um bom ensino bíblico. As pessoas querem aprender doutrina. Elas realmente querem doutrina, mesmo as que não são cristãs. Aceitando ou não, querem saber em quê os cristãos realmente creem. Os jovens não querem conversa que não leve a nada. Eles querem a pura verdade, sem enfeites e sem embaraço.

Há alguns anos, Thom Rainer fez um estudo em que perguntava às pessoas que não eram membros de nenhuma igreja: "Quais os fatores que levaram você a escolher vir a esta igreja?" Foram feitas muitas pesquisas perguntando a pessoas que não frequentam uma igreja do que elas gostariam numa igreja. Mas esse estudo perguntava às pessoas que *antes* não frequentavam nenhuma igreja, por que estavam numa igreja naquele momento. Os resultados foram surpreendentes: 11% disseram que o estilo de louvor os havia levado àquela igreja; 25% disseram que foi o ministério de crianças e jovens e 37% disseram que sentiram a presença de Deus na igreja. Para 41%, alguém da igreja testemunhara a eles e 49% mencionaram a receptividade como a razão da escolha dessa igreja. Você pode adivinhar as duas melhores respostas? Doutrina e pregação – 88% disseram que a doutrina os levara à igreja e 90% disseram que a pregação os havia levado à igreja e, em particular, um pastor que pregou com segurança e convicção. [5] Uma mulher comentou:

> Nós participamos de várias igrejas diferentes, por diversas razões, antes de nos tornarmos cristãos. E digo a você, muitos dos pregadores falavam com pouca autoridade; as questões mais difíceis da Escritura quase não eram mencionadas e gastavam tempo com mensagens sem profundidade sobre outros temas. Frank e eu sabemos agora que estávamos famintos pela verdade. Por que os pregadores não aprendem que a mensagem vazia e superficial não ajuda a ninguém, inclusive pessoas como nós, que não éramos cristãos?[6]

Quando se trata de alcançar pessoas de fora, uma mensagem simples, profunda e bíblica não é o problema. É parte da solução.

A geração mais nova *em* nossas igrejas também precisa ser desafiada. No seu livro sobre a vida religiosa e espiritual dos adolescentes norte-americanos, Christian Smith criou a expressão "deísmo moralista terapêutico" para descrever a espiritualidade dos jovens norte-americanos. Eles acreditam em ser uma pessoa com boa moral. Eles acreditam que a religião deve trazer paz, felicidade e segurança. Eles acreditam que Deus existe e criou o mundo, mas não está envolvido especificamente com as questões do dia a dia.[7] Seria ingenuidade nossa pensarmos que essa não é a fé de alguns dos melhores e mais brilhantes membros das nossas igrejas ou mesmo daqueles que estão lendo este livro.

As pessoas na igreja não são bobas. Não são incapazes de aprender. A maioria simplesmente não foi ensinada. Ninguém os desafiou a pensar profundamente ou ler um livro difícil. Ninguém pediu para que falassem sobre sua fé de uma maneira bíblica e teológica. Não esperamos quase nada dos nossos jovens, e então é isso que conseguimos. Há algumas gerações, os jovens com 20 anos de idade estavam se casando, começando família, iniciando carreira profissional ou indo para algum lugar para lutar contra os nazistas. Hoje, pessoas com 35 anos de idade estão navegando pelo Facebook, procurando uma direção e tentando se encontrar. Fomos mimados quando deveríamos ter sido desafiados.

Desafiar a próxima geração com a verdade começa com um sincero autoexame. Devemos perguntar a nós mesmos: eu conheço o conteúdo da Bíblia? Conheço a teologia cristã? Leio livros cristãos substanciosos? Sei alguma coisa sobre a justificação, a redenção, o pecado original, a propiciação e a santificação progressiva? Realmente entendo o evangelho? Não podemos desafiar os outros antes de desafiar a nós mesmos. Essa é uma das paixões que levaram a este livro. Quero que o cristão "típico" que frequenta a igreja pense mais profundamente sobre sua fé. Quero que os cristãos percebam, como aconteceu comigo aquela noite na faculdade, que eles têm muito mais a aprender.

Você já ouviu dizer que o cristianismo no nosso país é largo como um quilômetro e profundo como um centímetro. Bem, atualmente pode-se dizer que sua largura não passa de 500 metros. A influência cristã não é mais tão penetrante quanto era antes. Estou convencido de que para o cristianismo ter a largura de 500 metros, primeiro terá de encontrar uma maneira de ter 500 metros de profundidade. Um cristianismo superficial não vai durar até a próxima geração e não vai crescer. O cristianismo cultural está desaparecendo. A igreja do século 21 precisa crescer na verdade ou então vai acabar.

Surpreenda-os com Deus

Imploro a você, não vá atrás da geração mais nova com mero moralismo, seja pela direita (não faça sexo, vá à igreja, compartilhe sua fé, fique longe das drogas) ou pela esquerda (recicle, cave um poço, alimente os sem-teto, compre uma pulseira). O evangelho não é uma mensagem sobre o que precisamos fazer para Deus, mas a respeito do que Deus fez por

nós. Assim, apresente as boas-novas sobre quem é Deus e o que ele fez por nós.

Parece que alguns têm medo de falar de Deus para as pessoas. Isso porque talvez nós não o conheçamos de fato. Talvez achemos melhor nos ocupar com coisas banais. Ou talvez porque não consideremos que o conhecimento de Deus seja muito útil para a vida do dia a dia. Tenho de lutar contra essa descrença na minha própria vida. Se pelo menos eu confiasse que Deus, por si só, é suficiente para ganhar a mente e o coração da geração mais jovem. Trata-se de obra que é muito mais dele do que sua ou minha. Então, coloque-o à frente e no centro. Não pregue suas dúvidas como enigmas e não reduza Deus ao seu próprio nível. Se alguma vez as pessoas estiveram famintas por um Deus do tamanho de Deus, certamente isso é verdade neste momento.

Dê a elas um Deus que é santo, independente e, ao contrário de nós, um Deus que é bom, justo, cheio de ira, mas cheio de misericórdia. Dê a elas um Deus que é soberano, poderoso, sensível e verdadeiro. Dê a elas um Deus com limites. Dê a elas um Deus puro que as faz se sentirem amadas e seguras, mas pequenas e desconfortáveis também. Dê a elas um Deus que faz todas as coisas segundo o conselho da sua vontade e para a glória do seu nome. Dê a elas um Deus cujo amor é generoso e gratuito. Dê a elas um Deus digno de admiração e temor, um Deus grande o suficiente para toda a nossa fé, esperança e amor.

Seus amigos, sua igreja, sua família, seus filhos, sabem que Deus é o centro do universo? Eles podem ver que Deus é o centro da sua vida?

Imagine que você sonhe com alguém sentado num trono. No seu sonho, um arco-íris rodeava o trono. Vinte e quatro homens cercavam o trono. Sete lâmpadas resplandeciam diante do trono. Um mar de vidro estava diante do

trono. Quatro criaturas estranhas estavam ao redor do trono, dando graças àquele que está sentado no trono e 24 seres estavam prostrando-se diante daquele sentado no trono. Não há necessidade de você tirar José da prisão para descobrir o significado desse sonho. O trono é simbólico e é o centro da visão. O significado do sonho é Deus.

Naturalmente, esse não é um sonho comum. É a visão de João em Apocalipse 4. E é a realidade neste momento. Deus é mais substancial, mais duradouro e mais influente do que sua dor, ou medo, ou tentação, ou oposição, ou maquiagem, ou roupa, ou namorados, ou videogames, ou iPods, ou BlackBerrys, ou qualquer coisa que a nossa cultura coloca como sendo importante para os jovens. O que importa agora e por toda a eternidade é a incessante adoração àquele que está sentado no trono.

Ao tentar alcançar a geração mais nova para Cristo, você pode surpreendê-los com sua inteligência, seu humor ou sua aparência. Ou você pode surpreendê-los com Deus. Preciso de muita coisa na minha vida. Há compromissos, diversos detalhes e uma longa lista de coisas a fazer. Preciso de alimento, água e abrigo. Preciso dormir. Preciso de mais exercício e preciso me alimentar melhor. No entanto, a minha e a sua maior necessidade são estas: conhecer a Deus, amar a Deus, ter prazer em Deus e dar grande importância a Deus.

Temos diante de nós uma incrível oportunidade. A maioria das pessoas vive uma vida sem sentido e efêmera. Podemos dar a elas substância, em vez de estilo. Podemos mostrar um grande Deus para dar sentido à vida vazia dessas pessoas. Podemos direcioná-las para a transcendência, em vez de dirigi-las para a trivialidade. Podemos alcançá-las com algo mais duradouro e mais poderoso do que efeitos, engenhocas e jogos. Podemos alcançá-las com Deus.

Imagine isto. Alcançar a geração mais jovem *para* Deus mostrando a eles *mais* de Deus. Isso é louco o bastante para funcionar.

Para estudo adicional

Mohler, Albert. *O desaparecimento de Deus.* São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2010.

Packer, J. I. *A redescoberta da santidade.* São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002.

Piper, John e Taylor, Justin (org.). *Fascinado pela glória de Deus.* São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2011.

Piper, John. *A paixão de Deus por sua glória*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2011.

Wells, David F. *Coragem para ser protestante: amantes da verdade, marqueteiros e emergentes no mundo pós-moderno.* São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2011.

---

[i] A expressão refere-se à Igreja Emergente, grupo que se distingue da igreja organizada e caracterizada por uma confissão ou credo, escritos ou não. Os emergentes não estão interessados em artigos de fé. Como produto do pós-modernismo caracterizam-se pelo inclusivismo e relativismo (NE).

[ii] Na gíria dos internautas S2 simboliza um coração (Eu amo você) e OMG são as iniciais da expressão em inglês “Oh, my God” (NE).

Capítulo 2

A HISTÓRIA DO EVANGELICALISMO DESDE O SEU INÍCIO E ANTES

COLLIN HANSEN

Praticamente impossível de definir e ainda mais difícil de controlar, o evangelicalismo é uma rede de afinidades que compartilha uma história e uma teologia central comuns. Enquanto o restante deste livro explora o núcleo da teologia e suas implicações, este capítulo procura captar a história comum numa breve visão geral ao longo de dois milênios. Embora a aventura seja breve, vamos fazer uma pausa longa o suficiente para aprender a respeito dos acontecimentos e personalidades que unem um movimento diversificado sem filiação oficial e sem um corpo administrativo que determina quem pertence a ele ou não.

O historiador George Marsden disse que evangélico é "qualquer pessoa que goste de Billy Graham".[1] Essa descrição pode ser um tanto precisa, mas não é suficiente. E, certamente, agora está *desatualizada*. Muitos jovens crentes hoje sequer ouviram falar do famoso evangelista. Eles não sabem que certa vez Graham separou os evangélicos dos fundamentalistas ao trabalhar com protestantes liberais e com católicos romanos. Eles não se lembram do desprezo que ele sofreu por parte dos liberais e dos católicos

por causa da sua ênfase fundamentalista na conversão pessoal, apelando para a autoridade das Escrituras.

O movimento evangélico hoje é mais descentralizado, mais fragmentado e mais diversificado do que foi durante o apogeu de Graham. Na verdade, esses desenvolvimentos tornam cada vez mais difícil até mesmo descrever o evangelicalismo como um movimento, isso porque os evangélicos parecem estar se movendo em várias direções concorrentes. Aqui é onde a História pode nos orientar. O futuro da causa evangélica muitas vezes parece terrível. Mas a fidelidade de Deus nunca mudou. À medida que nos readaptamos à história evangélica, talvez possamos obter mais clareza para entender o que significa testemunhar das boas-novas de Jesus Cristo hoje. Certamente, veremos como os evangélicos têm equilibrado convicção e cooperação, continuidade e criatividade.

Por onde começar?

Apesar de compartilhar a mesma história, os evangélicos discutem a respeito de onde exatamente sua história começou. Eles certamente remontam suas raízes ao próprio Jesus Cristo e aos apóstolos que levaram o evangelho até os confins do mundo conhecido à custa da própria vida. Mas não somos os únicos cristãos que afirmam fundamento apostólico. Você poderia também iniciar a história com a Reforma, quando Martinho Lutero tomou sua ousada posição de defender o evangelho com a consciência cativa apenas à Palavra. Mas o impulso evangélico para a Reforma não surgiu de repente em 1517, quando Lutero afixou suas 95 teses na porta da igreja do Castelo de Wittenberg. Você poderia, então, iniciar a história com o trio João Wesley, Jonathan Edwards e George Whitefield. Deus usou esses

homens para liderar um despertamento religioso espetacular na Grã-Bretanha e na América colonial durante meados da década de 1700. Mas esse início poderia deixar a impressão de que eles é que inventaram o conceito de reavivamento.

Essas duas eras forneceram algo novo para o movimento evangélico. No entanto, dizer que alguma dessas eras inventou o evangelicalismo seria obscurecer a importante sequência de fatos ao longo de diversas épocas e locais. O evangelicalismo foi baseado nas convicções apostólicas da igreja primitiva, como ensina o cânone bíblico. Sua teologia é coerente com o ensino da Reforma sobre o presente de Deus da justificação pela graça somente por meio da fé somente. E ele foi forjado por intermédio da cooperação criativa durante os avivamentos que cruzaram os oceanos por volta de 1700. Hoje, estende-se ao redor do mundo como uma expressão vibrante do compromisso de Jesus de construir sua igreja (Mt 16.18).

Igreja primitiva: consenso cristológico

Hoje você não vai ouvir os evangélicos discutindo sobre se Jesus é totalmente Deus e homem ou se Deus existe em três pessoas. Depois de muita discussão teológica, a igreja primitiva respondeu a essas questões fundamentais a respeito da natureza e obra de Jesus Cristo. Contrariando os arianos, os quais argumentavam que houve um tempo em que o Filho não existia, o Credo de Niceia foi adotado na sua forma atual no Concílio de Constantinopla em 381. Essa afirmação explica que Jesus foi "gerado do Pai antes de todas as eras, Luz da Luz, verdadeiro Deus do verdadeiro Deus, gerado, não criado, de uma substância com o Pai". O empenho corajoso e determinado de teólogos como Atanásio garantiu que o ensino

oficial da igreja reconhecesse Jesus em seu lugar de direito como o Senhor de todos (At 10.36).

No entanto, outros educadores influentes penderam fortemente na direção oposta, exaltando a divindade de Cristo ao mesmo tempo em que não davam muita importância à sua humanidade. Mais uma vez, líderes da igreja se reuniram para tentar encontrar um equilíbrio apropriado que fielmente representasse o testemunho apostólico. O Concílio de Calcedônia encontrou esse equilíbrio em 451. "Com um acordo", os bispos ensinaram que Jesus é "da mesma substância do Pai no que diz respeito à sua divindade e, ao mesmo tempo, da mesma substância que nós no que diz respeito à sua humanidade". Assim como o Credo Niceno, a definição de Calcedônia é reconhecida pelos cristãos de ambas as ramificações: ocidental e oriental. Essas declarações fundamentais demonstram alguma unidade substancial dos evangélicos com as igrejas Ortodoxa e Católica Romana.

Durante a Reforma do século 16, os teólogos protestantes frequentemente defendiam os seus argumentos contra as acusações de inovação recorrendo aos seus antepassados. Dois em particular se destacam por compartilhar ideias que ainda são cultivadas pelos evangélicos hoje. Amplamente considerado como o pai da teologia do Ocidente, Agostinho de Hipona abandonou, pela graça de Deus, uma vida de imoralidade egocêntrica. O bispo norte-africano, que morreu em 430, ajudou os cristãos a antever a cidade celeste, enquanto a cidade de Roma desmoronava. Ele também se opôs ao ensino pernicioso de vários contemporâneos seus. Pelágio, um monge britânico que visitou Roma em 400, afirmava que os seres humanos nascem com a capacidade de fazer o bem ou o mal e de cumprir todos os mandamentos que Deus nos deu. Agostinho respondeu

que o pecado original torna-nos indispostos a buscar a Deus (Rm 3.10-12). A graça de Deus nos salva de nós mesmos. A teologia convincente de Agostinho, elaborada com base na Escritura inerrante, definiu um rumo para a teologia ocidental que continua até hoje.

Outro teólogo apreciado pelos reformadores foi Anselmo de Canterbury, que morreu em 1109. Ele tomou a antiga pergunta: "Por que Deus se fez homem?" e seguiu a trajetória bíblica para ensinar que um Deus santo e íntegro sustenta a justiça ao exigir satisfação pelo pecado. Nenhum pecador pode fazer esse sacrifício. "Se, então, for necessário que o reino do céu seja completado com a admissão do homem", escreveu Anselmo, "e se o homem não pode ser admitido a menos que a citada satisfação pelo pecado seja feita antes e, se só Deus pode e, se essa satisfação deve ser feita por um homem, então, é necessário que isso seja feito por Alguém que seja tanto Deus como homem".[2] De fato, somente Jesus Cristo poderia e ele se ofereceu como sacrifício expiatório pelos pecados (Rm 3.25; Hb 2.17; 1Jo 2.2; 4.10).

Reforma: porta para o céu

Quando se manifestou em 1517 para protestar contra a prática da igreja medieval de vender indulgências, Martinho Lutero não tinha intenção de fundar uma igreja separada que seria rival de Roma. Na verdade, ele nem sequer chegou inicialmente a muitas de suas mais famosas convicções, que lentamente emergiram em suas polêmicas com os críticos católicos. No entanto, no seu estudo da Carta de Paulo aos Romanos, ele já havia cruzado o ponto do qual não teria retorno. Durante anos, a sua consciência esteve atormentada pelo medo de que o Deus justo iria punir seus pecados. Nada

que ele fizesse iria agradar a Deus e, por isso, Lutero o odiava. Então algo despertou no seu entendimento de Romanos 1.17.

“Noite e dia eu meditei até que vi a ligação entre a justiça de Deus e a afirmação de que ‘o justo viverá pela fé’”, escreveu Lutero.

> Então percebi que a justiça de Deus é a justiça pela qual, por meio da graça e pura misericórdia, Deus nos justifica pela fé. Consequentemente, eu me senti renascendo e passando pelas portas abertas para o paraíso. Toda a Escritura adquiriu um novo significado e, enquanto a “justiça de Deus” havia me enchido de ódio, nesse momento se tornou para mim inexplicavelmente doce num amor maior. Essa passagem de Paulo tornou-se para mim um portão para o céu.[3]

Depois de vários começos promissores e alguns ajustes dolorosos, o tempo para uma ampla reforma chegou à Europa. Lutero se escondeu das autoridades do Santo Imperador Romano no Castelo de Wartburg durante 1521 e 1522. Ali, ele meditou a respeito do texto grego do Novo Testamento e começou a traduzir a Bíblia para o alemão. Com o passar do tempo, Lutero tornou-se mais radical nas suas críticas a Roma, mesmo lutando para conter os impulsos radicais de alguns dos seus seguidores. Lutero quebrou a barreira espiritual que separava o clero dos leigos com o seu ensino sobre o sacerdócio de todos os crentes. Contudo, ele não justificou as revoltas dos camponeses contra a autoridade estabelecida. Mesmo rejeitando o ensino de Roma de que o pão e o vinho se transformam no corpo e no sangue de Cristo na Eucaristia, ele defendeu sua visão da presença do corpo de Cristo na Ceia do Senhor contra o reformador suíço Ulrico Zuínglio, que mantinha a posição de que Cristo está presente apenas no coração dos crentes.

Lutero e Zuínglio não conseguiram chegar a um acordo no Colóquio de Marburgo, em 1529. As igrejas protestantes não se uniram. Assim, as igrejas reformadas desenvolveram uma trajetória diferente da dos luteranos.

João Calvino tinha apenas 8 anos de idade quando Lutero deu início à Reforma. Mas, por volta do fim do século 16, o relutante pastor de Genebra era amplamente considerado como o maior teólogo da Reforma. Seu livro, *A instituição da religião cristã*[i] se tornaria um padrão para a teologia evangélica com sua cuidadosa atenção à Escritura e o foco cristocêntrico na salvação.

"Esta é a maravilhosa troca feita pela sua bondade sem limites", Calvino escreveu sobre o seu Senhor e Salvador.

> Tendo-se tornado entre nós o Filho do Homem, ele nos tornou, com ele, filhos de Deus. Pela sua própria descida à terra, ele preparou a nossa ascensão ao céu. Tendo recebido a nossa mortalidade, ele concedeu a nós a sua imortalidade. Tendo aceitado a nossa fraqueza, ele nos tornou fortes por meio de sua força. Tendo se submetido à nossa pobreza, ele transferiu para nós as suas riquezas. Tendo tomado sobre si o peso da injustiça com o qual fomos oprimidos, ele nos revestiu com sua justiça.[4]

Grandes despertamentos: "obra surpreendente de Deus"

Durante a vida de Calvino, que terminou em 1564, os habitantes de Genebra viviam em constante medo de que seus vizinhos católicos os atacassem. Amplas áreas dos territórios luteranos foram recuperadas por Roma durante a Contrarreforma católica. O Concílio de Trento, que aconteceu durante o ano de 1563, reiterou os ensinos católicos contra o protestantismo, oficialmente condenando qualquer pessoa que cresse na justificação pela fé somente. O progresso da Reforma na Inglaterra dependia de quem estivesse usando a coroa. Governada pela filha de Henrique VIII, a rainha Elizabeth I, até 1603, a Inglaterra assumiu um

compromisso que não agradou nem aos católicos nem aos mais fervorosos reformistas protestantes.

Entre 1630 e 1640, muitos daqueles chamados puritanos deixaram a Inglaterra com suas restrições à prática religiosa e se estabeleceram na Nova Inglaterra. Lá, eles planejaram um grande experimento na vida da igreja e do governo. A comunidade que formaram seria "uma cidade na colina" para ser vista por todo o mundo. De fato, notáveis acontecimentos tornaram-se públicos e chamaram a atenção dos evangélicos na Inglaterra e na Escócia. Jonathan Edwards, um pastor em Northampton, Massachusetts, descreveu uma súbita e espontânea explosão de fervor religioso em 1734 e 1735 como uma obra "surpreendente de Deus". De acordo com Edwards, a cidade "parecia estar repleta da presença de Deus: nunca havia estado tão cheia de *amor* e de *alegria* e, ainda assim, tão cheia de angústia. Havia notáveis sinais da presença de Deus em quase todas as casas".[5] Edwards acreditava que somente Deus poderia ter enviado tal extraordinário derramamento do Espírito Santo.

Uma figura-chave no que se tornou conhecido como Primeiro Grande Despertamento, Edwards herdara uma tradição de buscar esses movimentos do Espírito Santo, conhecidos como avivamentos. O avô de Edwards,- Solomon Stoddard, havia liderado vários movimentos de avivamento durante o período do seu pastorado em Northampton. Imitando o padrão do Antigo Testamento nas cerimônias de restauração da aliança, pastores puritanos exortaram suas congregações a se lembrarem de sua aliança com Deus e uns com os outros. Durante um reavivamento, os membros de uma igreja que estava espiritualmente morta, ou morrendo, repentinamente passavam a pensar em nada mais do que em Deus na sua glória. Todos os dias pareciam domingo pelo desejo geral de adorar a Deus em espírito e em

verdade. Pecados eram confessados e erros eram corrigidos. Os líderes da igreja proclamavam a Palavra de Deus com um zelo renovado.

Presbiterianos na Escócia e na Irlanda do Norte (Ulster) estavam particularmente interessados em ler as descrições de Edwards sobre o reavivamento na colônia. Eles não só compartilhavam uma teologia reformada comum com Edwards, como também compartilhavam um desejo pelo despertamento espiritual. Durante as "feiras santas", presbiterianos escoceses-irlandeses celebravam festas de comunhão que duravam o dia todo, quando redescobriam a exuberância e o espírito comunal do Pentecostes. Evangelistas presbiterianos, viajando pela América colonial, também ligavam a comunhão com o avivamento. Edwards se alegrou com os relatos que ouviu sobre o avivamento nas colônias lideradas por Theodorus Frelinghuysen e pela família Tennent.

Os puritanos ingleses e presbiterianos escoceses-irlandeses contribuíram para o crescente movimento evangélico durante o Primeiro Grande Despertamento. Mas assim também fizeram os pietistas, que resistiam ao nominalismo que viam nas igrejas estatais do continente europeu. Durante sua primeira viagem à América, o pastor anglicano João Wesley viu que sua fé era deficiente em comparação com a dos crentes morávios que calmamente resistiram a uma violenta tempestade. Esses pietistas sentiam a presença de Deus de uma maneira que Wesley não conhecia. Porém, ao voltar para casa, em Londres, Wesley passou por uma dramática conversão durante uma reunião de crentes morávios na rua Aldersgate, em 1738. Enquanto alguém da Morávia lia o prefácio de Lutero ao livro de Romanos, Wesley sentiu seu coração "estranhamente aquecido". Ele escreveu no seu diário: "Eu senti que confiava em Cristo, em Cristo somente para a salvação e tive a certeza de que ele havia tirado todos os meus pecados e me salvado

da lei do pecado e da morte". Quando Wesley pregou no domingo seguinte, ele falou sobre os grandes temas da Reforma: a salvação somente pela graça, somente por meio da fé, em Cristo somente.[6]

Três semanas depois, Wesley viajou para a Saxônia para visitar a comunidade morávia em Herrnhut, a qual havia passado por um avivamento em 1727. Em parte devido a esse tipo de polinização teológica, os crentes na América e nas Ilhas Britânicas adotaram diversas práticas continentais de avivamento. Essas práticas incluíam a pregação no campo, tratados devocionais e reuniões ao ar livre. George Whitefield, um amigo de João e de Carlos Wesley, de Oxford, tornou-se a maior celebridade na América colonial enquanto percorria as colônias incitando os homens e as mulheres a nascer de novo pela fé em Jesus Cristo. No entanto, Whitefield e seus companheiros metodistas nem sempre estiveram de acordo. O movimento se dividiu com a pregação de Whitefield sobre a soberania de Deus na salvação, enquanto os Wesleys sustentavam a crença arminiana de que Deus deixa a escolha, em última análise, para nós. No entanto, Whitefield reconhecia o valor da iniciativa humana, sem comprometer as convicções bíblicas que estimulavam sua evangelização.

"Se o Senhor nos dá um verdadeiro espírito universal, livre de um zelo partidário sectário, vamos fazer bem… porque estou convencido de que, a menos que todos nós nos contentemos em pregar Cristo, e nos afastemos das coisas discutíveis, nas quais diferimos, Deus não vai nos abençoar por muito tempo", Whitefield escreveu. "Se agirmos de modo contrário, embora falemos de um espírito universal, vamos apenas trazer pessoas para o nosso próprio partido, e aí prendê-las. Oro ao Senhor para que me afaste... desse tipo de espírito."[7]

Crescimento e pesar: um século cheio de controvérsias

O movimento metodista que surgiu no final dos anos 1700 e atingiu o auge em 1800 seguiu a teologia dos Wesleys. Os metodistas também se tornaram conhecidos como defensores poderosos de uma mudança social. Enquanto muitos evangélicos preeminentes na América e na Grã-Bretanha mantinham escravos, João Wesley se opôs a essa prática com admirável fervor. As viagens dos líderes metodistas levaram o evangelho para a turbulenta fronteira norte-americana, onde poucas igrejas estabelecidas ousavam se aventurar. O bispo Francis Asbury abriu o caminho. Viajando praticamente sem parar por 45 anos, ele andou 480 mil quilômetros a cavalo. Em 1770, o metodismo era apenas uma nota de rodapé na vida religiosa da América colonial, com apenas vinte igrejas. Mas esse número cresceu para quase vinte mil em 1860.[8]

Os batistas também prosperaram na nova América democrática. Seus números cresceram de 150 igrejas em 1770 para mais de doze mil em 1860.[9] Lottie Moon personificou a onda batista. Convertida durante um avivamento em 1858, em Charlottesville, Virgínia, Moon convocava reuniões de oração e ensinava as Escrituras para colegas estudantes do sexo feminino. John Broadus, capelão da University of Virginia, desafiou os alunos a pensarem na possibilidade de servirem como missionários. Moon atendeu ao chamado e foi para a China, quando tinha 33 anos de idade. Ela levou centenas de pessoas à fé em Jesus e inspirou as mulheres batistas do sul a servirem a causa de missões. Moon perdeu a saúde ao trabalhar com os chineses assediados pela guerra e por doenças, chegando a pesar apenas 22 quilos antes de morrer, em 1912.

Embora as denominações evangélicas tenham crescido durante a primeira metade do século 19, problemas pairavam sobre o horizonte. Enquanto os afro-americanos convertiam-se a Cristo em massa, presbiterianos, metodistas e batistas se dividiram sobre a questão da escravidão nos anos que antecederam a Guerra Civil. A guerra prolongada e sangrenta enfraqueceu a confiança do público na Bíblia, com cada qual alegando apoio bíblico para sua própria causa.[10] Charles Hodge se manteve ocupado respondendo aos novos desenvolvimentos teológicos no *The Biblical Repertory and Princeton Review*, jornal que ele fundou em 1825 e editou por 46 anos. Charles Briggs, um estudioso da alta crítica alemã, ensinava, na cátedra de estudos bíblicos que ele ocupava no Union Theological Seminary, que a Bíblia erra. A Assembleia Geral Presbiteriana suspendeu as credenciais pastorais dele em 1893, mas a maré estava se voltando contra os evangélicos.

Protestantes ortodoxos deixaram de lado suas diferenças a respeito de eclesiologia, escatologia e outras doutrinas para unirem-se em torno de cinco "fundamentos" os quais muitos dos seus colegas revisionistas rejeitavam: o nascimento virginal de Cristo, a inspiração inerrante da Bíblia, a expiação substitutiva de Cristo, a ressurreição corporal de Cristo e a historicidade dos milagres bíblicos. Com relação a essas convicções eles não fariam concessões. Embora se mantivessem corajosamente, evangélicos que viveram por volta da virada do século 20 viram muitas das suas prezadas instituições escapulirem. Até mesmo o Princeton Seminary, antes uma fortaleza para a teologia reformada, foi reorganizado em 1929. Os conservadores, liderados pelo professor de Novo Testamento J. Gresham Machen, deixaram Princeton e fundaram sua própria escola, o Westminster Theological Seminary, na Filadélfia. Machen acreditava que o liberalismo

não era um ramo do cristianismo, mas outra religião totalmente diferente. [11]

O súbito desenvolvimento no pós-guerra: a hora da investida nos Estados Unidos

Embora as perspectivas parecessem sombrias nos Estados Unidos da América, o evangelicalismo, na verdade, se expandiu em todo o mundo no início do século 20. O avivamento galês de 1904-1905 foi seguido de avivamentos em Pyongyang, na Coreia. Trabalhando com as viúvas e os órfãos na Índia, Pandita Ramabai ouviu falar sobre o avivamento e viu o Espírito Santo abençoar a sua comunidade. O cristianismo chinês sobreviveu à guerra dos boxers em 1900[ii] e aproveitou os avivamentos na Manchúria e Shantung, que seguiram o mesmo padrão de oração, confissão e evangelização. Missionários anglicanos da Inglaterra incentivaram os africanos orientais a buscar uma vida mais elevada pelo poder do Espírito Santo.

Talvez o acontecimento mais importante para o cristianismo global do século 20 tenha ocorrido num armazém na rua Azusa, em Los Angeles, no ano de 1906. Influenciado pela busca de Wesley pela total santificação, o movimento de santidade incentivou os cristãos a buscarem uma segunda bênção do Espírito Santo subsequente à conversão. As reuniões na rua Azusa, lideradas pelo pregador afro-americano William Seymour, atraíam um público racial e economicamente diversificado. Durante três anos, Seymour dirigia três cultos a cada dia, durante os quais muitos procuravam e recebiam a chamada terceira bênção, o batismo com o Espírito, muitas vezes manifestado por falar em línguas. Desde 1906, os pentecostais

ultrapassaram o crescimento de todas as outras expressões do evangelicalismo. Infelizmente, o impulso pentecostal é muitas vezes acompanhado por um apelo a Deus para conceder saúde e riqueza em troca da fé.

Quando a National Association of Evangelicals[iii] foi organizada, em 1942, os líderes deliberaram antes de concordar em incluir as denominações pentecostais. Com o lema "cooperar sem fazer concessões", a NAE se posicionou entre protestantes que pressionavam por uma separação mais rigorosa e outros que aceitavam a todos igualmente. Carl Henry procurou esse equilíbrio no seu livro *The Uneasy Conscience of Modern Fundamentalism*,[iv] que foi um marco divisório em 1947. Ele procurou recuperar a herança evangélica de reformar a sociedade com base em profundas convicções bíblicas.

"A tarefa evangélica primordial é a pregação do evangelho, com base na regeneração individual pela graça sobrenatural de Deus, de tal modo que a redenção divina possa ser reconhecida como a melhor solução para os nossos problemas, tanto individuais como sociais", escreveu Henry, que se tornou o primeiro editor da revista *Christianity Today*, fundada em 1956.

> Isso produz na História, por meio da obra de regeneração do Espírito Santo, uma sociedade divina que transcende os limites nacionais e internacionais. O testemunho corporativo dos crentes, na sua pureza de vida, deve fornecer ao mundo um exemplo da dinâmica divina que conquista os males em todas as áreas. Os problemas sociais dos nossos dias são muito mais complexos do que nos tempos apostólicos, mas de modo algum diferem quanto ao princípio. Quando a igreja do século 20 começar a "transcender" seu ambiente do mesmo modo que a igreja do século 1º alcançou seus vizinhos pagãos, a mente moderna, também, vai parar de procurar outras soluções.[12]

Se Henry emergiu como o principal pensador evangélico, então Billy Graham foi o seu principal porta-voz. O dinâmico sulista começou como o

primeiro evangelista de tempo integral da Youth for Christ[v] depois da Segunda Guerra Mundial. No entanto, Graham estava lutando com dúvidas remanescentes quanto à autoridade das Escrituras. Então, ele consultou Henrietta Mears, diretora de educação religiosa da First Presbyterian Church de Hollywood. Mears havia orientado muitos jovens evangélicos ambiciosos, inclusive o fundador do Campus Crusade for Christ,[vi] Bill Bright e sua esposa, Vonette. Graham não obteve respostas para todas as suas dúvidas, mas resolveu confiar em Deus e na sua Palavra. A cruzada de Graham, em 1949, na cidade de Los Angeles, aconteceu durante oito semanas e atraiu centenas de milhares. A mídia nacional adorou o menino do interior que brandia a Bíblia e fez dele uma celebridade da noite para o dia. Quando as multidões, no frio da Nova Inglaterra, deram a ele um retorno semelhante, líderes evangélicos estavam convencidos de que "o momento dos Estados Unidos chegou". Harold John Ockenga, pastor da Park Street Church, em Boston, apareceu com a ideia de Graham falar no Boston Common, o mesmo local em que Whitefield havia pregado para 23 mil pessoas em 1740 sem amplificação de som. Em 23 de abril de 1950, cerca de cinquenta mil pessoas saíram para ouvir Graham, apesar do frio congelante.

"Acredito que o ano de 1950 vai ficar na História como o ano do reavivamento enviado dos céus", escreveu Ockenga, cofundador da NAE, do Fuller Theological Seminary e do Gordon-Conwell Theological Seminary.

> Deus está enviando o reavivamento pelo qual tem orado seu remanescente em todo país, o verdadeiro cristão que crê na Bíblia, que nunca se curvou para Baal e Astarote do modernismo ou do secularismo. Deus está se movendo como não se moveu nos Estados Unidos por pelo menos durante quatro décadas e como não se moveu na Nova Inglaterra por dois séculos… Você não precisa esperar pelo ano que vem. Você não precisa esperar dez

> anos. Você não precisa mais orar: “Senhor, envie um reavivamento”. O reavivamento está acontecendo.[13]

O movimento evangélico confiou na liderança de Graham até o final do século 20. Ele convocou conferências globais, arrecadou fundos para os ministérios eclesiásticos, correspondeu-se com outros líderes e abriu espaço público para os evangélicos por meio da sua amizade com todos os presidentes dos EUA, de John F. Kennedy a Barack Obama. Ele também apresentou modelo para os termos da cooperação e da discussão evangélicas. Quando recusou os convites de fundamentalistas para visitar Nova York e, em vez disso, trabalhou com o Conselho Protestante liberal da cidade de Nova York para a sua cruzada de 1957, garantiu que os evangélicos e fundamentalistas seguissem caminhos separados. Quando recusou arbitrar uma disputa entre os docentes do Fuller Theological Seminary, a escola se afastou do seu compromisso original com a inerrância bíblica.

Hoje, o movimento evangélico não possui nenhuma figura central semelhante. Mas até mesmo os evangélicos mais famosos, seja Graham, Whitefield ou Wesley, nunca afirmaram falar em nome de todo o movimento. Personalidades vêm e vão, mas a Palavra do Senhor permanece para sempre. E a Palavra está se espalhando ao redor do mundo. Os evangélicos creem no poderoso evangelho de Jesus Cristo que penetra em qualquer cultura. Com base na Palavra divinamente inspirada, os evangélicos proclamam as boas-novas de que Deus justifica pela fé somente aqueles que creem em Jesus, cuja morte expiatória e ressurreição triunfante tornam possíveis aos pecadores nascerem de novo pelo poder do Espírito Santo. Onde quer que você veja colaboração em torno dessas convicções

essenciais do evangelho transmitida ao longo dos séculos, você vê o movimento evangélico.

Para estudo adicional

Clouse, Robert; Pierard, Richard; Yamauchi, Edwin M. e outros. *Dois reinos*. São Paulo: Cultura Cristã.

Gonzalez, Justo L. *Uma história do pensamento cristão*. São Paulo: Cultura Cristã.

Horton, Michael. *Cristianismo sem Cristo*. São Paulo: Cultura Cristã.

_____. *O cristão e a cultura*. São Paulo: Cultura Cristã.

Lucas, Sean Michael. *O cristão presbiteriano*. São Paulo: Cultura Cristã.

Matos, Alderi Souza de; Nicodemus, Augustus; Portela, Francisco Solano; Campos, Heber Carlos de. *Fé cristã e misticismo*. São Paulo: Cultura Cristã.

Mohler, Albert. *O desaparecimento de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã.

Nichols, Robert Hastings. *História da igreja cristã*. São Paulo: Cultura Cristã.

Noll, Mark. *Momentos decisivos na história do cristianismo*. São Paulo: Cultura Cristã.

Schaeffer, Francis. *A igreja no século 21*. São Paulo: Cultura Cristã.

Wells, David. *Coragem para ser protestante*. São Paulo: Cultura Cristã.

---

[i] *As institutas.* São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2008.

[ii] Manifestação armada contra a presença e domínio ocidental na China. Os missionários cristãos foram especialmente visados (NE).

[iii] Associação nacional de evangélicos (NE).

[iv] A consciência inquieta do fundamentalismo moderno (NE).

[v] No Brasil, Mocidade para Cristo (NE).

[vi] No Brasil, Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo (NE).

PARTE 2

TEOLOGIA EVANGÉLICA

Pensando nas verdades que são mais importantes, sentindo-as e crendo nelas

Capítulo 3

Deus: não é igual a você

JONATHAN LEEMAN

Talvez você pense que Deus é como o Super-homem. Ele é basicamente humano, mas tem poderes incríveis. Ele gosta de ajudar as pessoas, se pelo menos puder chegar a tempo. É um cavalheiro – bem-educado e politicamente correto. Nunca impõe sua vontade às pessoas. E defende a verdade, a justiça e tudo o mais.

Ou talvez você pense que Deus se parece com Morgan Freeman. Em um dos filmes que vi, Freeman retrata Deus como um tipo de velhinho que ri como um vovô. Ele é honesto e atencioso, mas também desafia as pessoas. Felizmente, suas lições mais duras são para o bem delas.

Ou talvez a sua visão de Deus não seja tão positiva. Sinceramente, talvez você esteja um pouco desconfiado dele. As coisas não têm ido bem com você e o mundo está sombrio demais para você ter alguma expectativa.

Todos nós temos ideias um pouco diferentes sobre a aparência de Deus. Provavelmente, nosso passado e as circunstâncias da nossa vida afetaram o modo como achamos que ele é. Mas uma coisa é certa: cada um de nós, no nosso estado natural, acredita que Deus é muito parecido conosco. Por isso, acreditamos que Deus fica zangado com as coisas com as quais nos

aborrecemos e valoriza o que valorizamos. Acreditamos que ele gosta das pessoas das quais nós gostamos e não gosta das pessoas que não gostamos. Mesmo quando erramos, presumimos que Deus basicamente compreende nossa atitude. Ele não vai complicar a situação.

Sabemos que Deus sabe mais do que nós e que ele é moralmente superior; ele é "melhor". Mas ainda assumimos que Deus, em termos gerais, compartilha nossas noções de justiça e moralidade, nossos pontos de vista sobre amor e sexo, nossa política e paixões, nossas ideias sobre uma saída à noite e uma vida digna de viver. Ele é basicamente como nós… como eu.

É essa suposição que está no centro do que a Bíblia chama de nosso pecado. A serpente prometeu que poderíamos ser "como Deus", que é realmente apenas outra maneira de dizer: "Deus é como você, então faça o que desejar". E, desde então, nós acreditamos nessa mentira. Em linguagem teológica, justificamos a nós mesmos em tudo o que fazemos ou deixamos de fazer. Cada tarefa cumprida, todo amor que buscamos, cada lugar onde entramos, cada pensamento que temos, tudo é feito na grande perspectiva de justificar a nós mesmos, nossa bondade, nosso direito de governar, nossa determinação do certo e do errado, nossa suposição de que Deus é como nós.

Mas Deus realmente é igual a você? Igual a mim?

Moisés observou que "Ninguém há como o Senhor nosso Deus" (Êx 8.10). O rei Davi disse a mesma coisa: "… não há semelhante a ti" (2Sm 7.22). O filho de Davi, Salomão, também disse: "Não há Deus como tu" (1Rs 8.23). E finalmente, o próprio Deus nos diz: "Eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim" (Is 46.9).

O que a Bíblia quer dizer quando afirma que Deus não é como nós? Alguns teólogos, da igreja primitiva até hoje, têm usado esses tipos de frase para dizer que não podemos conhecer a Deus "em si mesmo". Ele é um tipo de ser diferente e não podemos compreendê-lo por qualquer analogia de ser. (Os muçulmanos dizem algo semelhante.) No entanto, observe o contexto dessas passagens bíblicas. Elas não estão dizendo que não podemos compreendê-lo. Estão dizendo que Deus não é como nós, porque os seus propósitos não podem ser impedidos; ele é inimaginavelmente poderoso e surpreendentemente bom; ele é grandemente misericordioso e amoroso para aqueles que não merecem; desde o início, ele sabia o final.

Repetidas vezes a Bíblia nos diz que ele não é semelhante a nós e isso porque repetidamente tentamos fazê-lo igual a nós. Comprimimos Deus no nosso próprio universo mental. Queremos domesticá-lo e moldá-lo à nossa própria imagem. Que loucura! Esse é o Deus que criou o universo com a sua palavra. Esse é o Deus que destruiu o mundo com um dilúvio. Esse é o Deus que feriu dois sacerdotes por oferecerem oferta não autorizada. Esse é um Deus que levanta nações e as destrói. Esse é o Deus que encarnou, morreu numa cruz e ressuscitou. Esse é o Deus que ordena que nos apresentemos como sacrifício vivo de adoração. Esqueça o Super-homem, Morgan Freeman ou qualquer deus que se pareça conosco. Deus não é semelhante a nós, mas é muito mais digno e muito mais santo. Não se pode brincar com ele.

Além do mais, *podemos* compreendê-lo – não totalmente, mas o suficiente. Na Bíblia, Deus abre a sala do seu trono para um verdadeiro conhecimento de si mesmo. Podemos entrar nessa sala do trono simplesmente abrindo a Bíblia. Ao entrar ali, o que vemos?

Entrada na sala do trono do único Deus

Veja o relato de alguém que esteve lá:

> Por cima do firmamento… havia algo semelhante a um trono, como uma safira; sobre esta espécie de trono, estava sentada uma figura semelhante a um homem. Vi-a como metal brilhante, como fogo ao redor dela, desde os seus lombos e daí para cima; e desde os seus lombos e daí para baixo, vi-a como fogo e um resplendor ao redor dela…
>
> Esta era a aparência da glória do Senhor; vendo isto, caí com o rosto em terra e ouvi a voz de quem falava (Ez 1.26-28).

É como se toda a descrição tivesse sido feita um ou dois graus abaixo do modo como as coisas realmente são. O profeta Ezequiel poderia ter imaginado a *semelhança* de um trono, a *semelhança* de uma aparência humana e a *semelhança* da glória do Senhor. Ele podia ver a *aparência* de um metal brilhante e *aparência* de fogo. No entanto, parece que Ezequiel não chega a ver o próprio Deus, "porquanto homem nenhum verá a minha face e viverá", disse Deus (Êx 33.20). Deus se retirou da nossa vista por causa do pecado.

No entanto, isso não significa que não podemos verdadeiramente conhecer a Deus. Ezequiel conclui o relato da sua visão dizendo: "ouvi a voz de quem falava". Deus fala! E considere o que as palavras de Deus nos fornecem: os próprios pensamentos e o autoconhecimento de Deus (1Co 2.11-12). Quando Deus diz que ele "é amor", por exemplo, sabemos que Deus, em sua essência, conhece a si mesmo como sendo amor.

Os teólogos observam que o nosso entendimento de "amor" não corresponderá perfeitamente ao entendimento de Deus – as palavras são analógicas. No entanto, isso não significa que o nosso conhecimento não seja verdadeiro. Deus *age* a fim de nos ajudar a entender as suas palavras corretamente. Por exemplo, o salmo 136 aponta para a obra de Deus na

criação e redenção para definir o que Deus quer dizer com “misericórdia”. Então, Deus age e fala na história da redenção de tal modo que suas ações dão conteúdo para as suas palavras, enquanto as suas palavras interpretam as suas ações.

Entrar na sala do trono de Deus, portanto, torna-nos conscientes, em primeiro lugar, de que Deus é pessoal; ele fala e age. Ele não é simplesmente uma verdade a ser discutida ou uma força a ser sentida. Devemos encontrar Deus por meio das suas palavras e ações. Em segundo lugar, aprendemos que encontrá-lo significa cair com o rosto em terra, como fez o profeta Ezequiel. Por quê?

O poder e a plenitude do único Deus

Há muitas coisas que uma boa discussão doutrinária sobre Deus deve incluir, como o fato de que Deus é todo-poderoso, eterno, onipresente, imutável, onisciente, totalmente espiritual e não constituído por partes. Deve incluir também os seus atributos morais: sua bondade, justiça, veracidade e muito mais. Todas essas são maneiras de falar sobre a natureza de Deus ou os atributos da sua natureza. Neste curto espaço, vamos meditar especialmente a respeito de vários atributos que deveriam nos ajudar a ver rapidamente o que poderia ser a coisa mais difícil de apreender hoje – o fato de Deus ser um Rei diante do qual nos prostraríamos. Ele é um Rei com poder, santidade, amor e glória inigualáveis.

Vivemos, afinal de contas, numa era obcecada pelos direitos. Suspeitamos das autoridades. O nosso senso da realidade está centrado em nós mesmos, como se cada um de nós fosse o Sol no sistema solar. Não é difícil de ver por que um Deus Super-homem exerce tanta atração. O Super-

homem é heroico e inspirador, mas ele nos serve e pede pouco em troca. Mas e se Deus é realmente um ser que destruiria o mundo todo com um dilúvio? E se ele é alguém que nos faz cair em terra de pavor? Isso não mudaria tudo, como se um novo sol aparecesse no sistema solar? Não mudaria a maneira de encarar o pecado, definir o amor, ou considerar a nossa importância?

Vamos começar, então, com as primeiras palavras da Bíblia: "No princípio, criou Deus os céus e a terra" (Gn 1.1). Qual é o sujeito? Deus. O relato da criação é principalmente sobre Deus. A história de toda a Bíblia é a respeito de Deus. A história da nossa vida é a respeito de Deus. Deus é o personagem principal e o protagonista.

Deus é todo-poderoso. Nada existia. E então, tudo foi criado. Deus é eterno. Ele existia "antes" do início. E Deus é totalmente autossuficiente. Ele criou tudo a partir da oficina da sua própria mente. Como um escritor comentou: "Se você quiser fazer uma torta de maçã a partir do zero, primeiro deve criar o universo".[1] Assim Deus fez.

Quando meditamos sobre a força autossuficiente e a plenitude de Deus, devemos nos refrear todas as vezes que somos tentados a pensar que Deus nos deve algo ou que podemos acrescentar algo a ele. O apóstolo Paulo interpreta Gênesis 1 da seguinte maneira: "O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe, sendo ele Senhor do céu e da terra, não habita em santuários feitos por mãos humanas. Nem é servido por mãos humanas, como se de alguma coisa precisasse; pois ele mesmo é quem a todos dá vida, respiração e tudo mais" (At 17.24-25; ver também o Sl 50.10-12).

Deus não nos deve nada. Ele não pode ser manipulado pelas nossas exigências, reivindicações ou nossas jactâncias. Ele não nos deve nada e nós não temos direitos que não dependam dele. Não podemos instruí-lo,

como se um pote pudesse instruir o oleiro. O pote é feito e desfeito de acordo com o critério do oleiro. Deus é o Rei e o Criador e a melhor coisa é ficarmos calados: "Não te precipites com a tua boca, nem o teu coração se apresse a pronunciar palavra alguma diante de Deus; porque Deus está nos céus, e tu, na terra; portanto, sejam poucas as tuas palavras" (Ec 5.2); "O Senhor, porém, está no seu santo templo; cale-se diante dele toda a terra" (Hc 2.20).

Há também um grande alívio quando se descobre o poder autossuficiente e a plenitude de Deus. Isso significa que não temos mais a incumbência de completá-lo ou fazer o velhinho ranzinza feliz. O Rei do universo é infinitamente feliz e conhecê-lo significa deleitar-se nele. Significa também que a salvação é gratuita, conquistada pela fé. Se Deus é por nós, todos os recursos do seu poder e abundância são para nós.

Mas Deus é por nós?

A santidade e a glória do único Deus

Diante do trono de Deus, também nos deparamos com sua santidade e glória. Considere o que escreveu outro profeta que esteve nesse lugar:

> Eu vi o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono… Serafins estavam por cima dele; cada um tinha seis asas: com duas cobria o rosto, com duas cobria os seus pés e com duas voava. E clamavam uns para os outros, dizendo:
>
> Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos;
> toda a terra está cheia da sua glória!
>
> ... Então, disse eu: ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos! (Is 6.1-5).

Isaías ouve os anjos proclamarem que Deus é totalmente santo, o que eles interpretam na linha seguinte ao dizer *não* que ele se afasta da terra, mas que a preenche com a sua glória. A santidade de Deus é o seu compromisso absoluto com a sua própria glória. Dar louvor à sua santidade é louvar a sua glória: "Tributai ao Senhor a glória devida ao seu nome; adorai o Senhor na beleza da santidade" (Sl 29.2, ver também Êx 15.11; Ez 28.22).

Deus é santo no sentido de que ele é totalmente consagrado à sua própria glória.

E nós, somos? Não, já dissemos que centralizamos o universo sobre nós mesmos. Dedicamos toda a nossa vida à autojustificação e à promoção da nossa própria divindade. O ator de cinema Brad Pitt, explicando por que abandonou o cristianismo, falou por muitos quando disse: "Eu não entendia essa ideia de um Deus que diz: 'Você tem de me reconhecer. Você tem de dizer que eu sou o melhor e então darei a você a felicidade eterna. Se você não quiser, então não vai obter!' Isso me parecia coisa de ego. Eu não consigo ver Deus operando com base no ego, e então isso não fazia sentido para mim".[2] A concepção de Pitt, assim como a de todos os seres humanos caídos, é que ele é "… como Deus" (Gn 3.5). Afinal de contas, ele coloca Deus e a humanidade em posições morais equivalentes, como se Deus e os seres humanos tivessem direito às mesmas coisas.

Mas será que Pitt ou nós continuaríamos tão autoconfiantes se estivéssemos na sala do trono de Deus com Isaías? Considere a resposta de Isaías: "Ai de mim!" Pela primeira vez na sua vida, os olhos de Isaías estão abertos à total contradição que é a existência humana caída – a contradição de uma criatura se posicionando como Criador, negando e difamando o

Criador. Isaías, na presença de Deus, finalmente vê o seu ego caído e a única resposta apropriada é "ai" e "perdido".

Se Deus é totalmente dedicado à sua glória (santa) e nós somos totalmente opostos a ela (ímpios), não podemos sobreviver. Ele não pode ser por nós. Na verdade, todo o seu poder e sua plenitude serão contra nós. "Adiante dele vai um fogo que lhe consome os inimigos em redor" (Sl 97.3).

Portanto, entrar na sala do trono de Deus como Isaías é, em primeiro lugar e principalmente, contemplar um Rei no seu esplendor justo e abrasador. Não há nada a ser feito. Não é o Super-homem ou Morgan Freeman. Ele é aquele diante de quem caímos com nosso rosto em terra. Trata-se de um ser bem mais assustador, belo e poderoso.

Vendo a entrada e as três pessoas de Deus

No entanto, há boas notícias desse Deus bom. De um lado da sala do trono, vemos uma porta, uma porta através da qual Aquele que está no trono saiu do céu para entrar na terra. Aquele que está "em forma de Deus" assume "a forma de servo" ou uma "figura humana" (Fp 2.6-7; também Hb 1.3). Jesus, o Filho divino, tornou-se totalmente homem ao mesmo tempo em que permaneceu totalmente Deus. Portanto, olhando por essa porta vemos um estábulo, um julgamento numa colina e um túmulo vazio.

O plano de salvação criado por Deus, que foi prometido a Abraão, cujo modelo foi apresentado em Moisés e tipificado no rei Davi, amadurece totalmente nas páginas do Novo Testamento, na pessoa de Jesus Cristo, pelo poder do Espírito Santo. Descobrimos que o Deus que está por trás desse plano de salvação é de fato trino. A Bíblia não usa a palavra *Trindade*. Essa

palavra foi criada pelos pais da igreja primitiva para descrever o que eles viam nas Escrituras, como o discípulo judeu monoteísta Tomé adorando a Jesus: "Senhor meu e Deus meu!" (Jo 20.28). É certo que a Escritura afirma que Deus é um só Deus (Dt 6.4). Não há três deuses. Afirma que o Pai não é o Filho, o Filho não é o Espírito e o Espírito não é o Pai (p. ex., Lc 22.42). E ela afirma que os três são um só Deus (p. ex., Jo 1.1). Cada um compartilha a essência e os atributos de Deus e é Deus – mas sem ser três deuses. O único Deus subsiste em três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo.

Ao observarmos que as três Pessoas executam esse plano de salvação, Deus, como ele é "em si mesmo", aparece sob o foco mais destacado.

O poder e a plenitude do Espírito

Deus realiza os seus propósitos na criação e recriação por meio do poder do Espírito (p. ex., Gn 1.2; Ez 37; Jo 3, 2Co 3–4). Deus está em toda parte por meio do seu Espírito (Sl 139.7-8). E ele sabe de todas as coisas pelo seu Espírito (1Co 2.11). Cada membro da Trindade habita em toda ação de Deus, mas pode-se dizer que o Espírito, em certo sentido, representa o poder e a plenitude de Deus.

O Espírito vinha sempre numa medida parcial sobre os profetas, reis e servos do Antigo Testamento, mas ele veio numa medida completa na vida e no ministério de Jesus. Ele veio sobre Jesus como uma pomba, levou Jesus ao deserto, deu a ele poder para fazer milagres e depois o ressuscitou de entre os mortos. Jesus prometeu aos seus discípulos que iria enviar o Espírito depois da sua partida para que ele testemunhasse de Cristo, os convencesse da culpa, os levasse à verdade e glorificasse a Cristo (Jo 15.26;

16.8, 13-14). Depois que Jesus subiu e se sentou à direita de Deus, o Espírito de Cristo foi dado ao povo de Cristo (At 2.1-4; 8.14-17; 10.44-48).

O Espírito de Deus representa o poder de Deus no convencimento do pecado, na regeneração e na santificação do povo de Deus (Jo 3.5-8; 1Ts 1.5). Ele nos sela e nos promete a herança total futura (Ef 1.13-14). Ele produz a vida do Filho dentro de nós e nos dá a liberdade para obedecer a Cristo.

O amor e a glória do Filho e do Pai

Na vida e no ministério de Jesus Cristo, Deus fornece a imagem mais clara da sua santidade e da sua glória. E mais, ele as retrata ao apontar para as operações do seu amor. A santidade do Pai é demonstrada no seu amor perfeito para com o Filho e no seu desejo de adquirir uma noiva dedicada para o seu Filho. A santidade do Filho é demonstrada no seu puro amor para com o Pai e no seu desejo de produzir adoradores dedicados do Pai.

Jesus disse: "… quem me glorifica é meu Pai" (Jo 8.54), e depois pediu ao Pai: "Glorifica a teu Filho, para que o Filho te glorifique a ti" (Jo 17.1). Ele também observou: "O Pai ama ao Filho, e todas as coisas tem confiado às suas mãos" (Jo 3.35; 5.20) e, ao mesmo tempo, afirmou: "… assim procedo para que o mundo saiba que eu amo o Pai e que faço como o Pai me ordenou" (Jo 14.31).

O teólogo Jonathan Edwards resumiu tudo isso nas seguintes palavras: "A santidade de Deus consiste no seu amor, especialmente no perfeito amor e união que existe entre o Pai e o Filho".[3] A santidade de Deus é o seu próprio amor e a sua glória como experimentada entre as diferentes pessoas do Pai e do Filho.

Ao mesmo tempo, a bondade, o amor e santidade de Deus são magnificamente demonstrados ao chamar para esse maravilhoso amor os pecadores que estavam deserdados – amor que vem de Deus e retorna para Deus, renovando-nos ao longo do caminho (Rm 11.36). Nós somos feitos os recipientes do amor infinito com que o Pai ama o Filho e em retorno, nos tornamos adoradores do Filho e do Pai. Jesus disse aos seus discípulos: "Como o Pai me amou, também eu vos amei" (Jo 15.9). E disse ao seu Pai: "Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, para que sejam um, como nós o somos… para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste, como também amaste a mim" (Jo 17.22-23). Pode isso ser possível? Que o Filho nos ame como o Pai o ama? E que o Pai nos ame como ama o Filho?

De modo notável, nós, a igreja, estamos incorporados ao "grande amor, sem medida, sem limites, gratuito" do Pai pelo Filho. A própria natureza de Deus, que é revelada mais claramente no amor mútuo entre o Pai e o Filho e pelo povo de Deus, deve então ser exposta ao mundo por meio da unidade e do amor da igreja local (Jo 17.20-26).

Adoração ao Deus trino

Os teólogos debatem se capítulos como este sobre a doutrina cristã de Deus devem começar falando sobre a natureza singular de Deus ou sobre suas três Pessoas. Afinal de contas, dar um peso indevido à sua *unidade* pode levar à heresia da visão de Deus como uma pessoa que se reveza entre três pessoas diferentes. Dar um peso indevido à sua *trindade* pode nos levar à heresia de ver a Trindade de Deus como vemos três pessoas humanas. Em última análise, não devemos dar muito peso nem à sua unidade nem à

trindade. Como afirmou o pai da igreja primitiva, Gregório de Nazianzo: “Não consigo pensar em uma das pessoas de Deus sem rapidamente ser envolvido pelo esplendor das três, nem posso discernir as três sem ser imediatamente levado ao único Deus”.[4]

No entanto, comecei a nossa discussão com a singularidade de Deus porque é como a Bíblia começa e acho que ela faz isso por uma razão clara. Quando primeiro olhamos para Deus, a primeira coisa que vemos não é o Deus trino trabalhando no plano da redenção. Vemos o Deus todo-glorioso, todo-santo e todo-poderoso de cuja glória carecemos (Rm 3.23). Nós olhamos para um leão poderoso e magnífico. Essa é uma das principais lições do Antigo Testamento.

Mas ao continuar olhando e ao considerar a ascensão de Jesus e sua volta para o céu, vemos algo mais: um Cordeiro. O último livro da Bíblia nos leva de volta mais uma vez para a sala do trono de Deus, onde um ancião disse ao apóstolo João: “Eis que o Leão da tribo de Judá…” (Ap 5.5). No entanto, João olha e contempla um Cordeiro, com a aparência de ter sido morto (v. 6). Impressionante! O Deus indignado é o Deus de amor, o Deus santo, o Deus compassivo, o Deus justo, o Deus bondoso. Deus é Leão e Cordeiro, Rei e Redentor.

Por que estudar a doutrina de Deus? Para que nos lancemos com o rosto em terra com o coro celestial contemplando o Leão que é o Cordeiro e proclamemos: “Digno é o Cordeiro que foi morto de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra e glória, e louvor” (v. 12). Deus não é um colega nosso. Não saímos para passear com ele e damos tapinhas nas suas costas como se a descontração fosse um sinal de intimidade. Nós nos curvamos para adorar o trino Deus, o Pai que nos escolheu, o Filho que

morreu em nosso lugar e o Espírito que concede arrependimento e fé e nos sela para a volta do Filho.

A doutrina de Deus e o restante da teologia

Deus não é como você ou eu. Ele é inimaginavelmente melhor. Ele é mais poderoso, mais amoroso, mais majestoso. Ele é santo, santo, santo.

Além do mais, é essencial ter a doutrina de Deus correta antes de se seguir adiante. Ou Deus será o centro do próprio sistema doutrinário de alguém ou outra coisa tomará o lugar dele. O que cremos sobre Deus determina o que cremos a respeito de tudo:

- Determina como vemos a Escritura. Deus fala de fato? A resposta depende em parte do que pensamos sobre o seu caráter.
- Determina o modo como entendemos o evangelho. O nosso problema é a falta de conhecimento, um relacionamento rompido, a culpa ou ira? A resposta depende de como vemos a santidade e a glória de Deus.
- Determina como vemos a igreja. No que diz respeito à filiação da igreja e à disciplina, elas são injustamente exclusivistas? A resposta depende de como entendemos a natureza do seu amor.

O que nós cremos sobre Deus também determina a maneira como vivemos hoje. Crer em Deus não é meramente uma questão epistemológica. É uma questão de senhorio e sentimentos do coração. Ou vivemos em rebelião contra Deus, indiferentes aos danos que causamos aos outros, ou vivemos em obediência e adoração, demonstrando no meio do povo de

Deus a unidade amorosa e santa do Pai e do Filho por meio do Espírito (Jo 17.20-26). Uma fé correta em Deus acaba por produzir pessoas santas e uma igreja amorosa, uma comunidade de pessoas que revelam a glória de Deus diante dos céus e terra (Ef 3.10).

Quando pertencemos a Cristo, cada vez menos cremos que Deus é como nós e cada vez mais nos tornamos semelhantes a Deus (2Co 3.18; 1Jo 3.2).

Para estudo adicional

Frame, John M. *A doutrina de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

Gerald Bray. *A doutrina de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã.

Campos, Heber Carlos de. Coleção Fé Evangélica (*As duas naturezas do Redentor, A humilhação do Redentor, A união das naturezas do Redentor, O ser de Deus e seus atributos, O ser de Deus e suas obras, A providência*). São Paulo: Cultura Cristã.

Kennedy, D. J. *Como é Deus*. São Paulo: Cultura Cristã.

_____*Como posso conhecer a Deus*. São Paulo: Cultura Cristã.

_____*Como viver para Deus*. São Paulo: Cultura Cristã.

Owen, John. *Comunhão com o Deus trino*. São Paulo: Cultura Cristã.

Horton, Michael. *Creio – Redescobrindo o alicerce espiritual*. São Paulo: Cultura Cristã.

Frame, John. *A doutrina do conhecimento de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã.

Sproul, RC. *A santidade de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã.

_____ *A glória de Cristo*. São Paulo: Cultura Cristã.

_____*O mistério do Espírito Santo*. São Paulo: Cultura Cristã.

Capítulo 4

ESCRITURA:

Como a Bíblia não é igual a qualquer outro livro

ANDY NASELLI

Fui criado como mórmon – mais ou menos. Os parentes da minha mãe são membros fiéis da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, em sua maioria, mas minha família deixou o mormonismo quando eu tinha 6 anos de idade. Estudei o mormonismo um pouco para tentar entender em quê eu poderia ter sido envolvido e descobri que a questão fundamental que divide os mórmons dos evangélicos é o que eles acreditam a respeito da Bíblia.

Essa linha divisória não é exclusiva aos mórmons e evangélicos. É a linha divisória entre praticamente todos os outros povos religiosos e evangélicos. Isso porque os evangélicos têm crenças incomuns sobre esse livro sagrado.

A Bíblia é um livro meramente humano com sua parcela de erros? É irrelevante e insuficiente para os problemas mais prementes da vida? É

difícil demais para as pessoas comuns entenderem? Se as respostas a essas perguntas são "sim", então os evangélicos são tolos. Se você quiser depreciar os evangélicos, deprecie a Bíblia.

O que ela tem de tão importante?

A Bíblia é um livro divinamente inspirado, totalmente confiável e dotado de autoridade. Poucas coisas são mais importantes do que crer nessa última frase.

1. É importante porque o que você pensa da Bíblia afeta diretamente aquilo em que acredita e como você vive a sua vida. A Bíblia é como um restaurante do estilo "por quilo", em que você escolhe no que quer crer e ao que quer obedecer? É simplesmente mais um livro moral, não mais histórico e inspirado do que as fábulas de Esopo?

2. É importante porque algumas pessoas que assumem o termo *evangélico* têm uma nova perspectiva da autoridade da Bíblia. É historicamente recente, por exemplo, para aqueles que fazem parte da tradição evangélica, afirmar que a Bíblia contém erros históricos e científicos.

3. É importante porque perspectivas a respeito da Bíblia colocam instituições e indivíduos em trajetórias muito diferentes. Instituições que rejeitaram totalmente a confiabilidade da Bíblia, muitas vezes passaram a envolver-se em crenças incompatíveis com o evangelho. Essa questão controversa é uma linha teológica traçada na areia.[1]

Um livro que foi soprado por Deus: inspiração

Deus se revelou às suas criaturas de duas maneiras. Sua revelação geral inclui a natureza e a consciência humana e sua revelação especial inclui a Bíblia. O nosso foco neste capítulo está na Bíblia. Surpreendentemente, Deus escolheu revelar a si mesmo usando a língua escrita do homem. O processo é chamado de inspiração. Inspiração é como Deus soprou suas palavras por meio de escritores humanos.[2] "Toda a Escritura é inspirada por Deus" (2Tm 3.16).[3]

Porém, isso não significa que os autores humanos não estavam ativamente envolvidos. Deus não ditou toda a Bíblia da maneira que um executivo mecanicamente dita cartas para sua secretária. As personalidades dos autores humanos são como instrumentos musicais. Se eu toco a mesma melodia em diversos instrumentos de sopro, cada um vai soar diferente, mesmo que eu toque a melodia certa, no mesmo acorde e mesmo que seja de um mesmo sopro: o meu. Se eu tocar "Maravilhosa graça" numa tuba, bombardino, trombone, trompa, trompete, oboé, clarinete ou flauta, tudo será "soprado por Andy" ou "produzido por Andy", mas passará pela "personalidade" do instrumento. *Em certo sentido*, é como Deus produziu a Bíblia por meio dos autores humanos. E ainda mais, Deus fez uso da formação e do ambiente de cada um, incluindo as suas habilidades, formação – e pesquisa (p. ex., Lc 1.1-3).

Então, quem escreveu a Bíblia: Deus ou os seres humanos? Essa é uma pergunta capciosa. A resposta é *sim*.

Se 2Timóteo 3.16 apresenta a natureza da inspiração, então 2Pedro 1.20-21 apresenta o seu método: "que nenhuma profecia da Escritura provém de particular elucidação; porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens [santos] falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo". A Bíblia não é um produto de

invenção humana. Os escritores não escreveram com base nos seus próprios pensamentos. Ao contrário, os autores "falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo". Lucas usa a mesma palavra em Atos 27.15 e 17 para descrever o modo como um navio era "arrastado" pelo vento e pelas ondas. Como o vento e as ondas movem os navios durante uma tempestade, assim Deus moveu os autores humanos da Bíblia.

Então, Deus inspirou as Escrituras. Mas quanto dela ele inspirou? Toda ela (2Tm 3.16). Cada palavra.

O resumo citado explica a natureza, o método e a extensão da inspiração e se alinha exatamente com a forma como a Bíblia se refere a si mesma. Os autores humanos em toda parte afirmam essa visão da inspiração. Por exemplo: no Antigo Testamento, o Senhor fala repetidas vezes a Moisés em Êxodo, Levítico e Números; Isaías cita a palavra do Senhor mais de uma dúzia de vezes; Jeremias e Ezequiel dizem que "a palavra do Senhor veio" a eles mais de cem vezes; Daniel narra visões de Deus; Oseias, Joel, Jonas, Miqueias, Sofonias, Ageu e Zacarias, cada um deles inicia anunciando que "a palavra do Senhor veio" a eles; Malaquias escreve "diz o Senhor" 25 vezes.

Mas o exemplo mais importante é Jesus.[4] Repetidamente Jesus cita o Antigo Testamento como sua autoridade final. Ele diz: "Está escrito" (Mt 21.13); "Nunca lestes nas Escrituras?" (Mt 21.42; cf. 21.16); "Errais, não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus" (Mt 22.29); e "… a Escritura não pode falhar" (Jo 10.35). Ele também acredita que os milagres registrados nela realmente aconteceram. Ele se refere, por exemplo, a Jonas na barriga de um peixe enorme por três dias e noites, Noé e o dilúvio, a esposa de Ló, Moisés e a sarça ardente e maná no deserto (Mt 12.40-41; Lc 17.26-32; 20.37; Jo 6.49).

Os autores do Novo Testamento também se referem ao Antigo Testamento como a Palavra de Deus (Rm 3.2). Eles consideram os escritos de outros autores do Novo Testamento com igual autoridade ao Antigo Testamento e às palavras de Cristo (1Tm 5.18; 2Pe 3.2, 15-16). Eles reconhecem que os escritos deles revelam o plano de Deus mais plenamente do que o Antigo Testamento (Ef 3.2-3; Hb 1.1-2; 2.2-3).

Se a Bíblia é realmente esse livro inspirado por Deus, seguem-se duas outras qualidades: ela não contém erro e possui autoridade.

Um livro que é totalmente verdadeiro: inerrância

Deus é totalmente verdadeiro – ele não tem erro (ou seja, inerrante) e incapaz de erros (ou seja, infalível) (Nm 23.19; 1Sm 15.29; 2Sm 7.28; Jo 3.33; 14.6; Rm 3.4; Tt 1.2; Hb 6.18; 1Jo 5.6). A Bíblia foi soprada por Deus (ou seja, inspirada). Portanto, a Bíblia é totalmente verdadeira, sem erro e incapaz de errar. "Inerrância significa que quando todos os fatos forem conhecidos, as Escrituras, nos seus autógrafos originais e corretamente interpretadas, demonstrarão ser totalmente verdadeiras em tudo o que afirmam, seja com relação à doutrina, à moral ou às ciências sociais, físicas e humanas."[5]

Visto que a Bíblia é inspirada por Deus, se houver erro, Deus é um mentiroso. A própria Bíblia afirma que ela é verdadeira (Sl 12.6; Pv 30.5). Mas ela não se conforma simplesmente a um padrão superior da verdade; a Bíblia em si é o padrão da verdade, pois Jesus disse a Deus Pai: "A tua palavra é a verdade" (Jo 17.17). A inerrância da Bíblia é consequência da veracidade infalível de Deus.

Alguns esclarecimentos se fazem necessários:

1. A inerrância da Bíblia não significa que ela é verdadeira apenas no que se refere à teologia. Embora não seja um livro didático de ciência social, física ou humana, é totalmente confiável quanto ao que diz a respeito de qualquer assunto. Uma visão que se tornou comum nos últimos cem anos diz que a Bíblia é sem erro no que concerne à religião, mas contém alguns erros quando se trata de Ciência e de História. Mas teologia e fatos não são duas categorias separáveis. O próprio evangelho é irredutivelmente histórico (1Co 15). Um profeta é aceito pela *total* veracidade das suas palavras (Dt 13.1-5; 18.20-22); e assim é a Bíblia.

Se você não pode confiar totalmente na Bíblia quando ela debate Ciência e História (questões secundárias que podem ser verificadas), como pode confiar nela quando fala sobre Deus e salvação (questões de suprema importância que nós não podemos conferir da mesma maneira)? Se você não pode confiar na Bíblia, então não pode confiar em Deus. Se não confia em Deus, então você exaltou a si mesmo, e não Deus, como a autoridade máxima.

2. A inerrância da Bíblia não significa que ela é sempre precisa. A origem da Bíblia é ao mesmo tempo totalmente divina *e totalmente humana*. Embora nunca afirme o que é falso, a Bíblia tem as marcas de um livro humano. Ela foi escrita por autores humanos, com personalidades humanas, em idiomas humanos no contexto de culturas humanas. Por exemplo, você não questiona a precisão do serviço de meteorologia quando ele lista os horários do *nascer do sol* e do *pôr do sol*, embora, tecnicamente, o sol não nasce nem se põe. E você não vai ficar contrariado se alguém diz que mora a oito quilômetros da sua casa quando, na verdade, são 7,82

quilômetros de distância, ou que tem 22 anos, quando, na verdade, nasceu há 22 anos, 307 dias, quatro horas, 37 minutos e 8,3 segundos. Também não é raro se duas pessoas com duas personalidades e experiências bem diferentes escreverem sobre um assunto a respeito do qual elas concordam, como as suas opiniões sobre política ou esporte, diferirem na maneira que escrevem, nas palavras que usam e nos temas que enfatizam. Devemos dar aos autores da Bíblia a mesma liberdade que normalmente damos aos outros para usar uma linguagem comum.

3. A inerrância da Bíblia não significa que as cópias dos escritos originais ou traduções dessas cópias sejam inerrantes. Cópias e traduções são inerrantes apenas na medida em que reproduzirem fielmente os escritos originais. Deus inspirou os escritos originais e os homens os transmitiram e traduziram as cópias. Isso não é fugir da questão, mas essa distinção é tanto precisa quanto necessária porque os erros numa cópia ou tradução não são da autoria de Deus, mas refletem a falibilidade do homem que copiou ou fez a tradução.[6]

Então, qual é o benefício se somente os escritos originais são inspirados por Deus quando não possuímos nenhum dos escritos originais? Muitos benefícios, na verdade. É um exagero fazer parecer que não sabemos realmente o que os escritos originais dizem, pois a qualidade dos manuscritos da Bíblia existentes é muito boa, muito melhor do que qualquer documento antigo. Consequentemente, manuscritos e traduções existentes reproduzem fielmente mais de 99% dos escritos originais da Bíblia. A maioria desse menos de 1% que é questionável é sobre questões triviais como diferenças na ortografia, sinônimos e, obviamente, leituras impossíveis. Apenas cerca de 1% desse menos de 1% que é questionável

afeta o significado do texto de alguma maneira e isso não afeta as doutrinas principais.[7]

4. A inerrância da Bíblia não significa que não há dificuldades remanescentes ou aparentes discrepâncias. Não podemos interpretar perfeitamente a Bíblia por duas razões: não temos todos os dados relevantes para a compreensão da Bíblia (p. ex., a arqueologia sempre descobre novos fatos) e nós somos finitos e pecadores; portanto, interpretamos mal os dados de que já dispomos. Não podemos demonstrar inerrância para satisfação de todos até que todos os fatos estejam disponíveis e a interpretação perfeita seja possível. Porém, quando esse tempo chegar, a inerrância da Bíblia será demonstrada. Até então, a única resposta adequada é confiar que o que o Deus onisciente falou é totalmente verdadeiro.

Um livro que é o meu chefe: autoridade

O próprio Jesus apela para a Bíblia como a autoridade final, afirmando que não se consegue demonstrar que ela contenha erros: "… a Escritura não pode falhar" (Jo 10.35; cf. Mt 5.17-20). Deus tem a autoridade suprema, pois ele criou e controla o universo. Se a Bíblia é inspirada por Deus, então ela tem a autoridade do próprio Deus. É a autoridade máxima. E não é a autoridade máxima simplesmente para "fé e prática" (como algumas declarações doutrinárias expressam). É a autoridade máxima para cada área do conhecimento a que ela se dirige. Ela é supremamente dotada de autoridade. Não é como qualquer livro. Portanto, se não acreditar na Bíblia ou não lhe obedecer, você está desconfiando de Deus ou desobedecendo a ele. Isso é muito sério.

Isso é o que os reformadores protestantes chamaram de *Sola Scriptura*, isto é, somente a Escritura. Isso não significa que a Escritura seja a única fonte de qualquer verdade no mundo, mas que é a única autoridade inerrante e infalível. É autoridade máxima, irrevogável e suprema.

Um livro que tem tudo de que você precisa: suficiência

A Bíblia é perfeitamente suficiente para a sua finalidade. Na Bíblia, Deus nos deu tudo o que precisamos para conhecê-lo, confiar nele e obedecê-lo. "Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra" (2Tm 3.16-17). A Bíblia não responde diretamente a cada pergunta que as pessoas fazem. Esse não é o propósito dela. Seu objetivo principal é revelar o Deus do evangelho, para que possamos conhecê-lo e honrá-lo.

A Bíblia *sozinha* é suficiente. Sua suprema autoridade é exclusiva. Nenhum outro livro é considerado a Palavra de Deus – sejam os apócrifos ou o Livro de Mórmon ou o Alcorão. Dar a esses livros o mesmo valor que à Bíblia, a marginaliza e avilta. Marginaliza a Bíblia por não enfatizá-la adequadamente e avilta por contradizê-la. Por exemplo, o catolicismo romano coloca os apócrifos, algumas tradições da igreja e alguns pronunciamentos do papa na mesma posição que a Bíblia. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias alinha o Livro de Mórmon, a Doutrina e Convênios, a Pérola de Grande Valor e as declarações dos profetas na mesma posição que a Bíblia; e o islamismo coloca o Alcorão numa posição superior à Bíblia. Consequentemente, eles não enfatizam a Bíblia de

maneira adequada. Eles não creem que ela seja a revelação especial que precisam conhecer, na qual devem confiar e à qual devem obedecer. Eles acreditam que ela precisa ser complementada ou substituída por uma revelação adicional. Essa revelação adicional não é inspirada por Deus e, portanto, não é nem infalível nem tem autoridade como a Bíblia. Logo, não é de admirar que essa revelação adicional contradiga a Bíblia em diversas maneiras.

Alguns evangélicos acreditam que Deus continua a se revelar por meio de palavras e instruções especiais. Quer concordemos ou não que Deus ainda fala, temos que concordar que essas palavras especiais não têm a autoridade das Escrituras. Não podemos estar absolutamente certos de que realmente vêm de Deus, por isso nunca devemos tratar esses tipos de comunicação do mesmo modo que tratamos a comunicação de Deus para nós contida na Bíblia. Caso contrário, estaríamos acrescentando algo à Bíblia, a qual já é suficiente como está.

Um livro que é realmente compreensível: clareza

Tem sido dito que a Bíblia é como um lago largo e profundo, raso o suficiente para um cordeiro vadeá-lo, mas profundo o suficiente para um elefante nadar. Nem tudo na Bíblia é igualmente claro. O próprio Pedro comentou: "… nas quais [as cartas de Paulo] há certas coisas difíceis de entender" (2Pe 3.16). Mas a mensagem central da Bíblia sobre a obra salvadora de Deus ao longo da História é bem clara e de fácil compreensão. O seu conteúdo básico – a criação, a queda, a redenção e a consumação – é tão simples que uma criança pode facilmente entender. A comunicação de Deus na Bíblia, como um todo, é acessível.

Isso pressupõe duas premissas discutidas. Primeira, a Bíblia significa o que Deus e os autores humanos queriam que ela significasse. Segunda, podemos entender esse significado. Porém, isso não significa que consigamos entender tudo no grau mais alto possível. Por exemplo, uma criança pode entender Gênesis 1.1: "No princípio, criou Deus os céus e a terra"? Claro, isso não é difícil para uma criança entender. Mas esse mesmo entendimento de uma criança de Gênesis 1.1 deve aumentar continuamente à medida que ela for conhecendo mais a respeito da Bíblia e do mundo de Deus. Não sabemos nada de maneira completa (de modo exaustivo ou onisciente) como Deus, mas sabemos algumas coisas de fato (substancial ou efetivamente).

Se podemos verdadeiramente entender a Bíblia, então por que todos os homens não concordam plenamente a respeito do que ela ensina? O problema não está na Bíblia. O problema está com os homens finitos e pecadores. Se não fossem os efeitos da queda em nossa mente e coração, todos interpretaríamos a Bíblia da mesma maneira. Mas o ponto a ressaltar aqui é que a mensagem central da Bíblia é clara.[8]

Um livro que é essencial para se conhecer a Deus: necessidade

A Bíblia é necessária para se conhecer a Deus, confiar nele e lhe obedecer. Para se tornar um cristão você deve, de algum modo, ouvir a mensagem da Bíblia, seja lendo-a você mesmo, ouvindo alguém lê-la ou explicá-la. "As sagradas letras, que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus" (2Tm 3.15). "A fé vem por se ouvir a mensagem, e a mensagem é ouvida mediante a palavra de Cristo" (Rm 10.17; NVI).

E você deve continuar a ouvir a mensagem da Bíblia para se desenvolver como cristão. Isso significa ouvi-la lida e pregada, lê-la, estudá-la, memorizá-la, meditar nela e aplicá-la.[9] Um cristão precisa da Bíblia como precisa de alimento e de água. A necessidade nunca desaparece. É por isso que Pedro escreve: "… desejai ardentemente, como crianças recém-nascidas, o genuíno leite espiritual, para que, por ele, vos seja dado crescimento para salvação" (1Pe 2.2). O "genuíno leite espiritual" é "… a palavra de Deus, a qual vive e é permanente"; "a palavra que vos foi evangelizada" (1Pe 1.23-25). Você deve dizer como Jó: "Dei mais valor às palavras de sua boca do que ao meu pão de cada dia" (Jó 23.12; NVI).

A Bíblia é necessária para mais do que a sobrevivência. É o nosso único e infalível guia para navegar na vida com sabedoria porque ela revela a vontade de Deus. O salmista pergunta: "De que maneira poderá o jovem guardar puro o seu caminho?"

> Observando-o segundo a tua palavra.
> De todo o meu coração te busquei;
> não me deixes fugir aos teus mandamentos.
> Guardo no coração as tuas palavras,
> para não pecar contra ti (Sl 119.9-11).

Três objeções populares

A Bíblia é a Palavra de Deus – inspirada por Deus, inerrante, autoritária, suficiente, clara e necessária. Isso é o que os evangélicos creem a respeito da Bíblia porque é isso o que a Bíblia ensina a respeito de si mesma. No entanto, quando falamos dessa maneira a respeito da Bíblia, temos de lidar com objeções equivocadas.

1. “Os evangélicos são culpados de bibliolatria.” Não, nós não adoramos a Bíblia. Nós adoramos somente a Deus. Mas consideramos a Bíblia como um livro único porque Deus se comunica de modo ativo por meio dela: “Deus se *identifica* de tal modo com suas palavras que tudo que uma pessoa faz à Palavra de Deus (seja para obedecer ou para desobedecer), ela o faz diretamente ao próprio Deus”.[10]

2. “Os evangélicos derivam suas doutrinas da Bíblia da própria Bíblia. Isso não seria raciocínio circular?” Bom, sim, mas isso não invalida necessariamente o raciocínio. A nossa doutrina da Bíblia não é mais circular do que as teorias científicas. Todo mundo usa raciocínio circular para defender a autoridade máxima das suas crenças. Enquanto o padrão máximo da verdade para os evangélicos é Deus e a sua Palavra, para a maioria dos outros é outra coisa, normalmente eles mesmos. Os debates acalorados sobre a Bíblia ser inspirada por Deus e sem erro dependem de uma única questão: se você aceita o que a Bíblia afirma sobre ela mesma. Muitos argumentos úteis mostram que o que a Bíblia afirma a respeito de si mesma é razoável (p. ex., a sua confiabilidade histórica e suas profecias cumpridas); no entanto, em última análise, o Espírito de Deus deve nos convencer de que suas afirmações são verdadeiras, pois o pecado distorceu o modo como percebemos a realidade. Não podemos provar que a Bíblia é a Palavra de Deus apelando a qualquer autoridade além da própria Bíblia porque essa autoridade deve ser superior a Deus – e não existe nada superior a ele.

3. “A Palavra (ou seja, Jesus) é o que importa, não a palavra (ou seja, a Bíblia).” Por mais piedoso que isso soe, trata-se de uma perspectiva da Palavra diferente do que a expressa pela própria Palavra. Jesus

repetidamente cita a Bíblia como completamente confiável e como sua autoridade máxima.

Então, como devemos ler?

Claro, nossa visão elevada da Escritura não adiantará muita coisa se não lermos a Bíblia. Mas você pode perguntar: como devemos ler esse livro sagrado? Em certo sentido, devemos ler a Bíblia como qualquer livro. Ela contém diferentes estilos de literatura que expressam a verdade de acordo com a intenção dos seus autores. Porém, não devemos ler a Bíblia simplesmente como qualquer livro, porque ela é única. Não há outro livro como a Bíblia.

Por estar acima de nós, a Bíblia exige submissão, reverência e obediência. Por ser completamente verdadeira, requer confiança. Porque sua natureza contrasta fortemente com a nossa finitude e pecaminosidade, requer uma leitura humilde, sempre aberta à correção. E por revelar Deus e seus caminhos, requer uma leitura cuidadosa, em oração, que situe as passagens dentro da grande história da criação de Deus, a nossa queda, a redenção de Cristo e a consumação do universo. "Desvenda os meus olhos, para que eu contemple as maravilhas da tua lei" (Sl 119.18).

Alegrem-se com John Newton, autor de "Maravilhosa Graça", sobre a Bíblia ser um livro inestimável, um livro como nenhum outro:

> Bíblia preciosa! Que tesouro
> a Palavra de Deus proporciona!
> Tudo que eu quero para a vida ou prazer,
> Alimentos e remédio, escudo e espada:
> Que o mundo me considere pobre,
> Tendo isso, não preciso de mais nada.

Para estudo adicional

Linnemann, Eta. *Crítica bíblica em julgamento*. São Paulo: Cultura Cristã.

Linnemann, Eta. *Crítica histórica da Bíblia*. São Paulo: Cultura Cristã.

Warfield, Benjamim. *A inspiração e autoridade da Bíblia*. São Paulo: Cultura Cristã.

Harris, Laird. *Inspiração e canonicidade da Bíblia*. São Paulo: Cultura Cristã.

Maia, Hermisten. *Inspiração e inerrância da Bíblia*. São Paulo: Cultura - Cristã.

Beeke, Joel; MacArthur, John; Horton, Michael; Sproul, RC; Ferguson, Sinclair e outros. *Sola Scriptura*. São Paulo: Cultura Cristã.

Capítulo 5

O EVANGELHO:

Deus em lugar dos pecadores

GREG GILBERT

A cruz, diz Martin Hengel no seu pequeno livro clássico *Crucifixion*, "não foi apenas um tipo de morte. Foi um algo totalmente ofensivo, 'obsceno' no sentido original da palavra". De fato, era algo tão obsceno que as pessoas sofisticadas e cultas nas sociedades grega e romana nem pronunciavam a palavra *cruz* quando estavam em companhia de pessoas educadas. Era uma palavra insultante e que evocava imagens repulsivas e nauseantes.

A crucificação nunca era um acontecimento particular. Era sempre um ato brutal e propositalmente público, porque o objetivo era aterrorizar as massas para que se submetessem às autoridades. As cruzes geralmente ficavam em fileiras ao longo das estradas que levavam às cidades, com os corpos quebrados e contorcidos ou exibindo os cadáveres em decomposição. Os romanos agendavam crucificações públicas para coincidir com as festas religiosas, assegurando que o máximo de pessoas estivesse presente para testemunhar o horror. Assassinos, ladrões, traidores

e escravos eram crucificados brutalmente, aos milhares, por todo o Império e sempre deliberadamente à plena vista do público. O horror da cruz era inevitável e os romanos pretendiam que fosse desse modo.

Dada à onipresença de cruzes na sociedade romana, é um tanto surpreendente que os relatos da crucificação na Antiguidade sejam tão raros. Isso se deve ao fato de que ninguém queria escrever sobre tal coisa e, por que escreveria? A cruz era uma oportunidade aprovada pelo governo, até mesmo *incentivada* pelo governo, de os executores realizarem nas pessoas as suas fantasias mais sádicas, brutais e cruéis. Assim, os relatos que temos são curtos, e os autores normalmente fazem alusão apenas aos horrores em vez de descrevê-los com qualquer detalhe. Parece que estão dizendo: "Você não gostaria de saber".

Carne em frangalhos numa madeira implacável, estacas de ferro marteladas através dos ossos e nervos destruídos, articulações arrancadas dos seus encaixes pelo peso do corpo morto, humilhação pública diante dos olhos da família, dos amigos e do mundo – assim era a morte na cruz, "a estaca infame" como os romanos chamavam, "o madeiro estéril", a *maxima mala crux*.[i] Ou, como os gregos diziam com veemência, o *stauros*. Não é de admirar que ninguém falasse sobre ela. Não é de admirar que os pais cobrissem os olhos dos filhos para que não a vissem. O *stauros* era uma coisa abominável e aquele que morria ali também era abominável, um criminoso desprezível, cuja única utilidade era ficar dependurado como uma advertência pútrida em decomposição a qualquer pessoa que pudesse seguir seu exemplo.

Foi assim que Jesus morreu.

Acho que subestimamos quanto Paulo estava falando seriamente quando disse que a cruz era uma "ofensa" para as pessoas ao seu redor. Quando ele diz que a mensagem da cruz era uma "pedra de tropeço" para algumas pessoas e "loucura" para outras, nós atribuímos isso à boa retórica. Mas essa não foi apenas uma declaração exagerada e barata. Era o sensato reconhecimento de Paulo, produzido por *vinte anos* de experiência própria, de que a mensagem que ele estava pregando – de que a salvação devia ser obtida pela mediação de um Deus crucificado – era considerada por *todos* como sendo ou totalmente obscena ou totalmente, completamente, ridícula.

Repetidas vezes os escritores pagãos ridicularizaram os cristãos por basearem sua fé num criminoso crucificado. "Sério?", eles perguntavam. "Vocês adoram um homem que foi condenado pelos juízes e foi dependurado num *stauros*? E vocês acham que esse cara era um *deus*?" Eles até mesmo faziam desenhos ridicularizando os cristãos. Um desses desenhos mostra um cristão de joelhos diante de um homem com cabeça de burro, crucificado. "Alexamenos adora o seu deus", diz a legenda. Não sabemos quem foi Alexamenos, mas não é difícil imaginá-lo – uma criança, um adolescente? – ali em pé e tendo que decidir se seguir Jesus realmente valeria a pena; ser chamado de tolo e doente pelos seus amigos debochados.

Esse era o tipo de situação que Paulo enfrentava todos os dias da sua vida cristã – desgosto, ódio, ofensa, ridicularização. Quando pensamos nisso, ele poderia ter evitado muitas dessas coisas de modo bem simples. Ele poderia apenas ter dito que o cristianismo nada tinha a ver com a cruz. "Sim, sim", ele poderia ter dito, "tem aquela coisa da cruz, mas a questão principal não é a *morte* de Jesus, de *per si*. É a sua ressurreição! Vamos falar sobre a *vida*, não sobre o… *stauros*". Ou, "É claro que Jesus morreu na cruz e isso é importante. Mas devemos reconhecer que o evangelho é

bem maior do que isso! É sobre a intenção de Deus de refazer o mundo!" Certamente Paulo poderia ter tornado o evangelho mais agradável – e menos perigoso – dizendo que era sobre *outra coisa*. Algo mais limpo e menos ridículo do que a cruz. Algo mais glorioso. Menos repugnante.

No entanto, ele não fez isso. "… decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado" (1Co 2.2). Diante do pior preconceito cultural imaginável, ele ligou todo o evangelho de modo direto e imutável ao fato de que Jesus foi pregado num *stauros* e deixado ali para morrer. Se ele tivesse *tentado* encontrar uma maneira infalível de afastar as pessoas do século 1º das suas "boas-novas", não poderia ter feito melhor.

Então, por que ele fez isso? É simples. Porque sabia que se ignorasse a cruz ou relembrasse o passado de modo superficial ou, ainda, se colocasse a crucificação como algo não muito importante para o evangelho, ou mesmo permitisse que qualquer coisa tirasse a crucificação do centro do evangelho, isso faria que, por fim, não houvesse nenhum evangelho.

A morte de Jesus é – e deve ser – o cerne do evangelho, porque a boa notícia é precisamente que Jesus salva os pecadores dos seus pecados. Qualquer que seja a promessa do evangelho, o início disso tudo é o pecado do pecador perdoado.

Estou convencido de que parte do motivo pelo qual muitos evangélicos começaram a perder a sua compreensão da cruz é que perdemos de vista o motivo pelo qual precisamos ser salvos. Nós esquecemos, e em alguns casos deliberadamente ignoramos, o que o pecado é e quão profundamente ele ofende a Deus.

A Bíblia nos diz claramente que "… todos pecaram e carecem da glória de Deus" (Rm 3.23) e que, na sua raiz, o pecado é uma rebelião contra

Deus, o Rei-Criador. Ele nos fez, Gênesis nos conta; portanto, ele tem o direito de nos dizer como viver. Quando pecamos contra ele, quebrando a sua lei, adorando ídolos em busca de satisfação em coisas criadas, em vez de buscar nele, estamos rejeitando o seu governo sobre nós e, assim, tornamo-nos sujeitos ao seu bom e justo julgamento.

Tornou-se popular amenizar tudo isso e falar sobre o problema da humanidade em termos muito diferentes. Às vezes, o problema é descrito em termos de um senso geral de falta de sentido, falta de propósito ou de desintegração da vida da pessoa. Algumas vezes, o problema é descrito simplesmente como um relacionamento rompido com outras pessoas, com Deus e consigo mesmo. Outras vezes, é dito que o grande problema está na corrupção dos sistemas e culturas do mundo.

O problema com todos esses entendimentos a respeito do pecado, porém, é que nenhum deles faz justiça ao que a Bíblia diz sobre o pecado. Ao longo da Escritura, pecado não é simplesmente carência do verdadeiro sentido ou propósito, nem é apenas um relacionamento rompido ou corrupção de sistema. Ao contrário, é uma transgressão pessoal e censurável da lei de Deus e uma rejeição da sua autoridade como Criador e Rei. A questão não é que o pecado *nunca* resulte numa sensação de inutilidade (muitas vezes isso acontece), ou que *não* seja o rompimento de um relacionamento (ele é), ou que *não* tenha efeito sistêmico (ele tem). Nenhuma dessas coisas, no entanto, descreve a essência do pecado. Portanto, levar as pessoas a acreditarem que o pecado é *meramente* essas coisas é não compreender o que o pecado é. Isso, inevitavelmente, nos leva a subestimar ou mesmo não compreender totalmente o que Jesus estava executando na cruz.

Permita-me explicar um pouco mais detalhadamente por que isso acontece. Considere a interpretação do pecado como um relacionamento rompido, por exemplo. A Bíblia nos diz em termos claros que pecar contra Deus é romper o nosso relacionamento com ele (Is 59.2). Mas nós também temos de compreender que *tipo* de relacionamento foi rompido. Não foi um relacionamento entre semelhantes ou um tipo de parceria. Não, o relacionamento que foi rompido é o da criatura e seu Criador, do servo e seu Rei. Se pensarmos no pecado como uma espécie de briga de namorados ou briga entre amigos, perderemos a visão do por que foi necessária a morte do Filho de Deus para nos restaurar. Uma briga de namorados não exige tudo isso. Você só tem que dizer: "perdoe-me" e "está tudo bem" e acabou. A traição de um súdito rebelde contra o seu justo Rei, porém, é diferente. Isso exige algo mais para haver restauração.

Se quisermos entender o que Jesus realizou na cruz, devemos primeiro entender que o pecado é uma ofensa pessoal contra Deus que exige e merece seu julgamento. É por isso que Jesus disse a respeito de todos nós, que diante de Deus "… já estão condenados" (Jo 3.18; NIV). É por isso também que Paulo transmite o terrível veredito que, no final, "… se cale toda boca, e todo o mundo seja culpável perante Deus" (Rm 3.19).

É a culpa que torna a cruz necessária. Não o *sentimento* de culpa, mas a *realidade* dela.

A salvação da qual precisamos é para que o veredito de Deus pronunciado sobre nós seja algo diferente de "culpado". Se quisermos ser salvos e nos poupar da punição justa que merecemos pelos nossos pecados, precisamos de Deus para nos declarar inocentes, até mesmo *justificados*, não culpados.

Foi exatamente isso que Jesus cumpriu ao morrer na cruz. Ele suportou a ira que o seu povo merecia por causa dos seus pecados.

Há muito tempo, os cristãos chamam essa interpretação da cruz de "expiação penal substitutiva" – o que quer dizer que Jesus pagou a *penalidade* pelos pecados do seu povo morrendo no lugar deles como o *substituto* deles. Essa não é apenas uma formulação filosófica. É a maneira pela qual a Bíblia fala sobre a expiação, do início ao fim.

Pense sobre o sistema de sacrifícios do Antigo Testamento. O animal que era morto no altar representava simbolicamente o povo. Por meio do derramamento do sangue, a culpa do povo era expiada e o julgamento adiado por mais um ano. A mesma imagem funcionava quando o sacerdote colocava suas mãos sobre o bode expiatório e simbolicamente transferia os pecados do povo para o animal antes que ele fosse enviado para morrer no deserto. Talvez o exemplo mais claro de substituição penal no Antigo Testamento seja o cordeiro Pascal. Cada família, Deus disse aos israelitas na escravidão, deveria escolher um cordeiro sem defeito e matá-lo. Em seguida, deveriam colocar um pouco do sangue nos umbrais da porta de suas casas. Se fizessem isso, Deus havia prometido que quando o anjo da morte visse o sangue, ele "ignoraria" aquela casa e a livraria do castigo da morte. Não foi a inocência do próprio povo que o salvou; não, o cordeiro morreu para que eles não morressem.

É contra esse pano de fundo que Jesus ensinou a mesma coisa sobre a sua própria morte. "O próprio Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir", ele disse, "… e dar a sua vida em resgate por muitos" (Mc 10.45). E então, pouco antes de sua morte, na última ceia com os seus discípulos, ele tomou o cálice de vinho e disse: "… isto é o meu sangue, o

sangue da [nova] aliança, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados" (Mt 26.28).

Os apóstolos, igualmente, disseram que Jesus havia morrido em lugar dos pecadores. Paulo descreveu isso da seguinte maneira: "Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar" (Gl 3.13). E em outra passagem, "Aquele que não conheceu pecado, ele [Deus] o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus" (2Co 5.21). Pedro escreveu: "… também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus" (1Pe 3.18). E, "… carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados para que nós, mortos aos pecados, vivamos para a justiça; por suas chagas fostes sarados" (1Pe 2.24).

Você entende o que Jesus e os apóstolos estavam dizendo sobre a morte de Jesus? Apesar de todo o horror que uma cruz romana representava, não foi a dor física ou mesmo a humilhação pública que marcou a profundidade do sofrimento de Jesus. Não, o sofrimento mais profundo que Jesus experimentou foi a ira do seu Pai, derramada sobre ele por causa do pecado.

No entanto, não foi pelo seu próprio pecado que ele sofreu e morreu. Ele não tinha pecado algum. Não, foi pelos pecados do seu povo que Jesus foi punido. Deus creditou toda a revolta, toda a desobediência e todos os pecados deles a ele – olhando para ele como se ele tivesse cometido tudo isso – e executou a sentença de morte contra ele. Então, ele se tornou uma maldição. Tornou-se pecado. Sofreu uma vez por todas, o justo pelos injustos. Suportou os nossos pecados no madeiro. Para que pudéssemos viver.

E então, ressuscitou de entre os mortos. Com o pecado derrotado, a morte conquistada, o inferno prostrado diante dele, Jesus ressuscitou

triunfantemente do sepulcro. Tudo o que ele afirmou foi cumprido, sua vitória sobre a morte e sobre o pecado foi selada e Jesus se tornou as primícias da promessa de Deus para redimir e, finalmente, restaurar o mundo.

Se isso não tivesse acontecido, se Jesus tivesse permanecido morto, então a sua morte não teria significado mais do que a sua ou a minha morte. Um salvador morto não pode salvar. Como diz Paulo em 1Coríntios 15, se Cristo não ressuscitou de entre os mortos, somos as pessoas mais infelizes entre todas. Porém, por ele ter ressuscitado, nos unimos a Paulo em sua exaltação: "Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde, está, ó morte, o teu aguilhão?" Não resta mais nada. Jesus, aquele que foi crucificado e ressuscitou, absorveu o aguilhão da sepultura, exauriu a penalidade pelo pecado e retirou a vitória da morte!

Este entendimento da morte de Cristo – de que ele estava morrendo como um substituto pelas pessoas que estavam condenadas a morrer – não é bem recebido no nosso mundo. Por causa disso, muitos evangélicos-começaram a questionar se há maneiras de se pensar no evangelho sem se concentrar tanto num homem morrendo numa cruz sangrenta pelos pecados que não cometeu. Tenho observado pelo menos duas tendências quanto a isso, mesmo entre pessoas que alegremente chamariam a si mesmas de evangélicas.

Primeiro é a tendência de simplesmente ignorar a cruz, colocá-la de lado e colocar outra coisa no centro das boas-novas. Às vezes, é o senhorio de Jesus ou o reino de Deus ou o propósito de Deus em restaurar os céus e a terra. Outras vezes, é um convite para nos unirmos a Deus na sua obra de transformação cultural. Mas, sistematicamente, em livros e livros que

surgem de editoras cristãs, parece que os autores estão mais animados por algo diferente do fato de Cristo ter suportado nossos pecados na cruz e o apelo mais fervoroso desses autores é para as pessoas se juntarem a Deus em fazer isto ou aquilo, em vez de se arrependerem e crerem num Salvador que carregou seus pecados. No processo, a cruz se tornou (deliberadamente ou não) algo secundário na história do evangelho.

Vemos isso acontecer algumas vezes, talvez involuntariamente, na ênfase renovada no reino de Deus. O reino é um tema importante na Bíblia e é bom que os evangélicos estejam pensando a respeito dele. No entanto, muitas vezes, parece que quando os evangélicos pensam sobre o reino, nós não pensamos sobre a cruz, e vice-versa. Assim, conseguimos criar no nosso pensamento e na nossa conversa uma brecha entre a cruz e o reino. Algumas pessoas articulam "o evangelho da cruz" – que Jesus morreu no lugar dos pecadores para que eles pudessem ser perdoados – sem se referirem ao reino. E outros articulam um "evangelho do reino" – que Jesus veio inaugurar um reino que estabeleceria o mundo com justiça – com pouca ou nenhuma menção da cruz (exceto algumas vezes, como um recurso para mostrar Jesus morto para que ele possa ressuscitar novamente). O que nos resta então é o "evangelho da cruz" aqui, o "evangelho do reino" ali e os dois nunca se encontrarão. A cruz e o reino estão separados por um abismo, e todos nós colocamos ou de um lado ou de outro cada grupo zombando desconfiadamente do outro.

No entanto, não acho que a Bíblia nos deixe com essa divisão. Aqui está o motivo: *o único caminho para o reino passa pela cruz*. Sim, Jesus veio para inaugurar um reino que um dia será estabelecido com perfeita justiça e retidão. Mas essa é uma boa notícia apenas porque ele também veio para salvar um povo da ira de Deus, para que eles pudessem ser cidadãos do

reino e o meio pelo qual ele fez isso foi a morte penal substitutiva na cruz. Jesus não é apenas o Rei, ele é o Rei sofredor.

Dizendo isso de outro modo, é a cruz – e apenas a cruz – que é a porta de entrada para as bênçãos do reino. Você não *receberá* as bênçãos do reino a menos que vá até elas por meio do sangue do Rei. Portanto, se pregar um sermão ou escrever um capítulo sobre a boa-nova do reino, mas deixar de falar sobre a cruz, você não pregou a mensagem da boa-nova. Você apenas mostrou às pessoas uma coisa maravilhosa a que elas não têm o direito de fazer parte porque são pecadoras. É por isso que nunca vimos Jesus simplesmente dizendo: "O reino de Deus chegou!" Não, é sempre: "O reino de Deus chegou! *Portanto*, arrependei-vos e crede!" Ele não pregou simplesmente a vinda do reino. Ele pregou a vinda do reino *e* o modo como as pessoas poderiam entrar no reino.

Por isso, preguem sobre o reino por todos os meios, falem do fato de Jesus ter derrotado o mal, escrevam sobre o seu reinado futuro. Mas não pretendam que todas essas coisas sejam boas-novas gloriosas por si só. Não são. O simples fato de que Jesus vai governar o mundo com perfeita justiça para mim não é uma boa notícia, é uma notícia terrível, porque *eu não sou justo*. Eu sou um dos inimigos que ele está vindo para esmagar. O reino vindouro torna-se uma boa notícia apenas quando percebo que o Rei que vem também é um Salvador que perdoa o pecado e torna justas as pessoas – e ele faz isso por meio da sua morte na cruz. Ignore isso, minimize esse fato, tire isso do centro do evangelho e você vai fazer que tudo isso não seja uma boa notícia, mas uma terrível mensagem de julgamento de pecadores rebeldes.

A segunda tendência perigosa é redefinir a cruz como algo que não a morte substitutiva para suportar a ira em lugar dos pecadores. Assim, a

morte de Jesus é por vezes dita ser o resultado da maldade, ganância, poder, luxúria, cultura humanas ou qualquer coisa que tenha chegado mais baixo, ao pior, ao mais concentrado ponto, de chegar a matar Jesus, que então vence o pior de todos os males pela sua ressurreição.

D. A. Carson falou sobre isso num *blog* há algum tempo, quando escreveu:

> Nos últimos anos tornou-se popular esboçar a história da Bíblia como algo mais ou menos assim: desde a queda, Deus tem agido para reverter os efeitos do pecado. Ele toma medidas para limitar os danos do pecado; ele chama uma nova nação, os israelitas, para mediar o seu ensino e a sua graça para os outros, ele promete que um dia virá como o prometido rei davídico para vencer o pecado e a morte e todos os seus efeitos miseráveis. Isto é o que Jesus faz: ele vence a morte, inaugura o reino da justiça e chama seus seguidores para viver a justiça na perspectiva da consumação ainda por vir.

Carson chama essa apresentação da narrativa da Bíblia de "dolorosamente reducionista" e ele está certo. Não há entendimento aqui de que o pecado seja uma ofensa a Deus, antes apenas uma circunstância infeliz que o homem causou para si mesmo. Não faz nenhum sentido Jesus permanecer no lugar dos pecadores para receber o castigo que deveria cair sobre eles. E, quanto a isso, não faz nenhum sentido que haja qualquer punição ou ira divina envolvida – apenas maus resultados. Essa apresentação do evangelho deixa de fora exatamente o que a Bíblia torna o centro do evangelho: (1) que Jesus morreu na cruz em lugar do seu povo e (2) que ele suportou a punição pelo pecado do povo (e não apenas os *resultados* do mesmo, mas a *punição*), dispensada por Deus Pai em sua justa ira.

Pergunto-me se o impulso para descentralizar a cruz ou redefini-la vem, pelo menos em parte, do fato de que o mundo simplesmente não gosta da cruz. No melhor dos casos, o mundo ao nosso redor acha que o evangelho

de Jesus morrendo no lugar do seu povo é um conto de fadas ridículo e, na pior hipótese, uma mentira monstruosa. Acrescente a isso o fato de querermos que o mundo seja atraído para Jesus e haverá uma enorme pressão de se achar um modo de não se falar tanto sobre a "religião da cruz sangrenta". Então, nos protegemos atrás de um evangelho que se centraliza na renovação do mundo ou na justiça social em vez da cruz, ou pelo menos uma cruz que não tem nada a ver com Jesus suportando a ira de Deus e a punição pelo pecado de outros. Se simplesmente fizermos isso, esperamos que talvez o mundo pense que somos um pouco menos loucos.

Outro ponto exige ser discutido. É claro que é verdade que a Bíblia contém muitas imagens do que estava acontecendo quando Jesus morreu. Redenção, reconciliação, adoção, cura, conquista – tudo isso são maneiras pelas quais a Bíblia fala sobre a vitória que Cristo obteve na cruz.

Isso não significa, contudo, que a substituição penal seja apenas uma imagem da cruz entre muitas outras, e que podemos escolher qual queremos enfatizar. As imagens de expiação da Bíblia não funcionam desse modo; elas não são um *buffet* de pregações em que você pode escolher o que quiser. Na verdade, cada uma das imagens que a Bíblia usa para descrever a expiação encontra a sua resolução no fato de que Jesus morreu em lugar do seu povo. Se você procurar a realidade que se encontra atrás das imagens, ou seja, se fizer as perguntas *como* e *por que* o que você encontrará no cerne de cada uma delas é a substituição penal.

Considere a reconciliação, por exemplo, que, às vezes, é tida como alternativa para a imagem de substituição penal. A Bíblia fala claramente sobre a cruz nesses termos, mas se olharmos atentamente para a ideia de reconciliação e fizermos perguntas sobre isso, o que encontraremos é que a

reconciliação *depende* da substituição penal para ter qualquer significado. Por que, para começar, a reconciliação é necessária? É porque alguém está com raiva de alguém; um relacionamento foi rompido. Então, a reconciliação é necessária porque estamos com raiva de Deus ou é porque Deus está com raiva de nós? E como a reconciliação com um Deus irado é efetuada na cruz? A reconciliação se dá por meio de algo que não seja Jesus assumindo a ira que caberia a nós, tornando-se uma maldição por nós, o justo morrendo pelos injustos? Você vê? A Bíblia olha para a cruz de diversas perspectivas diferentes, mas todas elas voltam para Jesus recebendo a punição que o seu povo merecia – ou seja, voltam à substituição penal.

Tudo isso nos leva a uma conclusão inevitável: a menos que o Filho de Deus morresse em nosso lugar, recebendo a punição que merecíamos pelos nossos pecados, nós não seríamos salvos e não seríamos cidadãos do seu reino. Nossa culpa é profunda demais. Se isso for verdadeiro, então não podemos suavizar a mensagem do evangelho. Não podemos tirar a morte substitutiva e penal de Jesus, não podemos substituí-la por outra verdade e não podemos reimaginá-la como algo menos ofensivo (e, em última análise, menos maravilhoso) do que realmente é. Se fizermos isso, então apresentaremos ao mundo algo que não é salvação e, portanto, não são boas-novas de modo algum.

Vamos enfrentar essa verdade. O apóstolo Paulo sabia que a mensagem da cruz soava, no mínimo, insana para aqueles ao redor dele. Ele sabia que ao proclamar a mensagem de que "Cristo morreu pelos nossos pecados" (1Co 15.3), se exporia a ser ridicularizado pelo mundo. Mas, mesmo diante da indubitável rejeição, ainda assim ele disse: "eu prego a Cristo

crucificado". De fato, ele resolveu: "… nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado" (1Co 2.2).

Isso porque, como ele disse no final do livro, a mensagem de que "Cristo morreu pelos nossos pecados" não era simplesmente importante, nem mesmo muito importante.

Era de suma importância ("Antes de tudo", 1Co 15.3).

Para estudo adicional

Letham, Robert. *A obra de Cristo*. São Paulo: Cultura Cristã.

Matos, Alderi Souza e Maia, Hermisten. *Cristo e a cruz*. São Paulo: Cultura Cristã.

Mohler, Albert, MacArthur, John, Piper, John, Sproul, RC. *A pregação da cruz*. São Paulo: Cultura Cristã.

Murray, John. *Redenção consumada e aplicada*. São Paulo: Cultura Cristã.

Piper, John. *A paixão de Cristo*. São Paulo: Cultura Cristã.

Schaeffer, Francis A. *A obra consumada de Cristo*. São Paulo: Cultura Cristã.

Sproul, RC. *O sacerdote com a roupa suja*. São Paulo: Cultura Cristã.

---

[i] Do latim: cruz dos maiores males (NE).

Capítulo 6

NOVO NASCIMENTO:

"Importa-vos nascer de novo"

BEN PEAYS

O que lhe vem à mente quando você ouve a expressão *cristão nascido de novo*?

Falando de modo geral, a mídia usa a expressão *cristão nascido de novo* para descrever um grupo particular de pessoas religiosas. A mídia faz você acreditar que essas pessoas vivem com a Bíblia aberta, são fundamentalistas radicais, tristemente antiquadas e desligadas da realidade. São pessoas contra o homossexualismo, críticas, hipócritas e insensíveis que geralmente acham que a sociedade está se tornando cada vez pior. Muitas vezes, essas pessoas são acusadas de estar por demais envolvidas com a política e estão empenhadas a fazer o "país de Deus" voltar às suas raízes cristãs.[i] Cristãos nascidos de novo são zelosos em "salvar o perdido", "ganhar almas" e registrar o compromisso com Cristo em eventos evangelísticos. Seus maiores inimigos são Satanás e os liberais e, muitas vezes, é difícil para eles fazer diferença entre aquele e estes. Provavelmente, eles não bebem, não dançam nem fumam, especialmente no Dia do Senhor.

Prefeririam uma ligação mais estreita entre a igreja e o Estado, desde que seja a igreja *deles*. E, para conseguir isso, muitas vezes enviam *e-mails* em massa para apoiar o uso dos Dez Mandamentos nos tribunais e a oração nas escolas públicas.

Cristãos nascidos de novo amam refeições comunitárias, grupos pequenos e Bíblias encapadas de tecido. São capazes de dizer exatamente quando e onde pediram a Jesus que entrasse no seu coração. Eles têm um relacionamento pessoal com Jesus e sem dificuldade e prontamente afirmam que ele é seu Senhor e Salvador pessoal. Acima de tudo, eles são "o povo do Livro".

Essa caricatura mostra como nossa cultura agitada e barulhenta pegou uma expressão bíblica – "nascer de novo" – incorporou alguns elementos verdadeiros da fé evangélica, mas a distorceu para representar algo diferente da intenção bíblica. É importante, portanto, que descartemos esses conceitos errados e entendamos o que Jesus quis dizer quando falou: "Importa-vos nascer de novo" (Jo 3.7). Um *cristão nascido de novo* não deve ser um rótulo do qual devemos nos envergonhar, mas sim uma marca que devemos mostrar publicamente com gratidão e ações de graça.

Muitos se denominam – poucos podem afirmar

Pergunte nos Estados Unidos: "Quem nasceu de novo?" e cerca de 40% das pessoas diriam: "Nós nascemos de novo!" Se você perguntasse a Jesus, ele diria: "Um número muito menor do que vocês pensam" (ver Mt 7.22-23; 25.41). A razão para essa diferença é uma mudança distinta no significado do termo. Jesus usou a expressão *nascido de novo* para descrever aqueles que tinham realmente passado pelo novo nascimento, ou seja, uma nova

vida espiritual produzida pelo Espírito de Deus. No entanto, a nossa cultura distorceu isso, transformando-a numa expressão de cunho sociológico – para identificar não aqueles que estão verdadeiramente em Cristo, mas um grupo com certas afinidades políticas ou culturais. Em vez de deixar que as evidências do novo nascimento identifiquem aqueles que são nascidos de novo, nós pedimos às pessoas que se autoidentifiquem como crentes nascidos de novo para responder a uma pergunta numa pesquisa, em vez de simplesmente demonstrarem os bons frutos de uma vida de fé. O resultado dessa crença fácil é um excesso de autoprofessados cristãos nascidos de novo, cujas vidas em nada se assemelham às das pessoas regeneradas.

Na nossa cultura, as pessoas usam a expressão *nascido de novo* em diversos contextos – muitas vezes de maneiras bem menos significativas da que foi a intenção de Jesus. Talvez você ouça alguma celebridade usando esse rótulo como uma maneira de anunciar um retorno à carreira ou como um recurso de relações públicas depois de um fracasso moral, como um modo de dizer: "Mudei a minha atitude, estou virando uma página e retornando maior e melhor". Usar a expressão *nascer de novo* nesse contexto poderá, às vezes, parecer como uma segunda chance, uma reinvenção da carreira ou um novo começo na vida, só que dessa vez com esperança de melhores resultados. Não foi isso o que Jesus quis dizer.

Outros falam sobre o novo nascimento no sentido de um avivamento espiritual à parte de Deus. Um estudo recente feito pela University of Chicago mostrou que um número crescente de pessoas está procurando a espiritualidade, mas poucas creem realmente em Deus.[1] Isso significa que elas estão procurando uma falsa espiritualidade sem Deus *versus* uma espiritualidade genuína que inclui Deus. Espiritualidade genuína implica receber o Espírito Santo e tê-lo habitando no coração, enquanto

“espiritualidade” em geral implica apenas uma elevada consciência do que não é material ou atenção a isso. Jesus diz: “O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito” (Jo 3.6). A busca por um nascimento espiritual sem Cristo está condenada ao fracasso. Somente o Espírito de Deus pode dar o verdadeiro novo nascimento espiritual: “O espírito é o que vivifica; a carne para nada aproveita” (Jo 6.63).

Na internet, encontramos um grande número de centros e programas para retiro que oferecem um fim de semana longe de tudo para se experimentar um renascimento espiritual. Para eles, novo nascimento é fugir do agito da vida, gastar tempo refletindo, perscrutar seu próprio lado espiritual ou curar feridas emocionais. O renascimento espiritual é reduzido a entrar no ambiente certo para conseguir uma experiência emocional elevada. Mas não é isso que Jesus quis dizer quando falou do novo nascimento.

Há um grande mercado para esse tipo de novo nascimento espiritual numa cultura agitada. Gurus espirituais dão seminários para levar pessoas entediadas e insatisfeitas a passar por um rejuvenescimento espiritual. O jornal *New York Times* publicou recentemente um artigo sobre uma experiência de “guerreiro espiritual” no Arizona, em que cinquenta pessoas pagaram 7.000 dólares cada uma para participar de uma expedição de “renascimento” espiritual liderada por um renomado guru da Nova Era.[2] Depois de vaguear pelo deserto durante um jejum de 36 horas, os participantes meditaram numa cabana de suor, o que resultou em três mortes e 21 hospitalizações. Infelizmente, muitas pessoas veem o cristianismo como um tipo semelhante de busca por “iluminação espiritual” tendo Jesus como o guru líder. Elas interpretam muito mal o que é espiritualidade, bem como o papel de Cristo e o processo da graça.

Esses equívocos sobre o que significa nascer de novo podem facilmente levar pessoas a acreditar erroneamente que nasceram de novo e, portanto, foram salvas. Isso significa que existem pessoas que não apenas estão vivendo com uma falsa segurança da salvação, mas que também não estão tendo de modo algum uma experiência de vida cristã. Não é de admirar que, muitas vezes, é difícil ver a diferença entre o estilo de vida dos cristãos e o dos não cristãos. Muitas pessoas acreditam que são cristãs, mas na verdade elas não têm o Espírito de Deus habitando nelas.

Entendendo a sua salvação

O novo nascimento, ou regeneração, talvez seja uma das dimensões mais incompreendidas ou negligenciadas da salvação. Provavelmente, muitas pessoas poderiam dizer *que* são salvas, mas teriam dificuldade para explicar *o que* realmente lhes aconteceu. Mas nesse *o que* é que encontramos de fato a boa-nova da nossa salvação. Quando entendemos o que aconteceu, compreendemos plenamente como somos transformados e o que essa nova vida significa para o nosso relacionamento com Deus, nossa vida na terra e para a eternidade.

Se pedir à maioria dos evangélicos para compartilhar seu testemunho, encontrará algumas pessoas que poderão dizer *quando* e *onde* aceitaram a Cristo. Outros poderão dizer que não lembram exatamente quando ou onde, mas que começaram a sentir Deus trabalhando lentamente no coração. Compartilhar o testemunho é realmente um convite para se falar sobre a vida antes e depois de alguém ter se tornado cristão. A nossa tendência é focalizar os aspectos pessoais da história – supondo que as pessoas sabem das grandes verdades teológicas que acontecem por trás das cenas. O perigo

dessa suposição é que a teologia que serve de base para a salvação tende a ser negligenciada. O resultado é um entendimento incorreto do evangelho.

Em nosso esforço para tornar a evangelização simples e acessível, ela muitas vezes torna-se por demais simplificada. A salvação é algumas vezes apresentada como algo facilmente obtido depois de uma série de clássicas perguntas e respostas. Apenas "peça a Jesus que entre no seu coração", "faça a oração do pecador", "receba Jesus como o seu Senhor e Salvador pessoal" e "inicie um relacionamento pessoal com Jesus". Se você pedir para algumas pessoas explicarem o que aconteceu com elas quando se tornaram cristãs, é mais provável que ouça essas frases do que ouvi-las falar em termos como *justificação*, *santificação*, *expiação*, *união com Cristo* e *glorificação*.

A fim de entender melhor o novo nascimento e o que significa nascer de novo, vamos ver o que ele é, por que precisamos dele, o que ele muda e por que ele é importante.

O novo nascimento: o que é

Então, como é um *verdadeiro* novo nascimento? *Novo nascimento* é uma expressão usada para descrever a nova vida que o Espírito produz quando confiamos em Jesus Cristo. É também chamado de regeneração, mas talvez a expressão mais popular seja *nascido* (da palavra grega *gennao*, que significa "gerar" ou "criar") *de novo.* Quando somos regenerados, recebemos o novo nascimento. Todos nós nascemos neste mundo espiritualmente mortos. Quando Deus, em sua graça, regenera nosso coração ao dar-nos nova vida, nos tornamos uma nova criatura. Deus nos convence dos nossos pecados e nos possibilita crer em Cristo. Essa fé nos

une a Cristo, e nessa união recebemos os benefícios da sua obra na cruz – a justificação, o perdão dos pecados e a vida eterna.

O novo nascimento: por que precisamos dele

Por que precisamos de um novo nascimento? Porque estamos mortos em nossos delitos e pecados (Ef 2.1-2). Precisamos de uma nova vida. À parte desse novo nascimento, nada de bom habita em nós. Por natureza, somos "… filhos da ira" (Ef 2.3) e amantes do mal. Nós precisamos de Deus para nos purificar e nos restituir a uma condição santa e irrepreensível diante dele. Jesus diz que, para entrar no reino de Deus: "… importa-vos nascer de novo" (Jo 3.3, 7). Ninguém pode entrar no céu sem experimentar essa nova vida. Quando nascemos de novo, Deus nos dá vida nova – vida eterna.

Sem esse novo nascimento, perdemos tudo de bom que está relacionado ao evangelho e à graça de Deus (1Co 2.14). Sem o novo nascimento, continuamos escravos do pecado (Rm 6.17) e de Satanás (Ef 2.1-2). Nosso coração permanece endurecido em relação a Deus (Ef 4.18) e nós amamos as trevas e odiamos a luz (Jo 3.19-20). Nossa condição é corrupta e não estamos dispostos a nos submeter a Deus para agradá-lo (Rm 8.7-8) ou a aceitar Cristo como Senhor (Jo 6.44, 65; 1Co 12.3).

Precisamos do novo nascimento para nos salvar da ira de Deus (Jo 3.36). Sem esse segundo nascimento, continuamos culpados pelos nossos pecados e em desacordo com um Deus santo. Tudo o que resta é uma terrível expectativa do juízo final e da separação eterna de Deus no inferno (Mt 25.41; Ap 2.11; 20.15). Precisamos do novo nascimento para

experimentar Deus plenamente – sua alegria, sua companhia, sua paz, suas promessas e seu reino (Jo 10.10).

O novo nascimento: o que ele muda

Quando vivenciamos o novo nascimento – nem sempre ficamos imediatamente cientes da experiência – nossa vida muda para sempre. Somos novas criaturas em Cristo e, por meio da fé que se segue ao novo nascimento, Deus nos olha de um modo diferente.

Um dos versículos mais conhecidos na Bíblia é João 3.16. Nele é dito que, se crermos em Cristo, teremos a vida eterna. Porém, o que não é tão bem conhecido é *como* isso acontece exatamente. Jesus Cristo é o caminho, a verdade e *a vida* (Jo 14.6). Quando recebemos Cristo, nos é dado o privilégio de herdar essa mesma vida (Jo 6.51). Mas como é que recebemos Cristo? Recebemos Cristo ao crer nele. Essa crença, ou "fé salvadora", não é algo que fazemos pela nossa própria vontade. Deus a dá para nós. Quando confiamos em Cristo por meio do milagre do novo nascimento, nós o recebemos e experimentamos o novo nascimento (Jo 20.31).

O novo nascimento transforma o nosso coração, causando uma mudança em nossos sentimentos, nas coisas que valorizamos e no nosso propósito de vida. A Bíblia descreve esse fato como passar das trevas para a luz (1Pe 2.9). Somos levados a ter comunhão com Deus e nos é dada a capacidade de conhecer a Deus e a amá-lo (Jo 17.3).

Quando nasce de novo, você é adotado pela família de Deus e recebe o direito de se tornar um filho de Deus (Jo 1.12). Você entra no reino dele. Todas as barreiras são removidas. Você é um herdeiro legal dos benefícios de Cristo e obtém o direito de se tornar filho de Deus. A nossa reconciliação

não é só com Cristo, mas também com todos os outros crentes. Tudo tem início na reconciliação vertical com Deus por meio de Cristo, mas depois se estende horizontalmente aos outros filhos de Deus. Do mesmo modo que, quando uma mãe e um pai adotam uma criança na sua família, a criança está ligada verticalmente aos pais, mas também horizontalmente aos outros filhos da família.

Essa nova vida nos permite não mais valorizar as armadilhas do mundo, mas vencer o mundo e ser libertados do cativeiro do pecado. Nosso coração é convencido do pecado e voltado para Cristo. Na sua graça, Deus nos concede perdão e muda a maneira como ele nos vê – de inimigos a filhos amados. Deixamos de ser culpados e condenados em razão do nosso pecado para sermos justificados e considerados justos por causa de Cristo (Rm 8.1). Ao morrer a morte perfeita na cruz, Cristo experimentou a condenação de Deus, fez o sacrifício exigido pelos nossos pecados e alcançou a perfeita justiça. Herdamos os benefícios da morte de Cristo e nossa vida é mudada nesse momento e para sempre.

O que Deus faz?

Antes de concluirmos esta consideração sobre a razão pela qual o novo nascimento é importante, é preciso examinar uma pergunta crucial: Quem faz o quê no novo nascimento?

A salvação (ou seja, ser salvo do pecado, da morte e do inferno) é um dom de Deus. Assim, experimentar o novo nascimento, que é um aspecto da salvação, é também um presente de Deus. Nós somos incapazes de fazer isso por conta própria. Nós não somos salvos pelas nossas obras. Deus faz a primeira mudança. Ele se movimenta, ele executa, ele nos alcança para que isso aconteça. Assim como os bebês são incapazes de, fisicamente, causar

seu próprio nascimento, somos incapazes de causar nosso novo nascimento espiritual.

A Bíblia deixa isso claro quando Jesus ensina Nicodemos no capítulo 3 de João. Nicodemos era um preeminente mestre judeu que respeitava Jesus por ter testemunhado os seus milagres. Em uma conversa com Nicodemos, Jesus disse:

> Em verdade, em verdade te digo que se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus. Perguntou-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode porventura, voltar ao ventre materno e nascer segunda vez? Respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito (Jo 3.3-6).

Essas palavras confundiram Nicodemos. Ele não entendia a realidade do novo nascimento ou por que precisava dele. Jesus teve de explicar que a salvação vinha apenas como resultado de nascer de novo e de receber uma nova vida espiritual. Ele disse, com efeito, que Nicodemos estava morto e precisava de uma nova vida.

Jesus, então, forneceu uma segunda difícil lição a Nicodemos, dizendo: "Não te admires de eu te dizer: importa-vos nascer de novo. O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito" (Jo 3.7-8). Aqui Jesus está dizendo que o Espírito de Deus é imprevisível, incontrolável e os seres humanos são incapazes de intimá-lo. Nós não apenas precisamos passar por esse segundo nascimento para obter acesso ao reino de Deus, mas esse segundo nascimento não é algo que podemos controlar. É escolha de Deus e não podemos produzi-lo por nós mesmos.

Assim como foi difícil para Nicodemos aceitar isso, é difícil para nós também. É perturbador pensar que a salvação – a coisa mais importante no mundo para obter-se – está fora do nosso controle. É difícil aceitar que

estamos mortos nos nossos pecados e incapazes de conseguir esse novo nascimento que Jesus diz ser necessário para a salvação.

Depois que Cristo morreu na cruz, os discípulos continuaram ensinando sobre o novo nascimento e os seus efeitos. Pedro dizia: "Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo que, segundo a sua muita misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível, sem mácula, imarcescível, reservada nos céus para vós outros" (1Pe 1.3-4).

É com base na obra que Cristo fez na cruz que somos capazes de receber o seu Espírito. "Ninguém pode vir a mim se o Pai que me enviou não o trouxer" (Jo 6.44). Como seres humanos pecadores, sem a obra sobrenatural de Deus, somos incapazes de chegar a ele. Sem Deus, não buscamos justiça, não somos capazes de amar a Deus, continuamos a pecar, nós realmente não amamos o próximo. Devemos primeiro nascer de novo para depois sermos capazes de fazer essas coisas.

Na sua soberania e amor, Deus se move na nossa vida e nos chama para junto dele. Ele nos dá a vida. Ele nos torna vivos. Como resultado dessas promessas, podemos ter a certeza que somos seus filhos neste exato momento.

> … não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo sua misericórdia, ele nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo, que ele derramou sobre nós ricamente, por meio de Jesus Cristo, nosso Salvador, a fim de que, justificados por graça, nos tornemos seus herdeiros, segundo a esperança da vida eterna (Tt 3.5-7).

O que você faz?

Mas se Deus faz tudo isso, qual é o nosso papel no novo nascimento? Conquanto seja crucial que nos arrependamos, confessemos, creiamos, confiemos, demos graças e assim sucessivamente, essas reações não levam

ao novo nascimento. Deus faz que ele aconteça e nós experimentamos essa transformação.

Ele acontece do seguinte modo: quando o Espírito Santo opera a salvação por meio da Palavra na vida de uma pessoa, Deus regenera o coração (isto é, ele dá o novo nascimento), tornando-a uma nova criatura. Como nova criatura, esse cristão nascido de novo reconhece o seu pecado e se volta para Deus e seu perdão. O Senhor capacita essa pessoa a crer na Palavra. É sempre assim que acontece (Jo 6.37). Esse crer é o que Deus usa para ligar ou unir alguém a Cristo. É por essa união que experimentamos os benefícios da obra de Cristo. Somos considerados justos porque então somos habilitados a herdar a justiça de Cristo. Esta é imputada a nós ou considerada efetiva na nossa vida. Não somos apenas inocentados, mas positivamente justificados. Além disso, já que Cristo *é* vida (Jo 14.6), uma vez que estamos unidos a Cristo, herdamos vida abundante, vida eterna com ele (Jo 6.39-40).

Colocando isso em outros termos, o arrependimento e a fé fluem de modo infalível e inseparável da regeneração. O verdadeiro arrependimento acontece quando Deus capacita um coração a se afastar do pecado. Isso não significa que os crentes não irão mais lutar contra o pecado, mas sim que eles estão conscientes do seu pecado, entristecem-se por ele e se colocam arrependidos diante de Deus. A fé é mais do que reconhecimento intelectual. É um apegar-se inequivocamente a Cristo que é dado por Deus e uma total rendição à autoridade divina (Rm 3.21-31). Essa mudança da rebelião para a submissão, da descrença para a confiança inteligente, é o fruto da regeneração.

Colocando isso em termos práticos, a regeneração e a fé em Cristo devem ser vistas como acontecendo ao mesmo tempo. De uma perspectiva

humana, pode parecer que a fé precede a regeneração. Mas da perspectiva de Deus, a regeneração precede a fé. Não podemos crer a menos que tenhamos nascido de novo. O fator importante é que Deus, na sua graça, tornou possível tanto a regeneração quanto a fé, apesar dos seus pecados. Você crê porque Deus o capacitou a isso. Crer é, na verdade, uma evidência de que alguém experimentou o novo nascimento. "Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo é nascido de Deus" (1Jo 5.1).

O novo nascimento: por que ele é importante?

Infelizmente, muitos cristãos pensam na salvação apenas em termos de ir para o céu e evitar o inferno. Cristo não se torna um caminho para a vida, mas apenas uma maneira de evitar a morte, como se fosse um passe para sair livre da prisão, ou – pior ainda – um seguro contra incêndio. Isso faz que muitos cristãos entendam *do* que estão sendo salvos, mas não lhes dá um bom entendimento de *para que* foram salvos. Um perigo da evangelização que reduz o cristianismo a uma decisão entre o céu e o inferno é que ele ignora o valor do novo nascimento para a nossa vida terrena.

A salvação é mais significativa pelos seus efeitos depois que morremos, mas não devemos negligenciar seus efeitos na nossa vida terrena. Quando Jesus diz: "Você tem que nascer de novo para poder entrar no reino de Deus", ele não está apenas se referindo à vida após a morte. O reino de Deus pode, pelo menos em parte, ser experimentado agora. Ele já foi inaugurado com Cristo, mas não estará totalmente completo até a era por vir. O novo nascimento, no entanto, nos introduz imediatamente no reino como filhos de Deus.

Se a evangelização se concentrar apenas no que acontece *depois* que morremos, levará as pessoas a se perguntarem o que os cristãos devem fazer *até* que morram. A salvação é, em última análise, para nos salvar *da* ira de Deus no julgamento, mas também nos salvar *para* uma vida com Cristo hoje. Essa realidade muda nossas prioridades, nossos desejos, nossos valores e a maneira como vamos passar nosso tempo e gastar nossas energias na terra.

Um dos meus hinos favoritos é "And Can It Be that I Should Gain", da autoria de Carlos Wesley. Há um verso nesse hino que sempre me faz lembrar o poder da conversão para a nossa vida na terra:

> Long my imprisoned spirit lay,
> fast bound in sin and nature's night;
> thine eye diffused a quickening ray—
> I woke, the dungeon flamed with light;
> my chains fell off, my heart was free,
> I rose, went forth, and followed thee.[ii]

Como são verdadeiras essas palavras! Para o redimido, a vida é realmente diferente. Há liberdade, perdão, esperança e alegria.

Se você nasceu de novo, deve viver de maneira diferente. Ser quem você é. Entender como a vida agora é diferente – o que a nova vida em Cristo efetuou – e responder em obediência e amor. Procurar viver melhor não é uma tentativa de completar ou acrescentar algo à salvação, mas sim uma maneira de viver a nova vida em obediência, gratidão e amor. A vida do cristão nascido de novo mostrará Cristo ao mundo e trará glória a Deus.

A pessoa nascida de novo tem o hábito de praticar a justiça em vez do pecado, de amar os outros, de se livrar das armadilhas do mundo e colocar sua confiança e fé em Cristo. Pedro diz que as pessoas nos conhecerão pela maneira como amamos. "Amai-vos, de coração, uns aos outros

ardentemente" (1Pe 1.22-23). É assim que o mundo saberá que recebemos o Espírito – o novo nascimento. Quando você passa pelo novo nascimento, sua vida deve testemunhar o valor de Cristo e o poder que o Espírito tem para transformar uma pessoa numa nova criatura.

Assim como ouvimos o evangelho pela pregação e pela leitura da Palavra de Deus, bem como pelo estudo dela – e nós temos essa Palavra implantada na nossa alma por meio do poder do evangelho – devemos tomar essa Palavra e compartilhá-la com os outros. Deus é fiel em mostrar seu poder na mensagem do evangelho. "… fostes regenerados… mediante a palavra de Deus… Ora, esta é a palavra que vos foi evangelizada" (1Pe 1.23-25).

O evangelho é o que Deus usa para nos dar nova vida. O evangelho é a boa-nova de que Deus enviou o seu Filho Jesus Cristo para morrer na cruz pelos nossos pecados e pagar a pena que nós merecíamos. Não somos mais considerados culpados pelos nossos pecados. Agora estamos em condições de buscar a Cristo e uma vida justa. Agora Deus nos considera seus filhos e nós entramos no reino de Deus – tanto agora como no tempo por vir. As realidades do evangelho são o que nos permite experimentar o novo nascimento. Nosso papel como cristãos nascidos de novo é compartilhar essas realidades com os outros – contar para eles sobre elas e apresentar um modelo delas pela nossa maneira de viver.

Para estudo adicional

Boyce, James Montgomery. *Creio, sim. Mas e daí?* São Paulo: Cultura Cristã.

_____. *Discipulado segundo Jesus*. São Paulo: Cultura Cristã.

Bridges, Jerry. *Graça que transforma*. São Paulo: Cultura Cristã.

MacArthur, John. *Crer é difícil*. São Paulo: Cultura Cristã.

---

[i] O autor se refere obviamente aos Estados Unidos (NE).

[ii] O título é uma parte da frase inicial que diz, em tradução livre, “Como pode! Eu, levar vantagem (lucrar, sair ganhando com) no sangue do Salvador?”. A estrofe citada, traduzida por Claudete Agua, diz: “Por muito tempo meu espírito esteve preso,/ fortemente preso ao pecado e à escuridão; / teu olhar derramou um raio vivificador – / eu despertei, o calabouço flamejando de luz; / minhas correntes caíram, meu coração estava livre, / eu me levantei, saí e te segui” (NE).

Capítulo 7

JUSTIFICAÇÃO:

Por que o Senhor nossa justiça é uma notícia melhor do que o Senhor nosso exemplo

JAY HARVEY

John havia estragado tudo. Ele entrou no meu escritório mais deprimido do que nunca, mal podendo olhar nos meus olhos. Antes um cristão de comportamento notável, depois de seis semanas na faculdade ele cedeu à pressão e à tentação e se envolveu com bebida e sexo. Estava agonizando quanto ao seu pecado. Lamentava as decisões que havia tomado e ansiava para voltar à situação que tinha antes. Sentou-se à minha frente, sentindo-se condenado e profundamente envergonhado.

Que esperança há para John e milhões como ele? Todos nós experimentamos a condenação e a vergonha que acompanham a consciência do nosso pecado. Esqueça o John, há esperança para nós? Muita, de todos os modos. A boa-nova do evangelho é que podemos experimentar justificação em vez de condenação. Deus nos oferece a justiça de Cristo em

lugar da nossa injustiça. Pela fé em Cristo, podemos ser santos aos olhos de Deus. Essa é a doutrina da justificação e não há cristianismo sem ela.

Milhares e milhares de páginas foram escritas sobre a justificação, tanto nos últimos anos como em qualquer época desde a Reforma. Portanto, o desafio num capítulo como este é apresentar essa doutrina essencial de uma maneira que seja sólida, acessível e breve. Gostaria de considerar uma abordagem dupla. Primeiro, quero falar positivamente sobre a justificação, explicando a doutrina com quatro afirmações "justificação é…". A maior parte do capítulo irá discorrer sobre essas quatro afirmações. E, então, no final, quero abordar a doutrina de modo negativo e destacar brevemente duas maneiras diferentes e problemáticas de entender a justificação.

Primeiro, porém, o que é justificação?

Afirmação nº 1: a justificação é pessoal

Na justificação, Deus nos declara justos porque temos um relacionamento pessoal com Jesus. Para colocar de maneira mais teológica, somos unidos a Cristo pela fé. Ele nos conhece, nos ama e compartilha conosco tudo de que precisamos para uma vida abundante (Jo 10.10), inclusive sua própria vida. Cristo é a nossa "… sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção" (1Co 1.30). A nossa justiça é uma "justiça alheia"; está fora de nós. Pertence a Outro e é nossa apenas porque pertencemos, pessoalmente, ao Outro.

A justificação transforma a maneira como nos relacionamos com Deus. Não somos mais inimigos de Deus, mas amigos (Rm 5.10). Jesus "… foi entregue por causa das nossas transgressões, e ressuscitou por causa da nossa justificação" (Rm 4.25). Tendo Cristo feito o pagamento pelo nosso

pecado, Deus nos vê como perfeitos. Por termos recebido Cristo pela fé, temos agora "… o poder de ser[mos] feitos filhos de Deus" (Jo 1.12). Nosso Pai nos céus nos vê como filhos totalmente justos. Consequentemente, não temos mais de temer a rejeição do nosso Pai. Na verdade, Deus, o Pai, quer que cresçamos na confiança e na aceitação do seu amor. "O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus" (Rm 8.16).

Sem justificação e confiança no dom gratuito de Deus, não podemos crescer na certeza de que Deus nos ama e não podemos ter um verdadeiro relacionamento pessoal com Deus. A justificação é pessoal, pois vem mediante um relacionamento pessoal com Jesus e isso nos permite ter um relacionamento pessoal com o nosso Pai celestial.

Afirmação nº 2: a justificação é um ato

Justificação é uma palavra usada no tribunal em referência à sentença de um juiz. Se uma pessoa é inocente, o juiz a declara justificada. Esse veredito não é um processo, mas um ato. Provérbios 17.15 é um bom exemplo: "O que justifica o perverso e o que condena o justo abomináveis são para o Senhor, tanto um como o outro".

Se a justificação fosse um processo, então tornar justos os ímpios seria uma coisa boa. Seria algo em que poderíamos nos envolver ou ajudar os outros a alcançar. Mas a justificação não é um processo, é um veredito, uma sentença. Em Lucas 7.29 lemos que as pessoas "… reconheceram a justiça de Deus" e em Lucas 7.35 lemos que sabedoria (o caminho de Deus) é "justificada por todos os seus filhos". Nem Deus nem os caminhos de Deus podem ser mais justos do que já são. "Justificado" não é algo que nós realizamos, mas algo que é dito sobre nós. É por isso que é uma total

injustiça um juiz justificar – no sentido de declarar inocente – o ímpio (Pv 17.15; Dt 25.1-2).

Repetidamente a Bíblia enfatiza os aspectos legais da justificação. Deus não *nos torna justos* nesse momento; Deus *nos declara justos* nesse momento, assim como um juiz dá a sentença ao réu no tribunal. Por meio do ministério do Espírito Santo, Deus nos tornará progressivamente mais justos na nossa maneira de viver. Esse processo é chamado de santificação. Mas nós não crescemos em santificação *para sermos* justificados. Crescemos em santificação *porque somos* justificados. O ato declaratório da justificação é o solo misericordioso do qual crescerá uma vida abundante da graça.

O processo de santificação seria uma labuta penosa condenatória se a justificação fosse um processo. Em vez de uma busca alegre da santidade visando as misericórdias de Deus (Rm 12.1-2), temeríamos constantemente o fracasso e o julgamento. Pela graça que nos foi dada na justificação, podemos alegremente buscar a santidade sem medo do fracasso ou da rejeição de Deus. A garantia de que somos perfeitamente justos, aceitos e amados pelo nosso Pai do céu é um dos nossos maiores incentivos no processo de santificação. Somos livres para amar a Deus com todo o nosso coração, pois sabemos que o seu amor por nós é totalmente seguro. Podemos viver como filhos e não como escravos.

Afirmação nº 3: a justificação é por imputação

Se for uma abominação um juiz declarar justa uma pessoa perversa, então como Deus vai arranjar uma solução para isso? É por um passe de mágica ou por ficção legal que o nosso justo Deus justifica o injusto? Seria

como se Deus tivesse se esquecido do nosso pecado ou deixado de julgá-lo. Porém, Deus não se esqueceu do nosso pecado nem deixou de julgá-lo. Em vez disso, uma grande troca aconteceu: o nosso pecado é transferido para Cristo e a sua justiça é transferida para nós. "Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus" (2Co 5.21). Deus realmente puniu o pecado. Ele não "nos desculpou" com uma varinha mágica. Ele considerou Cristo como pecado e o julgou de modo apropriado. Então, olhou para nós como olhou para Cristo e nos considerou justos.

Os teólogos usam o termo *imputação* para descrever essa importante troca. Nela há dois aspectos. Primeiro, Deus Pai coloca nossa culpa sobre Cristo e o pune por ela. Jesus é crucificado por nós, suportando a ira de Deus que merecíamos. É importante observar que a morte de Jesus na cruz foi diferente das mortes dos dois criminosos de ambos os lados dele. Jesus suportou a ira de Deus pelos nossos pecados e isso significa que a sua morte foi ainda mais angustiante do que a tortura e a dor física da crucificação. Jesus suportou o inferno. Essa dimensão espiritual da morte de Jesus é diferente da morte de qualquer ser humano. O termo bíblico usado para descrever a morte de Jesus é a *propiciação*.[i] Na cruz, o Pai aceitou o sacrifício do Filho, tornando-o (o Pai) a nosso favor ou por nós. Assim, Paulo escreve: "A quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé" (Rm 3.25). Do mesmo modo, em Gálatas 3.13 é dito: "Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar". Ou como João diz: "Nisto consiste o amor, não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou seu Filho como propiciação pelos nossos pecados" (1Jo 4.10). Na cruz de Cristo,

vemos simultaneamente o horror do nosso pecado e o amor de Deus que deu a vida do seu Filho em substituição pela nossa vida.

Assim, o primeiro aspecto da imputação é: *Deus atribui o nosso pecado a Cristo*. O segundo aspecto é o inverso, *Deus atribui a justiça de Cristo a nós*. Quando Deus, o Pai, nos declara justos, ele não só declara que não merecemos ser punidos pelos nossos pecados, mas também declara que fizemos tudo o que deveríamos ter feito. Essa é uma bênção estranha e maravilhosa. Obviamente, não fizemos tudo o que deveríamos ter feito. Somos pecadores. Mas Deus, o Pai, credita a vida justa e a obediência de Cristo a nós.

Quando Adão desobedeceu a Deus no jardim do Éden, ele ficou sujeito à pena de morte. O apóstolo Paulo traça um contraste entre Adão e Cristo, enfatizando a desobediência de Adão e a obediência de Cristo. "Porque, como, pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores, assim também por meio da obediência de um só, muitos se tornarão justos" (Rm 5.19). A palavra grega traduzida como "tornarão" em Romanos 5.19 não significa que ao longo do tempo muitos, gradualmente, se tornarão justos. A palavra significa "designado" para uma posição. É usada por Paulo nesse sentido em Tito 1.5, em respeito à nomeação de presbíteros na igreja. Paulo está dizendo que, por causa da obediência de Cristo, aqueles que estão em Cristo pela fé estão colocados agora numa nova posição: somos justos por causa da sua obediência.

Lucas diz o mesmo, pelo modo que ele estrutura a genealogia de Jesus entre o seu batismo e a tentação que enfrentou. Quando Jesus foi batizado, Deus, o Pai, disse: "Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo" (Lc 3.22). Jesus se submete ao batismo de João para demonstrar que ele está no lugar da pecaminosa Israel, para cumprir a missão que Deus planejou para

Israel. O Pai, ao declarar que ama o seu único Filho, também afirma que ele ama seu filho Israel na medida em que Israel pertence a Cristo.

Do mesmo modo, Lucas faz um contraste deliberado entre Jesus e Adão. Jesus, como filho de Adão (Lc 3.38), enfrentará o mesmo julgamento que Adão enfrentou no jardim. Assim, o Espírito leva Jesus ao deserto para ser tentado pelo diabo. No entanto, enquanto o primeiro Adão pecou e falhou no teste, levando a raça humana à morte e à condenação, Jesus, o segundo Adão, permanece firme contra o tentador, conquistando para o seu povo vida e justiça. Jesus foi bem-sucedido no que Adão fracassou. Ele demonstra perfeita obediência ao longo de sua vida inteira e essa obediência é considerada como sendo nossa quando estamos unidos a ele pela fé. Louvado seja o Senhor por não dependermos da nossa própria justiça, mas podermos confiar na justiça "de Deus" que depende da fé (Fp 3.9).

A importância da imputação é grande demais para ser exagerada. É a nossa confiança, a nossa esperança e a nossa alegria. Como o grande pregador britânico Dr. Martyn Lloyd-Jones disse: "O meu pecado é retirado da minha conta, e colocado na conta dele; e, então, sua bondade, sua justiça e sua pureza são transferidas para minha conta, sob o meu nome!… Deus me vê nele coberto com a justiça dele".[1]

Ser revestidos com a retidão de Cristo não é apenas o cerne da justificação; é o cerne da fé cristã. Adão recebe roupas de pele no lugar das folhas de figueira que ele mesmo havia costurado e que se provaram ser inadequadas para cobrir sua nudez e vergonha (Gn 3.7, 21). Josué, o sumo sacerdote, recebe vestes puras no lugar de vestes sujas para indicar que o Senhor limpou o seu pecado e Satanás não pode mais acusá-lo (Zc 3.2-5). O filho pródigo, sujo, recebe a melhor roupa da casa, a roupa do seu pai, para trocar pelas vestes que ele havia tornado imundas enquanto se deliciava no

seu pecado (Lc 15.22). Os cristãos no céu estão vestidos com vestes brancas, porque "… lavaram suas vestiduras e as alvejaram no sangue do Cordeiro" (Ap 7.14). Chega de roupas sujas, apenas roupas limpas – essa é a boa-nova da justificação pela imputação. Vestidos com a retidão de Cristo, encontramos alívio do peso da culpa e da vergonha. Embora ainda em pecado, somos, no entanto, considerados justos, perfeitamente amados e aceitos pelo nosso Pai do céu.

Afirmação nº 4: a justificação é pela fé somente

Por sermos justificados apenas por causa da retidão de Cristo, nosso papel na justificação não é obedecer, mas ter fé em Cristo. Nossa obediência não pode nos justificar: "… sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da lei, e sim mediante a fé em Cristo Jesus" (Gl 2.16a). Paulo diz que o propósito de crer em Cristo é "… para que fôssemos justificados pela fé em Cristo e não por obras da lei" (Gl 2.16b). Mesmo que "obras da lei" refira-se especificamente aos símbolos judaicos como a circuncisão e os alimentos *kosher*, a referência ainda é às coisas que fazemos. E se somos salvos pela obediência, Paulo argumenta em seguida, então Cristo morreu em vão (Gl 2.21). Quando procuramos justificar a nós mesmos pelo esforço humano de qualquer tipo, subestimamos a suficiência da obra expiatória de Cristo. Somente a justificação pela fé preserva a honra e a glória do que Jesus fez na cruz.

Para a nossa justiça, a fé em Cristo exige uma mudança radical na maneira que vemos a nós mesmos. O apóstolo Paulo disse que passou a ver não apenas seus pecados, mas também suas melhores realizações, como "… refugo, para ganhar a Cristo" (Fp 3.8). A palavra *refugo* é a tradução de

uma palavra grega que designava excrementos de animais, lixo ou qualquer coisa inútil. Paulo sabe que, por ser um pecador, até mesmo suas atitudes justas são sem valor diante de Deus. O profeta Isaías diz o mesmo: "… todas as nossas justiças, [são] como trapo da imundícia" (64.6). Esse trapo da imundícia era um pano menstrual que só servia para ser jogado fora após o uso. Essa linguagem forte a respeito da nossa justiça diante de Deus tem a intenção de combater uma das nossas mais fortes tendências pecaminosas: o orgulho.

Constantemente estamos tentando nos justificar diante de Deus, sermos bons o suficiente sem Cristo. Mas Deus não quer que confiemos na nossa bondade. Ele não quer que compensemos os nossos pecados do passado pela nossa obediência presente. Ele não quer que pensemos que somos bons o suficiente para ir para o céu ao nos compararmos com os hitlers e stalins do mundo. Comparações são inúteis quando se trata de estabelecer a justiça diante de Deus. Deus crucificou o seu único e unigênito Filho para a nossa justificação e ele quer que confiemos somente nele. Quando se trata de ser justificado, acrescentar qualquer coisa à fé será como areia movediça. O único fundamento para permanecermos justos diante de Deus é nos apegar a Cristo pela fé.

Duas maneiras erradas de ver a justificação

A doutrina da justificação afeta todos os aspectos da vida cristã. Porém, antes de concluir este capítulo com uma análise da razão pela qual a doutrina é importante, precisamos examinar brevemente duas maneiras diferentes e problemáticas de compreender a justificação.

A Igreja Católica Romana entende a justificação como um processo. Ela acredita que por meio da nossa fé em Cristo e da participação nos sacramentos da igreja, Deus fornece a graça para que possamos viver uma vida obediente. Quando morrermos, Deus irá nos declarar justos, em parte pelo que fizemos para obedecer a ele. A resposta à pergunta "O que devo fazer para ser salvo?" na teologia católica é: "Arrependa-se, creia e viva fazendo caridade".[2] Visto que quase todos os que morrem não são completamente justos, a maioria das pessoas vai passar algum tempo no purgatório para se purificar dos seus pecados restantes.

Além de toda a noção do purgatório em si, o entendimento católico da justificação não se encaixa na evidência bíblica. Em nenhum texto na Bíblia encontramos que o batismo elimina o pecado original. E também, do mesmo modo crucial, é difícil ver como a ideia católica da "caridade", mesmo com atos fortalecidos pela graça, não repete o mesmo erro que os gálatas cometeram com respeito às obras da lei. A Bíblia simplesmente não permitirá que a obediência – seja por obras de amor ou pelo cumprimento da lei – sirva como base para a nossa justificação.

Certamente os católicos romanos, aqueles que conhecem sua teologia oficial, se apressam em afirmar que é somente pela graça que um cristão pode praticar os atos de justiça para ser justificado. No entanto, no final, para eles, é a retidão pessoal inerente do crente e não a retidão de Cristo, que é a base para a justificação. Para os católicos, a justificação não é apenas uma proclamação legal, mas uma mudança real efetuada em nós. Uma vez mudado o nosso estado moral, então temos um novo começo com Deus e embarcamos numa jornada que requer penitência e confissão ao longo do caminho. No final, a visão católica deixa o crente sem a garantia

da aceitação definitiva por Deus. Algo mais é exigido de nós para a salvação que não somente a fé.

Um desafio mais recente à histórica doutrina da justificação é a chamada "Nova Perspectiva sobre Paulo". O que é "novo" nessa perspectiva é a tese de que o ensino de Paulo sobre a justificação em Gálatas, Romanos e Filipenses não tinha a intenção de desafiar o legalismo (a visão de que a salvação é pela fé em Cristo mais as obras de obediência). Em vez disso, a principal preocupação de Paulo era a atitude dos cristãos judeus em relação aos gentios. Pelo fato de os judeus se sentirem superiores como o povo escolhido de Deus, eles esperavam que os gentios convertidos observassem as principais leis cerimoniais judaicas como a circuncisão, o sábado e as restrições alimentares. "Obras da lei", de acordo com a Nova Perspectiva, não quer dizer obediência à lei de uma maneira geral, mas refere-se estritamente a essas divisas marcadoras judaicas. Portanto, quando Paulo diz que somos justificados pela fé e não pelas obras da lei, ele está dizendo que cristãos judeus não devem forçar os gentios a se tornarem judeus em sua maneira de viver pela obediência a essas leis.

A Nova Perspectiva quer se assegurar de que não interpretemos as lutas de Lutero com a Igreja Católica em termos do Novo Testamento. É um bom alerta. Os judeus do século 1º não consideravam a si mesmos como legalistas que elevavam suas almas ao céu pelo seu próprio esforço moral. Mas não há razão para pensarmos que "obras da lei" não tinham um componente legalista. Como já argumentei, não importa que tipo de leis eram, ainda eram obras das quais os judeus dependiam e nas quais insistiam para a sua boa posição diante de Deus. O próprio Jesus viu as tendências legalistas do judaísmo quando "… propôs também esta parábola a alguns que confiavam em si mesmos por se considerarem justos, e desprezavam os

outros" (Lc 18.9). Nessa parábola, um fariseu agradece a Deus porque ele não é como os outros pecadores. O publicano (cobrador de impostos; geralmente considerado como "pecador" nos dias de Jesus) simplesmente pede para que Deus tenha misericórdia dele como um pecador. Jesus diz que o publicano "… desceu justificado para sua casa, e não aquele" (v. 14). Jesus está dizendo o mesmo que Paulo disse: não confiar na sua própria justiça, mesmo se você pensar que seus atos justos são devidos a Deus (v. 11).

Tanto no século 1º quanto no século 21, é da natureza humana lutar com o legalismo e a autoconfiança. Em nosso orgulho, queremos afirmar a nossa própria retidão diante de Deus, em vez de confiar completamente na retidão de Cristo. Essa tendência é universal, não é limitada aos judeus ou gentios, antigos ou modernos, jovens ou velhos. O legalismo foi um problema judaico no século 1º, tivessem eles ou não conhecimento disso. E é o nosso problema hoje também.

Conclusão: por que a justificação é importante

A justificação é importante porque não há nada mais essencial na vida ou na morte do que o que Deus pensa de nós. Em última análise, existem duas opções: Deus olha para nós ou como justificados ou como condenados. Do mesmo modo, nós olhamos para Deus como o nosso Pai amoroso ou um juiz temível.

A boa-nova é que Deus nos oferece a justificação pela fé em Jesus Cristo somente. Para os justificados em Cristo, não há condenação. "Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus" (Rm 8.1). Sem dúvida, muitos de nós ainda lutamos com sentimentos de

condenação, somos assombrados pelos pecados do passado e oprimidos pela vergonha presente. Alguns cristãos estão incapacitados pela culpa. Mas aprender a "perdoar a nós mesmos" ou fazer resoluções ou pagar pelos nossos pecados com o nosso próprio sofrimento não funciona. Não podemos enterrar os pecados do passado sob supostas conquistas e realizações. A mancha permanece. Somente a justificação pela fé pode dar à nossa consciência o descanso e nos libertar para viver a vida que os cristãos devem viver.

Se você é cristão, mas acredita que Deus nunca vai usá-lo ou nunca o perdoará porque você perdeu sua virgindade fora do casamento, fez um aborto, experimentou o homossexualismo, esteve envolvido com drogas ou fez qualquer coisa que hoje está no topo da lista de pecados, você precisa personalizar o salmo 32. "Bem-aventurado é _____, cuja transgressão é perdoada." Coloque o seu nome em Romanos 8 e no salmo 51. Em Cristo, Deus é completa e permanentemente por você, não contra você.

Padrões de condenação recorrentes persistirão em toda pessoa que não tenha uma compreensão robusta da doutrina da justificação. Como pastor, vi isso muitas vezes, especialmente em pessoas envolvidas em pecados sexuais e com o ocultismo. Esses pecados vêm carregados de imagens, emoções e memórias que são poderosas. Na nossa cultura progressivamente não cristã, mais pessoas nas nossas igrejas irão a Cristo com lutas profundas do seu passado ou presente. Os jovens estão mais propensos a se envolver em pecados sexuais de todos os tipos, em idades mais precoces do que antes. A pornografia ameaça dominar toda uma geração de homens jovens. Naturalmente, esses pecados devem ser combatidos. Mas não podem ser combatidos até que saibamos que estão perdoados. Satanás é o grande acusador, sempre apontando um dedo cruel para as nossas transgressões.

Porém, Deus expôs essas forças espirituais "… ao desprezo, triunfando deles na cruz" (Cl 2.15). A dívida foi paga. A lei foi cumprida. Nossa justificação é real. O modelo para a igreja permanece inalterado. Deus quer que sejamos transformados pelo Espírito, cheios de esperança, deleitando-nos em Cristo, amados pela sociedade e livres de vergonha. E tudo isso é possível porque somos justificados pela fé somente.

Para estudo adicional

Hoekema, Anthony. *Salvos pela graça*, 3ª. edição. São Paulo: Cultura Cristã.

MacArthur, John; Sproul, RC; Beeke, Joel; Gerstner, John; Armstrong, John. *Justificação pela fé somente*. São Paulo: Cultura Cristã.

Murray, John. *Redenção consumada e aplicada*. São Paulo: Cultura Cristã.

Ridderbos, Herman. *A teologia do apóstolo Paulo*. São Paulo: Cultura Cristã.

Schaeffer, Francis A. *A obra consumada de Cristo*. São Paulo: Cultura Cristã.

Sproul, RC. *Verdades essenciais da fé cristã*, 5ª. edição. São Paulo: Cultura Cristã.

Turretini, François. *Compêndio de teologia apologética*. São Paulo: Cultura Cristã.

Watson, Thomas. *A fé cristã*. São Paulo: Cultura Cristã.

[i] Nas religiões pagãs o homem tem de tornar seu deus favorável a ele. A Escritura nos ensina que Deus mesmo tomou sobre si a responsabilidade de tornar-se favorável a nós (*propício a nós*) por meio do sacrifício de seu Filho na cruz (NE).

Capítulo 8

SANTIFICAÇÃO:

Estar genuinamente aniquilado não é o suficiente

OWEN STRACHAN

O que significa ser santificado? Refere-se a

1. Ser quebrantado?
2. Não dançar?
3. Ser relevante?
4. Não fumar (e não sair com quem fuma)?
5. Levar uma vida reta?

Posso acertar essa facilmente. Minha resposta é, obviamente, a 5: levar uma vida reta. Afinal de contas, isso é que é santificação. É viver de uma maneira correta que agrade o Senhor.

Mesmo que isso pareça bastante simples, nós, cristãos, podemos facilmente ficar confusos sobre o que é a santificação. Em vez de enfatizar o relacionamento com o Senhor e a sua Palavra, enfatizamos apenas certos comportamentos externos e estados de mente, selecionamos métodos e

práticas. Para as gerações passadas de cristãos, era de suma importância ter uma aparência santa e comportada, evitar certas práticas (como dançar, fumar e até mesmo jogar cartas) e assumir certos comportamentos (frequentar a igreja rigorosamente, ler a Bíblia e orar). Conquanto haja sabedoria nessa maneira de pensar, ela facilmente cai no legalismo: seguir sem alegria os códigos e práticas que alguém incorretamente pensa que levam a um bom relacionamento com Deus.

Você já deve ter percebido uma mentalidade um pouco diferente em muitos cristãos nos dias de hoje. Enquanto a tendência dos nossos pais e avós pode tê-los levado a se concentrar mais em evitar a cultura, hoje muitos cristãos estão indo na direção oposta, na direção de um vago antinomianismo, um tipo de espírito antilei. Seguindo a atmosfera pós-moderna da sociedade, eles acabam com o fingimento e a formalidade e valorizam coisas como "autenticidade" e "quebrantamento". Embora esses conceitos se relacionem com certos aspectos da doutrina cristã, são apenas partes da santificação bíblica.

Não precisamos cair no legalismo de um lado, nem, de outro, no antinomianismo. A Bíblia nos fornece um retrato vibrante e emocionante da santificação que vamos explorar neste capítulo. Em primeiro lugar, vamos tratar do cerne das realidades teológicas da santificação bíblica. Em segundo lugar, analisaremos brevemente várias passagens bíblicas a respeito do tema. Concluiremos com alguns comentários sobre questões fundamentais para manter-se em mente a santificação.

O que é a santificação? Uma visão teológica

Santificação pode soar como um conceito assustador, mas na realidade não é. Veja como o teólogo Wayne Grudem a define: "A santificação é uma obra progressiva de Deus e do homem que nos torna cada vez mais livres do pecado e semelhantes a Cristo na nossa vida real".[1] Vemos aqui que a santificação é "progressiva", o que significa que ela vai acontecendo ao longo do curso da vida da pessoa. É concluída somente quando o crente vai para o céu. Além disso, Deus e o homem participam juntos na obra da santificação. De modo diferente da justificação, que só é alcançada pela iniciativa e pelo poder de Deus, a santificação envolve um esforço da nossa parte. Não podemos experimentar um crescimento em conformidade com a vontade de Deus sem o nosso esforço e investimento, embora todo o esforço que façamos seja, em última análise e misericordiosamente, de Deus (Fp 2.12-13). Como John Murray disse: "*pelo fato de* Deus operar, nós operamos".[2]

A santificação é fundamentalmente uma batalha contra o pecado. É uma luta pela santidade. O bispo anglicano do século 19, J. C. Ryle, explica:

> Santificação é a obra espiritual interior que o Senhor Jesus Cristo efetua num homem pelo Espírito Santo, quando ele o chama para ser um verdadeiro crente. Ele não só o purifica dos seus pecados com o seu próprio sangue, mas também o *separa* do seu amor natural pelo pecado e pelo mundo, coloca um novo princípio no coração dele, e o torna piedoso na prática da vida. O instrumento pelo qual o Espírito efetua essa obra geralmente é a Palavra de Deus… O objeto dessa obra de Cristo pelo seu Espírito é chamado nas Escrituras de um homem "santificado".[3]

Fundamentalmente, ser santificado é se tornar santo. É um conflito. Deus e seus filhos se unem para lutar contra Satanás e o pecado. Pela fé, o crente é "lavado" do pecado na obra da justificação. Na santificação, o Senhor "separa" o crente do "amor natural pelo pecado". A luta contra a nossa injustiça inerente não é uma mudança brusca e radical que acontece

de uma só vez, mas uma guerra que dura a vida inteira. Satanás tentará repetidamente nos desencorajar quando tropeçamos, mas devemos perseverar na nossa guerra contra ele, diariamente tomando a nossa cruz enquanto caminhamos para o que nos espera (Lc 9.23).

Nesse sentido, reconhecemos que estamos muito enfraquecidos pelo pecado, incapazes de ajudar a nós mesmos sem a graça interveniente de Deus. Devemos experimentar a humilhação da confissão antes de poder saborear a bondade da graça. Isso significa reconhecer nossa impiedade e nossa dependência absolutas do Senhor. Todos os nossos esforços para nos tornarmos puros e santos diante do Senhor falham sem a sua ajuda. Ainda que, como cristãos, saibamos disso, repetidamente esquecemo-nos e devemos continuamente buscar um arrependido quebrantamento diante do Senhor para sermos restaurados.

Devemos lembrar, também, que essa não é uma luta justa. Embora as tentações de Satanás sejam fortes e, ainda que a nossa carne seja fraca, Deus já venceu esses inimigos por meio da morte do seu Filho. Na crucificação e ressurreição de Jesus Cristo, o pecado foi derrotado e Satanás foi destruído. Todos os que passaram pelo novo nascimento ao crerem em Jesus Cristo e se arrependeram dos seus pecados são unidos a Cristo por intermédio do Espírito Santo.

A santificação tem início com as verdades do evangelho. Ela não acontece sem o evangelho. É como um computador numa sala. Sem energia, o computador não pode fazer nada. Mas, uma vez que o computador esteja conectado, pode fazer maravilhas. O mesmo é verdadeiro conosco. Sem o poder do Espírito Santo, recebido pela fé na pessoa e obra de Jesus Cristo, não podemos fazer nada para agradar a Deus e apenas sentiremos a sua justa ira e juízo eterno. Mas, quando cremos no evangelho

e o Espírito Santo habita em nós, somos livres para sentir a explosiva corrente de santidade que flui da Trindade para a alma do cristão. A santificação não é algo brando e moderado, não é um mero arranjo espiritual. É um processo elétrico, uma experiência emocionante do poder de Deus dentro de nós. Ela cria uma fome e sede pelas coisas de Deus que são saciadas somente nele. À medida que cremos diariamente no evangelho e o aplicamos na nossa vida, provamos a essência da santificação bíblica.

Para resumir: a santificação é progressiva; ela envolve a nossa parceria com Deus; está enraizada no evangelho, é praticada pela fé. Santificação é a experiência do poder de Deus no coração do cristão. Toda essa obra tem a finalidade de glorificarmos a Deus. A santificação é doxológica, motivada por um propósito abrangente, transcendente, acima de todos os outros: a glorificação de Deus, cuja perfeita santidade não exige nada mais. A santificação é *de* Deus e santificação é *para* Deus.

O que é santificação? Uma visão bíblica

Tendo estabelecido uma base teológica para entender a santificação, consideraremos mais atentamente o próprio texto bíblico. A santificação é uma realidade com muitos lados e a Bíblia a considera a partir de muitos ângulos. Cada um desses ângulos informa a nossa concepção de santidade.

Quando Jesus Cristo veio como o cumprimento do Antigo Testamento, seus ensinamentos e profecias (Lc 24.44-45), ele veio como o Messias, aquele cujo sacrifício pessoal purificaria as pessoas da culpa e as tornaria puras aos olhos do Senhor (ver Is 53). Jesus inaugurou uma nova era em que todas as pessoas que confiassem nele se tornariam santas ao segui-lo pela fé, não pela lei que apontava para ele. Jesus repetiu o chamado à

santidade, mas ele executou uma nova obra: deu o Espírito Santo às pessoas que creram nele como o Messias. O Espírito deu poder aos seguidores de Cristo para abandonarem suas práticas pecaminosas e adotarem um novo modo de vida, uma vida de santidade e conformidade com Cristo (cf. Rm 8.1-4).

Em outro ponto, Paulo apresenta a santificação como uma verdadeira operação de guerra contra "as ciladas do diabo" que exige colocar "… toda a armadura de Deus" (Ef 6.11, 13). Nosso traje de batalha inclui "cinto da verdade", "a couraça da justiça", "sapatos" do "evangelho da paz", "o escudo da fé", "capacete da salvação" e "… a espada do Espírito" (Ef 6.14-17). O combustível para todos os nossos conflitos contra Satanás é a oração: nós devemos orar "em todo tempo no Espírito" para a promoção e sucesso do evangelho (Ef 6.18). Precisamos orar, como é ensinado também em 1Tessalonicenses 5.17, "sem cessar".

Em Colossenses 3.1-17 é fornecida uma memorável imagem da busca pela santidade. Paulo diz que devemos "pensar nas coisas lá do alto", não nas coisas terrenas, as quais devemos fazer "morrer" (Cl 3.1-2, 5). Essa é uma imagem visceral. A santificação não é uma questão antisséptica. É crua, dura, e não é para os fracos de coração. Para agradar o Senhor, nós simplesmente não largamos tudo e deixamos Deus agir. Não, nós estendemos a mão e matamos o pecado que ameaça nos matar. Essa responsabilidade sagrada não é oferecida a nós como opção. A Escritura, afinal, não *sugere* que mudemos nossa vida pelo poder do Espírito para a glória de Deus. Os autores da Escritura – e o seu Autor – nos *ordenam* a fazer isso. Isso está de acordo com o caráter geral da Bíblia. Inspirada por Deus (2Tm 3.16), ela não se submete humildemente à humanidade para ser examinada. Ela nos confronta, para emprestar uma descrição do Senhor no

Antigo Testamento, como "… fogo que consome" (Dt 4.24), uma realidade transcendente que nos engole inteiros.

Em 1Timóteo, Paulo exorta seu jovem discípulo Timóteo a "fugir" das tentações terrenas e diz: "Toma posse da vida eterna, para a qual também foste chamado" (1Tm 6.11-12). O mentor procura chamá-lo à responsabilidade, exclamando: "Exorto-te perante Deus… que guardes o mandato imaculado, irrepreensível, até à manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo" (1Tm 6.13-14). Esse chamado é sério. A santidade não é imediata, como a experiência na estrada de Damasco. É Israel caminhando durante quarenta anos no deserto. São os apóstolos seguindo a liderança do Espírito de Deus até o martírio na cruz. São cristãos de hoje em Dubai, na China e no Sudão lutando pela sobrevivência dia após dia. Santificação é basicamente agarrar-se firmemente ao manto de Cristo, numa luta para que o Senhor nos abençoe, passando pelo vale da sombra da morte em busca da cidade que ainda não podemos ver.

Como lutar hoje pela santificação pessoal

Nesta última seção principal, ofereço alguns conselhos para os leitores que querem viver para o Senhor num mundo moderno profano. Aqui estão três exortações para manter em mente enquanto desenvolve sua compreensão da doutrina da santidade pessoal.

Esteja consciente de alguns dos grandes pecados desta geração e os combata especificamente

Seguindo o primeiro ponto, é importante que lutemos contra o pecado não simplesmente de um modo geral. Na nossa caminhada com o Senhor, enfrentamos um inimigo definido e não abstrato. Não estamos simplesmente matando o pecado; estamos matando o pecado na sua manifestação pessoal específica para nós.

Vamos ver isso de maneira concreta. Aqui estão algumas áreas mais problemáticas para muitos de nós nos dias de hoje. Tenha em mente que estes são apenas uma fração dos problemas que poderíamos abordar.

O amor-próprio. Na Bíblia, ser santo diante do Senhor significa, fundamentalmente, que o pecador reconhece diante do Senhor que ele não é nada e o Senhor é tudo. Considere as palavras de Isaías quando ele percebe quanto ele e seu povo são ímpios à vista do Senhor: "Então, disse eu: ai de mim! Estou perdido! Porque sou um homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios; e os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos" (Is 6.5). Essa é uma declaração poderosa da magnificência de Deus e da nossa insignificância. Como aqueles que reconheceram que Deus é grande e nós não, e que ficaram "arrasados" por ter percebido isso, somos chamados a exaltar o Senhor e não a nós mesmos.

No entanto, exaltar a nós mesmos é exatamente o que nossa cultura atual nos incentiva a fazer. Por exemplo, embora tenha muitos usos e características positivos (de que eu mesmo gosto), a internet parece nos incentivar a assumir o papel de celebridade autodesignada. Muitos de nós gastamos um bom tempo nos vários meios de comunicação social chamando a atenção para nós mesmos. "Tuitamos" a nossa última ideia brilhante, relatamos no *blog* nossos acontecimentos diários, colocamos no Facebook a nossa foto engraçada mais recente e a dos nossos amigos. Esse

tipo de comportamento prolifera no mundo real também. Poucos de nós ouvimos bem; muitos de nós falamos muito e muitas vezes sobre nossa própria vida; a maioria de nós se preocupa muito mais com a própria felicidade do que com a dos outros. Tentamos progredir na carreira para receber egoistamente as bênçãos que nós cremos que Deus nos deve. Somos uma geração centrada em nós mesmos. Estejamos conscientes disso ou não, passamos uma grande quantidade de tempo exaltando a nós mesmos e pouco tempo exaltando o Senhor. Esse modo de vida está cheio de pecado. O que assusta é que esses padrões são quase grandes demais para que sejam vistos. Muitos de nós precisamos nos arrepender do narcisismo e tomar medidas definitivas para agir contra isso por meio do poder do Santo Espírito.

Amor pelos esportes e pelas coisas superficiais. Isso se segue do último ponto. Quando não estamos atualizando a nossa página de Facebook e concentrados com feroz obstinação na nossa existência insignificante, muitos de nós nos ocupamos com coisas triviais. Isso entra em conflito com o que Paulo nos diz em Romanos 12.1-2:

> Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis os vossos corpos por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.

O apóstolo nos instrui a buscar a "renovação" da nossa mente, um processo que acontece quando nos concentramos em Deus e sua grandeza. Como John Piper, seguindo Jonathan Edwards, destacou em livros como *A paixão de Deus por sua glória*,[i] nós fomos criados para adorar a Deus e exultar nele, para contemplar a sua beleza, deleitar-nos na sua misericórdia,

sentir sua bondade. Essas são ideias importantes. São realidades transformadoras.

Muito do que muitos de nós focalizamos é qualquer coisa, mas não importante e transformador. É trivial e superficial. Por exemplo, quantos passam horas praticando algum tipo de esporte? Assistindo televisão, jogando pessoalmente, jogando no computador, falando sobre si mesmos, batendo papo *on-line*, lendo sobre esporte nos livros, lendo sobre esporte *on-line*, jogando futebol em pensamento, sonhando com esporte na sala de aula ou no trabalho – poderíamos continuar descrevendo por parágrafos. Muitos de nós somos obcecados pelos esportes. A cultura contribui para essa obsessão. O drama e o espetáculo de uma rotina esportiva muitas vezes superam os de qualquer passatempo terreno. Não é de admirar que muitos homens tenham tanta dificuldade para permanecer interessados pela igreja.

Para ser franco, isso é ridículo. Pense nisto: muitos de nós, homens, ignoramos nossos filhos, desprezamos nossas igrejas e prejudicamos o nosso trabalho e estudos por causa dos jogos. Esportes são jogos. Eles não são questão de vida ou morte. São supérfluos. Há algo errado com um jogo? Não, absolutamente. Eu gosto de poucas outras coisas mais do que de um jogo de basquete. Mas tento me lembrar – e tenho de fazer isso intencionalmente como um homem de hoje – que os esportes são, por si só, relativamente sem importância. Minha esposa, minha filha, minha igreja, meu trabalho, meus estudos, meus amigos – essas coisas importam. Acima de tudo, Deus é importante. A causa do evangelho é importante. Pessoas não salvas morrendo ao meu redor é o que importa. Os cristãos que não conhecem o básico da fé é o que importa. O mundo destruído é o que importa. Se a minha vida não reflete essas verdades e se a sua também não reflete, então estamos em pecado. É tempo de melhorar. Precisamos nos

arrepender. Precisamos buscar a graça de Deus para ir contra a cultura atual, a qual insiste que a diversão consuma a nossa devoção, e precisamos viver de acordo com a sabedoria bíblica.

O mesmo vale para outras atividades. Passamos horas fazendo compras? Estamos encantados pela moda das celebridades? Nós nos preocupamos mais com a cultura *pop* do que em fazer o trabalho do evangelho? Estamos preocupados demais com a nossa aparência? Essas são lutas que muitos de nós encaramos hoje e que consomem toda a nossa atenção e preocupação. Um grande número de mulheres é tentado por esses tipos de distração. Muitas são desafiadas a cuidar muito mais do seu peso do que da sua alma. São tentadas a desperdiçar tempo em fofocas e conversas tolas que poderia ser investido em coisas mais edificantes. São chamadas a se envolverem com um estilo de vida não bíblico, numa busca egoísta de carreira e seu próprio prazer em vez de colocar sua vida em favor de outros em nome de Jesus Cristo. Muitas mulheres jovens gastam menos tempo com esportes do que os homens, mas tentações igualmente significativas incitam-nas a viver uma vida trivial.

O amor ao sexo. O apóstolo Paulo sabia que a vida num mundo pecaminoso envolve uma considerável tentação sexual. Em certo ponto em Romanos, Paulo fala sobre esta questão, declarando: "Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, de maneira que obedeçais às suas paixões; nem ofereçais cada um os membros do seu corpo ao pecado como instrumentos de iniquidade; mas oferecei-vos a Deus como ressurretos dentre os mortos, e os vossos membros a Deus como instrumentos de justiça" (Rm 6.12-13).

Pouco mudou em dois mil anos. O corpo ainda tenta nos fazer "obedecer às suas paixões". O mundo em que vivemos é intensamente sexual. Sexo, pode-se dizer, é para muitos a narrativa dominante da vida. As fases da vida são cada vez mais medidas, não por certos bons comportamentos, mas pelo envolvimento sexual. Somos uma sociedade voltada para o sexo.

Embora o cristão seja chamado para honrar o Senhor com seu corpo, muitos nesta era enfrentam uma luta muito grande nessa área. Incontáveis jovens cristãos hoje fazem concessões na área sexual. Tenho visto muitos teólogos observarem que a pornografia agora é uma norma entre os homens mais jovens. Muitas mulheres também lutam, tanto em pensamento como fisicamente. Por ser considerado normal que qualquer um acima de 12 anos pode ter algum tipo de relacionamento – uma proposição insana – muitos jovens perderam a virgindade fora do casamento. Isso é real para muitos jovens cristãos professos. Aqueles que não se comprometeram fisicamente, muitas vezes lutam fortemente para confiar no Senhor e no seu tempo certo em seus relacionamentos. Para muitas mulheres, os relacionamentos são uma espécie de Santo Graal[ii] (uma mentalidade celebrada na cultura popular). Muitos jovens têm o ponto de vista oposto e estão adiando as responsabilidades da vida adulta, incorrendo no tipo de luta que mencionamos. Esta é uma situação desastrosa.

Há muita coisa que precisa ser dita ao se propor uma solução para essa situação. Por ora, só podemos sugerir que os cristãos envolvidos nessas lutas precisam confessar francamente os seus pecados, arrepender-se diante do Senhor e buscar a ajuda da igreja e dos amigos na luta pela santidade. O sexo é um presente de Deus, mas a época em que vivemos tenta-nos a

torná-lo um deus. Em qualquer situação que nos encontremos, precisamos manter Deus e seus dons na perspectiva apropriada.

Reconhecer que a igreja é o posto avançado da santificação

Aos olhos dos escritores do Novo Testamento, a igreja local – por mais simples que possa ser – é a obra fundamental de Deus na terra. É o centro do seu reino. É o posto avançado do seu evangelho. É a exposição principal da sua glória. É o laboratório da santificação, a entidade que, como a habitação de Deus, devemos amar, servir, edificar, orar por ela e nos dedicar a ela. Ela nos mantém responsáveis por meio da disciplina eclesiástica (Mt 18.15-20; 1Co 5.1-5, 9-13); ela é a anfitriã da Santa Ceia, realiza batismos (1Co 10; Mt 28.16-20; At 2.38) e nos chama para participar e servir regularmente (Hb 10.25).

Isso é especialmente importante à luz da seção anterior. Muitos de nós temos sido bem servidos por grupos eclesiásticos e por amigos cristãos. No entanto, todos precisamos da igreja local. É onde encontramos todos os recursos de que necessitamos para amar a Deus num mundo destruído pelo pecado: exortação, encorajamento, repreensão, oportunidades de servir, gozo, edificação e muito mais. É especialmente estabelecida e ajustada para nos fazer amadurecer, levantar os nossos olhos e ver as necessidades daqueles que nos rodeiam e a glória do Senhor da igreja. A igreja local não é designada para nos desanimar e nos levar a viver uma vida limitada, mas a crescer e nos manter em contato com outros crentes para responsabilidade e ajuda mútuas e para nos dar uma visão transformadora de um Senhor poderoso que está efetuando uma missão cósmica de libertação e salvação.

A igreja pode não parecer interessante do lado de fora – as cadeiras podem não ser confortáveis, o templo pode ter um odor um tanto desagradável e algumas das pessoas podem ter pouco conhecimento sobre consciência cultural. Assim como não devemos julgar um livro pela sua capa, também não devemos julgar uma igreja pelas suas cadeiras. Cada igreja local que prega o verdadeiro evangelho é uma parte do movimento mais dinâmico que o mundo jamais conhecerá. Por meio do poder de Deus trabalhando nos corações dos homens, os humildes são notáveis, os fracos são poderosos e a fé do tamanho de uma semente de mostarda pode mudar de lugar uma montanha (Mt 17.20). A igreja local não é o time B – é o ponto de explosão para a obra do reino de Deus. Participe da igreja, sirva-a, ame-a e sinta a satisfação que vem com o envolvimento na causa do evangelho que supera todas as outras.

Tenha em mente que o trabalho árduo da santificação envolve ação deliberada, enquanto resiste à categorização fácil

Muitos de nós aceitamos a "tendência" pós-moderna da nossa cultura, que é antiautoridade, antidisciplina, antiesforço. Hoje nós nos congratulamos por sermos "verdadeiros a nós mesmos". Esse é um tema muito complicado para um cristão porque conquanto o nosso "verdadeiro eu" porte a imagem de Deus e a marca da sua conversão, também é entremeado pelo pecado (Rm 3.10-18). Além disso, conquanto seja correto rejeitar um cristianismo guiado pela aparência, estar genuinamente aniquilado não é o que os autores bíblicos pedem. Embora eles soubessem

da profundidade de seus pecados – o apóstolo Paulo chamou a si mesmo "o principal" dos pecadores em 1Timóteo 1.15 – eles sabiam também do poder de Deus dentro deles. Reconheciam que o poder do Espírito que habitava neles era muito maior do que o do pecado. Como Davi, depois da morte de seu filho, eles poderiam conhecer o poder purificador de Deus e ressuscitar das cinzas para viver outra vez para o Senhor. Assim deve ser conosco numa base contínua – humilhados pelas nossas iniquidades, restaurados pela justiça de Deus.

Com a necessidade de disciplina firme em nossa mente, também precisamos esclarecer que a santidade não é *meramente* redutível a determinados comportamentos. A santidade se origina do evangelho e uma vida santa leva ao evangelho. A incorporação do verdadeiro cristianismo exige pensamento sábio e discernimento cuidadoso, enraizados no *evangelho*. Precisamos saturar a nossa mente e o nosso coração com as riquezas da teologia bíblica, de tal modo que possamos pensar e agir a partir de uma profunda base bíblica. Precisamos estar ligados à Palavra o tempo todo. Também precisamos orar muito e regularmente, pedindo a Deus que nos dê sabedoria para a nossa vida diária e poder para destruir os pecados que nos perturbam. Precisamos continuamente reaplicar o evangelho aos nossos pecados e fraquezas específicos.

Conclusão: muito mais do que uma lista ou disposição

À medida que procuramos viver em retidão diante do Senhor, devemos nos agarrar ao evangelho e reconhecer o poder do Espírito Santo dentro de nós. Deus está em nós. Ele está tornando todas as coisas novas, como Paulo

diz em 2Coríntios 5.17: "… se alguém está em Cristo, é nova criatura: as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas". Isso está de acordo, de maneira maravilhosa, com Hebreus 12.1-2:

> ... também nós, visto que temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas, desembaraçando-nos de todo peso e do pecado que tenazmente nos assedia, corramos, com perseverança, a carreira que nos está proposta, olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus, o qual em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus.

Em face do pecado que habita em nós, precisamos olhar para Cristo e lembrar a obra de Deus em nós como a realidade central da nossa vida. A santificação, afinal, não é um estado de espírito. Também não é um código. A santificação é uma obra dinâmica do evangelho na vida de cada crente. Esse processo, em conformidade com Deus, não tem sucesso quando ajustamos a nossa atitude e alteramos o nosso comportamento, mas quando nos tornamos mais encantados por Deus, e Cristo, o "fundador e consumador da nossa fé", ele se avulta diante de nós, magnífico em santidade, maravilhoso em esplendor e persistente no amor.

Para estudo adicional

Edwards, Jonathan. *A busca da santidade.* São Paulo: Cultura Cristã.

_____. *A busca do avivamento.* São Paulo: Cultura Cristã.

_____. *A busca do crescimento.* São Paulo: Cultura Cristã.

Doriani, Dan. *O homem segundo o coração de Deus.* São Paulo: Cultura - Cristã.

Kennedy, Dennis James. *Como viver para Deus.* São Paulo: Cultura Cristã.

MacArthur, John. *Como ser crente em um mundo de descrentes.* São Paulo: Cultura Cristã.

_____. *Sociedade sem pecado.* São Paulo: Cultura Cristã.

Owen, John. *Comunhão com o Deus trino.* São Paulo: Cultura Cristã.

_____. *Para vencer o pecado e a tentação.* São Paulo: Cultura Cristã.

Packer, J. I. *A redescoberta da santidade.* São Paulo: Cultura Cristã.

Piper, John & Taylor, Justin. org. Fascinado pela Glória de Deus – *O legado de Jonathan Edwards.* São Paulo: Cultura Cristã.

Piper, John. *A paixão de Deus por sua glória.* São Paulo: Cultura Cristã.

Sproul, RC. *Como viver e agradar a Deus* – 2ª. edição. São Paulo: Cultura Cristã.

Sproul, RC; Horton, Michael; MacArthur, John; Beeke, Joel e outros. *Crer e observar.* São Paulo: Cultura Cristã.

Waltke, Bruce e MacGregor, Jerry. *Conhecendo a vontade de Deus.* São Paulo: Cultura Cristã.

Whitlock, Luder. *A busca espiritual.* São Paulo: Cultura Cristã.

---

[i] Piper, John. *A paixão de Deus por sua glória*. Cultura Cristã, 2008.

[ii] A expressão refere-se ao cálice que a tradição afirma ter sido usado por Cristo na última ceia e que foi objeto de busca segundo a literatura romântica. Significa um tesouro a ser conquistado (NE).

Capítulo 9

REINO:

Céu depois da terra, céu na terra, ou algo totalmente diferente?

RUSSELL MOORE

Pode haver algo mais assustador do que o som do choro de uma criança vindo de uma sepultura?

Marcus Garvey é lembrado pelos norte-americanos como um dos precursores do movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos. Ele levou milhões dos seus companheiros afro-americanos a protestarem contra a imagem de inferioridade do negro, projetada pela era Jim Crow.[i] No entanto, a causa de Garvey nunca chegou a ser um movimento transformador, como foram, mais tarde, os movimentos liderados por figuras como Rosa Parks ou Martin Luther King Jr. Isso porque, em parte, ao contrário da "comunidade amada" imaginada pelo movimento dos direitos civis do século 20, a mensagem de Garvey era de uma espécie de separatismo e autossuficiência que ia se tornando progressivamente mais extrema à medida que sua cruzada pela justiça prosseguia. Os historiadores

nos contam que Garvey aprendeu a autossuficiência que orientaria a sua filosofia de vida no fundo de uma sepultura recém-cavada.

O pai de Garvey era um pedreiro profissional, cujas tarefas incluíam fazer covas no cemitério. Conta-se que uma vez ele levou o filho com ele e, depois de cavar uma sepultura, jogou-o lá dentro. O pai de Marcus retirou a escada e deixou-o sozinho. Por mais que Marcus gritasse, seu pai não respondia.

A atitude do pai de Garvey foi abusiva, com certeza, mas ele pensou que estava ensinando uma lição de vida a seu filho. O velho homem era um ex-escravo e queria que seu filho aprendesse uma dura lição de como encontrar seu caminho na crueldade deste mundo: você só pode confiar em si mesmo. O menino aprendeu a lição e levou-a com ele por toda a sua vida, pregando um evangelho virtual de responsabilidade e autossuficiência individual.[1]

A maioria de nós pode sentir, ao ler essa história, o trauma psíquico de ser uma criança deixada sozinha numa sepultura vazia, gritando pelo pai silencioso, agarrando-se à terra ao redor, desejando uma escada que não está lá. No entanto, a maioria de nós nunca, de fato, passou por essa situação. Ou será que sim?

O evangelho de Jesus Cristo nos diz que todos passamos, em algum momento de nossa vida um estado de escravidão "… pelo pavor da morte" (Hb 2.15). Nascemos num mundo desligado da comunhão com o Pai, um mundo executado, esperando que a terra seja jogada no seu rosto. A Escritura também nos diz que, se deixados por nossa conta, vamos aprender a lição errada a partir de todo esse horror. Vamos parar de gritar e começar a clamar com mais ferocidade ou vamos apenas nos sentar na terra e nos sentir em casa.

Contrário a tudo isso, o evangelho nos chama da autossuficiência – de fato, do nosso próprio "eu" – para uma realidade totalmente nova: o reino de Cristo. Às vezes, mesmo aqueles que têm seguido a Jesus já há um bom tempo acham difícil entender a mensagem do reino. Muitas vezes, assumimos que o *reino* é apenas uma metáfora para "ser salvo" ou para mais um programa denominacional ou uma cruzada política.

Parte disso é nosso contexto. A maioria de nós, no mundo ocidental, tem visto paródias de reis, coroas e reinos, mas nunca vimos algo que se aproxime da coisa verdadeira. Assim, o vazio da linguagem é preenchido com toda a conversa ao nosso redor sobre o Príncipe de Gales ou a escola local dando as boas-vindas à rainha ou os *slogans* publicitários a respeito do "Rei da cerveja" ou acerca de uma marca de produtos de laticínio que é a "rainha".

E, no entanto, a Bíblia na qual cremos e o evangelho que pregamos estão constantemente nos fazendo voltar à mensagem do Reino, Reino, Reino, repetida ao longo do Antigo e do Novo Testamento e em todas as gerações da igreja desde então. A missão de Cristo começa e termina não apenas no anúncio do perdão dos pecados ou na remoção da condenação – embora ambas essas coisas sejam verdadeiras e essenciais. A missão de Cristo começa e termina com o anúncio de que Deus fez de Jesus o imperador do cosmos – e ele tem planos de fazer que o cosmos se encaixe na agenda de Jesus, e não o contrário.

O colapso do Reino

O mundo ao nosso redor parece uma prova totalmente suficiente de que o evangelho não é verdadeiro. Se realmente somos honestos conosco

mesmos, não temos que admitir que o universo parece exatamente o que os darwinistas e os niilistas dizem que é: uma máquina sangrenta na qual o poder e não a bondade ou a beleza é o que importa antes de tudo o mais? O evangelho, porém, não foge assustado de perguntas desse tipo.

O livro de Hebreus cita uma passagem de um salmo que reflete sobre a verdade bíblica de que Deus criou os seres humanos para governar sobre tudo o que existe: "… de glória e de honra o coroaste… todas as coisas sujeitaste debaixo dos seus pés" (Hb 2.7-8).

Essas palavras reiteram o que o relato de Gênesis nos conta a respeito do início da própria criação. Deus concedeu ao homem e à mulher o domínio "… sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra" (Gn 1.26). Deus fez isso porque o homem e a mulher iriam representá-lo, portando a sua imagem, governando o universo que ele criou para eles (Gn 1.27). Mas o livro de Hebreus apresenta um ponto difícil sobre essa passagem da Bíblia.

Ela não é a verdade.

O escritor de Hebreus ressalta o que deveria ser óbvio – quer a pessoa acredite ou não nos relatos da criação bíblica – não temos o "domínio" sobre o universo ao nosso redor. O Espírito nos diz: "Agora, porém, ainda não vemos todas as coisas a ele sujeitas" (Hb 2.8). Podemos ver isso em tudo, das forças naturais que tiram a cor dos nossos cabelos até as bactérias que consomem nosso corpo quando jazemos no caixão. O universo gira ao nosso redor freneticamente e, sem exceção, no devido tempo, nos mata. Nós não somos os reis e as rainhas do mundo.

Portanto, o nosso problema é que pensamos que essa "falta de reinado" que vivenciamos é normal. Somos como os historiadores olhando para as

ruínas de uma sinagoga da era nazista em Viena e concluindo, por causa de todas as suásticas pintadas nas paredes, que aqueles judeus europeus deveriam ter sido simpatizantes de Hitler que odiavam a si mesmos. Antes que alguém possa saber mais sobre a sinagoga, ele precisa distinguir entre a estrutura original e os grafites com palavras de ódio pintadas nela pelos seus inimigos. Isso também é verdadeiro quanto ao universo.

A Escritura nos diz que, logo no início dos tempos, a humanidade perdeu o domínio sobre o universo para um poder invasor: Satanás. Mesmo aqueles que nunca viram sequer um fragmento da revelação bíblica sabem a respeito dessa presença, e tremem. Esse ser, por meio de suas palavras engenhosas, persuadiu os nossos antepassados a participarem de sua insurreição contra o Criador, numa tentativa de se tornarem "como Deus" com ele (Gn 3.5).

O homem e a mulher entregaram seu reinado aos próprios "aves, quadrúpedes e répteis" (veja Rm 1.21-23) sobre os quais eles deveriam governar. O rei e a rainha do universo agora retratam o reinado caótico e assassino de Satanás, em vez da regra ordenada e orientada pelo amor de Deus. A comunhão deles com Deus, entre si, com os seus futuros descendentes e com a própria criação foi rompida (Gn 3.14-19). Em vez de se juntar a Deus em seu governo, eles se juntaram a Satanás na sua culpa, carregando o pecado que exige o julgamento de Deus e é incapaz de se conformar ao amor de Deus. Agora eles são aqueles para os quais a herança justa só pode ser "…o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos" (Mt 25.41; ver também Ap 20.10).

Os poderes satânicos – o poder de acusação e o poder da morte – obtiveram então poder sobre a humanidade. Assim, Deus exilou o homem e a mulher da árvore da vida que deveria estimular a expansão do reino (Gn

3.24), um exílio que significava que eles estavam destinados à extinção pelo castigo da morte.

A criação, então, criada como foi para reconhecer a imagem de Deus no seu rei e na sua rainha, revoltou-se contra a humanidade. Como Paulo coloca, o cosmo está no "… cativeiro da corrupção" (Rm 8.21) e o universo também "… geme e suporta angústias até agora" (v. 22), esperando "… a revelação dos filhos de Deus" (v. 19).

E assim, ao longo das gerações desde essa catástrofe, os seres humanos têm sido governados pelo "… príncipe da potestade do ar" (Ef 2.2) que dirige a humanidade pelos nossos desejos e pela influência que tem sobre nós pela cegueira do nosso entendimento (2Co 4.4) e acusação (Ap 12.10).

O Deus Criador, porém, prenunciou à serpente, no início, que a sua agressão não prevaleceria. Então, Deus chamou um novo povo, um reino de sacerdotes que estavam sendo instruídos em retidão pela sua Palavra. Ele prometeu que, por meio desse povo, estabeleceria um reino glorioso em que seriam restauradas a sinfonia e a paz entre a humanidade, a natureza e Deus.

Deus estabeleceu sobre seu povo, Israel, uma linhagem de reis, prometendo-lhes que seria pela sabedoria ungida pelo Espírito e pelo poder e justiça do seu rei que o reino permaneceria ou cairia (Dt 17.14-20). E ele caiu. E caiu. E caiu. E caiu. O posto avançado israelita do reino de Deus foi despedaçado. O colapso do reino deixou destroços ao longo de toda a História.

Essa não é apenas a história do povo antigo de Israel. É a sua história e a minha também. A Escritura nos diz qual o resultado final da perda do reino: rebelião moral. O livro de Juízes repetidamente coloca isso desta maneira: "Naqueles dias, não havia rei em Israel; cada um fazia o que achava mais reto" (Jz 21.25).

O reino de Deus em Adão ruiu com a revolta no Éden. Está ruindo ao nosso redor mesmo agora que o reino de Satanás está sendo acusado. Se estivermos em Cristo, deve ruir em nossa própria vida à medida que abandonamos nosso feudo antes da vinda do reino de Jesus.

Sendo esse o caso, o cristianismo evangélico fala à cultura contemporânea ao apontar o que todo mundo instintivamente intui – algo está errado. Até o mais endurecido e declarado ateísta reflete algo profundamente correto – por mais distorcido e incorreto que o seu argumento seja – quando ele ressalta como o sofrimento e o mal parecem incoerentes com a bondade de Deus. É por isso que o verdadeiro cristianismo (ou seja, o evangelho centrado em Cristo) vai ajudar o nosso povo a *gemer* por este mundo de tribunais de divórcio, clínicas de aborto, câmaras de tortura e enfermarias de câncer que vemos à nossa volta.

É por isso que o foco central da ênfase do reino no cristianismo evangélico é nos mostrar o que está errado com o atual regime. À medida que crescemos em Cristo, progressivamente nos tornamos mais descontentes com os "reinos do mundo" oferecidos a nós pelos seus líderes enquanto ao mesmo tempo nos tornamos conscientes da glória do novo reino que está adentrando por meio de Jesus.

A reinvasão do Reino

Revoluções ocorridas no mundo quase nunca tomaram o rumo que os revolucionários esperavam. Mas o reino de Jesus cumpre e aperfeiçoa a esperança em comparação a qualquer visão utópica e contracultural que alguém possa imaginar. O evangelho é boa-nova, e a boa-nova é o anúncio de um reino e de como podemos entrar nesse reino pela fé no Rei. Isso tem

início com a feliz declaração de que a antiga ordem – seja a Roma imperial ou o Eu imperial – foi destronada.

Quando Jesus se levanta para pregar às pessoas na sinagoga de sua cidade natal, ele declara que o reino de Deus havia chegado; agora o dia do Senhor está aqui (Lc 4.16-30). O seu sermão causou um violento tumulto, motivando seus conterrâneos a criarem uma Via Dolorosa três anos antes da cruz, arrastando-o montanha acima para jogá-lo do despenhadeiro. Por quê? Os ouvintes de Jesus entenderam quanto parecia louco e megalomaníaco que Jesus estivesse anunciando a vinda da nova ordem de Deus com sua própria voz.

Mas Jesus não voltou atrás nesse ponto. Em todos os lugares pelos quais andou, ele anunciou que o reino estava a caminho e demonstrou isso quebrando a maldição em todas as suas formas. Jesus não parecia se incomodar com os espíritos malignos, pela ordem natural, pela decadência biológica – tudo se recompunha ao som da sua voz. Por quê? Porque, como ele disse: "Se, porém, eu expulso demônios pelo espírito de Deus, certamente é chegado o reino de Deus sobre vós" (Mt 12.28). Jesus supera o poder dos principados do mal precisamente porque aquele que está sem pecado está livre de acusação de Satanás (Jo 14.30).

Jesus como Rei, então, restabeleceu o governo humano sobre a ordem angélica e sobre a natural. Ele passou por tudo o que significa ser humano, estabelecendo-se como um líder sábio com domínio sobre seus próprios desejos, com a vontade, os sentimentos e a consciência guiados pela orientação do seu Pai – e não pela de Satanás. Ele passou pelo sofrimento humano, pela tentação e, por fim, pela maldição da própria morte – colocando-se em lugar da própria ira – para arrancar a humanidade das mãos do Acusador.

Imagine ouvir a voz de um criminoso do Antigo Oriente Próximo, gritando com o sangue escorrendo pela boca, ao ser executado, numa língua que você não conhece, para os futuros cadáveres nas cruzes ao lado dele. Sua voz vai parecer desesperada, é certo, até mesmo assombrosa, mas essa voz resume o evangelho. "Jesus, lembra-te de mim quando entrares no teu reino" (Lc 23.42). O ladrão havia entendido que "… os injustos não herdarão o reino de Deus" (1Co 6.9) e que essa condenação havia caído sobre ele (Lc 23.41). Ao olhar para Jesus, ele viu um líder mundial justo sofrendo no lugar da humanidade e colocou todas as esperanças de misericórdia e redenção nesse Rei dos judeus.

Isso é precisamente como Jesus explicou o reino ao fariseu Nicodemos. A antiga ordem de carne e sangue será condenada, Jesus disse, e "… se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus" (Jo 3.3). O reino é constituído, não da antiga ordem de carne e sangue, mas daqueles que foram recriados pelo Espírito (Jo 3.5-8), que olharam para Jesus como o sacrifício pelo pecado (Jo 3.14-15) e que confiaram seu julgamento futuro à misericórdia encontrada em Cristo Jesus (Jo 3.16-21).

O reinado de Jesus cumpre todas as promessas do reino que Deus fez ao povo de Israel. Ele e seus apóstolos aplicaram a linguagem de Israel – incluindo a imagem do templo, do vinho, do rebanho, da luz das nações e assim por diante – a ele primeiramente e depois a todos aqueles que são encontrados nele. A promessa de Deus de um reino para Israel – com todos os inimigos colocados aos pés do povo – é encontrada quando Deus faz o que ele prometeu ao povo: ele levanta Israel de entre os mortos e porá neles o Espírito (Ez 37.13-14). Nos seus ensinamentos, Jesus preparou o seu povo, por meio de histórias e figuras, repreensão e encorajamento, para a

vida nesse novo reino. E, então, ele inaugurou esse reino como o "primogênito da ressurreição", as "primícias" da outra criação de Deus.

Os próprios seguidores mais próximos de Jesus não entenderam muito bem como seria o reino. Quando ele disse que o reino seria global, eles não anteciparam o Pentecostes. Acima de tudo, eles não conseguiam entender um dos mistérios mais difíceis do reino: o reino não chega de uma vez só.

É o mesmo conceito básico que o pregador Justino, do século 2º, argumentou com um amigo judeu chamado Trifo: o reino de Jesus veio em dois estágios. A chave para o que é "já" no reino e o que é "ainda não" não é nenhum código secreto na Bíblia. É o mistério de Cristo/igreja. Em Hebreus vemos Jesus coroado "… de glória e de honra" (Hb 2.7), mas isso não é o tipo de coisa que observamos num céu estrelado ou num registro de fóssil. Vemos isso por meio da proclamação do evangelho e pelo sussurro invisível do Espírito (Jo 3.8). Deus exalta Jesus, dando a ele o reinado, mas Jesus ainda não reina sobre todo o universo.

Isso significa que encontramos o reino, então, não onde mais esperaríamos encontrá-lo: no turbilhão das campanhas políticas ou no esplendor e glória de grandes movimentos. Nós encontramos o reino, com frequência, no lugar em que, assim como para nossos antepassados apóstolos, seria minimamente provável até mesmo pensar sobre algo tão majestoso como um reino messiânico: numa igreja local.

Assim como a linguagem do *reino*, os cristãos evangélicos sempre tentam tornar a linguagem da *igreja* abstrata e idealista. Nós, às vezes, falamos como se a igreja fosse simplesmente um sinônimo de "todos com Jesus no coração, todos unidos". Mas não é isso. As Escrituras falam da igreja como aquele grande, majestoso ajuntamento de todo o povo de Deus em Cristo – aqueles nos lugares celestiais e aqueles que estão espalhados

pela terra, um corpo com um Espírito. Mas essa igreja se manifesta em reuniões locais particulares.

A igreja de Éfeso (ou qualquer congregação que você encontre mencionada na Bíblia) não era uma igreja superespiritual. As pessoas de lá se pareciam muito com as pessoas sentadas à sua volta num domingo qualquer. Nem todas elas tinham os mesmos assuntos e opiniões, nem concordavam o tempo todo. As pessoas brigavam de vez em quando sobre de quem era a vez de servir a Ceia do Senhor ou quem esqueceu de anunciar a oferta para ajudar a pagar os impostos atrasados da irmã Eunice.

Mas o reino de Deus estava lá e o Rei Jesus estava lá – e em toda congregação reunida em seu nome (Mt 18.15-20; 1Co 5.4). A igreja é um posto avançado do reino vindouro. Parte disso é a própria existência da própria igreja como um sinal do reino. Paulo diz que as reuniões de pecadores reconciliados com Deus e uns com os outros são: "… para que a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida, agora, dos principados e potestades nos lugares celestiais" (Ef 3.10). Sua igreja pode estar se esforçando para pagar as contas, e vocês talvez não consigam chegar a um acordo sobre se irão cantar canções deste ou daquele compositor no culto, mas o próprio fato de vocês estarem ali significa dizer aos demônios: "Em breve vocês terão a cabeça esmagada" (cf. Rm 16.20).

O futuro do Reino

Suspeito que muitos cristãos evangélicos, talvez até mesmo você, se amarrados a uma maca e recebendo soro da verdade, admitiriam que o céu parece um pouco… bem, entediante. Isso porque a nossa visão do céu – tanto por causa da nossa pregação, nossa música e pelos elogios feitos nos

velórios – é, bem, entediante. Pensamos na nossa futura glória como o ensaio do coral durante a semana que continua, continua e continua e quando estivermos ali por dez mil anos, ainda teremos o infinito diante de nós para cantar e contemplar a luz.

No entanto, não é isso que temos em Cristo Jesus.

Sim, a Bíblia ensina que imediatamente depois da morte, aqueles em Cristo estarão espiritualmente no céu – onde Jesus está (2Co 5.8; Fp 1.23). Mas nosso propósito não é viver como espíritos e sim viver como um todo à imagem de Deus, corpo e alma juntos. É por isso que enterramos nossos mortos com esperança, assim como plantamos sementes, esperando pelo dia em que esse corpo morto será chamado novamente à vida, a exemplo do próprio corpo ressurreto de Jesus (1Ts 4.13–5.11; 1Co 15.35-49).

O reino, então, é descrito como tudo o que significa viver: festejar juntos como família ao redor da mesa (Is 25.6; Mt 8.11; Lc 22.18), relacionamentos pessoais repletos de amor (1Co 13.8-13) e um trabalho significativo, ao nos unirmos com Jesus para governar o universo (Mt 19.28-29; Ap 2.26-27). Na verdade, grande parte de como será a vida no reino ainda está encoberta para nós, porque não há um modo adequado de compreender, com base no que sabemos agora, "… a glória a ser revelada em nós" (Rm 8.18). Não devemos pensar em nossa vida ressurreta como um clímax do que já passou. O reino de Deus é vida, não vida depois da morte.

Se o reino é o que Jesus diz que é, então isso significa que o que importa não é apenas o que nós caprichosamente classificamos como espiritual. O mundo natural ao nosso redor não é apenas um ambiente temporário. É parte da nossa herança futura em Cristo. As camareiras do hotel que passam por nós silenciosamente pelo corredor não são apenas

objetos potenciais da nossa caridade; são rainhas em potencial do universo (Tg 2.5). O nosso trabalho – seja ele o que for – não é acidental. O que fazemos para servir em nossas igrejas locais não são acasos. Deus está projetando nossa vida – individual e congregacionalmente – como estágios para a ressurreição. Estamos aprendendo nas pequenas coisas, para sermos colocados sobre as grandes coisas (Mt 25.14-23).

Isso porque o reino é, afinal, o reino de Cristo – e é todo sobre o propósito de Deus fazê-lo preeminente em todas as coisas (Cl 1.18). Para fazer parte do reino, devemos "… nascer de novo" (Jo 3.3). Devemos, como Jesus nos disse às margens do lago da Galileia, segui-lo.

No entanto, Jesus deixou claro: "Para onde eu vou, não me podes seguir agora; mais tarde, porém, me seguirás" (Jo 13.36). Não é ir direto para a glória. É, primeiro, seguir a Jesus. Ele não está nos conduzindo diretamente de Belém para o trono da Nova Jerusalém. Ele "… aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu" (Hb 5.8). À medida que confiava no Espírito e não nos seus próprios olhos ou desejos, foi sendo amadurecido como o herdeiro legítimo do reino, tornado perfeito "… por meio de sofrimentos" (Hb 2.10).

Nós também devemos aprender a crescer "… em sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e dos homens" (Lc 2.52). Devemos, por meio da vida na igreja, ser levados, passo a passo, "… à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo" (Ef 4.13). Nós também devemos caminhar pelo deserto da tentação e pela agonia da crucificação antes de nos juntarmos a Jesus na ceia do primogênito (Rm 8.17). Temos de aprender, pacientemente, a resistir ao mal num mundo que parece atormentado pelo demônio, não governado por Deus, e ser o tipo de rei (ou rainha) que não "… julgará segundo a vista dos seus olhos" (Is 11.3), a andar "… por fé e não pelo que vemos" (2Co 5.7).

O futuro do reino dá ao cristianismo evangélico uma perspectiva global e telescópica. Não há nenhum aspecto da vida com o qual não nos preocuparmos porque não há nenhum aspecto da vida – além da morte, do pecado e da maldição – que não esteja indicando algum lugar no nosso futuro. Ao mesmo tempo, o fato de o reino ser futuro não nos permite a presunção (e eventual desespero) de pensar que podemos governar o mundo ou acertar cada erro agora (1Co 4.8). Cada vez que defendemos a justiça, cada vez que promovemos a paz, cada vez que atacamos a devastação da maldição, estaremos anunciando que essa destruição ao nosso redor ainda não é o reino – ele será melhor do que isso. Ao mesmo tempo, reconhecemos que o reino está plenamente aqui, quando vemos – não por vista, mas pela fé – o desvendar de Cristo. Até então, não há "paz e justiça" duradouras e não podemos encontrar uma "maioria moral", nem mesmo entre nós.

Conclusão

Se o cristianismo evangélico é sobre qualquer coisa, deveria ser sobre o evangelho – esse é o significado do próprio termo *evangélico*. Se assim for, devemos reconhecer que a nossa missão deve ser encontrada naquilo que faz as boas-novas serem boas. Não temos que nos colocar sob nosso próprio esforço e domínio. E não devemos tentar ser imperadores da nossa própria vida ou daqueles que nos rodeiam. Em vez disso, apontamos para um reino que domina – e derruba – qualquer regra rival, inclusive a nossa própria.

Isso significa que nossa proclamação concorda com os nossos amigos não cristãos que algo está profundamente errado com o modo como as coisas são, mesmo que lhes mostremos que não estão indignados o

suficiente com o mundo do jeito que está. Nós dizemos a eles – e lembramos a nós mesmos – da boa-nova de um reino invisível agora no céu, dando-lhes uma pequena amostra do reino nas nossas pequenas igrejas que estão lutando e cantando para o reino glorioso que um dia vai explodir através dos céus orientais.

Porém, o que é o mais importante, nós anunciamos quem é o Rei nesse reino: Aquele que se juntou a nós na nossa sepultura, mesmo enquanto alternávamos entre uma endurecida autossuficiência e o clamor pelo pai serpente que escolheríamos por nós mesmos. Nosso Irmão/Senhor trouxe o reino de uma maneira que nunca teria nos ocorrido. Ele parou de procurar a escada, e clamou a seu Pai.

E foi ouvido.

Para estudo adicional

Clouse, Robert; G. Pierard, Richard; Yamauchi, Edwin. *Dois reinos*. São Paulo: Cultura Cristã.

Hoekema, Anthony A. *A Bíblia e o futuro*. São Paulo: Cultura Cristã.

Ridderbos, Herman. *A vinda do reino*. São Paulo: Cultura Cristã.

Tripp, Paul David. *Em busca de algo maior – Viva por algo maior do que você*. São Paulo: Cultura Cristã.

Van Groningen, Gerard. *Criação e consumação* (3 vols.). São Paulo: Cultura Cristã.

_____. *Revelação messiânica no Antigo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã.

[i] Como ocorreu na África do Sul por conta do *aparteid*, houve nos Estados Unidos leis que discriminavam afro-americanos e outras minorias. A “era Jim Crow” mencionada aqui foi o tempo em que essas leis prevaleceram (1876-1964). Escolas, logradouros e transportes públicos deviam ter instalações e acomodações separadas para brancos e negros. Essas odiosas leis discriminatórias foram revogadas pelo Civil Rights Act de 1964 (NE).

Capítulo 10

Jesus Cristo:

O único caminho e nossa única esperança

TIM CHALLIES

Em nossa cultura pluralista de muitas crenças, na maioria das vezes as religiões convivem pacificamente. Isso é bom. Vivendo na multicultural Toronto, uma cidade em que mais de 50% da população nasceu em outro país, tenho visto essa diversidade religiosa em primeira mão. Quando as pessoas vêm para Toronto trazem sua religião. O melhor amigo do meu filho na escola é muçulmano, o vizinho do outro lado da rua é budista e, descendo a rua, há um hindu da África do Sul. Ateus, católicos romanos, universalistas, mórmons – todos eles estão a um pulinho da minha casa. Se procurarmos bem, poderemos até mesmo encontrar um ou outro evangélico. Nos limites do nosso pequeno bairro existe um panteão virtual.

Conquanto lamentemos a necessidade desse pluralismo, desejando que todas as pessoas sejam salvas e conheçam a Jesus Cristo, somos gratos pelas leis que nos dão a liberdade para adorar o nosso Salvador. Podemos não concordar com os princípios das outras religiões, mas se cada religião tem liberdade, nós também temos. Esse pluralismo religioso nos permite

adorar a Jesus Cristo com liberdade e paz, sem medo de interferência ou perseguição. É uma bênção profunda.

Outro pluralismo

Esse é um uso da palavra *pluralismo*. Mas há outro tipo de pluralismo que traz igual preocupação aos cristãos. Esse tipo de pluralismo afirma que todas as religiões, de algum modo, levam a Deus e à salvação. Ao afirmar isso, obviamente, nega que Jesus Cristo é o único Salvador que o mundo jamais conhecerá. No final, dizem: todas as religiões, seja o cristianismo, o islamismo ou o budismo, levam a Deus e têm o mesmo benefício final para os seus adeptos.

Esse tipo de pluralismo consagrado pelo uso, que se coloca em oposição direta ao que a Escritura expressa tão claramente – que Cristo é o único caminho para o Pai – deve ser rejeitado sem constrangimento e sem demora. Se qualquer (ou quase qualquer) abordagem de Deus é tão boa quanto outra, como encontrar sentido na insistência da Bíblia no monoteísmo, na sua consistente rejeição de todas as formas de idolatria e no impulso missionário – para que as nações se voltem para o verdadeiro Deus – que vai de Gênesis a Apocalipse? Mais crucialmente, o pluralismo não pode fazer justiça à posição privilegiada que a Bíblia dá a Jesus Cristo. *Todo* joelho deve se dobrar diante dele. Ele julgará *todas* as pessoas. O Deus da Bíblia, revelado como Yahweh no Antigo Testamento e encarnado em Jesus Cristo no Novo Testamento, é um Deus universal que não aceita rivais. Rejeitar a pessoa e a obra únicas de Jesus Cristo é fazer um total arremedo da Bíblia. Rejeitar as suas afirmações é rejeitar o próprio Deus e

lhe tirar a glória que é justamente dele. Em última análise, é dar as costas para a Bíblia e para o Deus da Bíblia.

Uma opção mais tentadora

Conquanto o pluralismo esteja fora dos limites da ortodoxia cristã, existem muitos evangélicos que acreditam que a graça salvadora de Deus não está limitada àqueles que professam a Cristo publicamente. Alguns "crentes" podem receber a salvação graças à fé em Deus, à sinceridade ou por causa da resposta de uma iluminação que tiveram, mesmo que não tenham se convertido a Cristo ou mesmo ouvido falar dele. Esses "cristãos anônimos" são ainda salvos pela graça por meio da obra de Cristo, ainda que não haja nenhuma expressão de fé na pessoa e na obra de Cristo.

Aqui é preciso distinguir entre dois termos importantes que definem o cenário para este capítulo. O *exclusivismo* afirma que Jesus Cristo é o único Salvador que o mundo pode conhecer e, para ser salva, a pessoa deve ouvir a mensagem do evangelho e responder a ela, depositando a sua fé em Cristo. Embora possa haver elementos verdadeiros em outras religiões, somente aqueles que se voltarem para Cristo, se arrependerem e tiverem fé, poderão ser salvos. Todos os outros, carregando a mancha do pecado original e o peso de seus próprios pecados, serão justamente punidos.

O *inclusivismo*, no entanto, diz que, embora Cristo seja o único Salvador do mundo, a pessoa não precisa ouvir o evangelho e crer nele para ser salva. Conquanto tanto o inclusivismo quanto o exclusivismo concordem que Cristo é o Salvador do mundo, eles discordam sobre a necessidade de responder à revelação especial de Deus para receber a salvação. Os inclusivistas afirmam que colocar a fé em Cristo é a *melhor*

maneira de honrar a Deus e receber o benefício do que Cristo realizou, mas não é o *único* caminho.

Um pluralismo que afirma que todas as religiões conduzem a Deus é fácil de repudiar, mas o inclusivismo merece uma análise mais detalhada. O apelo do inclusivismo não está tanto na sua aparente compatibilidade com a Escritura, mas na sua capacidade de lidar com algumas das realidades desconfortáveis enfrentadas pelos exclusivistas. Ele fornece respostas emocionalmente satisfatórias para perguntas difíceis. Aqueles que nunca ouviram falar do evangelho podem ser salvos? *Sim, eles podem*, diz o inclusivismo. As pessoas boas que estão nas religiões ruins podem ser salvas? *Sim*! Deus condenará a pessoa que não confia em Cristo, embora a pessoa nunca tivesse tido uma oportunidade de ouvir o nome dele? *Não, não necessariamente*. Essa perspectiva até mesmo fornece uma explicação para algumas das aparentes exceções na Bíblia – as pessoas que, por uma razão ou por outra, não se encaixam nos moldes de um típico cristão: Raabe, Cornélio e outros. Desse modo, o inclusivismo tem maior apelo imediato que a suposta dureza do exclusivismo. Porém, embora possa ter sucesso nesse nível emocional, ele não se sai tão bem à luz da Escritura.

A defesa do exclusivismo

Não podemos simplesmente afirmar que o exclusivismo é correto (e eu acredito que seja); ele deve ser demonstrado verdadeiro com base na Escritura. Para fazer isso, vamos considerar três passagens do Novo Testamento, cada uma das quais proclama que a fé em Cristo é um pré-requisito para aqueles que serão salvos. No entanto, são passagens

controversas que permanecem no cerne da disputa entre o inclusivismo e o exclusivismo. Nós voltaremos a essas objeções no final.

O evangelho de João

Uma ótima passagem para começar é com as bem conhecidas e muito amadas palavras de João 14.6. Jesus proclama: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim". A questão diante de nós é se "por mim" refere-se apenas à obra de Cristo ou à obra de Cristo *e* à fé nele. Para resolver esse dilema, é importante que consideremos esse versículo no contexto de todo o livro de João. João escreveu seu evangelho especificamente para provar que a fé em Cristo é a solução providenciada por Deus para aqueles que estão no pecado. Não foi escrito para responder às preocupações com os não evangelizados ou aqueles que nunca ouviram falar de Jesus, mas para mostrar que todos os homens estão debaixo da ira de Deus e que Cristo é a única solução para aqueles que serão salvos. O próprio João afirma o propósito do livro no capítulo 20.30-31, em que ele escreve: "Na verdade, fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome". Assim, todo o propósito do livro é apresentar Jesus para que as pessoas creiam nele e encontrem vida.

Embora a palavra *fé* não esteja presente em João 14.6, ela está implícita em toda a passagem (ver os v. 1, 10). Tão importante quanto isso, o tema crer em Cristo e depositar fé nele está presente em todo o livro de João. Pense nas belas palavras de João 3.16: "Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não

pereça, mas tenha a vida eterna". Que garantia há para sugerir que a qualificação ("quem nele crê") se aplica somente àqueles que ouviram o nome dele? Que razão há para pensar que a afirmação no versículo 18 "quem nele crê não é julgado" se refira a nada *menos* ou a qualquer *outra coisa* que não seja uma fé explícita nele?

Podemos nos voltar também para João 5.22-24, em que lemos:

> … o Pai a ninguém julga, mas ao Filho confiou todo o julgamento, a fim de que todos honrem o Filho do modo por que honram o Pai. Quem não honra o Filho não honra o Pai que o enviou. Em verdade, em verdade vos digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida.

Aqui, Jesus faz uma ligação entre a fé em Cristo, a fé no Pai *por meio* de Cristo e a salvação. A conclusão inevitável é que, para ser salva, uma pessoa tem de crer no Filho e, por intermédio do Filho, no Pai que o enviou. Somente essas pessoas vão passar da morte para a vida.

Assim, apelamos para João 14.6 como um resumo apropriado de todo o ensinamento do evangelho de João. João deixa claro, do primeiro ao último versículo, que Cristo Jesus é o único Salvador do mundo, e que aqueles que serão salvos devem crer nele. "Quem crê no Filho tem a vida eterna; o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus" (Jo 3.36).

Atos 4.12

Atos 4.12, falando de Cristo, diz: "… não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos". É fato, essa passagem não

diz explicitamente que a fé em Cristo é absolutamente necessária para a salvação. No entanto, para negar a fé em Cristo, é necessário provar que "nenhum outro nome" significa algo mais (ou menos) do que conhecer o nome de Jesus e declarar obediência a ele. Podemos fazer isso sem causar danos ao texto, sem ignorar o contexto mais amplo tanto da passagem como do livro? Perguntamos a nós mesmos também por que Lucas não se limitou a afirmar: "Não há outra *pessoa* pela qual importa que sejamos salvos". O que ele ganharia ao falar de um nome que seus leitores não precisariam saber?

Qual é o significado da expressão "nenhum outro nome"? O contexto nos aponta para uma direção clara: Jesus Cristo deve ser conhecido e aceito por toda pessoa que será salva. Afinal de contas, João e Pedro tinham sido presos pelo concílio religioso e estão apresentando a razão pela qual devem pregar a boa-nova do evangelho. Eles pregam a boa-nova de Jesus para que os homens ouçam sobre Cristo e creiam nele. Embora nessa passagem eles falem a um público de devotos religiosos judeus, não há razão para supor que os pagãos tenham menos necessidade de ouvir o nome de Jesus e responder a ele. Afinal de contas, ao longo de todo o livro de Atos, os apóstolos viajam para longe, enfrentam dor e perseguição, desistindo até mesmo da própria vida para levar o nome de Jesus àqueles que nunca tinham ouvido falar dele. O testemunho claro dessa passagem e desse livro é que, toda pessoa que for salva, será salva por Cristo; toda pessoa que for salva por Cristo será salva pela graça mediante a fé nele. No seu contexto, Atos 4.12 não admite ideia de salvação à parte de uma profissão de fé no Salvador.

Romanos 10

O espaço de que dispomos não nos permite examinar Romanos 10 completamente, mas podemos destacar vários versículos-chave. O versículo 9 proclama: "Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo". Poderíamos pedir algo mais claro do que isso?

Considere também os versículos 14-17 em que Paulo expõe sobre a grande necessidade de o nome de Jesus ser espalhado para todos os cantos do universo:

> Como, porém, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão se não forem enviados?… E assim, a fé vem pela pregação e a pregação pela palavra de Cristo.

Essa passagem é tão clara como nenhuma outra na Bíblia. Aqueles que devem se reconciliar com Cristo devem conhecer a Cristo de modo que possam depositar nele sua fé. Esse fato proporciona um impulso para a missão cristã; a pregação e a evangelização são motivadas por um desejo de levar a mensagem a todos os homens, para que eles possam ser salvos para a glória de Deus. "Não há distinção entre judeu e grego, uma vez que o mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam" (v. 12). Não há distinção entre aqueles que poderão ser salvos, porque não há distinção no modo como os homens são salvos.

Até mesmo nessas três passagens, apenas três das muitas que poderíamos destacar, vemos pouca razão para acreditar que a Escritura permite a possibilidade de "cristãos anônimos", pessoas que serão salvas embora não coloquem sua confiança em Jesus Cristo. Toda a evidência do

Novo Testamento é que somos salvos somente por meio de Cristo e somente pela fé nele.

Respondendo as perguntas

Poderá ser útil aqui antecipar algumas das objeções mais comuns ao exclusivismo.

É justo que Deus puna aqueles que nunca ouviram falar de Jesus Cristo?

Atrás dessa pergunta tão comum há uma concepção implícita, mas errônea – a de que as pessoas são condenadas apenas (ou principalmente) por rejeitarem a Cristo. Portanto, aqueles que rejeitam a Cristo explicitamente, conscientemente viraram as costas para ele e motivam a ira de Deus, mas aqueles que nem conheceram nem rejeitaram a Cristo estão num estado de inocência diante de Deus.

Aqui é bom voltarmos aos primeiros capítulos de Romanos. Paulo nos ensina, sem dúvida alguma, que todos os homens estão sob a justa ira de Deus. Não é a rejeição da revelação especial de Deus de Jesus Cristo que está no cerne da condenação deles, mas o fato de terem rejeitado o próprio Deus, apesar da sua revelação natural. A revelação geral comunica a-verdade a todos – verdade que deve levar cada um de nós a se voltar para Deus. E, no entanto, não há em nenhum texto na Bíblia registro de alguém que tenha se voltado para Deus apenas com base na revelação geral. Isso mostra um problema que não está nem com a revelação nem com o Revelador, mas sim com o ser humano. Todos os homens rejeitam essa revelação de Deus. Uma pessoa boa, que obedecesse a todos os

mandamentos de Deus – se isso fosse possível – ,teria o direito de defender a sua posição diante de Deus, mas não há ninguém que possa fazer isso. Portanto, todas as pessoas estão sob a condenação de Deus por causa do ódio e da rejeição a ele. Aqueles que rejeitam a Cristo explicitamente aumentam sua própria punição, mas não a provocam por causa desse ato. Toda pessoa que queira ser salva sem ter depositado a sua fé em Cristo, deve ter tido uma vida sem pecado.

Podemos argumentar a partir de um ângulo diferente e dizer que ninguém está num estado de inocência diante de Deus. Deus não deve salvação a ninguém. Essa não é uma questão de equidade, mas uma questão de justiça. Todos os homens acumularam uma dívida de pecado e todos são culpados diante de Deus. E aqui discutimos a depravação humana. Existe apenas um tipo de homem – o homem preso na total depravação da sua natureza pecaminosa, herdada do seu pai Adão (Rm 5.18). E como há apenas um tipo de homem, só há um tipo de salvação – fé no segundo Adão, Jesus Cristo.

Sendo assim, é justo Deus punir aqueles que nunca ouviram falar de Jesus Cristo? Sim, pois todo homem é pecador. Todas as pessoas têm um pecado natural, e todas, continuamente, se contaminam com atos pecaminosos. Embora esperemos que todos ouçam a boa-nova de Jesus Cristo e respondam a ela com fé, bem como oramos por isso, sabemos que todas as pessoas precisam ouvir a boa-nova, pois estão mortas em pecado, condenadas a uma eternidade de justiça.

Os santos do Antigo Testamento não conheciam Jesus Cristo e mesmo assim foram salvos. Isso não poderia acontecer hoje?

Muitos cristãos acreditam que aqueles do Antigo Testamento que foram aceitos por Deus foram aceitos com base nas suas obras. Como Cristo não havia nascido ainda, continua o argumento, essas pessoas não poderiam confiar nele. Portanto, deve ter sido com base no amor a Deus que eles foram aceitos por ele.

No entanto, Abraão permanece como um firme exemplo de alguém que foi salvo pela sua fé num Messias que ainda estava por vir. Em Gênesis 15.6, lemos: "Ele creu no Senhor, e isso lhe foi imputado para justiça". Para compreender isso, temos de entender exatamente quem ou o que foi o objeto da fé de Abraão. Em quê ou quem Abraão cria? No capítulo 3 de Gálatas encontramos uma discussão extensa sobre a fé de Abraão. Não deve passar despercebido que essa discussão rejeita totalmente as obras e a observância da lei como base para a salvação de alguém, seja antes ou depois de Cristo. "É, porventura, a lei contrária às promessas de Deus? De modo nenhum! Porque, se fosse promulgada uma lei que pudesse dar vida, a justiça, na verdade, seria procedente de lei" (Gl 3.21).

Analisando o relato bíblico da queda da humanidade no pecado, encontramos o objeto da fé de Abraão, pois em Gênesis 3.15 Deus promete um Messias: "Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar".

Essa descendência, essa semente (como é traduzido muitas vezes) não é ninguém menos do que o prometido Messias. Vemos que Abraão teve fé na Semente que havia sido prometida por Deus. Sabendo do seu próprio pecado e desmerecimento diante de Deus, Abraão confiou num Salvador que estava por vir. Hoje, a nossa fé olha para *trás*, para a cruz, e a fé de Abraão olhava *para a frente*, para ela. Vemos com o benefício da retrospectiva e com maior clareza (embora ainda abaixo da perfeição);

Abraão via apenas vagamente. No entanto, ainda assim, ele creu e isso foi imputado a ele como justiça.[i] Abraão teve fé em Cristo, assim como também devemos ter hoje.

Não havia "pagãos santos" no Antigo Testamento que creram, mesmo estando fora da comunidade da aliança de Deus?

Tendo já estabelecido que a fé no Salvador prometido foi a chave para a salvação de Abraão, estamos agora na posição de perguntar se há exceções – se, na Escritura, alguém que estava fora da aliança de Deus foi salvo à parte da fé na vinda do Messias. Podemos pensar em Raabe ou Melquisedeque no Antigo Testamento, ou mesmo Cornélio no Novo Testamento.

Vamos analisar brevemente Cornélio como um exemplo representativo. Apelando para Atos 10.2 ("… piedoso e temente a Deus…"), Atos 10.15 ("Ao que Deus purificou não consideres comum") e Atos 10.34-35 ("… em qualquer nação, aquele que o teme e faz o que é justo lhe é aceitável"), os inclusivistas afirmam que Cornélio se destaca como exemplo de alguém que era um crente, embora não houvesse se voltado para Cristo em fé. Na realidade, porém, a passagem ensina justamente o oposto; ensina que para Cornélio ser salvo era necessário que ele ouvisse a boa-nova e colocasse sua fé em Cristo.

Em Atos 11.13-14, lemos as palavras de Pedro quando descreve o aparecimento do anjo a Cornélio. "E ele nos contou como vira o anjo em pé em sua casa e que lhe dissera: Envia a Jope e manda chamar Simão, por sobrenome Pedro, o qual te dirá palavras mediante as quais serás salvo." As duas informações que o anjo deu a Cornélio são extremamente importantes

para esta discussão. Primeira, o anjo disse que seria pela mensagem que Cornélio seria salvo e, segunda, ele deixou claro que essa salvação era um acontecimento futuro, dependente da mensagem. Quando Cornélio ouvisse a mensagem, ele então creria e se voltaria para Cristo e seria salvo. Está claro como a luz. Cornélio poderia ser um homem consagrado, temente a Deus, mas ele ainda não podia ser considerado um filho de Deus justificado. Ele ainda não estava salvo, mas com uma necessidade desesperada da salvação por meio da mensagem de Jesus Cristo. E Deus graciosamente lhe concedeu o privilégio de ouvir essa mensagem e responder a ela.

Como ficam as crianças e os deficientes mentais?

Muitas vezes me pergunto por que Deus não falou explicitamente sobre o estado eterno das crianças ou dos deficientes mentais – aqueles que, embora possam morrer, não têm a capacidade de responder a Cristo. Na verdade, eles não têm a capacidade de rejeitar a revelação geral de Deus, isso para não falar da revelação especial. Não só o bebê que morreu com dois dias de vida nunca teve a oportunidade de se entregar a Cristo, como não teve a capacidade de responder positiva ou negativamente à revelação do próprio Deus na criação. O que podemos dizer sobre o estado eterno de uma criança como essa? Este não é o texto para se discutir sobre a segurança eterna dos deficientes mentais ou das crianças que morrem na infância; no entanto, podemos fazer um esclarecimento útil.

Precisamos ser cuidadosos em não assumir uma correspondência biunívoca entre as crianças ou os deficientes mentais e os adultos que nunca ouviram falar do evangelho. Isso quer dizer que esta não é rigorosamente uma questão que deve cair sob as categorias de inclusivismo ou

exclusivismo. Isso porque, quando falamos sobre o inclusivismo, estamos discutindo aqueles que foram expostos à revelação geral, mas não à revelação especial – eles viram a revelação do próprio Deus na criação, mas nunca se depararam com o nome de Jesus. É uma questão sobre se uma pessoa pode ser salva com base na revelação geral, mesmo sem a revelação especial. No entanto, quando se trata da questão das crianças e dos deficientes mentais, estamos discutindo pessoas que não são capazes de responder a *nenhuma* das duas formas da revelação. Eles ainda são filhos de Adão e, assim, herdaram uma natureza pecaminosa. No entanto, estão num estado que os impossibilita de entender qualquer tipo de revelação de Deus ou responderem a ela. Eles não rejeitam a Deus, porque, por um propósito de Deus, não têm conhecimento para rejeitar.

Acreditamos que os primeiros capítulos de Romanos nos ensinam que todo homem fica sem desculpas por causa da rejeição à revelação de Deus na criação. Vemos, então, que em algum grau, somos julgados pelo que sabemos, pelo conhecimento a que temos acesso. Aqueles que não têm o conhecimento devem ser diferenciados daqueles que têm conhecimento e ainda optam por rejeitá-lo. Portanto, as crianças e os deficientes mentais simplesmente não podem ser colocados na mesma categoria que o homem ou a mulher que nunca ouviram o evangelho. Se os bebês e os severamente deficientes mentais são todos convertidos (à moda de João Batista ou Davi no útero) e têm alguma fé latente que não pode ser expressa, ou se simplesmente caem numa categoria totalmente diferente, está fora do escopo deste capítulo, mas podemos concluir que eles não são semelhantes àquelas pessoas que nunca ouviram.

Conclusão

Jesus Cristo é o único Salvador que o mundo jamais conhecerá. Aqueles a serem salvos por Deus serão salvos somente pela fé nesse Salvador, o Messias. Sabendo que são milhões nesta terra que nunca ouviram falar do nome de Jesus, podemos ser tentados a entrar em desespero, sem esperança diante dessa dura e terrível realidade. E, no entanto, no meio desse desespero, Deus dá esperança. A igreja é a esperança para o mundo. Você, eu e todos os nossos irmãos e irmãs em Cristo somos a esperança para o mundo. É a igreja que Deus chamou e comissionou para levar o nome de Jesus a todas as nações. Sabendo que Deus salva apenas aqueles que confiam em Cristo, sentimos a urgência e a responsabilidade de levar essa boa-nova a todo o mundo para que todos ouçam e creiam.

Vivendo em uma cultura pluralista e envolvidos numa igreja progressivamente inclusivista, pode ser difícil manter-nos firmes na verdade da Palavra de Deus. No entanto, devemos ficar firmes, pois isso não é algo sem importância, não é um pormenor de uma doutrina secundária. Negar que Jesus Cristo é o único Salvador é negar a absoluta seriedade da condição humana e a gravidade da ofensa contra Deus. Negar que a fé é o único caminho pelo qual perceberemos as riquezas de Cristo é negar a singularidade da pessoa e da obra do Salvador e negar a clareza da sua Palavra. Quando consideramos as afirmações de exclusividade de Jesus, é o próprio evangelho que está sendo discutido. Os limites não poderiam ser mais claros.

Para estudo adicional

Evans, Craig A. *O Jesus fabricado*. São Paulo: Cultura Cristã.

Greenway, Roger. *Ide e fazei discípulos*. São Paulo: Cultura Cristã.

Holwerda, David E. *Jesus e Israel*. São Paulo: Cultura Cristã.

MacArthur, John. *Princípios para uma cosmovisão bíblica*. São Paulo: Cultura Cristã.

Packer, J. I. *Evangelização e a soberania de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã.

Piper, John. *Alegrem-se os povos*. São Paulo: Cultura Cristã.

_____. *A paixão de Cristo*. São Paulo: Cultura Cristã.

---

[i] Abraão passou a ser considerado justo por haver depositado sua fé no que Deus prometera (NE).

PARTE 3

PRÁTICA EVANGÉLICA

Aprender a viver a vida de acordo com a vontade de Deus

Capítulo 11

Às vezes, a vida pode ser maravilhosa:

Os evangélicos e a vocação

TED KLUCK

> O problema com a minha geração é que nós todos pensamos que somos… gênios. Para nós, produzir algo não é bom o suficiente, nem vender ou ensinar alguma coisa ou simplesmente fazer algo; temos de *ser* alguma coisa. É o nosso direito inalienável, como cidadãos do século 21. Se Christina Aguilera, Britney ou algum tolo *ídolo norte-americano* pode ser alguma coisa, então por que eu não posso?
>
> Nick Hornby, *A Long Way Down*[1]

Sempre senti um tipo de raiva do filme *It's a Wonderful Life*.[i] O protagonista, George Bailey, ressente-se do fato de nunca ter tido a oportunidade de conseguir realizar os seus sonhos. Ele fica se lamentando, convencido de que sua vida não tem sentido, apenas para receber tapinhas nas costas de várias pessoas que asseguram que ele realmente é um grande cara e sua vida não é tão sem sentido quanto ele pensa. Esta é sem dúvida uma tese extremamente vendável – essencialmente dizer ao seu público (porque muitos de nós somos totalmente banais) que não há problema em ser comum. Isso costumava realmente me irritar muito quando eu era jovem e pensava que iria realizar todos os meus sonhos e fazer algo incrível. Essa

também é a expectativa que muitos cristãos têm quando pensam sobre seu trabalho.

Minha vocação, hoje, é "escritor". Assim diz a minha declaração de imposto de renda. Isso me fez sentir bem, com um ego inflado, vivendo o sonho de outras pessoas por alguns minutos, até que olhei para a seção sobre "renda". Como escritor, escrevo livros e artigos para revistas, bem como ocasionais roteiros para programas de TV sobre temas específicos. Também faço muitas outras coisas para poder pagar as contas, inclusive ser treinador de futebol numa escola de ensino médio e dar aula de redação numa escola particular. Vivo num eterno ciclo de apresentar ideias para um livro, escrever propostas para essas ideias desse livro, dar entrevistas para o rádio sobre as ideias para o livro que foram apresentadas, juntar comentários elogiosos de evangélicos mais famosos sobre essas ideias do livro e, então, esperar (e orar por isso) que os importantes blogueiros evangélicos apreciem o meu futuro livro, que eu comparo (de uma perspectiva de vendas) como um pouco menos que ser beijado na testa pelo próprio Deus todo-poderoso. Também passo algum tempo escrevendo.

Aprendi algumas coisas sobre a minha vocação atual. Aprendi a diferença entre o número de exemplares vendidos e o valor que recebo no final. Aprendi a não confiar nos meus cálculos sobre o valor dos direitos autorais porque o valor verdadeiro é sempre muito menor. Aprendi que, quando sou o coautor de um livro, recebo cerca de 50 centavos de dólar em cada exemplar vendido e que ir a uma livraria e olhar para os milhares de livros (a maioria vendendo melhor do que o meu) está entre as experiências mais humilhantes possíveis.

Mas também aprendi como é ensinar um operário de 50 anos de idade desempregado, desmotivado, a escrever um relatório muito bom (é de ficar

maravilhado). Consegui treinar um jogador de futebol norte-americano de quase 70 quilos que apareceu no primeiro dia de treino com uma camiseta do *Miami Vice* até que ele se transformasse num atacante. Em várias ocasiões, quando eu não sabia como faríamos para pagar as contas, encurvei me ao chão com o rosto em terra, orei e finalmente (embora não imediatamente) vi Deus atender as nossas necessidades de maneiras únicas. Senti o que realmente significa dizer mais do que da boca para fora que "confio em Deus para suprir as nossas necessidades".

Aprendi a ser grato pela minha vocação – isso depois de passar a maior parte dos primeiros dez anos da vida depois de formado, já casado, em vários empregos e odiando quase todos eles de igual modo. Eu era o cara que resmungava ao longo do caminho, reclamava durante o longo e tedioso dia no trabalho[2] e resmungava em casa, sempre achando que Deus deveria ter coisas mais importantes guardadas para mim. E isso acabou sendo verdadeiro e falso. A melhor coisa, no fim das contas, foi encontrar a minha felicidade e identidade nele e crescer em santidade tanto nos momentos bons quanto nos momentos ruins no trabalho. E os maus momentos não acabaram de imediato quando me tornei um escritor (quando penso quanto eu sonhava de maneira equivocada que esses maus momentos acabariam). De certo modo, pioraram quando o fracasso se tornou mais pessoal e não havia ninguém para culpar senão a mim mesmo.

Meu objetivo para este capítulo é escrever algo diferente de uma pontificação reformada jovem. Você sabe, "Deus é soberano, e isso significa que ele está com você, mesmo que você cancele o seguro ou esteja esvaziando a lata de lixo; portanto, seja feliz" ou a mensagem: "Saia do seu emprego na fábrica, envolva-se com cultura para compor sonatas para piano".[3] A maioria desse tipo de livros / capítulos / artigos devocionais é

escrita – sem a intenção de ser desrespeitoso – pelo tipo de pessoa que parece não ter trabalhado um dia sequer na vida (graduação e seminário não contam, embora isto seja um tipo particular de trabalho árduo).

As ordenhadoras são importantes

> Ande cada um segundo o Senhor lhe tem distribuído, cada um conforme Deus o tem chamado (1Co 7.17).
>
> Deus está ordenhando as vacas por meio da vocação da ordenhadora (Martinho Lutero).

Deus pode estar tirando leite da vaca por meio da vocação da ordenhadora, mas isso não significa que seja sempre fácil ser ordenhadora. Executar esse trabalho significa ter as mãos feridas, dor nas costas, um estábulo aberto por onde corre o vento frio e uma vaca que não fica parada. Significa que as pessoas na sua família estão insinuando de um modo não sutil que você deveria ser mais do que uma ordenhadora, ou as pessoas na sua igreja estão sugerindo, em primeiro lugar, que as mulheres não deveriam ser ordenhadoras (fora de casa). Isso significa sentir que você preferiria fazer qualquer coisa que não fosse entrar no estábulo. Pela sua própria natureza, trabalhar é complicado. Você pode ser grato por alguma coisa (seu trabalho) e, ao mesmo tempo, odiar quase tudo no trabalho. Negar que isso acontece ocasionalmente, até mesmo para os cristãos, seria tolice.

No entanto, nós precisamos das ordenhadoras (e de tudo o mais) porque, como Gene Veith escreve:

> Deus nos protege em todas as vocações do governo terreno, como está detalhado em Romanos 13. Normalmente, ele dá os seus dons de cura, não por meio de milagres diretos

> (embora ele possa), mas por meio da vocação dos médicos. Ele proclama a sua palavra por meio dos pastores. Ele ensina por meio dos professores. Ele cria as belas e importantes obras por meio dos artistas humanos, aos quais ele deu talentos.[4]

Dito isso, há uma razão maior para as coisas que fazemos, contanto que essas coisas não estejam em oposição às verdades que encontramos na Escritura. Eu agradeço a Deus pelos médicos (mesmo os não cristãos) que podem curar o meu ombro deslocado, receitar remédios ou dar pontos no rosto do meu filho depois de ele cair de uma árvore. Sou grato pela professora da primeira série que, com disposição, vai ao trabalho todas as manhãs passar um período com 25 alunos, entre 6 e 7 anos de idade (embora eu ache que ela é louca). E sou grato pelos pastores e missionários que levam a Palavra de Deus às igrejas e às culturas não alcançadas. O trabalho deles é importante.

Antes de ouvirmos algumas pessoas explicarem por que o trabalho é importante, precisamos dissipar alguns mitos a respeito dele.

Alguns mitos com respeito aos cristãos e ao trabalho

Trabalhar em um emprego-padrão faz de você um "missionário." Algumas pessoas que eu mais amo na terra são missionárias, o que causa um desconforto quando os pastores (com a melhor das intenções), ocasionalmente, dizem coisas como: "Se você sai da sua casa pela manhã para trabalhar, você é um missionário". Não exatamente. Entendo que o que eles estão tentando dizer é: "Certifique-se de que você está buscando oportunidades para compartilhar o evangelho no seu dia a dia". Mas será que não devemos fazer uma distinção importante entre colocar o símbolo do

peixe no seu carro e realmente dizer: estou indo para o campo missionário? Bruce Wilson, pastor de Missões na College Church em Wheaton, Illinois, resume isso muito bem:

> A atividade da igreja de proclamar o evangelho e fazer discípulos dentro da nossa cultura é chamada de "ministério da cultura próxima". A atividade da igreja de proclamar o evangelho e fazer discípulos além das fronteiras de língua e/ou etnia é chamada de "missões". Missão é fazer o reino de Cristo avançar transculturalmente.[5]

Ser um cristão vocacionado significa que você está no "centro da vontade de Deus" (o que também significa que nada de ruim vai acontecer com você). Uma das coisas que, algumas vezes, pessoas bem-intencionadas nos disseram durante o nosso ano no campo missionário na Lituânia foi que "o centro da vontade de Deus é o lugar mais seguro para se estar". Em outras palavras, isso significava: Deus cuidará de vocês e, provavelmente, vocês não ficarão doentes, feridos, não morrerão, nem ficarão financeiramente quebrados nesse país pós-soviético frio, assustador e, muitas vezes perigoso, porque vocês estão no ministério.

Não me interpretem mal, sei que Deus cuida das pessoas. Sabemos também que ele é soberano, dá e tira, independentemente da nossa vocação. Entretanto, para ter certeza de que estava seguro na Lituânia, eu usava três trancas na porta do nosso gelado apartamento de estilo soviético e apertava meus punhos a cada vez que descíamos de manhã e passávamos pelos bandidos que se reuniam para beber cerveja em frente à porta do nosso prédio. Em vez de me preocupar em compartilhar o evangelho com eles, eu passava mais tempo pensando sobre como iria enfrentar os três se eles tentassem atacar a minha esposa.[6]

Também sei que, durante grande parte daquele ano na Lituânia, eu estava fazendo um "trabalho de ministério profissional"; no entanto, como

acontece com muitos evangélicos no início da faixa dos 20 anos, na agora quase obrigatória procura pelo próprio eu (ou da esposa), nesses anos no exterior, sob o disfarce de viagens missionárias de curto prazo, minha mente estava quase sempre em outro lugar. A maior parte daquele ano eu não estava crescendo em santidade ou santificação – eu era apenas um cara fazendo um trabalho; apenas aconteceu de estar trabalhando do outro lado do mundo para uma escola que tinha a palavra "cristã" no seu nome, enquanto morava num apartamento pior do que o que tínhamos nos Estados Unidos.

Envolver-se com a cultura significa abrir uma lanchonete na sua cidade (normalmente chamada de "Ekklesia"), fazer alguma coisa no interior da cidade, pintar quadros, fazer um curta-metragem ou começar uma banda. Um dos subprodutos do fato de eu estar envolvido na indústria cristã literária em que "popular hoje será ultrapassado amanhã", é que pude observar o ciclo da vida do envolvimento da literatura cultural. É muito animador pensar em fazer tudo o que foi mencionado e, com certeza, há cristãos que são chamados especificamente para fazer cada uma dessas coisas. Mais do que provavelmente, são cristãos que têm algum talento nessas áreas, para começar. Infelizmente, existe um grande número de cristãos que não tem dons nessas áreas, e acabam fazendo essas coisas de maneira ruim em nome do envolvimento cultural. Eu diria (e de fato, digo, adiante) que existem muitos cristãos envolvendo-se com suas culturas de várias maneiras eficazes e que passam despercebidos.

Um cristão sempre gosta do seu emprego e sempre se sente "chamado" para a carreira que está seguindo. Uma grande parte da nossa "retórica de salão de igreja" pode fazer você sentir que se não ama o seu emprego e/ou não se sente completamente grato por ele o tempo todo, de alguma maneira

você é menos espiritual. E a maioria dos homens cristãos que eu conheço (e admiro), começou a carreira de maneira não intencional e não como sendo um ato de Deus "chamando-os" para serem operários, políticos, vendedores ou engenheiros. A questão é que existem coisas que gostamos de fazer, coisas para as quais temos alguma aptidão e talento, e há a consideração, que não é sem importância, de que precisamos, como homens, prover o sustento da nossa família. E, em algum lugar no meio de tudo isso, acabamos encontrando o nosso emprego e (esperamos) um meio de ganhar a vida.

Algumas lições de cristãos que fazem alguma coisa

São poucas as coisas às quais sou mais indiferente de que discussões sobre "cristãos na cultura". Mas particularmente, sou inspirado por homens e mulheres que têm vocações não ministeriais que parecem especialmente abençoados no seu trabalho e, também, são bênção para aqueles que os rodeiam. Isso para mim é envolver-se na cultura de uma maneira mais real (ou, no mínimo, tão real) do que fazer curtas-metragens no computador, pintar quadros no centro da cidade ou apreciar uma xícara de café orgânico. Pode me chamar de ignorante, mas sou assim.

A seguir estão trechos de conversa com alguns desses cristãos: um operário de fábrica, um planejador financeiro, uma professora e um executivo. Eles discutem as suas escolhas da carreira, seus desafios profissionais e os modos pelos quais Deus tem sido glorificado no trabalho deles.

Deus quer que façamos alguma coisa

> Vos exortamos… a diligenciardes por viver tranquilamente, cuidar do que é vosso e trabalhar com as próprias mãos, como vos ordenamos; de modo que vos porteis com dignidade para com os de fora e de nada venhais a precisar (1Ts 4.10-11).

Meu amigo Peter está no início dos seus 50 anos e é operário numa fábrica. Ele se descreve como "um funcionário do governo; ou seja, *General* Motors". Mais especificamente, ele fixa rebites em peças de metal que passam por ele em alta velocidade. Ele faz isso o dia todo, todos os dias e, a menos que se machuque, é o que vai fazer o restante da sua vida.

Ao explicar o seu chamado para trabalhar na General Motors, ele escreve: "Eu realmente tive um 'chamado' para esse emprego, uma voz muito clara e distinta da qual eu me lembro até hoje. A voz dizia: 'Sr. Lukas, aqui é o Sr. Smith, da GM. O senhor poderia vir ao setor de recursos humanos na próxima quinta-feira para uma segunda entrevista?' Na realidade, eu não tinha ideia do que faria depois da faculdade. Queria morar perto de uma boa igreja. A GM estava contratando para uma cidade com uma boa igreja e tudo o mais, e então eu me alistei".

Alistar-se como no exército? Isso parece especialmente desafiador, espiritualmente.

"Toda a atmosfera de uma fábrica é desafiadora. Você se adapta aos modos de seus colegas em áreas que vão além de xingar e beber – e enfrenta a preguiça, a indiferença abjeta, o cinismo descarado, a amargura, a desesperança, as fofocas e outras formas de autodestruição e de se amoldar a um mundo que é implacável? O trabalho é altamente mecânico e tenho certeza de que perdi um considerável número de células originais do cérebro que Deus me deu, mas o desafio ainda é acreditar que Deus está comigo a cada dia, mesmo enquanto as máquinas giram e as pessoas gritam.

A palavra que define meu trabalho é *repetitivo*. Eu posso a cada dia (na maioria das vezes), agradecer a Deus pelo trabalho e mostrar esse agradecimento pela diligência repetitiva e consciente? O trabalho pode ser desanimador, sem alegria, embrutecedor – mas vou viver a minha vida dentro de um contexto maior, com um significado máximo que não é definido pelo que eu faço, mas por Quem eu conheço?"

Essa talvez seja uma das coisas mais comoventes que eu já ouvi sobre vocação, e se torna ainda mais comovente por ter sido escrita por alguém que, pelo menos no papel, não deveria estar agradecido pelo que faz para ganhar a vida. Para mim, é mais fácil ouvir esta mensagem "Quem eu conheço" de um operário de fábrica do que de um pastor ou (pior) de um acadêmico de tempo integral.

Ele acrescenta: "Em última análise, vejo-me como alguém que ganhou mais do que deu. Há dias que, na realidade, são como perambular por um deserto árido, mas Deus tem usado a fábrica para me tornar mais dele… Quando comecei a trabalhar na fábrica aqui na cidade de Lansing, literalmente tive de orar a cada parafuso de cada carro que montei no primeiro mês. Aproximadamente doze parafusos em cada carro, 350 carros por dia, durante trinta dias. Tenho um problema de percepção de profundidade que com a idade está piorando. Orifícios de 2,5 centímetros passando a 300 quilômetros por hora (bem, é o que parece) fazem que eu ore mais.

"Como tive de confiar em Deus no meu trabalho? Quando iniciei na GM, percebi muitas pessoas nos seus 40 ou 50 anos que estavam esgotadas, cínicas, deprimidas, etc. e eu fiz uma oração simples: 'Deus, por favor, não permita que eu fique como essas pessoas quando chegar à idade em que elas

estão'. Obrigado, Senhor, obrigado, Senhor por ter respondido a minha oração."

Às vezes, Deus usa a nossa vocação para nos tornar mais humildes

> Maldita é a terra por tua causa;
> em fadigas obterás dela o sustento durante os dias de tua vida.
> Ela produzirá também cardos e abrolhos,
> e tu comerás a erva do campo (Gn 3.17-18).

Seth é proprietário de um negócio de investimento que lida principalmente com aposentados e com aqueles que estão para se aposentar. A empresa trabalha com investimento por meio de ações, bens consumíveis e no mercado mundial. Ele escolheu esse ramo "quando era jovem, para ficar rico", mas agora o vê como um solo fértil para o ministério "atrás das comunidades fechadas das pessoas ricas". Ele escreve sinceramente sobre os desafios inerentes de trabalhar com dinheiro.

Ele explica: "A minha renda está diretamente relacionada com as ações mundiais. Quando os lucros caem, minha renda cai. Minha confiança pode vir no formato do Baal da Wall Street[ii] em vez do Deus de Abraão e Isaque. Algumas vezes, eu oro pelo Touro de Nova York quando o Urso da Main Street está mostrando demais a cabeça dele. Trata-se de uma luta. O meu ídolo se torna o ídolo da maioria dos meus clientes: *dinheiro*. Sinto que é difícil não permitir que as atitudes deles e o amor ao dinheiro me influenciem, em vez de a minha confiança no Senhor influenciá-los".

Não é segredo que muitos nos Estados Unidos estão perdendo mais do que ganhando financeiramente neste difícil período econômico e, regularmente, Seth enfrenta questionamentos difíceis dos seus clientes. O

Senhor usa esses questionamentos e os desafios para nos desviar da autoconfiança.

"Eu digo a eles que tento confiar em Cristo, sabendo que ele dá e tira para a sua glória. Sei que ele está no controle, mas também luto espiritualmente para de fato crer nisso na prática. Essa resposta sempre faz as pessoas pensarem, e elas realmente não sabem o que fazer com um cristão honesto."

Deus quer que usemos o talento que ele nos deu

> "Cada um se farta de bem pelo fruto da sua boca, e o que as mãos do homem fizerem ser-lhe-á retribuído" (Pv 12.14).

Ruth, uma jovem professora em Manhattan, dá aula de geometria para o ensino médio numa escola pública, onde muitos dos seus alunos são da primeira ou da segunda geração de imigrantes. Há poucos funcionários ou alunos cristãos. Ela é honesta quanto ao seu "chamado" para lecionar.

"Muitas coisas convergiram para que o ensino fizesse sentido para mim", ela escreve, "1) Eu amava matemática e era boa nisso. Gostava de explicar o que sabia para os outros. 2) Tive uma professora espetacular de matemática no ensino médio que tinha paixão por essa matéria. Ela me inspirou. 3) Eu queria exercer um impacto na vida das pessoas e ser uma influência positiva. Acho que pude enxergar que essa era uma paixão que Deus havia colocado em mim. Quero dizer, quantas pessoas podem dizer que são apaixonadas e entusiasmadas não apenas pela matemática, mas também por lecionar matemática?"

Ruth vê, por experiência própria, as necessidades dos alunos (e professores) na escola e trabalha arduamente para incorporar a verdade do evangelho à interação diária no ambiente de trabalho. Ela é grata por Deus

ter dado a ela pessoas pelas quais orar e uma oportunidade de usar os seus talentos para ser sal e luz.

"Quando você trabalha próximo de pessoas (alunos e professores, mas especialmente alunos), é difícil, às vezes, ter o sentimento de que está instilando neles meias-verdades ou apenas suprindo suas necessidades intelectuais", ela relata. "Quando os alunos compartilham comigo as suas lutas, eu quero falar para eles sobre Jesus e como ele é a resposta. No entanto, tenho de dizer coisas como: 'Descanse mais' ou 'Perdoe essa pessoa ou essa questão dominará você'. Embora nenhuma dessas coisas seja falsa, elas não estão chegando à raiz da questão – você é pecador e precisa de Jesus. Há muita necessidade, muita dor e muitas feridas e você vê isso claramente na vida desses jovens e dos colegas de trabalho."

"Tenho de perseverar à medida que exalo Cristo", ela continua. "Devo ser um 'pequeno Cristo', como C. S. Lewis coloca isso, de modo que a-minha vida e a minha visão de mundo sejam diferentes das que o mundo tem para oferecer."

Deus quer que sejamos excelentes no que fazemos

> "Vês a um homem perito na sua obra? Perante reis será posto; não entre a plebe" (Pv 22.29).

Jeff, um engenheiro mecânico, pai de quatro filhos e presbítero na sua igreja, administra um centro de assistência técnica para uma grande companhia de telefone celular.

"Quando eu estava na faculdade, esperava que Deus me chamasse para o campo missionário, talvez como fazedor de tendas em que pudesse usar as minhas habilidades e treinamento para o reino", ele escreve. "Entrei em contato com várias organizações missionárias e orei para que Deus abrisse

uma porta para mim numa missão transcultural durante o meu último ano de faculdade. Quando nada aconteceu, aceitei a única oferta de emprego que havia recebido e fui trabalhar no mercado de trabalho secular como engenheiro de produção na General Electric."

"Meu trabalho não tinha nada inerentemente espiritual (melhorar a qualidade da solda nas partes da turbina a vapor!), mas percebi que estava constantemente rodeado de não cristãos e tinha muitas oportunidades de compartilhar a minha fé. E, também, ao simplesmente fazer o meu trabalho 'como para o Senhor', fui bem-sucedido nos projetos que eram designados a mim. Logo, me vi sendo promovido para funções de responsabilidades cada vez maiores e, por último, em funções de gerência. Percebi que gostava dessas funções de gerência e a liderança veio naturalmente. Desde então, exerci algumas funções diferentes em qualidade, engenharia, compras e operações. Descobri que o meu chamado não é para um emprego específico ou indústria, mas para usar os meus dons, seja qual for o emprego que Deus me der, de modo que possam honrá-lo."

Fugitivos, errantes e esperança: quem eu conheço

> "Quando lavrares o solo, não te dará ele a sua força; serás fugitivo e errante pela terra" (Gn 4.12).
>
> "Por isso concluí que não há nada melhor para o homem do que desfrutar do seu trabalho, porque esta é a sua recompensa. Pois, quem poderá fazê-lo ver o que acontecerá depois de morto?" (Ec 3.22; NVI).

Trabalhar como escritor é ser um fugitivo e errante. É isso o que eu penso a uma hora e oito minutos da madrugada, quando mentalmente calculo o que vai entrar no próximo mês e percebo que provavelmente vai ser pouco para o que eu preciso. Provavelmente, isso deveria fazer-me

desesperar,[7] porque, como o personagem de Nick Hornby,[iii] desejo não só "fazer" algo, mas "ser algo". E em algumas noites, como nessa, eu gostaria de ser bem-sucedido em "ser algo".

Daqui a seis horas e meia estarei diante de um grupo de universitários, tentando ensinar a eles alguma coisa sobre comunicação. Depois disso, vou me sentar no meu carro e dar uma entrevista para o rádio via celular sobre um livro sobre o qual eu praticamente parei de pensar faz alguns dias, depois que apertei a tecla "enviar". Ainda assim, agradeço e sou grato a Deus pelo meu trabalho, especialmente depois que percebo, em parte por meio das entrevistas mencionadas, que existem cristãos para os quais a vocação é mais do que apenas uma sequência de circunstâncias que pendem para um lado ("Sou bem-sucedido – então, Deus está me abençoando") ou outro ("Estou fracassado – então, Deus deve estar me punindo"). E escrever não é nada se não administrarmos as circunstâncias.

Mas trabalhar, especialmente nesta economia, é uma oportunidade para confiar em Deus (Senhor, por favor, dê o sustento para a minha família), agradecer a Deus (Senhor, obrigado pelo trabalho que o Senhor me deu) e amar a Deus (Senhor, ajuda-me a trabalhar de tal maneira que possa trazer glória e honra ao seu nome). Eu estou procurando a minha identidade não no que faço, mas em Quem eu conheço?

Para estudo adicional

Benton, John. *Cristãos em uma sociedade de consumo*. São Paulo: Cultura Cristã.

Colson, Charles. *Uma boa vida*. São Paulo: Cultura Cristã.

Grudem, Wayne. *Negócios para glória de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã.

Guinness, Os. *O chamado*. São Paulo: Cultura Cristã.
Kuyper, Abraham. *Calvinismo*. São Paulo: Cultura Cristã.
Piper, John. *Não jogue sua vida fora*. São Paulo: Cultura Cristã.
Plantinga, Cornelius. *O crente no mundo de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã.
Tchividjian, Tullian. *Fora de moda*. São Paulo: Cultura Cristã.
Veith Jr., Gene Edward. *Deus em ação.* São Paulo: Cultura Cristã.
Wiker, Benjamin e Witt, Jonathan. *Um mundo com significado*. São Paulo: Cultura Cristã.

---

[i] Filme de 1946, dirigido por Frank Capra, lançado no Brasil com o título *A felicidade não se compra*, com James Stewart no papel principal (NE).

[ii] Centro financeiro dos Estados Unidos. O autor se refere em seguida a bolsas de valores como deuses pagãos (NE).

[iii] Ver início deste capítulo.

Capítulo 12

JUSTIÇA SOCIAL:

O que Deus tem a ver com isso

DARRIN PATRICK

Quando fui para a cidade de St. Louis para fundar The Journey Church, tive tensão em duas frentes. Primeiro, eu não conhecia ninguém que estivesse interessado em nossa nova igreja, embora tivesse conversado com algumas pessoas sobre como a nova igreja poderia fazer diferença numa cidade falida. Porém, felizmente, você consegue atrair algumas pessoas durante algum tempo, o que é aparentemente bom o suficiente para conseguir um pequeno grupo. A nossa pequena igreja, a qual consistia da minha esposa e minha filha de 1 ano, começou a reunir as pessoas no porão da minha casa com a visão de pregar e praticar o evangelho numa cidade com mais de 2,5 milhões de habitantes. Nossos vizinhos eram ucranianos e filipinos, enquanto nós éramos uma igreja de brancos e jovens na faixa dos 20 anos. Como seria possível iniciar uma igreja para esse tipo de cidade?

Estávamos tensos também porque a cidade era dividida racialmente, pobre e abandonada pela maioria das igrejas no centro urbano; muitas igrejas iam atrás das pessoas brancas no subúrbio. As perguntas que

incomodavam os nossos ouvidos e corações eram: Como podemos pregar o evangelho aqui? Como oferecer a água da vida e dar um copo de água fresca no nome de Jesus? Como fazer tanto o ministério da Palavra quanto da obra? Como podemos ser fiéis na proclamação do evangelho e na nossa demonstração de como viver o evangelho?

Sinta a tensão. Biblicamente falando, é simplesmente inaceitável abandonar a proclamação do evangelho para aliviar um sofrimento temporário desta vida. Do mesmo modo, não podemos ignorar a ordem bíblica de fazer justiça e misericórdia nas cidades destruídas com a desculpa de "manter-nos fiéis à proclamação do evangelho". Nossas cidades precisam desesperadamente de um ministério de palavra e de ação, o que significa que a igreja precisa viver nessa tensão.

O que é justiça social?

A expressão *justiça social* tem diferentes significados para várias pessoas. Para algumas, é uma expressão política. Para outras, inclui quase todo tipo de ação que se possa imaginar. E outras questionam se o termo é de fato útil. Quando eu uso o termo, estou simplesmente me referindo aos esforços que fazemos para demonstrar cuidado e preocupação pelas necessidades daqueles que nos rodeiam, especialmente aqueles que são incapazes de se ajudarem.

Se nos livrarmos dessa ampla definição, podemos olhar mais de perto e ver como os cristãos praticam justiça social. O Dr. Tim Keller, pastor da Redeemer Presbyterian Church, na cidade de Nova York, sugere quatro temas principais para o ministério de justiça social: próximos, justiça, serviço e misericórdia.[1]

Próximos. Primeiro, precisamos entender quem são os nossos próximos. Próximos não são apenas aqueles que se parecem conosco, consomem como nós e pensam como nós. Com base nas palavras de Jesus em Lucas 10.25-37, Keller escreve: "O seu próximo é toda pessoa com quem você tem contato que esteja carente de recursos, mesmo que seja alguém de uma etnia rejeitada ou de outra crença religiosa".[2] Assim, o chamado em Levítico 19.18 para "amar o teu próximo como a ti mesmo" vai muito além da nossa classe social e financeira.

Justiça. Segundo, nós devemos lutar contra a injustiça. Se há justiça social, certamente há injustiça social. Injustiça social é lucrar à custa daqueles que têm pouco ou nenhum poder econômico ou social (Is 58.6-10). De acordo com a Escritura, isso inclui o deficiente físico, a viúva, o órfão, o pobre e uma multidão de outros que podem ser afetados pelo poder das estruturas socioeconômicas. A justiça bíblica inclui lidar honestamente com os desfavorecidos e a opressão sistêmica onde ela exista.

Serviço. Terceiro, precisamos estar dispostos a, humildemente, servir aqueles que não têm as necessidades básicas supridas.[3] O serviço radical, Jesus disse, significa oferecer um banquete para "… os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos" (Lc 14.13, ver v. 12-14). Na instituição dos diáconos em Atos 6, foi-lhes dada a tarefa de servir refeições às viúvas. Esse serviço estava bem abaixo do conceito de dignidade dos cidadãos respeitáveis da cultura grega da época. Keller faz o contraste entre Platão e Jesus para descrever as normas gregas e a ética cristã. Platão diz: "Como um homem pode ser feliz se ele tem que servir a alguém?", enquanto Jesus diz: "Pois, no meio de vós, eu sou como quem serve" (Lc 22.27).

Misericórdia. Finalmente, para fazer justiça social, devemos nos envolver em práticas de misericórdia. Keller diferencia entre justiça, serviço e misericórdia considerando os três ofícios de Jesus: Profeta, Sacerdote e Rei. Justiça, sugere Keller, é a ação profética de falar contra atos e sistemas de injustiça, enquanto defende aqueles que foram negligenciados. Serviço é ter uma perspectiva nobre sobre como suprir de maneira prática, concreta e eficaz as necessidades básicas do pobre. Misericórdia, então, significa olhar para o pobre com compaixão e preocupação sacerdotal seguindo o exemplo de Cristo.

A tensão "ambos e": proclamação do evangelho e justiça social

Quando falamos em justiça social, no entanto, estamos imediatamente mergulhando em mais tensão. Na nossa busca de servir "o menor deles", precisamos tomar cuidado para não negligenciar o ministério principal da igreja, que é a proclamação do evangelho. Antes de seguir adiante, preciso explicar brevemente o que quero dizer com o termo *evangelho*, para que a minha intenção fique bem clara quando falo da proclamação do evangelho.

Fundamentalmente, o evangelho é a boa-nova de que o eterno Filho de Deus veio ao mundo pecador e viveu uma vida de perfeita obediência ao Pai, sofreu morte sacrificial em lugar dos pecadores e ressuscitou triunfantemente da morte como um sinal da derrota do pecado e a aceitação do Pai. Em tudo isso, o Filho estabeleceu uma justiça para aqueles que não têm justiça própria. Assim, "… agora, pois, já nenhuma condenação há" (Rm 8.1) para aqueles que confiam somente em Cristo. A morte e a

ressurreição de Jesus são os sinalizadores permanentes para a posição correta do pecador diante de Deus.

Algumas vezes, evangélicos mais fervorosos têm pensado somente em conversões. Como D. A. Carson coloca: "Para alguns cristãos, 'o evangelho' é um conjunto restrito de ensinos sobre Jesus, sua morte e ressurreição, os quais, se aceitos corretamente, introduzem as pessoas no reino".[4] Embora a crença no evangelho de fato leve o cristão para o reino, essa não é a única implicação das boas-novas. O evangelho é a "categoria abrangente que reúne muito da Bíblia, e leva os cristãos, da perdição e alienação de Deus ao longo da conversão e do discipulado, à consumação, à ressurreição dos corpos e ao novo céu e nova terra".[5] O evangelho informa tudo. Ao crescer na graça do evangelho, os cristãos se sentirão ávidos por responder com compaixão às incontáveis necessidades no meio deles (1Jo 3.18).

Mas aqui está a tensão novamente: não devemos substituir transformação espiritual pela justiça social. Conquanto nosso coração pela justiça social surja do evangelho, a justiça social, por si mesma, não comunicará o evangelho. Nós precisamos da proclamação do evangelho porque, enquanto as pessoas podem ver nossas boas ações, elas não podem ouvir as boas-novas a menos que as contemos para elas. A justiça social, embora valiosa como uma expressão do amor cristão, deveria, especialmente como um esforço da igreja, cumprir o objetivo da proclamação do evangelho. Nós cuidamos das pessoas porque as amamos como criaturas feitas à imagem de Deus e lamentamos o seu sofrimento. No entanto, crendo na realidade do sofrimento eterno, nós também esperamos que oferecer um copo de água no nome de Jesus nos dê uma abertura para falar a elas sobre o evangelho. Almejamos contar a história do ato máximo

de serviço, do fato de ele ter satisfeito a justiça divina, da sua misericórdia para com os espiritualmente falidos por meio de sua encarnação, crucificação e ressurreição.

Tensão na igreja

Embora tenhamos a tendência de acreditar que somos espécies únicas como os flocos de neve e a geração intelectualmente mais avançada e progressista da História, felizmente não somos. E nós não somos os primeiros cristãos a lutar contra essa tensão. Depois de receber o evangelho, a igreja primitiva respondeu de duas maneiras principais.

Primeira, eles pregavam – em todo e qualquer lugar. Embora os apóstolos, muitas vezes, tenham usado diferentes argumentos para diversos contextos,[6] a essência do evangelho permaneceu a mesma. Segunda, os primeiros cristãos escolheram uma estratégia inteligível ao envolver a cultura deles, ao iniciar conversas espirituais, ao "tagarelar sobre o evangelho" nas suas casas, ao estabelecer novas igrejas.[7]

À medida que crescia, a igreja lutava consistentemente com o mundo não crente. Tome como exemplo o monastério medieval. Eles hesitavam entre ser um abrigo para o pobre e marginalizado e ser um refúgio para os eremitas, tirando-os da sociedade para buscarem a Deus longe de qualquer tentáculo "mundano". Uma dinâmica semelhante estava acontecendo no avivamento evangélico do século 18. Apesar das tentativas de João Wesley e Jonathan Edwards de viverem na tensão do evangelho, defendendo a proclamação do evangelho e a justiça social, muitos líderes cristãos ainda ignoraram as necessidades básicas das pessoas ao seu redor.

Mais recentemente, Walter Rauschenbusch, que viveu antes da Primeira Guerra Mundial, criticou com razão a igreja por não reconhecer o reinado de Jesus como o Rei sobre as estruturas sociais, mas o movimento social do evangelho que ele iniciou foi arruinado pelo otimismo centralizado no homem e nas dimensões espirituais da fé cristã histórica.

Justiça social na Bíblia

Tendo lidado com as definições, com a história e com os temas em geral, agora vamos mais explicitamente à Bíblia e ao que ela diz sobre a nossa responsabilidade de cuidar do necessitado.

O povo de Israel era continuamente advertido pelos profetas para terem uma sensibilidade piedosa em relação ao pobre. Em Jó 31.16-22, vemos o amor de Deus pelo oprimido. Uma pessoa piedosa, a passagem diz, não pode e não poderá permanecer ociosa diante da miséria e pobreza abjeta. Jó diz que ele não reterá nada do pobre, que os órfãos comerão antes dele e que se alguém morresse por falta de algo essencial ou penúria sob o seu cuidado, "Então, caia a omoplata do meu ombro, e seja arrancado o meu braço da articulação" (Jó 31.22). Em outra passagem, os profetas repreendem severamente Israel pelo materialismo idólatra deles. Isaías 3.16-26 mostra a severidade com a qual serão tratados aqueles apegados às riquezas.

> Naquele dia, tirará o Senhor o enfeite dos anéis dos tornozelos, e as toucas e os ornamentos em forma de meia-lua; os pendentes, e os braceletes, e os véus esvoaçantes; os turbantes, as cadeiazinhas para os passos, as cintas, as caixinhas de perfumes e os amuletos; os sinetes, e as joias pendentes do nariz…
>
> Será que em lugar de perfume haverá podridão…

Os teus homens cairão à espada,
e os teus valentes na guerra.
As suas portas chorarão e estarão de luto;
Sião, desolada, se assentará em terra.

Mas o pecado do povo de Deus não era limitado ao desejo pela riqueza. Ao se concentrar no aumento das riquezas pessoais, o povo de Deus não estava apenas falhando por não compartilhar com o pobre, estava também deixando de habilitar as pessoas de modo que vivessem uma vida produtiva por conta própria. Em Deuteronômio 15.12-15, com outras passagens, está claro que o mais pobre dos pobres não deve ser deixado com mãos vazias, mas ajudado para que possa ser bem-sucedido, suprido "liberalmente", pois "daquilo com que o Senhor, teu Deus, te houver abençoado, lhe darás [ao pobre]".

A mesma preocupação com o pobre é encontrada também no Novo Testamento. Em Mateus 25.44-46, depois de estabelecer um ministério de cuidado extraordinário e muitas vezes miraculoso ao pobre (Mt 11.1-6), Jesus instrui os seus ouvintes que, aqueles que verdadeiramente creem nele, necessariamente servirão os famintos, os que têm sede, os estrangeiros, os nus, os doentes e os prisioneiros. A fé verdadeira em Cristo resulta num cuidado verdadeiro por aqueles que têm maior necessidade. Acima de tudo, isso significa o cuidado pelos nossos irmãos e irmãs cristãos (Mt 25.40), mas também significa fazer o bem, sempre que pudermos, para o mundo ao nosso redor (Gl 6.10).

Transformados no nível do coração pelo evangelho, os apóstolos deram exemplo no cuidado pelo pobre por meio das suas palavras e nas suas ações. Não deixando nenhum dos mandamentos do Antigo Testamento para trás, as epístolas, na verdade, os expandem. Em 1João 3.16-17, João evoca o cerne da passagem de Deuteronômio anteriormente citada. Ele lembra à

igreja que, por Cristo ter entregado a vida dele por nós, nós devemos também entregar a nossa vida pelos nossos irmãos e irmãs que estão necessitados. Como Isaías, Tiago lembra à sua congregação em Jerusalém que a riqueza ilícita é um pecado absoluto, altamente ofensivo a Deus e que eles colherão resultados terríveis como punição. O irmão de Jesus, furioso com os acumuladores de riquezas na sua igreja, escreveu: "… o vosso ouro e a vossa prata foram gastos de ferrugens, e a sua ferrugem há de ser por testemunho contra vós mesmos" (Tg 5.3). A conclusão para o rebanho de Tiago é que era melhor para eles servirem a seus irmãos e irmãs necessitados do que ver os bens que eles haviam juntado "… devorar, como fogo, as vossas carnes" (Tg 5.3).

E o que dizer do exemplo do próprio Jesus? Tendo lido os evangelhos fielmente por mais de vinte anos, tornei-me mais cuidadoso ao tentar-deduzir sistematicamente um método previsível de como Jesus agiu durante sua missão divina na terra. Ele declarou que o seu ministério principal era pregar (Lc 4.43) e, no entanto, à medida que andava pelos lugares, essa prioridade da pregação não era uniforme. Muitas vezes ele entrava numa cidade, ia para um lugar onde um grupo de pessoas doentes se encontrava, curava uma ou duas delas, e continuava o seu caminho. Em algumas ocasiões, ele alimentou a multidão faminta para que ela pudesse ouvi-lo pregar sobre o reino de Deus e presenciar um milagre que autenticava a sua mensagem. Ele curou fisicamente todos aqueles que foram a ele,[8] e não tinha vergonha ou medo de tocar naqueles considerados mais pecaminosos e impuros (Mt 11.19; 24.49; Lc 7.34). Outras vezes, disse aos seus discípulos para pegarem um barco para que ele pudesse ter mais espaço e ensinar. E ainda outras vezes, Jesus se opôs aos líderes religiosos quanto à hipocrisia deles, a qual era muitas vezes revelada pela ausência de

preocupação para com os pobres e marginalizados (Mt 23.23). No final, é difícil chegar a conclusões definitivas a partir do exemplo de Jesus. Porém, com certeza, podemos dizer o seguinte: conquanto Jesus não quisesse que os seus ensinamentos fossem desviados pelas necessidades da multidão, ele não queria ignorar o sofrimento dos que estavam ao seu redor. Estava empenhado em permanecer em missão. Ele era também cheio de misericórdia.

Não podemos seguir a Cristo fielmente e evitar os atos de misericórdia. A pergunta prática que a igreja deve fazer é esta: Com que extensão a igreja participa da justiça social em forma de ação individual, com princípios intencionais de misericórdia e desenvolvimento comunitário? A minha alegação, que esclarecerei adiante, é que a igreja, como igreja, deve se concentrar na Grande Comissão (fazer discípulos) enquanto vive os Grandes Mandamentos (amar a Deus e ao seu próximo) ao longo da caminhada. A prioridade da igreja deve ser o discipulado cristão. Nenhuma outra instituição na terra assumirá essa missão. Isso não significa que nossas igrejas estão erradas em adotar uma escola ou apoiar um abrigo para moradores de rua. Certamente que não. No entanto, se a maior parte do seu trabalho for justiça social, ela se reduzirá a uma igreja dispersa, com indivíduos cristãos como membros ou até mesmo trabalhando com não cristãos para mostrar misericórdia e oferecer ajuda a um mundo destruído e ferido.

Ao encerrar este capítulo, apresento as seguintes conclusões baseadas num entendimento bíblico, em lições da história da igreja e na minha própria experiência como pastor numa cidade racialmente dividida, antes próspera e que agora está empobrecida.

Conclusões

Falei muito sobre tensão. Talvez você até mesmo a tenha sentido no vaivém, dá-e-toma deste capítulo. Entender a justiça social não é para os de coração fraco. No entanto, deve haver algumas lições que precisaremos fazer em casa relacionadas à pregação do evangelho e à promoção da justiça social. Permita-me sugerir cinco pontos práticos para aplicação.

1. *Admitir que a tensão é o primeiro passo para viver de maneira proveitosa*. A Bíblia não é estranha à tensão. O reino, por exemplo, já está aqui, mas não chegou por completo. Essa tensão nos ajuda a entender a tensão que sentimos em relação ao compromisso com a justiça social.

Por um lado, sabemos que a verdadeira justiça social espera pelo novo céu e nova terra, mas, por outro, somos compelidos a estender a misericórdia de acordo com a palavra e os exemplos de Jesus, dos apóstolos e do Antigo Testamento. Por um lado, somos chamados pela Escritura para nos envolver com a cultura, a mostrar como o evangelho desafia os sistemas social e político injustos e a lutar pelo bem daqueles que estão oprimidos por esses sistemas. Por outro lado, devemos esperar pecado e pobreza nesta vida e não utopia. O "já" e o "ainda não" do reino significam que estamos certos ao sentir a tensão entre fazer as boas obras como uma expressão do reino por vir e, ao mesmo tempo, entender que o reino não virá pelas nossas boas obras.

2. *A igreja é chamada, primeiramente, para proclamar o evangelho.* Como a Gospel Coalition declara na visão do seu ministério: "Não somos nem otimistas nem pessimistas demais sobre a nossa influência cultural,

pois sabemos que ao andar nos passos daquele que entregou a sua vida pelos seus inimigos, sofreremos perseguição mesmo enquanto exercermos impacto social" (1Pe 2.12).[9] Timmis e Chester falam muito bem: "Se não mantivermos o compromisso eterno na mente das pessoas, então as necessidades imediatas se tornarão nossa prioridade, e nós vamos trair o evangelho e as pessoas que dizemos amar. A ação mais amorosa que podemos fazer pelo pobre é proclamar as boas-novas da salvação eterna por meio de Cristo".[10]

3. *Você não deve usar a justiça social para evitar a ofensa da cruz*. Como Paulo observa em 1Coríntios 1.23, o evangelho é "escândalo" e "loucura" para aqueles que não creem. Não importa quanto os cristãos articulem bem o evangelho, não importa quanto eficaz e compassivamente sirvam, o evangelho sempre será ofensivo para aqueles cujos corações se opõem a Deus. Pensar de outro modo é tão tolo quanto o evangelho parece aos não cristãos.

Há duas razões por que isso não deve nos causar admiração. Primeira, o próprio Jesus era uma pessoa repulsiva àqueles que não o receberam (Mt 11.6; 15.12; Lc 7.23). Ele pregou a verdade pura, o que, em última instância, o levou à morte (Mt 12.14). Segunda, o horror do pecado em nós e sua devastação no nosso mundo são muito reais e assim será até Jesus voltar para estabelecer por completo o seu reino. Promover a justiça social como uma solução para o nosso pecado não é somente incorreto teologicamente, mas leva à decepção aqueles que depositarem esperança no avivamento cultural.

Para que não fiquemos em dúvida o apóstolo do amor falou francamente em 1João 3.12-14. Com base no relato bíblico do primeiro assassinato no

mundo, João observa que Abel, o servo fiel de Deus, foi assassinado pelo seu próprio irmão por causa de sua obediência a Deus. Por essa razão, João diz: “Irmãos, não vos maravilheis se o mundo vos odeia” (v. 13). O evangelho é ofensivo àqueles que se opõem a Deus e leva ao sofrimento aqueles que o amam. Nenhuma quantidade de boas obras mudará essa realidade.

4. *A igreja “institucional” deve preparar pessoas que se tornarão a igreja “orgânica”*.[11] A linguagem de igreja institucional e de igreja orgânica vem do holandês neocalvinista Abraham Kuyper.[12] Não permita que o termo *institucional* o leve mentalmente a uma biblioteca empoeirada ao estilo dos anos 1950 que precisa que suas janelas sejam abertas para o ar fresco entrar. Igrejas institucionais, na visão de Kuyper, podem ser igrejas recém-estabelecidas. A igreja institucional, diz Kuyper, é a igreja que a maioria de nós conhece: presbíteros pregando e liderando, diáconos servindo e membros participando dos sacramentos. Em outras palavras, a igreja institucional deveria fazer o que mencionamos no item 2: usar toda a sua influência e criatividade para promover e proclamar o evangelho bíblico de Jesus. O objetivo não é só converter o não cristão ao evangelho, mas pregar o evangelho aos cristãos, capacitando-os a ver a esfera de ação todo-abrangente do evangelho ao seu redor e o seu poder de autoridade em todas as esferas da vida.

A igreja orgânica, então, como já dito, consiste de pessoas que foram preparadas com o evangelho proclamado pela igreja institucional. Elas, então, identificam as implicações do evangelho na vida real. Isso significa que, enquanto a igreja institucional está preparando pessoas pela proclamação do evangelho, a igreja orgânica está agindo com um grande

número de cristãos praticando individualmente o serviço aos pobres e marginalizados. Além disso, a igreja orgânica produz pessoas que se organizam para formar instituições sem fins lucrativos, associações, comunidades – e a lista continua. Como as pessoas estão equipadas com o evangelho, elas se mobilizam para se associarem e até para iniciarem organizações de melhoria, proteção social e política sem fins lucrativos.[13]

Acredito que essa distinção entre igrejas institucional e orgânica faz muito para aliviar os medos de muitos evangélicos que temem que a abordagem de programa para a justiça social pode diluir a mensagem do evangelho num mundo perdido.

5. *Igrejas centralizadas no evangelho devem organizar outras igrejas centralizadas no evangelho*. As igrejas que não só entendem, mas executam os pontos 1 e 2, exercerão um impacto evangelístico significativo nos bairros em que estão estabelecidas. No entanto, essas igrejas não exercerão um impacto significativo nos bairros além da sua área geográfica imediata. É por essa razão que as igrejas institucionais que desenvolvem igrejas orgânicas devem estabelecer outras igrejas institucionais que desenvolvam e preparem igrejas orgânicas em outros bairros. As igrejas novas alcançam não cristãos num grau bem mais elevado do que igrejas mais antigas.[14] Isso não significa que as igrejas estabelecidas não possam causar um impacto evangelístico no seu bairro e ganhar as almas perdidas para Cristo. Estou simplesmente declarando uma realidade que as estatísticas mostram. Os estudos mostram que igrejas com menos de três anos levam pessoas a Cristo três vezes mais do que igrejas com quinze anos de idade ou mais.[15] A boa notícia para as igrejas existentes é que, quando dá o corajoso passo de investir nos jovens plantadores de igreja, a igreja "mãe" se revitaliza

também.[16] O estabelecimento de uma igreja dá vida a novas igrejas e estabelece igrejas semelhantes.

E como a justiça social se encaixa no chamado para a formação de igrejas? A maneira de a igreja prevalecer é se concentrar na pregação do evangelho, que desafiará as pessoas a levarem o evangelho à parte sofrida da cidade. Igrejas centralizadas no evangelho desafiarão as pessoas a serem bons vizinhos, a se envolver na sua cidade/bairro, não apenas para usar a cidade para se divertir ou trocar de casa para obter lucro, mas para buscar as necessidades das pessoas como uma porta de entrada para conhecer as necessidades espirituais das pessoas. Assim como os milagres que Cristo fez não eram uma suspensão da ordem natural, mas um "restabelecimento da ordem" de como supostamente as coisas eram antes do pecado, assim também os seguidores de Cristo procurarão fazer coisas dentro da sua esfera de influência que incluem os lugares onde moram, trabalham e se divertem. A justiça social é o programa principal da igreja? Não! A justiça social é uma importante parte intencional e orgânica do discipulado para indivíduos cristãos mobilizados e equipados pelas suas igrejas locais? Sim!

Para estudo adicional

Biéler, André. *A força oculta dos protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã.

_____. *O pensamento econômico e social de Calvino*. São Paulo: Cultura Cristã.

Horton, Michael. *O cristão e a cultura*. São Paulo: Cultura Cristã.

Lillback, Peter. org. Com Powlison, David; Adams, Jay; Beeke, Joel; Pipa Jr., Joseph; Ryken, Phil; Godfrey, Robert; Ferguson, Sinclair e outros. *O Calvinismo na prática*. São Paulo: Cultura Cristã.

Reid W. Stanford. org. *Calvino e sua influência no mundo ocidental* (autores diversos). São Paulo: Cultura Cristã.

Van Til, Henry R. *O conceito calvinista de cultura.* São Paulo: Cultura Cristã.

Wallace, Ronald. *Calvino, Genebra e a Reforma*. São Paulo: Cultura Cristã.

Capítulo 13

HOMOSSEXUALIDADE:

Graça, verdade e a necessidade de coragem tolerante

ERIC REDMOND e KEVIN DEYOUNG

Provavelmente o constrangimento já terá parecido obsoleto quando este livro for publicado, mas foi notícia que causou certo rebuliço durante alguns dias. No dia 1º. de outubro de 2009, o comediante de TV David Letterman anunciou para o seu público que ele havia tido um caso amoroso com uma das moças da sua equipe. Houve uma mistura de reações entre o público. Alguns acharam que Letterman estava recebendo o que merecia ao ser ridicularizado como costuma ridicularizar os outros. Outros disseram que isso não tinha a menor importância. Como foi comentado por Tom Shales, do jornal *The Washington Post*, "Letterman pode continuar satirizando as figuras políticas sem medo de ser hipócrita, porque um comediante da TV não é alguém que foi eleito para um cargo oficial para cuidar do bem-estar da nação ou de seus cidadãos". Assim, Letterman é desculpado por ser um "comediante, não um clérigo ou parlamentar".[1]

Mas, então, o que dizer do jogador de golfe Tiger Woods? Quando estourou a notícia das muitas amantes de Tiger, ele perdeu os patrocinadores, o respeito do público e, finalmente, o seu casamento. Ele se afastou dos campeonatos seguintes e se internou em uma clínica para viciados em sexo. Letterman pode, mas Tiger não?

Todas as vezes que o sexo está na mídia, podemos contar com o fascínio das pessoas pelo assunto. O que não se consegue prever é a reação do público. Para uma reportagem, surgem risadas. Para outra, espanto. Algumas vezes, os pecados são considerados chocantes. Outras vezes, não passam de imprudências pessoais. É como se nossa sociedade quisesse ter padrões sexuais, mas não quisesse que fossem padronizados.

No entanto, em face dessa inconsistência, o cristianismo evangélico mantém um padrão teológico para a sexualidade bíblica que se aplica a todos. *Há* um código de conduta definido e descrito pelas Escrituras: uma união de aliança de um homem com uma mulher (até a morte de um deles) como o padrão do Senhor para *todas* as pessoas em *todas* as sociedades. Dado esse padrão, os cristãos precisam enfrentar uma variedade de pecados: pornografia, adultério, sexo antes do casamento, divórcio ilegítimo e um novo casamento. Não é que sejamos desmancha-prazeres, assustados porque as pessoas estão se divertindo por aí. Antes, é porque cremos na Palavra de Deus e cremos que a Palavra de Deus é boa para nós, que nos sentimos compelidos a apoiar a postura da Escritura a respeito da sexualidade. E essa postura inclui a proibição de comportamento homossexual.

Como ter a conversa

Homossexualidade é um tópico complicado e pessoal para muitas pessoas. Muitas vezes, é difícil discutir sobre o assunto. Mais e mais, muitos de nós temos amigos ou alguém na família que é *gay*. Sem dúvida, algumas pessoas que estão lendo este capítulo lutam contra a atração por pessoas do mesmo sexo. Portanto, sempre que conversamos sobre homossexualidade, estamos falando acerca de algo muito pessoal, algumas vezes doloroso e sempre controverso. No entanto, não podemos evitar este assunto. Ele exige uma reflexão cuidadosa e uma resposta igualmente cuidadosa. A homossexualidade não é o único tema importante para os cristãos, mas é um que não podemos ignorar.

Criticar a homossexualidade é algo malvisto em muitos meios. A justiça "progressista" busca normalizar e proteger os "direitos" dos homossexuais, e algumas grandes instituições denominacionais aprovaram a ordenação de padres e ministros reconhecidamente *gays*. A mídia apresenta a homossexualidade como algo aceitável e típico dos Estados Unidos. A crítica cristã nesse meio muitas vezes soa como estridente ou intolerante. E, infelizmente, às vezes é. Mas a nossa atitude deve ser de humildade. Ser cristão é reconhecer que nós éramos rebeldes em relação a Deus e, na realidade, ainda estamos lutando contra os impulsos rebeldes do nosso coração. Portanto, falamos àqueles que estão se entregando a algum pecado de um ponto de humildade, como pessoas que encontraram misericórdia e perdão, e não como se fossem dignas diante de Deus ou moralmente superiores aos outros. A nossa crítica é forte, mas, assim esperamos, humilde também. Não temos retidão própria, e a única verdade que falamos é o que vemos na Palavra de Deus.

No início

O plano de Deus desde o início foi que o homem e a mulher se tornassem uma só carne na aliança do casamento. Não havia uma auxiliar apropriada para Adão e Deus criou a mulher (Gn 2.20, 22). Ela era osso dos seus ossos e carne da sua carne, e os dois se tornaram uma só carne (Gn 2.23-24). Deus fez o homem e a mulher para se encaixarem, literalmente. A intenção de Deus na criação foi que o homem e a mulher vivessem num estado em que pudessem se alegrar um no outro, numa exclusiva união em "uma só carne", para o restante da vida, que resultaria em "encher a terra". Esse tipo de união só acontece num casamento heterossexual.

Temos boas razões para pensar que essa união de um só homem e uma só mulher foi e continua sendo o projeto de Deus para a sexualidade humana. Para começar, o casamento foi dado antes da queda e pronunciado como sendo muito bom (Gn 1.31). O que era bom com relação a isso, não era simplesmente que Adão tinha um relacionamento significativo, mas que lhe foi dada uma auxiliar apropriada a ele – não um animal, não outro homem, mas uma mulher: Eva. Além disso, Jesus reafirmou o projeto de Deus para o casamento de um homem e uma mulher em Mateus 19.4-5. "Não tendes lido que o Criador, desde o princípio, os fez homem e mulher e que disse: Por esta causa deixará o homem pai e mãe e se unirá à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne?" A monogamia heterossexual é o projeto normativo de Deus para o casamento. A Bíblia se recusa a elogiar qualquer coisa que se afaste desse padrão – seja adultério, bestialidade, poligamia, fornicação ou comportamento homossexual.

A sexualidade no contexto do casamento heterossexual não é apenas algo bom, mas exclusivamente bom. Somente os relacionamentos de

casamentos heterossexuais podem dar continuidade ao projeto complementar de homens e mulheres. De acordo com o apóstolo Paulo, um dos propósitos do casamento é demonstrar o mistério entre Cristo e a igreja (Ef 5.32). Se o casamento pode ser interpretado como um homem com outro homem ou uma mulher com outra mulher, o que resta do mistério glorioso de Cristo e a igreja? Ficamos apenas com Cristo e Cristo ou igreja e igreja.

Do mesmo modo, somente relacionamentos de casamentos-heterossexuais podem cumprir o objetivo de Deus para o casamento de ser fecundos e de se multiplicar (Gn 1.28). Sem dúvida, o sexo foi dado para mais do que a procriação. Porém, igualmente sem dúvida, não podemos negar que Deus pretende que os filhos sejam o resultado de uma união de casamento. Falando sobre a aliança do casamento, Malaquias 2.15 diz: "Não foi o Senhor quem os fez um só? Em corpo e espírito eles lhe pertencem. E por que um só? Porque ele desejava uma descendência consagrada" (NVI). É certo que alguns casais heterossexuais não podem ter filhos por causa de esterilidade, impotência, idade avançada ou por outras razões de saúde. A ausência de reprodução não torna a união inapropriada. O fato de morarmos num mundo caído onde o dom de ter filhos não vem para todos os casais, não é o problema. O que ainda permanece é o projeto de Deus. Parte do plano de Deus para o casamento é descendência consagrada. A questão não é se todo casal poderá ter filhos, mas se a união do casamento reflete o projeto original de Deus de duas pessoas se unirem, a quem foram dados órgãos sexuais para poder se reproduzirem, um com o outro.

Por que não a homossexualidade?

O restante da Escritura confirma o projeto de Gênesis para o casamento e a união sexual. Em particular, três conjuntos de passagens ensinam que o comportamento homossexual é contrário à Escritura e não agrada a Deus.

Sodoma e Gomorra

Em Gênesis 19, o Senhor destruiu Sodoma e Gomorra por causa dos seus abomináveis pecados (cf. Gn 18.20). Os seus pecados eram vários e, sem dúvida, seguiam diferentes direções. Alguns afirmaram que o pecado de Sodoma era social, que eles não eram hospitaleiros. Isso é verdade. Ezequiel 16.49 declara: "Eis que esta foi a iniquidade de Sodoma, tua irmã: soberba, fartura de pão e próspera tranquilidade teve ela e suas filhas; mas nunca amparou o pobre e o necessitado". Porém, parte do pecado deles também era sexual. Eles cometeram "abominações" diante do Senhor (Ez 16.51; cf. 16.22, 58). Os homens de Sodoma chamaram por Ló: "Onde estão os homens que, à noitinha, entraram em tua casa? Traze-os fora a nós para que abusemos deles" (Gn 19.5). A palavra no versículo 5, traduzida como "fazer sexo" em outras versões é *yada*, a palavra hebraica para "conhecer". É a mesma palavra usada no versículo 8 quando Ló oferece as suas duas filhas que nunca "conheceram" (*yada*) um homem. A imoralidade de Sodoma foi revelada, em parte, pelo fato de os homens de Sodoma querer se envolver em atos homossexuais com os hóspedes de Ló.

Não há dúvida de que essa história parece mais com uma ação de estupro por uma gangue do que com um casamento *gay*. Assim, é possível que a história de Sodoma e Gomorra não diga nada contra o comportamento homossexual num relacionamento monogâmico? O comentário inspirado de

Judas sobre Gênesis 19 nos aponta para uma direção diferente. Judas 7 diz: "… como Sodoma, e Gomorra, e as cidades circunvizinhas, que, havendo-se entregado à prostituição como aqueles, seguindo após outra carne, são postas para exemplo do fogo eterno, sofrendo punição". Esse versículo fornece três importantes contribuições para o nosso entendimento de Gênesis 19.

Primeiro, vemos que Deus leva a sério o pecado sexual. Sodoma e Gomorra são postas "… como exemplo a quantos venham a viver impiamente" (2Pe 2.6).

Segundo, vemos que o pecado de Sodoma não foi apenas a falta de hospitalidade ou alguma negligência social. Eles também se entregavam à imoralidade sexual.

Terceiro, o pecado deles também era um pecado de perversão. A frase em grego é apelqousai opisw sarkos *h*eteras, a qual, mesmo a versão mais progressista, NVI, traduz como "se entregaram à imoralidade e a relações sexuais antinaturais". O pecado dos homens de Sodoma não era apenas estupro por uma gangue, mas eles desejavam o que não era natural: homens desejavam ter sexo com outros homens.

Alguns sugeriram que "prostituição"[i] ou "seguindo após outra carne" refere-se ao desejo de Sodoma de dormir com anjos (lembre-se de que os hóspedes de Ló eram realmente anjos). Mas os homens de Sodoma não sabiam que eles eram anjos. Eles os chamaram de homens (Gn 19.5). Além do mais, iríamos realmente pensar que Judas condenaria Sodoma apenas porque eles queriam dormir com anjos sem saber disso, mas que, se os três homens não fossem anjos, não teria sido "perversão"? Devemos supor que os falsos mestres que Judas está confrontando – aqueles que "transformam em libertinagem a graça de nosso Deus", eram "homens ímpios", pois

incentivavam o público de Judas a dormir com os anjos (Jd 4)? É forçar a credulidade pensar que o pecado de Sodoma de "sexualidade imoral" é apenas uma referência aos anjos e não a atos de perversão homossexual.

Levítico 18 e 20 no Antigo e no Novo Testamento

Levítico 18.22 diz: "Com homem não te deitarás, como se fosse mulher; é abominação". Do mesmo modo, Levítico 20.13: "Se também um homem se deitar com outro homem, como se fosse mulher, ambos praticaram coisa abominável". Qualquer discussão a respeito dessas passagens será difícil porque a relação entre a lei do Antigo Testamento e o Novo Testamento é complexa. Conquanto seja verdade que não podemos simplesmente selecionar versículos de Levítico e torná-los normativos para todos os tempos, não podemos simplesmente ignorar versículos no Antigo Testamento porque eles parecem estranhos às nossas sensibilidades ou aparecem associados a regulamentos ou punições que foram abolidos com o fim do Israel teocrático e a vinda de Cristo. Devemos perguntar – e há outras perguntas a serem feitas com base em Levítico 18.22 e 20.13, mas esta deve ser a mais crucial: esses versículos estão por trás de quaisquer das proibições de atos com pessoas do mesmo sexo no Novo Testamento? A resposta é sim.

1Coríntios 6.9-10 diz: "Ou não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não vos enganeis: nem impuros, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas, nem ladrões, nem avarentos, nem bêbados, nem maldizentes, nem roubadores herdarão o reino de Deus". Do mesmo modo, 1Timóteo 1.9-10 afirma:

> … tendo em vista que não se promulga lei para quem é justo, mas para transgressores e rebeldes, irreverentes e pecadores, ímpios e profanos, parricidas e matricidas, homicidas,

> impuros, sodomitas, raptores de homens, mentirosos, perjuros e para tudo quanto se opõe à sã doutrina.

A palavra traduzida como "sodomitas" é usada nas duas passagens. É a palavra grega arsenokoiths, um composto da palavra *arsen* ("homem") e koiths ("cama").

Arsenokoiths é uma palavra grega rara; ela não aparece antes do Novo Testamento e não surge de novo até dois séculos mais tarde. Parece que Paulo criou a palavra da Septuaginta (a tradução para o grego do Antigo Testamento usada pelos judeus e cristãos do século 1º). A Septuaginta traduz as passagens de Levítico:

> *meta arsenos ou* koimhqhse koithn *gunaikos* (Lv 18.22)
> "Com homem não te deitarás, como se fosse mulher."
>
> *hos an* koimhqh *meta arsenos* koithn *gunaikos* (Lv 20.13)
> "Se também um homem se deitar com outro homem, como se fosse mulher…"

Considerando a raridade da palavra antes e depois do Novo Testamento, é difícil escapar da conclusão de que Paulo criou a palavra arsenokoiths com base em Levítico, particularmente de 20.13, em que as duas palavras que formam esse termo estão lado a lado. Considerando essa conclusão, o uso que Paulo faz da palavra arsenokoiths nos leva a duas considerações importantes. Primeira, Paulo não considera que as proibições em Levítico 18.22 e 20.13 estejam relacionadas apenas com ritual de pureza. Ele as usou como base para a ética sexual no Novo Testamento. Segunda, 1Coríntios 6.9 e 1Timóteo 1.10 não podem ser vistos como se estivessem falando somente contra a prostituição no templo ou a pederastia (amor entre um homem e um menino). A palavra arsenokoiths, extraída de Levítico, tem um significado mais amplo, incluindo, de modo geral, atos homossexuais.

O Novo Testamento, assim como o Antigo, considera todas as formas de união homossexual como pecaminosas.

Romanos 1

Romanos 1.24-27 diz:

> Deus entregou tais homens à imundícia, pelas concupiscências de seu próprio coração, para desonrarem o seu corpo entre si; pois eles mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador, o qual é bendito eternamente. Amém!
>
> Por causa disso, os entregou Deus a paixões infames; porque até as mulheres mudaram o modo natural de suas relações íntimas por outro, contrário à natureza; semelhantemente, os homens também, deixando o contato natural da mulher, se inflamaram mutuamente em sua sensualidade, cometendo torpeza, homens com homens, e recebendo, em si mesmos, a merecida punição do seu erro.

Três considerações apoiam o antigo entendimento da igreja de que esses versículos proíbem comportamento homossexual.

Primeira, o fato de Paulo mencionar mulheres cobiçando mulheres (e menciona isso primeiro) indica que ele não está apenas preocupado em condenar os relacionamentos comuns na época entre homens e meninos. Ele tem em mente toda e qualquer sensualidade sexual contrária à natureza.

Segunda, Paulo baseia o seu argumento firmemente na criação. Atos de mulheres tendo sexo com mulheres e homens com homens são "contra a natureza" (*para physin*). Os atos homossexuais são contra o plano original de Deus para os homens e para as mulheres.

Terceira, embora seja válido distinguir entre aqueles que, conscientemente, escolhem a homossexualidade e aqueles que, sem uma decisão consciente, se sentem atraídos por pessoas do mesmo sexo, isso não significa que iremos descartar Romanos 1 para o nosso conceito de

orientação para hoje. Quando Paulo fala sobre isso que é "contra a natureza", ele não está pensando na pessoa, na orientação ou em qualquer conceito atual que teria sido estranho para ele. A sua preocupação não é com pessoas que negam o seu verdadeiro ser, mas com a humanidade em geral, a qual trocou a verdade de Deus por uma mentira. Ele está pensando na natureza como a ordem das coisas, não no nosso ser isolado, mas no universo de Deus.

Concluindo, então, Romanos 1 ensina que existem muitas maneiras pelas quais a humanidade negligencia os decretos retos de Deus (Rm 1.32); o comportamento homossexual não é identificado como uma ofensa pior do que as outras, mas é proibido com outros atos de pecado e idolatria. Dos primeiros capítulos da Bíblia, passando pela Torá e até o Novo Testamento, não há nenhuma indicação de que a homossexualidade seja um comportamento aceitável para o povo de Deus. Pensar que a Bíblia afirma a homossexualidade exige mais do que um apelo especial – exige uma negação do claro ensino da Escritura. Considere o que Luke Timothy Johnson, um respeitado professor da Emory University e um advogado pró-gay, diz sobre defender a homossexualidade com base na Bíblia:

> A tarefa exige honestidade intelectual. Tenho pouca paciência com as tentativas de fazer a Escritura dizer algo que ela não diz, por meio de apelos à linguística ou de sutilezas culturais. A posição exegética é direta: nós sabemos o que o texto diz… acho que é importante declarar claramente que nós, na verdade, rejeitamos os mandamentos diretos da Escritura e, ao contrário, apelamos a outra autoridade quando declaramos que a união homossexual pode ser santa e boa. E o que exatamente é essa autoridade? Explicitamente recorremos ao peso da nossa própria experiência e da observação da experiência de milhões de outros, o que nos diz que afirmar que a nossa própria orientação sexual é, na verdade, aceitar o modo como Deus nos criou. Ao fazer isso, nós explicitamente rejeitamos também as premissas das afirmações da Escritura que condenam a homossexualidade – ou seja, que é

> um vício livremente escolhido, um sintoma da corrupção humana e uma desobediência à ordem criada por Deus.[2]

Graças a Deus por esse honesto não evangélico que vê o que todos deveriam ver: os mandamentos diretos da Escritura proíbem a atividade homossexual.

Uma breve consideração das objeções mais comuns

Acreditamos que o argumento exegético contra a homossexualidade é robusto. Certamente teria feito sentido a virtualmente todo cristão em qualquer lugar até cinquenta anos atrás. No entanto, muitos ainda apresentam objeções a esse entendimento da Escritura. Temos espaço apenas para tratar brevemente algumas das mais comuns.

1. *Jesus não disse nada sobre a homossexualidade.* É verdade que Jesus nunca usou um termo para homossexualidade nos seus ensinamentos. Jesus não falou da homossexualidade porque ninguém estava pensando em justificá-la. Mas o judaísmo no qual Jesus cresceu rejeitava a homossexualidade e ele nada fez para contrariar essa concepção. Na verdade, Jesus sai do seu caminho para enfatizar a sua aceitação da lei do Antigo Testamento (Mt 5.17). Ele também reafirma o relato de Gênesis sobre casamento (Mt 19.4-6).

2. *Os credos e confissões da igreja não proíbem a homossexualidade*. Até certo ponto isso é verdade, isso porque a igreja não teve que lutar com essa questão até recentemente. Os credos são criados em resposta a

controvérsias. Isso não era uma controvérsia no passado porque ninguém defendia a homossexualidade. Além do mais, vários catecismos e confissões implicitamente rejeitam a homossexualidade nos seus ensinamentos sobre imoralidade sexual.

3. *E se for descoberto um gene* gay*?* Estudos têm mostrado que, mesmo entre gêmeos idênticos, um pode ser *gay* e o outro não, embora tenham a mesma formação genética. Assim, a ciência não provou uma causa genética. Quando muito, pode haver influências congênitas que podem aumentar a probabilidade do desenvolvimento homossexual, mas fatores hereditários desempenham um papel em todos os tipos de inclinação. Algumas pessoas podem estar mais propensas a lutar com a raiva, o adultério ou o alcoolismo por causa da constituição genética, mas isso não significa que o comportamento delas seja determinado biologicamente. O ser humano é responsável pelo pecado, mesmo se alguns são tentados mais facilmente e desejar certos pecados mais do que outros.

4. *A Bíblia ensina muitas coisas que nós não seguimos. Vocês não estão apenas escolhendo aquilo em que vocês querem crer?* Conquanto seja verdade que nem todo mandamento na Bíblia é obrigatório para todas as pessoas em todos os lugares (p. ex., nós não temos que construir uma arca), isso não significa que simplesmente escolhemos em quê queremos crer. Ao estudar a Bíblia, primeiramente procuramos definir a intenção do autor. Depois, tentamos definir o que a passagem significa para nós ao examinar o contexto, o tipo do livro que estamos lendo (lei, poesia, carta, história, etc.) e se tem alguma indicação a respeito do seu significado permanente. Estamos tentando mostrar que as proibições frequentes de Deus contra a homossexualidade estão relacionadas a fatores transculturais como a ordem da criação e a natureza do homem e da mulher.

5. *Mas eu conheço muita gente maravilhosa que é* gay. Não estamos sugerindo que *gays* e lésbicas sejam esquisitos ou odiosamente perversos. Sabemos que muitos homossexuais encontraram certa paz ao "aceitar" a sua sexualidade. Do mesmo modo, reconhecemos que *gays* e lésbicas podem ser bondosos, atenciosos e carinhosos. Mas a nossa ética deve ser baseada no testemunho bíblico antes do testemunho pessoal. Devemos interpretar as nossas experiências pelas lentes da revelação de Deus, não o contrário.

Considerações finais

Este tema da homossexualidade não deve ser ignorado ou evitado a fim de nos voltarmos para "coisas mais importantes". É claro, nós todos preferiríamos nos centralizar na evangelização e no discipulado. Mas talvez as nossas orações para renovação sejam atendidas se assumirmos uma corajosa e clara postura com relação à homossexualidade. Nesse debate há muita coisa envolvida.

A graça está envolvida no debate sobre homossexualidade. Iremos oferecer às pessoas a graça para que mudem ou concordar com um comportamento que a Bíblia diz não ser apropriado? E quando oferecermos graça em nome de Jesus às pessoas, será uma graça barata que defende misericórdia à parte da justiça, eleição sem santificação e cristianismo sem discipulado?

A nossa abordagem à Bíblia está envolvida. Os teólogos sempre reconheceram que Deus revela a sua verdade na Escritura pelos meios da revelação progressiva. Mas isso significa que temos de buscar uma "nova luz" que contradiz o testemunho consistente da Escritura? Acreditamos que Deus mudou sua opinião sobre esse assunto? Como sabemos? E o que isso

faz com a nossa confiança na Bíblia? A Escritura é clara e completa ou precisamos de uma ética melhor do que a do Novo Testamento?

O local onde encontramos a autoridade para a nossa fé está envolvido. Iremos permitir que essa questão seja determinada pelo debate que avança e recua nas revistas médicas e nos estudos psicológicos ou vamos nos posicionar somente pela Bíblia e examinar a revelação geral pelas das lentes da Escritura?

A nossa abordagem pastoral às pessoas que lutam contra a atração pelo mesmo sexo está envolvida. Na melhor das hipóteses, nós, que somos contra o comportamento homossexual, o fazemos motivados pelo amor – amor pelo ferido, pelo que está lutando, pelo que está afastado e confuso. Queremos ministrar, como Jesus fez, com graça e verdade. Sem dúvida, alguns homossexuais gostam de contar histórias do amor e aceitação que encontraram em igrejas de ações afirmativas. No entanto, muitos outros contam a história contrária, como este homem que anseia por algo mais do que uma graça barata. Nós concluímos com as suas palavras.

> Como muitos outros cristãos, lutei durante muitos anos contra a atração por pessoas do mesmo sexo. Pela graça de Deus, eu me libertei de um modo de vida que ainda mantém muitos outros cativos. No entanto, há muitos, dentro das chamadas igrejas afirmativas, que nos negariam essa liberdade. Eles dizem que a homossexualidade é o plano de Deus para a nossa vida, mesmo que a Bíblia claramente diga que o comportamento homossexual é pecado… Os crentes podem agir como o falso médico, dizendo às pessoas tentadas pela homossexualidade que a orientação pelo mesmo sexo é parte da sua identidade e que elas devem aceitar. Ou, podemos agir como juiz, jurado e executor, levando-as para longe do Salvador que as ama. De qualquer maneira, corremos o risco de obter o mesmo resultado: morte espiritual.
>
> Ou podemos responder como Jesus faria, com graça e verdade. “Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei”. Há muitos anos essas palavras me tocaram, quando eu estava cansado e oprimido pelo pecado. Não deveriam todos os cristãos receber essa mensagem de liberdade e esperança?[3]

Para estudo adicional

Ankerberg, John e Weldon, John. *O mito do sexo seguro*. São Paulo: Cultura Cristã.

Chapman, Gary. *Soluções do amor*. São Paulo: Cultura Cristã.

Cutrer, William e Glahn, Sandra. *Intimidade sexual no casamento*. São Paulo: Cultura Cristã.

Dallas, Joe. *A operação do erro*. São Paulo: Cultura Cristã.

Evans, Debra. *Guia da sexualidade da mulher cristã*. São Paulo: Cultura - Cristã.

Harris, Joshua. *Sexo não é problema. Lascívia, sim*. São Paulo: Cultura Cristã.

Henry, Carl F. H. org. *Dicionário de ética cristã*. São Paulo: Cultura Cristã.

Jones, Peter. *O Deus do sexo*. São Paulo: Cultura Cristã.

Piper, John e Taylor, Justin. org. *Sexo e a supremacia de Cristo*. São Paulo: Cultura Cristã.

Santos, Valdeci da Silva. *Uma perspectiva cristã sobre a homossexualidade*. São Paulo: Cultura Cristã.

Van Groningen, Harriet e Gerard. *A família da aliança*. São Paulo: Cultura Cristã.

---

[i] Ou “sensualidade antinatural”, como está na tradução usada pelo autor (NE).

Capítulo 14

ABORTO:

Por que o silêncio e a omissão não se-constituem opções para os evangélicos

JUSTIN TAYLOR

Você se lembra do "menino do balão"? Quando estiver lendo isto, a proeza talvez seja pouco lembrada na mídia de entretenimento. Aqui está uma versão resumida da história: um pai de três filhos, cientista amador e ávido por publicidade, fez uma brincadeira que chamou a atenção do país. No dia 15 de outubro de 2009, Richard Heene lançou um grande balão que parecia um OVNI de um filme dos anos 1950 e chamou as autoridades para relatar que o seu filho de 9 anos, Falcon, estava preso lá dentro. Enquanto o balão seguia a quase 80 quilômetros pelo céu do Colorado, salas da imprensa ao redor do país entraram em ação. Pessoas oraram. As equipes médicas de emergência permaneceram de plantão. O esquadrão da polícia foi mobilizado. O aeroporto internacional de Denver foi fechado. Vários helicópteros da Guarda Nacional estavam na busca.

À medida que o gás foi vazando, o balão finalmente caiu num campo. A equipe de resgate saiu numa corrida desenfreada para diminuir a pancada e salvar a vida do menino – caso ele ainda estivesse vivo. Como acabou se descobrindo, não havia ninguém dentro do balão. Rapidamente foi organizada uma busca, pensando que talvez Falcon tivesse caído antes. Então veio a notícia que Falcon estava salvo e em casa. Ele estava escondido no porão de casa – seguindo instruções do pai. Acabou ficando com sono, dormiu e acordou algumas horas mais tarde para a loucura da mídia. Foi dormir como Falcon e acordou como o menino do balão.

Este não é um capítulo sobre balões, travessuras e homens que usam seus filhos como joguete para um "reality *show*" na TV. É um capítulo sobre aborto – um dos temas mais penosos e politizados do nosso discurso público. Então, o que exatamente tirar a vida de um bebê no útero tem a ver com o menino no balão? Mencionei isso por uma razão. Ajuda a focalizar a nossa atenção numa questão crucial: *o que há ali*? Se acreditarmos que existe um ser humano dentro do balão, vamos fazer de tudo para proteger e preservar essa vida. Nenhuma quantia de dinheiro, quantidade de energia ou equipamento é demais: devemos fazer o máximo que pudermos para proteger e preservar a vida de um ser humano em perigo. Então, se acreditamos que o que está se desenvolvendo no útero de uma mulher é um ser humano com vida, não devemos pensar da mesma maneira? Se o balão está simplesmente cheio de ar ou se o útero está simplesmente ocupado com massa de células, então não é necessária nenhuma ação. Saber o que está dentro faz toda a diferença do mundo.

Aqui está outra maneira de considerar essa questão: Greg Koukl[1] sugere que imaginemos um menino no quintal chamando pelo pai, "Pai, posso matar isto?" O que o pai precisa saber antes de responder a pergunta

do filho? Apenas uma coisa: *o que é?* Se for uma barata, o pai vai apoiar o filho. Se for o gato do vizinho, a questão é inteiramente outra. A aplicação desse princípio de bom senso é esta: descobrir *o que* está no útero determina como *trataremos* o que está no útero.

O que é um ser humano e quando a vida começa?

A primeira coisa que a Bíblia diz sobre seres humanos é que somos todos criados para nos assemelhar a Deus (Gn 1.26-27; 5.1-3). Fomos criados à imagem e semelhança de Deus. Os seres humanos são projetados unicamente para refletir – portar – o caráter e a glória de Deus. O ser humano carrega consigo o selo da imagem de Deus.

Ser à imagem de Deus significa que os seres humanos têm um valor inerente e que Deus odeia e abomina "… mãos que derramam sangue inocente" (Pv 6.16-17). A ética bíblica pode, às vezes, ser complicada e difícil de aplicar, mas a ordem de Deus de "… não matarás o inocente" (Êx 23.7) é clara e difundida ao longo de toda a Bíblia.

Mesmo que seja verdade o que está escrito, como saberemos que o feto está nessa mesma categoria de seres humanos criados à imagem de Deus e que merece proteção e vida?

Quando a vida humana começa é uma questão científica, mas é uma questão da qual a Escritura trata até certo ponto. Tudo na Bíblia aponta para o fato de que Deus está trabalhando dentro do útero e isso que está no útero é uma vida humana que é importante para Deus. No salmo 51.5 Davi confessa que tem sido um pecador desde sua concepção ("em pecado me concebeu minha mãe"), o que significa que ele era uma pessoa desde a

concepção, visto que somente pessoas podem ter responsabilidade moral. No salmo 139 ele louva a Deus por ter formado o seu interior, por ter "formado e entretecido" cada parte dele no útero de sua mãe (v. 13, 15; cf. Jó 31.13-15). Deus cria o ser humano no momento da concepção, dotando-o com sua imagem e organizando seu desenvolvimento no útero.

Quando a ciência biológica diz que a vida tem início? Robert P. George, professor de Princeton, escreve: "De uma perspectiva puramente biológica, *os cientistas podem identificar a partir de que ponto a vida humana começa*. São muitos os estudos relevantes. Os fatos biológicos são incontestáveis. O método de análise aplicado aos dados é aceito universalmente".[2] A vida humana começa no momento da concepção como um organismo humano novo, completo e vivo criado quando o óvulo e o esperma se unem, formando um embrião humano. O falecido Dr. Hymie Gordon, fundador e diretor do programa de genética médica da Clínica Mayo, submeteu ao Congresso o seguinte testemunho técnico:

> Penso que agora podemos dizer que a questão do início da vida – quando a vida começa – não é mais uma questão para disputa teológica ou filosófica. É um fato científico estabelecido. Os teólogos e filósofos podem debater o significado ou propósito da vida, mas é um fato estabelecido que a vida, inclusive a vida humana, começa no momento da concepção.[3]

Para resumir: a ciência nos diz que a vida começa na concepção, e a Escritura nos diz que a vida humana é criada por Deus à sua imagem, com sérias consequências para aqueles que derramam sangue inocente.

O que é o aborto?

Um aborto eletivo é um procedimento no qual um ser humano com vida é removido do útero da mulher de maneira que a vida de uma criança que não nasceu é interrompida. Nos Estados Unidos é legal uma mulher fazer um aborto em qualquer período da gestação, por praticamente qualquer razão. A cada ano, nos Estados Unidos, nós matamos 1,37 milhão de crianças não nascidas. São 3.700 por dia ou um bebê morto a cada 23 segundos. O Guttmacher Institute, o departamento de pesquisa da Planned Parenthood, estima que uma em cada três mulheres nos EUA abaixo de 45 anos já fez um aborto.

A maioria de nós nunca viu um aborto, nem mesmo por imagens.[4] Mas Abby Johnson já. Ela trabalhou como diretora de uma clínica da Planned Parenthood no Texas por oito anos, até que testemunhou um aborto pela primeira vez. Numa entrevista para a televisão, ela explicou:

> Tratava-se, na verdade, de um procedimento de aborto via ultrassom… E o meu trabalho era segurar a sonda do ultrassom no abdome da mulher para que o médico pudesse ver o útero pelo monitor. E quando olhei para o monitor, vi um bebê… Eu vi todo o perfil dele. Então, eu o vi do rosto aos pés… Vi a sonda entrar no útero da mulher. E naquele momento, vi o bebê se mexer e tentar fugir da sonda… E pensei: "Ele está lutando pela vida… É vida, quero dizer, está vivo". … E então, de repente, terminou… E eu tinha acabado de ver, acabado de ver o bebê apenas se esfarelar, e estava acabado… Pensei na minha filha de 3 anos e pensei no ultrassom que fiz dela e como era perfeito aquele ultrassom quando ela estava com doze semanas no útero. E fiquei pensando: "O que eu estou fazendo aqui? O que estou fazendo aqui?"… Eu estava com a mão na barriga da mulher e pensava: "Havia vida aqui e agora não tem mais".

Abby Johnson saiu do emprego e agora está trabalhando como uma advogada defensora da vida.

Como podemos convencer outros de que o aborto é errado?

Saber *que* aborto é errado não é o suficiente. Se tivermos que nos envolver com a questão – e vencer a discussão, precisamos ter a capacidade de mostrar *por que* o aborto é errado e *como* se pode saber isso.

Envolver-se na esfera pública a respeito desta questão pode ser assustador. Muitas pessoas inteligentes argumentaram contra proteger legalmente o feto, apresentando objeções históricas, legais, filosóficas, políticas, morais, teológicas e emocionais. Para conseguir clareza, você precisa saber como atravessar a neblina.

Tommy, o menininho

Como mencionei, a ciência nos diz que um ser humano novo e completo é formado no ato da concepção, o resultado da união ou fusão de um óvulo e um esperma. Mas quando foi a última vez que alguém citou um livro sobre embriologia durante uma conversa casual? Há um modo mais eficiente de apresentar a questão. Podemos começar com o que todos já sabem. Por exemplo, não há debates quanto a uma criança que *engatinha* ser ou não um ser humano que conta com todas as proteções legais sobre a sua vida. Assim, em vez de usar um livro didático, sugiro que invente um "menininho chamado Tommy".[5] (Você não precisa realmente encontrar uma criança com esse nome; qualquer nome servirá.)

Há apenas quatro diferenças entre um menininho que engatinha no seu quarto e um bebê no útero. Tommy, o menininho, é maior, mais desenvolvido, vive fora do útero e, portanto, é mais independente. Mas aqui

está o ponto crucial: *nenhum desses fatores define o valor de Tommy ou quem ele é.*

Tente pensar nesses fatores pelo acrônimo SLED[6] e você perceberá isso ainda mais claramente:[i]

- *Tamanho*. O seu tamanho não determina quem você é.
- *Nível de desenvolvimento*. Como você se desenvolve não determina quem você é.
- *Ambiente*. O ambiente em que você está não determina quem você é.
- *Grau de dependência*. Quanto você depende de alguém não determina quem você é.

Sabemos de tudo isso intuitivamente. Você é um ser humano ou não é. Não é algo que vem em estágios – como a idade, a altura, o peso, a beleza ou a inteligência. Você pode ser mais velho ou mais novo, mais alto ou mais baixo, mais gordo ou mais magro, mais bonito ou mais feio, mais inteligente ou mais estúpido. Mas não é o tamanho, o desenvolvimento, o local ou a dependência que vai tornar você mais ou menos humano que outro.

Sendo assim, se uma criança que engatinha e um bebê não nascido são igualmente humanos, então eles devem ter o mesmo direito à vida. No final das contas, qualquer argumento usado para justificar a morte daquele não nascido se aplica igualmente à morte daquele que já nasceu.

Objeções mais comuns e respostas a elas

Vamos considerar rapidamente algumas objeções que são comumente apresentadas e tentar aplicar o que aprendemos.

Pessoalmente, sou contra o aborto – eu nunca faria um – mas não posso impor os meus valores aos outros. Alguém, honestamente, diria: "Eu sou contra matar Tommy, mas outros discordam e, portanto, não posso dizer a eles o que podem ou não podem fazer. Deveria ser legal matar Tommy, embora eu mesma não vá fazer isso nunca". Apenas pressupondo que Tommy e o não nascido sejam substancialmente diferentes em espécie o argumento pode ter sucesso – mas este é exatamente o ponto que precisa ser mostrado.

Talvez você já tenha visto um adesivo ou uma camiseta que diz: "Contra o aborto? Não deixe fazerem um aborto em você!" Essa frase está basicamente dizendo o mesmo que citei: se você é contra o aborto, bom para você – não deixe fazerem um aborto em você; mas também não diga para as outras pessoas o que elas podem ou não fazer. Fico pensando por que ninguém aplicou isso a outras questões:

- Contra o abuso infantil? Não faça isso.
- Contra a escravidão? Não tenha um escravo.
- Contra o estupro? Não faça isso.

À primeira vista, o adesivo parece convincente – até que você pare e pense a esse respeito.

As mulheres têm o direito de escolher. Amém. As mulheres têm o direito de escolher milhões de diferentes coisas: o marido, o emprego, o candidato político e assim por diante. A questão não é a "escolha" em si; é o *objeto* dessa escolha que está sendo debatido. O que precisamos fazer é incentivar as pessoas a terminarem a frase. "A mulher tem o direito de escolher – o quê?" "Um aborto." "Um aborto de quê?" Temos de ir além do eufemismo

para chegar ao cerne da questão: toda pessoa tem o direito de escolher matar um ser humano não nascido? Se afirmativo, por que, seguindo a mesma lógica, não ter também o direito de matar um ser humano que já nasceu?

A questão é complexa demais; pessoas inteligentes discordam e não acho que posso dizer de um jeito ou de outro se abortar é tirar uma vida humana. Uma resposta como essa é uma confissão de ignorância, e isso é aceitável. No entanto, se não sabemos, não deveríamos errar para o lado da vida? Se eu estou numa viagem de caça e vejo algo se movendo atrás de uma árvore e não dá para definir se é um ser humano ou um animal, devemos concluir que é admissível atirar? Se houver pelo menos uma chance de que o que está no útero seja um ser humano inocente, então não podemos apoiar que o matem.

Uma mulher que concebe um bebê por estupro ou incesto não deve ser lembrada desse terrível crime pelo restante de sua vida. Estupro e incesto são atos de violência e violação imensos que merecem a nossa revolta moral contra o autor do crime e a nossa mais profunda compaixão pela vítima. Existe uma pequena porcentagem de crianças concebidas em casos de estupro e incesto. Mas essas crianças, por mais dolorosas que as circunstâncias possam parecer, não fizeram nada de errado e dar continuidade a outro ato de violência contra uma vítima inocente não é a solução. Permanece o fato de que *como* alguém foi concebido não determina *quem* ele é. Nós sabemos disso intuitivamente, levando-se em conta o fato de que ninguém defenderia a ideia de matar uma criança já nascida com base no modo que foi concebida. Devemos lembrar também

que existem casais que estão dispostos e ansiosos para adotar crianças que nasceram nessas condições.

As mulheres mais pobres não devem ser forçadas a dar à luz um bebê que crescerá na pobreza ou que poderá vir a ser rejeitado. Vamos dizer que Tommy, o menininho que engatinha, seja pobre e seus pais estejam lutando para sustentar a família. Devemos, nesse caso, eliminar Tommy? É claro que não! Por que não? Porque Tommy é um ser humano inocente; mesmo que tenha uma vida difícil ou que ninguém o queira, isso não justifica matá-lo. Então, por que diríamos que um bebê no útero deve ser morto para evitar sofrimento no futuro?

Se o aborto se tornar ilegal nos Estados Unidos, retornaremos aos dias de abortos realizados em clínicas clandestinas, sem esterilização e arriscados. Essa objeção tem sido um símbolo poderoso para aqueles que apoiam a escolha do aborto, muitas vezes representado simplesmente com a figura de um cabide. Duas coisas precisam estar em mente neste caso: primeira, treze anos antes do caso *Roe vs. Wade*,[ii] o diretor clínico da Planned Parenthood escreveu no *American Journal of Public Health* que 90% dos abortos ilegais eram feitos por médicos bons e treinados, e era por isso que a taxa de morte era tão baixa. Segunda, o cofundador da National Abortion Rights Action League – que posteriormente se tornou um defensor da vida – admitiu que eles costumavam exagerar nas mortes causadas por abortos ilegais, citando de cinco mil a dez mil mortes por ano. Na verdade, em 1972, o ano anterior ao caso *Roe vs. Wade*, os Centers for Disease Control registraram 39 mortes causadas por abortos ilegais. Além de basear-se grandemente num mito, essa objeção também dá origem a uma

questão. Ela assume que os não nascidos não são seres humanos. Se o objetante pensa que os não nascidos *são* seres humanos, então a lógica seria a seguinte: para que alguns seres humanos não morram na tentativa de matar outro ser humano, o Estado deveria tornar o assassinato seguro e legal. A lógica falha.

Objeções políticas e respostas

Há alguns anos, Douglas Groothuis, um professor de filosofia do Denver Seminary, inventou a expressão "fadiga do feto" para descrever o aumento da insensibilidade evangélica com relação ao aborto. É uma descrição apropriada que chega perto do objetivo. Uma das razões pelas quais alguns jovens evangélicos têm "fadiga do feto" é que eles se sentem desconfortáveis a respeito do quanto a questão do aborto é politizada e não querem associar a sua fé evangélica com políticas partidárias. Portanto, vale a pena parar e considerar algumas objeções nesse sentido.

A retórica pró-vida é apenas uma manobra para fazer que os evangélicos apoiem os republicanos. Há alguma verdade por trás desta objeção. Muitos políticos republicanos são pró-vida não por razões baseadas na compaixão, mas pelas vantagens eleitorais. Além disso, é um desenvolvimento não saudável que muitas pessoas pensem que *republicano* e *evangélico* sejam termos essencialmente intercambiáveis – como se o evangelicalismo como um todo devesse total subordinação ao Partido Republicano. Minha própria filosofia política tende para o conservadorismo, mas seria algo terrível para a glória do evangelho de Cristo e para o reino contracultural de Deus ser domesticado por qualquer partido político.

No entanto, como a posição pró-vida é uma parte da plataforma republicana, e porque os democratas têm rejeitado grandemente a posição pró-vida e favorecido a posição do aborto como escolha como um teste político decisivo, a ideia é que ser pró-vida – *defender* a posição pró-vida – é apoiar toda a plataforma republicana. E alguns prefeririam morrer a ser classificados como religiosos de direita. Aqui, eu acho, é onde devemos lutar contra o receio de todo ser humano: mesmo que nossa posição seja distorcida, mesmo que sejamos confundidos com pessoas com as quais não concordamos, devemos humildemente nos posicionar a favor dos membros da raça humana menos importantes, mais fracos e sem voz ativa.

Não devemos dar o nosso voto por um motivo único. Muitos jovens evangélicos estão preocupados porque o aborto está sendo retratado como se fosse o único jogo ético na cidade, o único assunto pelo qual valeria a pena perder uma noite de sono. Justiça social, preocupação com o pobre, mordomia ambiental, política estrangeira – certamente estes também são temas que exigem a atenção de cristãos. Certamente os cristãos devem se envolver cada vez mais com estes assuntos. Por que o aborto deveria ser privilegiado acima desses outros?

Quero *incentivar* os cristãos a desenvolverem uma ética biblicamente informada a respeito de uma ampla variedade de questões, inclusive aquelas relacionadas à política pública e à filosofia política. No entanto, ao mesmo tempo, quero insistir que o aborto se encontra numa categoria própria. A questão não é se você deve considerar apenas uma questão, mas se alguns temas ou questões são tão significativos que tenham um efeito decisivo sobre como você vê aqueles que liderarão e representarão você. Como John Piper escreveu:

> Você deve decidir o que essas questões representam para você. O que você acha que desqualifica uma pessoa para assumir um cargo público? Eu acredito que o endosso do direito de tirar a vida da criança não nascida desqualifica uma pessoa para qualquer cargo público. É o mesmo que dizer que o endosso do racismo, da fraude ou do suborno, o desclassificariam – exceto que assassinato de crianças é mais sério do que estes.[7]

As pessoas do movimento pró-vida se preocupam apenas com a vida no útero e a desconsideram quando fora do útero. A alegação neste caso é que, uma vez que bebês nascem, há pouca defesa ou atenção para aqueles que estão na pobreza ou em situações de abuso. Esta crítica era mais popular há alguns anos e é menos agora porque cada vez mais evangélicos continuam despertando para ajudar as jovens mães com crianças e a adotar crianças. Mas, mesmo que isso seja apenas uma retórica floreada que tem o objetivo de obter pontos políticos, ainda devemos redobrar nossa atenção quanto a essa questão.

Se quisermos ver o aborto eliminado no nosso país, estamos preparados para agir em resposta a um grande número de crianças rejeitadas? As nossas igrejas estão sendo incentivadas a seguir o caminho da "religião pura", que envolve visitar os órfãos na sua situação difícil (Tg 1.27)? Estamos seguindo o modelo do nosso Salvador que censurou os seus discípulos confusos pela visão errada do reino, e que convidou todas as crianças para irem a ele (Lc 18.16)? Estamos imitando a cultura secular que faz, simultaneamente, do conforto um ídolo e dos filhos uma inconveniência? Ou estamos ativamente buscando cultivar uma contracultura na qual a vida é valorizada e prezada, e as crianças – mesmo aquelas rejeitadas pelos outros – são cuidadas e celebradas? Vamos nos comprometer não apenas em ser "pró-vida", mas em ser a favor de "toda vida", trabalhando para o bem do nosso próximo e a dignidade da vida humana, em todos os estágios da vida, do útero ao túmulo.[8]

O que devemos fazer então?

O aborto não é apenas um ato de violência sem justificativa contra um ser humano (na verdade, o menor, mais fraco e indefeso ser humano entre nós). É um ato de traição rebelde contra o nosso Criador (a pessoa mais grandiosa e poderosa no universo). Num só ato, destruímos simultaneamente o fraco e desonramos o Todo-Poderoso. Se levarmos a sério o duplo mandamento do amor que Jesus deixou: amar a Deus com todo o nosso coração, alma e entendimento e amar o nosso próximo como a nós mesmos, não podemos ficar indiferentes ao aborto.

A Escritura tem algo a dizer sobre a nossa necessidade de resposta: "*Livra* os que estão sendo levados para a morte e *salva* os que cambaleiam indo para serem mortos" (Pv 24.11).

A que tipos de morte Provérbios se refere? A passagem não diz. Que tipo de livramento e salvamento devemos executar? A passagem não diz. É um princípio geral com múltiplas aplicações.

Como é esse livramento na sua vida? Pode significar diversas coisas, inclusive dar seu tempo, seu talento e suas riquezas. Pode significar uma defesa pública. Pode significar aconselhar mulheres jovens que sofreram abuso ou estão confusas sem saber o que fazer. Pode significar abrir seu lar para cuidar de crianças ou adotar crianças. Pode significar fazer uma doação para uma instituição que ajuda mulheres que estão pensando em fazer um aborto. Pode significar um investimento espiritual anônimo que ninguém verá: jejum e oração. Mas uma coisa está clara: a omissão não é uma opção biblicamente admissível.

Um primeiro passo é considerar orar esta oração ao Pai, em nome de Jesus e no poder do Espírito Santo, confessando a nossa impotência, mas

clamando a ele para que aja:

> Nós, por nós mesmos, não somos capazes de vencer esta batalha.
>
> Não somos capazes de mudar corações e mentes.
>
> Não somos capazes de mudar cosmovisões e transformar a cultura e salvar milhões de crianças.
>
> Não somos capazes de reformar o sistema judiciário ou incentivar a legislatura ou mobilizar a população adormecida.
>
> Não somos capazes de curar as infinitas feridas das ideologias sem Deus e suas ações sangrentas.
>
> Porém, ó Deus, o Senhor pode!
>
> Então, deixamos de confiar em nós e nos voltamos para o Senhor.
>
> E clamamos ao Senhor, pedimos que, pelo amor do seu nome, para a sua glória, para o avanço do seu propósito salvador no mundo, para a demonstração da sua sabedoria e do seu poder e autoridade sobre todas as coisas, para o controle da sua verdade e o alívio do pobre e do indefeso, aja, ó Senhor. Estamos ansiosos pela revelação do seu poder. Com todo o nosso pensamento, entendimento e tudo que fizermos, oramos e jejuamos. Venha Senhor. Manifesta a sua glória.[9]

Deus não está chamando você para se inscrever num programa político. Ele não está chamando você para cuidar apenas de uma questão. E como eu não o conheço e não sei o plano de Deus para a sua vida, não sei *como* ele quer usar você para se tornar um defensor e agente da verdade em favor da vida. Mas de uma coisa eu sei: ele não nos dá a opção de ficar assistindo a tudo isso de camarote. Que Deus nos dê a graça para não nos cansarmos de fazer o bem (Gl 6.9; 2Ts 3.13).

Para estudo adicional

Ankerberg, John e Weldon, John. *O mito do sexo seguro*. São Paulo: Editora Cultura Cristã.

Cutrer, William e outros. Coleção bioética – *Decisões sobre o fim da vida*; *Genética, pesquisas com células-tronco e clonagem*; *Medicina alternativa*; *Suicídio e eutanásia*; *Tecnologia de reprodução*. São Paulo: Editora Cultura Cristã.

Evans, Debra. *Guia da sexualidade da mulher cristã*. São Paulo: Editora Cultura Cristã.

Henry, Carl F. H. org. *Dicionário de ética cristã*. São Paulo: Editora Cultura Cristã.

Ver também os *websites* www.caseforlife.com e www.abort73.org

---

[i] *SLED*: S de *size* (tamanho), L de *level of development* (nível de desenvolvimento), E de *environment* (ambiente) e D de *degree of dependence* (grau de dependência) (NE).

[ii] Trata-se do processo em que a Suprema Corte dos Estados Unidos, como instância final, decidiu em 1973 que uma mulher pode escolher praticar o aborto (NE).

Capítulo 15

Confusão de gênero sexual e uma contracultura moldada pelo evangelho

DENNY BURK

"Eu beijei uma menina e gostei" era o título de uma música que dominou a onda da música *pop* durante o verão de 2008.[1] Embora a letra tenha escandalizado muitos ouvintes, adolescentes ao redor do país adotaram a música em ritmo de *rock* como o hino oficial da nova geração. Katy Perry escreveu e gravou essa canção acerca de uma garota que vai a uma festa, bebe demais e decide fazer experiência com sua sexualidade. Perry narra a experiência na primeira pessoa e descreve sua ambivalência sobre o acontecimento dizendo: "Parecia tão errado, parecia tão certo". Ela se preocupa sobre se o seu namorado ficará ou não ofendido com o seu comportamento. Aparentemente, ao não se declarar lésbica, ela simplesmente diz que fez o que fez "apenas para experimentar".

Toda pessoa que estivesse sintonizada com cultura popular em 2008 saberia quem era Katy Perry. O que muitas pessoas não sabiam é que Katy Perry era conhecida no passado como Katy Hudson e que ela foi criada por pais que eram copastores de uma igreja carismática no sul da Califórnia. Em 2001, ela já era conhecida no meio evangélico como uma ascendente

estrela de 16 anos da música popular cristã. Nesse ano, ela lançou um álbum musical que incluiu uma música com o título: "A fé não vai falhar". Nessa música, ela proclamava que não importava o que pudesse aparecer no seu caminho – provações, tribulações, sofrimentos, tentações, fracassos – a sua fé não seria abalada. A música era uma firme declaração de seu permanente compromisso com Cristo.

Obviamente, o tema principal da música de Perry mudou dramaticamente de 2001 a 2008. A pergunta é: o que aconteceu? Nas notas de capa do seu CD de 2008, ela diz: "Estou feliz por saber que há Alguém maior do que eu que controla todas as coisas. Reconheço que meus talentos são dados por Deus… e por isso, eu agradeço a ele". No entanto, numa entrevista para a *Entertainment Weekly*, Perry parecia insegura ao dizer:

> Não sou exatamente uma garota-modelo para qualquer coisa ligada à religião e, definitivamente, não sou o que eu era quando estava em fase de formação. Mas fiz essa tatuagem de Jesus no meu punho quando tinha 18 anos porque eu sei que ela sempre vai fazer parte da minha vida. Quando estou me divertindo, é como se ela estivesse olhando para mim e dizendo: "Lembre-se de onde você veio". Depois de experimentar um pouco do mundo, há um ponto de interrogação na minha mente sobre em quê acredito. Ainda estou procurando.[2]

Não conto essa história para ofender Katy Perry. De qualquer modo, o melhor que os evangélicos fariam seria simplesmente orar por ela. Conto a história dela porque, de algum modo, é uma parábola de confusão de gênero, tanto na cultura mais ampla como também dentro de alguns setores da subcultura evangélica. Há ainda para muitos um "ponto de interrogação" sobre o que eles pensam que significa viver como homem ou mulher.

Essa confusão, no entanto, não é somente o território dos peritos da cultura *pop*. A seção de hermenêutica para lésbicas-*gays*-bissexuais-transgêneros/homossexuais é uma parte regular do programa do encontro

anual da Society of Biblical Literature de 2008 (SBL).[3]A maioria dos leigos provavelmente ficaria admirada ao saber da existência desse grupo, mas ele não é surpresa para todos aqueles que têm acompanhado os recentes desenvolvimentos dos estudos acadêmicos da Escritura. Ele simplesmente segue uma tendência que se tornou padrão para todo um setor de estudos bíblicos e religiosos. Entre outras coisas, a seção de hermenêutica para lésbicas-*gays*-bissexuais-transgêneros/homossexuais tem como objetivo explorar "as intersecções entre leitores homossexuais e interpretações bíblicas".[4] Em geral, os participantes dessa seção apoiam a normalização da orientação e da prática homossexual, apesar do que a Bíblia ensina. Eles procuram ler a Bíblia como aqueles que "questionam" tradições (bíblicas e outras) que consideram ser opressivas.[5]

Participei de uma parte da seção de hermenêutica para lésbicas-*gays*-bissexuais-transgêneros/homossexuais no encontro anual da SBL em Boston.[6] O que ouvi ali foi tanto chocante quanto sério. A apresentação a que assisti foi feita por uma teóloga de um pequeno seminário em Atlanta. Ela apresentou um trabalho baseado na primeira carta de Paulo aos tessalonicenses – uma apresentação que incluiu uma variedade de duplos sentidos vulgares envolvendo o texto da Escritura e que não valeria a pena repetir aqui. O que foi notável, no entanto, foi a sua postura em relação ao apóstolo Paulo, a qual era decididamente antagônica. Ela se queixou de que as cartas de Paulo revelam uma tentativa não de derrubar o império, mas de substituir um império pelo outro (o império cristão no lugar do Império Romano). Desse modo, as políticas de Paulo eram tão falhas quanto as de Roma. A visão política defeituosa do apóstolo era, sem dúvida, baseada na sua visão falha sobre gênero sexual e no fato de ele aceitar o patriarcado.

Essa professora de teologia extraiu do texto uma implicação particularmente importante. Ela argumentou que o atual sistema político dos Estados Unidos é também falho porque é organizado com base numa definição patriarcal de família. A definição tradicional de família (com um homem e uma mulher em união de aliança no seu centro) é uma estrutura que limita opressivamente quem pode ter sexo com quem. Portanto, a definição tradicional de família tem sido um obstáculo para a liberdade, e o sistema político dos Estados Unidos é falho porque é organizado ao redor de uma noção de família que restringe a liberdade individual. De fato, ela estava argumentando que uma sociedade justa não reconheceria qualquer definição de família que limitasse quem pode ter sexo com quem.

De ídolos da cultura popular a livros sobre sexualidade humana escritos por acadêmicos, a cultura ocidental contemporânea confronta cristãos com uma visão mundial que conflita com os ensinamentos da Bíblia sobre masculinidade e feminilidade. Essa visão de mundo tem implicações para quase todo setor da sociedade, e os cristãos dificilmente podem se manifestar sobre essas questões fora dos limites da sua preocupação com o evangelho. De fato, no meio da cultura de confusão de gênero, é mais necessário que o cristão nunca personifique uma contracultura formada pelo evangelho. Em outras palavras, os cristãos deveriam estar no mundo, mas não ser do mundo, para o bem do mundo nas questões de gênero e sexualidade.

Viver no mundo exige dos cristãos que sejam como os homens de Issacar, que conheciam sua época e sabiam o que o povo de Deus devia fazer (1Cr 12.32). Isso porque a igreja é, afinal de contas, o pilar e a base da verdade (1Tm 3.15). É a igreja que Deus designou para evangelizar o mundo (Mt 28.19-20). E é a igreja que deve ver a cultura de confusão de

gênero sexual como ela é, para que a contracultura do evangelho possa prosperar nela.

A cultura de confusão de gênero sexual

Seja pela normalização da homossexualidade ou por um antagonismo aberto em relação à família nuclear, há inúmeras maneiras pelas quais as pessoas de hoje expressam confusão sobre o gênero sexual. Tanto expressões seculares quanto religiosas dessa confusão têm em comum pelo menos três crenças características:

Mito 1: gênero sexual é algo que você aprende, não algo que você é

O que significa dizer que gênero sexual é algo que você aprende, não algo que você é? Significa que "homem e mulher" não são descrições da humanidade como Deus a criou. E que "homem e mulher" não designam uma distinção universal e inata entre os seres humanos. Em vez disso, os termos *homem* e *mulher* descrevem estereótipos que absorvemos da nossa cultura. Assim, gênero sexual é meramente um construto social. Exceto quanto a diferenças biológicas óbvias, todas as outras distinções entre homens e mulheres são puramente convencionais. Se há qualquer distinção psicológica entre homens e mulheres, elas são adquiridas, podem e devem ser desaprendidas para que possa haver uma total igualdade entre os sexos. Essa visão de mundo está tão encravada na cultura de hoje que dificilmente alguém consegue sugerir diferenças naturais entre homens e mulheres sem ser rejeitado como sexista e intolerante.

O ex-reitor da Harvard University aprendeu isso da pior maneira possível depois de uma palestra em 2005 para um grupo de cientistas.[7] Na sua palestra, o reitor Lawrence Summers tentou explicar o fato de que existe uma "falta de mulheres cientistas de elite". Ele atribuiu a falta, em parte, ao que seriam as diferenças "inatas" entre homens e mulheres. Como ilustração, ele compartilhou uma história sobre a sua filha. Num esforço de tentar exercer uma "paternidade de gênero neutro", certa vez, ele colocou diante da sua filha dois caminhões de brinquedo. Quase que na mesma hora, a sua filha começou a se referir a um dos caminhões como "o caminhão do pai" e ao outro como "o caminhão do bebê". Esse fato o levou a ponderar se existia alguma verdade na noção de que inclinações neurológicas devem estar ligadas ao gênero. Para a sua filha, pelo menos, a sua atividade no momento da brincadeira condizia com o estereótipo feminino que ela não havia aprendido com ele. De fato, ele estava conscientemente trabalhando contra tais estereótipos.

Uma tempestade de controvérsias se seguiu depois das observações de Summers. Uma professora de biologia do MIT que havia assistido à palestra disse: "Senti que ia vomitar. Meu coração batia forte e minha respiração ficou curta. Fiquei extremamente perturbada". Ela se levantou e deixou a sala. Depois dessa palestra, Summers foi impugnado por ser sexista e foi repreendido pelos professores da Harvard. Daquele dia em diante ele esteve brigado com o corpo docente até que, finalmente, teve de pedir demissão. Summers descobriu que na nossa cultura se paga um alto preço ao se sugerir que as diferenças de gênero podem ser mais que simplesmente uma convenção humana.

Mito 2: sexo é para o prazer, não para Deus

Podemos chamar isso de filosofia de Sheryl Crow sobre a sexualidade. Se isso faz você feliz, não pode ser tão ruim. Essa visão de mundo aprova toda e qualquer tentativa de conseguir prazer sexual, desde que essa tentativa não prejudique outros. Se você se sente bem e não está magoando ninguém, então como pode ser errado? O abuso dessa visão de mundo explica, até certo ponto, por que apenas 74% de adolescentes evangélicos "cristãos" dizem que acreditam na abstinência sexual antes do casamento[8] e por que 36% de evangélicos protestantes brancos fazem a sua "iniciação sexual" assim que completam 16 anos.[9] Essa visão libertina do mundo tem influenciado os costumes cristãos com um efeito devastador.

Essa visão do mundo também explica a normalização da homossexualidade na cultura mais abrangente. Se o objetivo do sexo é prazer, e se o gênero sexual é simplesmente algo que aprendemos e não o que somos, então não tem problema ter atração pelo mesmo sexo (desde que seja consentido entre adultos e não machuque ninguém). Esse pensamento não é simplesmente uma característica da cultura secular, mas existem "evangélicos" cristãos que estão revendo o assunto. No seu livro publicado em 2010, *A New Kind of Christianity*, Brian McLaren busca redefinir a fé cristã para um novo tempo, e num capítulo em particular, ele argumenta que os evangélicos tradicionais precisam abandonar a sua ética de dois mil anos sobre homossexualidade.[10] Ele ridiculariza suas crenças como "fundassexualidade", que ele define como uma "marca reativa e combativa do *fundamentalismo* religioso que se preocupa com a *sexualidade*… é um tipo de *heterofobia*: o medo de pessoas que são diferentes".[11] Tudo isso vem de um homem que foi escolhido pela revista *Time* em 2005 como um dos 25 evangélicos mais influentes.[12]

Do mesmo modo, no outono de 2008, Tony Jones, o ex-coordenador nacional do Emergent Village, declarou:

> Os *gays* são pessoas completamente humanas e devem obter todos os benefícios culturais e eclesiásticos que eu… E eu agora creio que os GLBTQ podem viver de acordo com o cristianismo bíblico (pelo menos, tanto quanto qualquer um de nós pode) e a monogamia deles pode e deve ser sancionada e abençoada pela igreja e pelo Estado.[13]

O pronunciamento de Jones mostra que pelo menos algumas áreas do movimento evangélico estão sendo formadas mais pela cultura do que pela Bíblia. E isso nos leva à terceira característica dessa visão do mundo.

Mito 3: o casamento é cultural, não universal

Em outras palavras, o casamento é algo que vem a nós da cultura humana, não de Deus. Tem uma origem humana, não divina. Com Deus fora do cenário, o homem está livre para fazer do casamento o que bem quiser. A última parte contribui muito para a confusão e o conflito ao redor da assim chamada guerra da cultura sobre a questão do casamento na nossa sociedade. Não somente essa visão do mundo está evidente nos altos índices das taxas de divórcio e nos excessos legais como o divórcio "sem motivo"; ela também está na base da atual pressão na nossa sociedade para que o "casamento" entre pessoas do mesmo sexo seja reconhecido legalmente. Se gênero sexual é algo que você aprende e não o que você é, e se sexo é para prazer e não para Deus, então relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo não devem ser tratados de maneira diferente dos relacionamentos heterossexuais. Uma vez que a sociedade separa a masculinidade e a feminilidade e suas sexualidades respectivas do projeto do seu Criador, não há base moral para privilegiar a união heterossexual mais que qualquer união (homossexual ou outra). A norma heterossexual da

Escritura é considerada simplesmente como uma convenção social forçada sobre as massas para limitar quem quer ter sexo com quem – uma convenção que deve ser banida numa sociedade justa. Em alguns setores da nossa sociedade, privilegiar o ideal heterossexual da Escritura sobre o pecado homossexual é atrair intolerância e aversão.

A contracultura moldada pelo evangelho

Uma contracultura moldada pelo evangelho deve *proclamar* e *incorporar* o evangelho de Jesus Cristo de tal maneira que o plano de Deus para gênero, sexo e casamento seja claro e irrefutável. Isso irá requerer tanto a *mensagem* contracultural das igrejas quanto a *prática* contracultural entre as pessoas e famílias nessas igrejas. Permita-me destacar brevemente três contrapontos à visão de mundo anteriormente mencionada que devem estar no centro do testemunho evangélico a respeito dessas questões.

Verdade 1: o gênero sexual é algo que você é antes que aprenda qualquer coisa

As distinções entre homem e mulher encontram a sua origem na boa criação de Deus, não no que aprendemos da cultura. Isso não é negar que as pessoas absorvem da cultura suas ideias sobre gênero sexual, sendo que algumas delas são totalmente inúteis. No entanto, esse fato não deve ser usado para suprimir a verdade que no início Deus diferenciou o ser humano como homem e mulher no seu plano original da criação. E nem deve obscurecer o fato de que Deus indubitavelmente chamou essa diferenciação "boa" (Gn 1.27, 31). A união do primeiro homem e da primeira mulher foi a união mais saudável, completa e satisfatória que jamais existiu e envolveu

um homem liderando a sua esposa e uma esposa seguindo a liderança do seu marido (Gn 2; 1Co 11.3; Ef 5.21-33). E, embora nenhum outro casamento possa alcançar essa perfeição antes da glória, os evangélicos precisam esforçar-se com integridade para chegar perto desse ideal. E precisam fazer isso mesmo quando isso vá contra costumes enraizados na cultura geral.

Verdade 2: o sexo é para Deus antes que haja qualquer prazer duradouro

Deus não é um desmancha-prazeres cósmico quando o assunto é sexo. A intenção de Deus para as suas criaturas é que elas desfrutem desse grande presente para o bem dele. No entanto, quando as pessoas tratam o prazer como o *objetivo* do sexo, elas não apenas terminam na imoralidade, como também acabam com menos prazer. A única maneira de maximizar o prazer, que foi a intenção de Deus para a nossa sexualidade, é viver na luz da verdade de que o nosso corpo não é para a imoralidade, mas para Deus.

Foi por isso que o apóstolo Paulo uma vez confrontou um grupo de viciados em sexo na igreja de Corinto que estavam visitando as prostitutas (1Co 6.15). Paulo explicou a eles que o Espírito Santo habita no corpo do crente e, assim, faz o corpo físico ser de suma importância na atual era. Pelo fato de o Espírito residir dentro do templo do corpo do crente, o crente não tem o direito de afirmar que é dono do seu próprio corpo: "… fostes comprados por preço" (1Co 6.20). Desse modo, Paulo lembra-nos que não somos os donos de nós mesmos. Pertencemos a Deus porque ele nos comprou pelo preço do seu Filho e porque o Espírito de Deus habita em nós como garantia da redenção final. Como Paulo argumenta em outro ponto, a

presença do Espírito é a base da nossa esperança de que Deus ressuscitará nosso corpo físico da sepultura (Rm 8.11).

Assim, o que fazemos com nosso corpo em relação ao sexo importa para Deus. É por isso que em 1Coríntios 6 Paulo conclui com um imperativo enfático: "… glorificai a Deus no vosso corpo" (1Co 6.20). Quando Paulo fala de glorificar a Deus com o nosso corpo, ele tem em mente especificamente como o corpo é sexualmente usado. Podemos até mesmo parafrasear Paulo, dizendo: "Glorifique a Deus com o seu sexo". Isso significa que o compromisso de união do casamento é o contexto prazeroso e que glorifica a Deus, no qual desfrutamos da nossa sexualidade. A ética sexual cristã não afasta as pessoas do prazer, mas as leva a ele.[14]

Verdade 3: o casamento é universal, não cultural

A Bíblia ensina que o casamento foi planejado e criado por Deus, não pela cultura humana. Na verdade, é interessante observar como o Novo Testamento prova esse fato à luz do Antigo Testamento. Quando Jesus e Paulo estabeleceram novas normas para o compromisso matrimonial, eles não apelaram aos reis polígamos como Davi ou Salomão ou aos patriarcas polígamos como Abraão, Isaque ou Jacó. Apesar de toda a importância que essas figuras têm na história da redenção, Jesus e Paulo não olham para nenhum deles como paradigma para entender o casamento. Em vez disso, Jesus e Paulo olham, sem exceção, para a união monogâmica pré-queda de Adão e Eva em Gênesis 2 como a norma humana da sexualidade e casamento. "Por isso deixa o homem pai e mãe, e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne" (Gn 2.24; cf. Mt 19.5; Mc 10.7-8; 1Co 6.16; Ef 5.31).

O apóstolo Paulo diz que o grande "mistério" do modelo de casamento em Gênesis 2 (um homem e uma mulher em união de aliança) é que Deus o entendeu sempre como sendo uma sombra de uma realidade maior. A partir do jardim do Éden, a intenção de Deus para o casamento era que fosse uma parábola vivida na prática de outro casamento: o casamento de Cristo com a sua igreja (Ef 5.31-32). Assim, o casamento não é definido pela cultura, mas pelo próprio evangelho. Jesus ama a sua noiva com exclusividade e com sacrifício próprio; e a noiva de Jesus deve respeitar seu noivo e submeter-se a ele. Dessa maneira, o casamento pretende retratar um arquétipo do evangelho que tem raiz nos eternos propósitos de Deus. O evangelho que molda esse arquétipo é também a esperança para a humanidade e o contexto no qual a felicidade humana alcança o seu pleno potencial. Aqui está o significado profundo do casamento e as igrejas fiéis deverão se envolver com a cultura com a proclamação dessa verdade e a prática que a confirma.

Conclusão

A apresentação que ouvi na SBL revela quanto a cultura ambiental se posiciona em oposição à visão de mundo cristão. Mas a resposta dos cristãos a essa oposição não deve ser simplesmente a de amaldiçoar as trevas e retirar-se da cultura. Em vez disso, o que a cultura precisa mais do que qualquer coisa é que a igreja de Cristo se envolva com a proclamação do projeto de Deus para a sexualidade e o casamento humanos e demonstre na prática essa verdade de maneira totalmente saudável. A igreja deve ser a contracultura que reflita um conjunto alternativo de prioridades. Em outras palavras, a igreja deve ser um lugar onde o casamento é tido em alta estima

tanto na prática quanto no ensino e na disciplina, e a igreja deve ser dessa maneira por causa do seu compromisso com o evangelho.

No final, Katy Perry e os ensaios apresentados na SBL não são o problema principal. Eles são um sintoma de um sistema maior estabelecido contra Cristo e seus propósitos no mundo (1Jo 2.15-17). E o que os nossos amigos e vizinhos precisam mais do que qualquer coisa é que os cristãos e suas igrejas apresentem um fiel contratestemunho a respeito dessas questões. As mensagens vindas da cultura são claras. A mensagem da igreja deve ser mais ainda.

Para estudo adicional

Conway, Jim e Sally. *Na dor e na alegria*. São Paulo: Cultura Cristã.

Gruden, Wayne. *Confrontando o feminismo evangélico*. São Paulo: Cultura Cristã.

_____. *O feminismo evangélico*. São Paulo: Cultura Cristã.

Hunt, Susan. *A graça que vem do lar*. São Paulo: Cultura Cristã.

Jones, Peter. *O Deus do sexo*. São Paulo: Cultura Cristã.

Jones, Rebecca. *A mulher segundo a Bíblia*. São Paulo: Cultura Cristã.

Lopes, Augustus Nicodemus & Minka Schalkwijk. *A Bíblia e sua família*. São Paulo: Cultura Cristã.

Piper, John. *Casamento temporário*. São Paulo: Cultura Cristã.

Schaeffer, Edith. *Celebração do matrimônio*. São Paulo: Cultura Cristã.

Van Groningen, Harriet e Gerard. *A família da aliança.* São Paulo: Cultura Cristã.

Capítulo 16

A IGREJA LOCAL:

Nem sempre maravilhosa, mas amada por Jesus

THABITI ANYABWILE

Há hoje uma infinidade de debates contínuos, entre cristãos que creem na Bíblia, sobre a natureza e a necessidade da igreja local. Com tantas vozes e opiniões, este é um tempo confuso para ser cristão.

De um lado há a tendência de enfatizar a igreja espiritual ou universal e minimizar a igreja local. A igreja local é algo com que as pessoas podem se comprometer, se desejarem, mas não têm necessidade disso. Quando aqueles que têm essa visão se comprometem com uma igreja local, muitas vezes eles escolhem uma igreja composta de pessoas com experiências e interesses semelhantes aos deles, um grupo com afinidades baseadas em cultura, idades, etc., em comum. A filiação já está estabelecida, pois cada cristão é um membro do corpo de Cristo. Há poucas, se existirem, exigências formais, que muitas vezes são vistas como remanescentes de uma era passada ou emprestada de grupos sociais e cívicos, como o Rotary

e os clubes de campo. Os membros da igreja local podem até ser vistos como divisores, contrários a uma boa e necessária catolicidade.[1]

De outro lado, existem cristãos que enfatizam a natureza da igreja visível e local enquanto minimizam a igreja universal ou espiritual. A filiação na igreja universal é assumida, mas deve ser demonstrada na igreja local. Alguns acrescentam que o cristianismo no Novo Testamento faz pouco sentido à parte de uma prática ativa da filiação de uma igreja local.

As pessoas chegam a esses dois polos de diferentes maneiras. Algumas chegam teologicamente. O modo de elas lerem a Bíblia e as suposições que fazem as leva a um polo ou outro. Algumas chegam a essas ideias por alguma experiência. Elas ficaram magoadas com a igreja por algum motivo ou, ao contrário, tiveram um tempo muito positivo numa igreja local. Outras ainda chegaram lá ao avaliar a igreja. A igreja faz um bom trabalho e deve ser apoiada, ou ela falha na sua missão e deve ser abandonada ou precisa ser totalmente repensada.[2]

Dadas essas concepções radicalmente diferentes sobre a igreja local e sua importância, devemos desenvolver uma compreensão bíblica da igreja e a nossa parte nela. A igreja local e os membros são importantes para nós? Se afirmativo, por que e como? Se não, por que não? O modo como consideramos a igreja local está de acordo com as Escrituras? Vemos qualquer ligação entre a nossa vida espiritual e o nosso envolvimento com a igreja local?

Neste capítulo, quero convencer você – se é que ainda não está convencido – de que a igreja local e seus membros ativos são essenciais para o seu bem-estar espiritual e para o bem-estar de toda a congregação. Duas coisas se desenvolvem quando fazemos da igreja local o centro do

nosso entendimento da vida cristã: nossa vida individual e a vida dos outros cristãos na congregação.

Colocando isso de outro modo: se ser membro de uma igreja local saudável não é o ponto central para o seu entendimento da vida cristã e para o seu viver cotidiano, você está lentamente, talvez de modo imperceptível, tornando se faminto, murcho e sem amor – mesmo que ainda não se sinta assim. Essa é a vital importância da igreja local.

O que é a igreja?

Vamos iniciar com definições. Muito da confusão e da discórdia começa aqui. Quando dizemos "igreja", o que queremos dizer?

As pessoas usam a palavra *igreja* para se referir a diversas coisas, inclusive os edifícios onde cristãos se reúnem e as denominações com as quais as igrejas individuais cooperam. Embora entendamos esses usos comuns, a Bíblia nunca usa o termo *igreja* dessas maneiras.

A palavra grega que traduzimos como "igreja" é ekklhsia, que significa "os chamados" ou "os chamados juntos". Podemos usar as palavras "ajuntamento" ou "assembleia" para expressar a mesma ideia. Uma igreja é uma assembleia, uma reunião, aqueles chamados para se reunirem. Mas não é qualquer ajuntamento ou assembleia.

Tanto a palavra *church*[i] como a palavra escocesa *kirk* têm suas raízes na palavra grega *kyrios*, que significa "senhor". Se tomarmos esses dois significados juntos, "assembleia" e "senhor", haveremos de ter uma boa definição da palavra *igreja*. A igreja é "uma reunião de pessoas que pertencem ao Senhor, que foram reunidas para ele".[3] O evangelho de Jesus Cristo chama indivíduos para fora de um mundo de pecado e morte e

os leva para a luz e vida eternas; toma um povo que não era povo e o transforma num povo especial para Deus (1Pe 2.9-10). É isso o que a igreja é. É a reunião de pessoas vivendo sob o governo de Jesus e comprometidas umas com as outras na fé.

Mas a Bíblia fala da igreja pelo menos de duas maneiras. Primeiro, existem passagens nas quais está em vista todo o povo de Deus, ao longo de todos os tempos (p. ex., Ef 1.22-33). Essa é a igreja "universal". Segundo, a Bíblia fala da igreja como uma reunião de crentes num tempo e num lugar específicos (p. ex., Gl 1.2). Essa é a igreja "local". Na grande maioria de casos em que a Bíblia menciona a igreja, há referências a reuniões locais de crentes vivendo sob o senhorio de Jesus Cristo.

Não devemos fazer das igrejas universal e local inimigas, adversárias na vida espiritual. É um grande erro jogar esses dois aspectos da igreja um contra o outro. Quando falamos da igreja universal e da igreja local, estamos falando da mesma coisa de diferentes perspectivas. Há apenas uma igreja, mas podemos enxergá-la de várias altitudes – como um pintor que pinta uma cena da floresta vista de cima de um monte, enquanto outro a pinta de dentro da própria floresta. As perspectivas são diferentes, mas o tema é fundamentalmente o mesmo. A gloriosa visão elevada da igreja universal de Deus tem o significado de aprofundar e enriquecer a nossa participação no aspecto visível e local da igreja.

De onde veio a igreja?

Alguns cristãos pensam na igreja como apenas outra instituição. Sob muito da crítica à igreja, se oculta essa concepção incorreta sobre como surgiu a igreja. Não é de admirar, porém, que tantas pessoas – até mesmo

cristãs – possam ser tão negativas com relação à igreja como o são com partidos políticos ou times rivais nos esportes. Mas a igreja é simplesmente outra invenção humana com todos os defeitos das organizações sociais criadas por homens?

A Bíblia tem uma visão diferente. Paulo, em 1Coríntios 12.12-18, ensina que a igreja é uma criação da Trindade. Cada membro da divindade exerce uma função específica e ativa em moldar e formar o corpo de Cristo.

Jesus Cristo, o Filho de Deus, nos incorpora como membros ou partes do seu próprio corpo. "… assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, constituem um só corpo, assim também com respeito a Cristo" (1Co 12.12). Jesus nos juntou a ele mesmo. Quando nascemos de novo pela obra soberana do Espírito de Deus, somos unidos com Jesus como parte do corpo do Senhor. Nós nos tornamos "membros" ou "partes" do corpo de Jesus.

Quando os cristãos falam sobre um "membro" de uma igreja, não estão tomando emprestada a linguagem das organizações seculares. O termo *membro* ou *parte* é cristológico de um modo único. Seu uso tem dois mil anos – ele é muito mais velho do que as organizações civis – e nos lembra de algo sobre o próprio Jesus. O Senhor Jesus é a única cabeça governante do seu corpo, a igreja, da qual somos membros ou partes. Assim, a nossa união com Cristo pela fé se torna a realidade teológica e espiritual que permite a nossa participação ativa na igreja local. Quando nos juntamos a uma igreja local, damos um testemunho visível de estarmos unidos a Jesus. Dizemos: "Sou uma parte do corpo de Jesus".

Deus, o Espírito Santo, nos batiza no corpo de Cristo. Esse batismo é comum a todos os cristãos, de qualquer etnia ou posição social. "Em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo… e a todos nós foi dado beber de um só Espírito" (1Co 12.13). Destaco isso para dizer que um grupo constituído de pessoas brancas, vestindo roupas cáqui, que costumam frequentar as cafeterias da moda, pode ser culturalmente homogêneo quanto ao estilo, pode ser chamado de muitas coisas, mas não deve ser chamado de igreja. E conquanto uma reunião de negros que cantam músicas *gospel* tradicionais, com um pregador que grita, possa ser chamada de igreja se ela ocorre de propósito, não corresponde à visão da Bíblia de uma igreja batizada pelo Espírito. Organizar intencionalmente uma igreja na qual todos os membros são parecidos pode ser uma grande obra do homem, mas não é uma grande obra de Deus. Como um teólogo colocou, isso pode ser pouco mais do que amor-próprio espalhado sobre uma área mais ampla. Mas Deus cria uma união formada pelo Espírito que acaba com divisões de etnia, gênero e classe (Gl 3.26-28; Ef 2.14-15; Cl 3.11).[4]

Deus, o Pai, dispõe os membros – "… cada um deles no corpo, como lhe aprouve" (1Co 12.18). O Pai escolhe a dedo cada membro – cada cristão – e coloca cada membro de maneira pensada, hábil, intencional e exatamente onde ele quer que esse membro esteja. Há soberania, propósito e sabedoria expostos na edificação da igreja feita pelo Pai.

É como se antes da fundação do mundo Deus visse pessoas correndo para a destruição, suas almas chamuscadas pelo fogo do inferno. Ele diz: "Eu quero aquela ali. Ela exercerá uma função-chave no que estou construindo aqui". E o Filho diz: "Está bem, Pai, eu a resgatarei para o Senhor". Então, o Senhor Jesus vem, toma o nosso lugar, sofre na cruz o

nosso castigo e com o seu próprio sangue nos redime para a vida eterna e amor eternal com o Pai. Deus, o Espírito responde: “Em todos aqueles que eu redimir, colocarei um selo e a garantia até que todas as partes sejam adquiridas e o todo esteja completo”. Cada pessoa na Trindade faz a sua parte para criar e proteger a igreja.

Com base em 1Coríntios 12.12-18, devemos, no mínimo, afirmar três coisas a respeito da igreja e a nossa parte nela. Primeira, cada pessoa na igreja é escolhida a dedo pelo Pai para exercer uma função vital no corpo. Assim, não podemos desprezar a nossa designação como membro. Segunda, a nossa inclusão no corpo não é apenas intencional, mas adquirida dispendiosamente por nada menos que o sangue de Cristo. O fato de termos nos tornado membros custou caro. Terceira, somos agora mais do que a soma das partes. Somos parte, mas também um novo corpo, todos batizados numa união espiritual com Cristo. A igreja está longe de ser apenas outra agência humana. É tudo menos isso. E é preciosa.

No entanto, talvez tenhamos que tratar de algumas atitudes erradas e-acertá-las antes que possamos amar a igreja como uma obra das mãos de Deus.

Qual é a nossa atitude com relação à igreja?

Antes de nos tornarmos cristãos, talvez tenhamos rejeitado Deus e sua obra, pois nós o culpávamos pelos problemas do mundo. Se o sofrimento existe, então Deus não deve existir ou ele não é tão bom. Ou, já que o inimigo existe, então Deus pode não ser bom ou poderoso o suficiente para acabar com ele. Pecadores como somos, ouvimos o eco da nossa queda como uma acusação contra Deus e não contra nós mesmos.

Há um equivalente cristão dessas atitudes. Não culpamos mais a Deus pelo mal ou sofrimento. Talvez tenhamos chegado a um acordo com a bondade e o poder de Deus diante do mal e do sofrimento. No entanto, agora, muitos cristãos culpam e acusam Deus pela igreja.

- A igreja não faz isso corretamente.
- A igreja tem esses problemas.
- Os cristãos são hipócritas.
- Na verdade, a igreja não tem nenhuma vida; eu não recebo nada de lá.

Às vezes, essas críticas são válidas. No entanto, muitos de nós estão dizendo, embora nunca seríamos tão grosseiros, "Deus, o Senhor não sabe o que está fazendo. Olha para essa porcaria que o Senhor fez. Sei um modo melhor de fazer isso".

Em 1Coríntios 12 encontramos essa atitude básica expressa de duas maneiras. Existem aqueles que dizem: "Não precisamos de ti" (v. 21). Eles são espiritualmente independentes que pensam que podem seguir sozinhos. Eles são os cristãos Zorro, felizes na companhia de um Tonto ou dois, mas com seu canto: "Eu, kemosabe.[ii] Não preciso da igreja".

E existem os espiritualmente insignificantes – aqueles que acreditam que são indignos da igreja (v. 15-16). Esses cristãos pensam que sua-insignificância é um impedimento para se envolverem de maneira produtiva na igreja. "Eu não tenho este ou aquele dom importante, então não posso fazer parte. Não faço solos, então não há nada para eu fazer aos domingos. Eu não sei ensinar ou abrir a Escritura, então não tenho nada para oferecer àqueles que precisam de um conselho."

Essas duas atitudes vêm de um coração que não consegue ver que a igreja é a obra das mãos de Deus e que Deus não falhou ao fazer algo

maravilhoso com sua igreja – incluindo a nossa parte nela. Essas atitudes são erradas por não reconhecer nossa necessidade profunda da igreja.

Por que precisamos da igreja?

Podemos concordar que o evangelho redime pessoas do pecado e da ira para fazer delas uma nova comunidade, um novo povo. E podemos concordar que esse novo povo – a igreja – é a obra de Deus. E, no entanto, talvez haja ainda um sentimento persistente de que a igreja não seja realmente tão necessária. Na medida em que pensamos na vida cristã apenas como um "relacionamento pessoal com Jesus" e não um relacionamento público e comunitário com o seu povo, nessa mesma medida podemos agir como se não precisássemos da igreja.

No entanto, ser uma parte do corpo de Cristo significa que temos uma parte para exercer em servir aos outros e os outros têm uma responsabilidade importante de nos servir. Em 1Coríntios 12.12-27 e Efésios 4.11-16, a Bíblia usa a analogia do corpo para descrever a nossa união espiritual com Cristo e de uns com os outros, e faz isso de uma maneira que realmente enfatiza e eleva a importância dos membros na igreja local.

Nessas duas passagens descobrimos pelo menos três modos nos quais nós irrestritamente precisamos da igreja local.

Precisamos da igreja local porque precisamos ser cuidados

Deus planejou a igreja para ser uma sociedade de cuidado mútuo. A igreja é um lugar onde as pessoas necessitadas recebem cuidado de outras pessoas com necessidade. A igreja é uma cooperativa de cuidados.

Em 1Coríntios 12.24b-27, lemos:

> Deus coordenou o corpo, concedendo muito mais honra àquilo que menos tinha, para que não haja divisão no corpo; pelo contrário, cooperem os membros, com igual cuidado, em favor uns dos outros. De maneira que, se um membro sofre, todos sofrem com ele; e, se um deles é honrado, com eles todos se regozijam. Ora, vós sois corpo de Cristo; e, individualmente, membros desse corpo.

Deus nos coloca no corpo de Cristo para evitar a divisão e, ao evitar a divisão, para criar inter-relacionamentos em que nós "temos igual preocupação um pelo outro". Colocando de outra maneira, o antídoto para a divisão na igreja é cada membro cuidar igualmente de cada um dos outros membros.

Nós pensamos que esse cuidado e esse interesse mútuos equivalentes de cada membro para cada outro membro é um interesse de baixo nível e passageiro? Se Deus gasta o sangue do seu Filho e individual e especificamente coloca cada membro onde ele deseja, nosso interesse uns pelos outros seria indiferente e não desafiador? Ou isso foi planejado para ser um amor grande, intenso, ativo, profundo e crescente que vem do coração?

O versículo 25 é uma afirmação poderosa da visão e do desafio para uma igreja local. Você pode imaginar e compreender a grandiosidade de ser um membro numa igreja local onde todos se comprometem a mostrar o mesmo interesse uns pelos outros?

E agora devemos perguntar a nós mesmos: o nosso objetivo pessoal é expressar esse tipo de interesse imparcial para cada membro da nossa igreja local? Essa é a diferença entre ser uma igreja dividida em diversos pequenos grupos nos quais são compartilhados o amor e o interesse com alguns, e ser o corpo de Cristo onde ninguém escapa da nossa atenção. Milhares de divisões na igreja acontecem todos os domingos. Não é o tipo

de divisão que envolve briga e contenda, mas as divisões silenciosas e sutis que vêm com parcialidade, um espírito de partido, amando alguns e não outros e sentir-se confortável nessa situação.

A visão de Paulo da igreja cuidando de si mesma diz duas coisas sobre cada um de nós. Primeira, precisamos que cuidem de nós e precisamos de muitas pessoas fazendo isso. Na verdade, é preciso uma igreja inteira para criar um cristão. Ouso dizer o seguinte: é necessária uma igreja inteira para educar um cristão. Segunda, Deus nos fez para cuidar dos outros. Nós não somos apenas receptores, mas também transmissores. É como se, à medida que nos entregamos para cuidar de cada outro membro, e outros fizessem o mesmo, na economia de Deus estivéssemos todos sendo cuidados e nutridos.

Um número grande demais de cristãos leva uma vida espiritualmente isolada e vulnerável porque não percebe que o cuidado espiritual de que todos nós precisamos é sermos encontrados por meio de um pertencer ativo e comprometido na igreja local. Se esse é o nosso caso, precisamos nos arrepender. Temos de nos arrepender por não cuidar de todos os outros membros com o mesmo interesse, e devemos nos arrepender por pensar que não precisamos do cuidado e do estímulo dos outros membros. Um é o pecado da falta de amor, e o outro é o pecado da autoconfiança orgulhosa.

Precisamos da igreja local porque precisamos ser preparados e amadurecer na vida cristã (Ef 4.11-16)

Lembro-me de conduzir uma entrevista de candidatura a membro com uma jovem mulher, bem animada, chamada Jennifer. Ela compartilhou comigo a obra da graça de Deus na sua vida – como, logo depois do seu casamento, Deus abriu os seus olhos para o seu pecado, sua necessidade,

sua graça e seu amor. Então, ela e o marido juntaram-se a uma igreja local com grande entusiasmo.

Pedi para ela descrever a experiência dela naquela igreja. Ela baixou a cabeça com tristeza. "Eu pensei que alguém me ensinaria o que significa ser cristã, como praticar a fé no dia a dia", ela disse. "Mas foi como se eles estivessem felizes porque éramos cristãos e então simplesmente nos deixaram num canto qualquer."

Eu gostaria de saber quantos têm essa experiência entre as famílias nas suas igrejas locais. Temo que isso seja muito comum. É como se tivéssemos esquecido de que a igreja existe para fazer discípulos, não decisões. E fazer discípulo exige preparar pessoas para a vida cristã e para o amadurecimento na fé. Essa é uma razão pela qual nós precisamos da igreja.

Efésios 4.11-16 usa a imagem do corpo para descrever como a igreja local produz maturidade espiritual nos seus membros. Paulo nos diz que a razão pela qual Deus dá à igreja líderes talentosos é para preparar os santos "… para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo" (v. 11-12). Precisamos da igreja porque precisamos desse preparo e edificação, essa preparação e amadurecimento.

Maturidade espiritual é o oposto de infância, em que as crianças correm agitadas para cada ensino e artimanha (v. 14). Os líderes preparam e edificam o corpo até alcançarmos a "… perfeita varonilidade" (v. 13) ou nos tornarmos "… varão perfeito" (v. 13; ARC). A intenção de Deus para essa obra de preparo é que ela prossiga até que cheguemos "… à medida da estatura da plenitude de Cristo" (v. 13) até que "… cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo" (v. 15). E esse é um projeto comunitário. Toda a igreja precisa crescer naquele que é a cabeça, crescer em Cristo, "… de quem todo o corpo, bem ajustado e consolidado pelo auxílio de toda

junta, segundo a justa cooperação de cada parte, efetua o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em amor" (v. 16).

Deus não tem outro plano para o nosso discipulado além da igreja local. Nas palavras de John Stott, um "cristão sem igreja" é uma "anomalia grotesca". Stott afirma: "O Novo Testamento não diz nada sobre tal pessoa. Isso porque a igreja está no próprio centro do propósito eterno de Deus. Não é uma reflexão posterior divina. Não é um acidente da História. Ao contrário, a igreja é a nova comunidade de Deus".[5]

Se você está desconectado do corpo, não crescerá naquele que é a Cabeça. É simples assim. Kevin Degoung e Ted Kluck criaram um termo maravilhoso para descrever a "anomalia grotesca" que Stott rejeita. Eles escrevem: "Se *decapitação*, da palavra latina *caput*, significa cortar a cabeça, então é evidente que *decorpulation*, do latim *corpus*, deve se referir a cortar o corpo".[6] Nós vivemos numa cultura cristã em que muitas pessoas querem a Cabeça, mas não o corpo. Elas querem Cristo, mas não os membros do seu corpo. Elas preferem ser "decorpuladas".

Porém, um membro decepado – um pé, mão ou braço, a anomalia grotesca – não cresce. Não amadurece. Não tem vida. Deteriora-se e morre. Para ser uma parte ativa do corpo, viver e crescer como é o plano de Deus, nós precisamos da igreja.

Precisamos da igreja local porque precisamos do amor de Deus (Jo 13.34-35)

Existe uma pessoa viva que não precise de amor? É claro que não; todos nós precisamos conhecer, experimentar e celebrar essa coisa maravilhosa e inefável chamada amor. Enquanto o mundo vai à caça do amor em todos os lugares errados, como Indiana Jones buscando o tesouro perdido, é dito aos

cristãos precisamente onde encontrar o amor de Deus: “Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros” (Jo 13.34-35). Encontramos o amor de Deus quando amamos uns aos outros “… como também Cristo nos amou” (Ef 5.1-2). Encontramos o amor do Salvador no amor e por meio do amor que compartilhamos como seus discípulos.

Além do mais, o mundo também precisa conhecer o amor de Deus. O mundo perece se não conhecer esse amor. A melhor maneira de ser a redenção do mundo é ser a favor da igreja, amando ativamente outros cristãos de tal modo que o nosso amor seja óbvio e evidente aos olhos do não redimido. Os nossos amigos e parentes que não são cristãos saberão o que é o amor de Jesus quando virem esse amor visível, prático, quase tangível e que constrange sendo compartilhado e espalhado pela família de Deus. Esse amor terá tanto a forma de encorajamento e cuidado quanto a forma de correção branda e disciplina restauradora.

Além disso, compartilhar o amor de Deus com os nossos companheiros membros da igreja não é opcional. É obrigatório. É um mandamento. Se nós amamos nossos irmãos e irmãs, evidenciamos que amamos genuinamente a Deus. O apóstolo João escreve: “Nós amamos porque ele nos amou primeiro. Se alguém disser: Amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso; pois aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê. Ora, temos, da parte dele, este mandamento: que aquele que ama a Deus ame também a seu irmão” (1Jo 4.19-21).

Uma pessoa que não ama os seus irmãos – todos eles – não ama a Deus. Mas um homem que ama a Deus, ama a igreja e é amado pela igreja com o amor de Deus.

Conclusão

A igreja é a maravilhosa obra das mãos de Deus para demonstrar sua multiforme sabedoria ao universo (Ef 3.10). Sejam quais forem suas limitações e fraquezas, a igreja ainda é, gloriosamente, a melhor alternativa que possamos imaginar.

E precisamos da igreja desesperadamente para o amor, para o amadurecimento e para o cuidado espiritual. É arrogância, rebeldia, autoconfiança, orgulho, presunção contra Deus concluir que a igreja é um extraopcional para a vida cristã. Precisamos de tudo o que Deus planejou para nós. Tudo. Rejeitar o que Deus planejou para a sua glória e para o nosso bem é suicídio espiritual. Rejeitar a igreja é assumir a sua própria vida espiritual.

Não faça isso. Faça da igreja o centro da sua vida e viva como o Senhor planejou, em comunidade, pela aliança que Deus fez por amor ao seu povo.

Para estudo adicional

Baxter, Richard. *Manual pastoral de discipulado*. São Paulo: Cultura Cristã.

Clowney, Edmund. Série Teologia Cristã: *A igreja*. São Paulo: Cultura Cristã.

Holwerda, David E. *Jesus e Israel*. São Paulo: Cultura Cristã.

Lopes, Augustus Nicodemus. *Mantendo a igreja pura*. São Paulo: Cultura Cristã.

_____. *Uma igreja complicada*. São Paulo: Cultura Cristã.

MacArthur, John; Sproul, RC e outros. *Avante, soldados de Cristo*. São Paulo: Cultura Cristã.

Mack, Wayne A. e Swavely, David. *A vida na casa do Pai*. São Paulo: Cultura Cristã.

Marra, Cláudio. *A igreja discipuladora*. São Paulo: Cultura Cristã.

Roberts, W. H. *O sistema presbiteriano*. São Paulo: Cultura Cristã.

---

[i] Em inglês, *igreja.*

[ii] “kemosabe” era expressão usada nas conversas entre o *Lone Ranger*, antigo Zorro (Anterior ao de Walt Disney) e seu companheiro Tonto, personagens de filmes e de quadrinhos. Um dos sentidos originais possíveis era “batedor perito”, daí “o que sabe” (NE).

Capítulo 17

ADORAÇÃO:

Algo muito importante

TULLIAN TCHIVIDJIAN

Aos 16 anos, abandonei a escola.[1] E por meu estilo de vida ter se tornado tão perturbador para o restante da família (eu estou no meio de sete filhos), meus pais, pesarosos, não tiveram escolha, e me colocaram para fora de casa.

Tendo, com sucesso, me libertado da pressão dos professores e dos pais, então poderia viver o sonho de qualquer rapaz. Ninguém para me controlar, para me supervisionar, para me dizer o que eu poderia ou não poderia fazer. Eu estava finalmente livre – ou pelo menos assim pensei.

A minha recém-descoberta liberdade me fez buscar as coisas deste mundo com mais afinco do que a maioria dos jovens da minha idade. Eu procurava aceitação, afeto, significado e respeito atrás de qualquer oportunidade mundana e embaixo de cada refúgio mundano. O canto da sereia da nossa cultura prometia que, buscando as pessoas, os lugares e as coisas certas, encontraria a satisfação, a segurança e o significado pelos

quais eu tanto ansiava. Se eu parecesse, agisse e falasse de certo modo, meu profundo e ardente desejo de ter importância seria satisfeito.

Porém, não funcionou desse modo. Quanto mais eu buscava essas coisas, tanto mais perdido me sentia. Quanto mais eu bebia do poço da aceitação mundana, tanto mais sede sentia. Quanto mais rápido eu corria para os prazeres nos quais Deus não estava, tanto mais distante me sentia de uma satisfação verdadeira. Quanto mais buscava a liberdade, tanto mais escravizado eu ficava. Aos 21 anos, me vi dolorosamente percebendo que o mundo não me satisfizera como prometera, do modo que eu havia previsto. A mensagem e os métodos do mundo tinham, na verdade, me deixado exaurido.

Senti-me traído. Enganado. Desesperadamente eu ansiava por algo – por Alguém – de fora deste mundo.

Uma manhã, acordei com uma dor de cabeça e uma repentina e clara consciência do quanto meu coração estava vazio. Tendo retornado ao meu apartamento depois de outra noite de balada na região de South Beach, em Miami, desmaiei antes de conseguir tirar minhas roupas. Horas mais tarde, ao despertar num estado de prontidão apático e doloroso, lembrei-me de que era domingo de manhã. Eu estava tão quebrado e ansiando por algo transcendente, por algo mais elevado do que qualquer coisa que o mundo pudesse oferecer, que decidi ir à igreja. Nem troquei de roupa. Pulei da cama e saí tropeçando porta afora.

Cheguei tarde e sentei no único lugar ainda disponível na galeria. Não demorou para eu perceber quanto tudo era diferente naquele lugar. Imediatamente, senti a presença de Deus. Por meio tanto da música quanto da mensagem, estava claro que Deus, e não eu, era o visitante de honra ali. Tendo sofrido a falência da ênfase da nossa sociedade na “autossalvação”,

eu estava notavelmente revigorado por descobrir um lugar que celebrava alegremente nossa incapacidade de salvar a nós mesmos.

Uma presença inevitável

Não entendi tudo o que o pregador disse naquela manhã, e não gostei de todos os cânticos que foram cantados. Mas o estilo de culto foi irrelevante porque encontrei algo do qual eu não tinha como fugir, algo mais surpreendentemente poderoso do que qualquer coisa que já experimentara, algo que ia além e acima do que era caracteristicamente corpóreo. Por meio da música, do sermão e dos sacramentos, a presença transcendente de Deus entrou como se tivesse perfurado o telhado, me deixando – como Isaías quando entrou no templo – impressionado e sentindo-me destruído.

Eu estava recebendo algo infinitamente maior do que grandes impressões do talento humano. Deus e o seu glorioso evangelho estavam totalmente expostos. Era Deus, não o pregador ou os músicos, que estava sendo exaltado para que todos vissem. Não se tratava de um desempenho cuidadosamente orquestrado (o que, pode crer, eu teria visto de imediato). Em vez disso, eu estava observando o povo de Deus sendo arrasado novamente pelo anúncio das boas-novas de Deus que, na pessoa de Jesus, fez por eles o que eles nunca poderiam fazer por si próprios. No louvor e por meio dele, da oração e da pregação, a obra poderosa de Deus trazendo a salvação para o nosso mundo destruído foi relatada e apresentada.

Eu era um "buscador" sendo alcançado, não por um *show* moderno, centralizado no homem, cheio de obras, mas por uma atmosfera transcendente, centralizada em Deus, animada pelo evangelho. Senti o que o Dr. Ed Clowney, o falecido reitor do Westminster Theological Seminary,

costumava chamar de “evangelização doxológica”. Era, literalmente, fora deste mundo.

Conto essa história pessoal como uma maneira de ilustrar quanto é importante a adoração coletiva de uma igreja. Deus usou um culto de adoração para salvar a minha vida.

Vejo a minha história como prova de que a maneira de adorar numa igreja é muito importante. Paulo deixou claro para a igreja em Corinto que o culto não deve ser feito de maneira superficial – que quando os cristãos estão reunidos para louvar, eles devem adorar de tal maneira que os não cristãos entre eles saiam dizendo: “Deus realmente está entre vocês”.

O culto na igreja, em outras palavras, deve ser centralizado em Deus e animado pelo evangelho.

Pelo Livro

Ao contrário do que muitas pessoas de hoje acreditam, nós não podemos nos aproximar de Deus de qualquer maneira que quisermos. A Bíblia deixa claro que a tentativa de fazer isso é extremamente perigosa (ver, p. ex., Caim, Nadabe e Abiú). Na Bíblia, Deus nos dá ordens, instruções, exemplos e histórias para ilustrar como ele quer que o adoremos. O nosso culto, portanto, deve ser orientado por Deus por meio de sua Palavra.

O “princípio regulador” do culto, muitas vezes mal-entendido, simplesmente significa que devemos louvar pelo Livro – tudo o que fizermos no culto deve ser divinamente aprovado.

Durante a Reforma protestante, duas visões emergiram com relação à questão de como a *Sola Scriptura* deve ser entendida quando a questão é

práticas de culto. Martinho Lutero acreditava que podemos fazer tudo o que quisermos no culto, desde que não seja algo que a Bíblia proíba – tudo o que não for proibido é permitido. João Calvino acreditava que devemos fazer no culto o que Bíblia permite – apenas os elementos designados por Deus na Escritura são permitidos.

Pelo fato de a Escritura ser a suficiente Palavra de Deus, acredito, como Calvino, que tudo o que fazemos no culto deve estar prescrito na Bíblia. No entanto, a *aplicação* do princípio regulador não precisa ser rígida, como frequentemente é assumido. Pelo fato de a Bíblia nos instruir com seus *métodos*, assim como com seu *material*, o nosso campo de ação com relação ao que Deus ordena no culto é profundo e largo. Por exemplo, reconhecer os vários estilos literários da Escritura – História, poema, profecia, epístola e assim por diante – deveria demonstrar que a diversidade de estilo é algo que o próprio Deus utiliza e aprecia. Portanto, a diversidade de estilo não deveria ser algo que nós celebramos num culto? Em outras palavras, Deus está nos dizendo algo sobre como adorá-lo pelo *modo* que ele se comunica, não apenas pelo *que* ele nos comunica – tanto o estilo quanto a substância são prescritivos. Entendido dessa maneira, o princípio regulador permite muito mais variedade no culto do que alguns concluíram.

Conquanto toda a Bíblia deva informar e regulamentar a nossa abordagem a Deus, Isaías 6.1-8, especialmente, capta o que parece adorar a Deus em espírito e em verdade. Para mim, essa passagem se tornou um bilhete de "acesso ao culto", e acredito que a nossa experiência de culto coletivo deve espelhar a experiência que vemos aqui.

O nosso louvor deve ser centralizado em Deus

Nos versículos iniciais de Isaías 6, o que o profeta encontra primeiro na casa de Deus é a glória de Deus: "… eu vi o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono, e as abas de suas vestes enchiam o templo" (v. 1). Não diz que ele encontrou primeiro pessoas bem-vestidas ou cafezinho, pessoas que na vida civil exercem funções que as tornam poderosas, um sistema de som atual ou um órgão maravilhoso. A primeira coisa que ele viu foi a glória de Deus.

Há em algumas igrejas uma crescente tendência de oferecer prêmios ao visitante que retorna. Recentemente, um amigo visitou uma igreja e foi prometido a ele um vale no valor de 10 dólares de uma cafeteria da moda se ele voltasse na semana seguinte.

Isaías nos mostra o prêmio que o esperava quando entrou na casa de Deus – a presença desconfortável e aniquiladora da glória de Deus: "… ai de mim!" (v. 5).

Na Bíblia, a glória de Deus refere-se à "sensação do peso" de Deus, à sua presença poderosa. É a excelência prevalecente de Deus sendo exposta. A glória de Deus é a "condição de ser 'augusto'" de Deus – um termo antigo que transmite sua majestade inspiradora. Na verdade, uma razão pela qual os cristãos foram perseguidos no Império Romano é porque eles se-recusavam a usar a palavra *augusto* para o imperador – pois diziam que essa descrição pertencia somente a Deus. Eles entendiam que há uma majestade transcendente que é de Deus de um modo exclusivo. Essa elevada e inspiradora grandeza de Deus é o que Isaías encontrou – um Deus majestoso e brilhantemente no comando.

Tudo isso significa que devemos cultuar esperando, em primeiro lugar e principalmente, ver a Deus. Nós vamos para encontrar a sua glória, ficar maravilhados pela sua majestade. Um culto de adoração não é uma

oportunidade para exibir os talentos humanos, mas uma oportunidade para Deus exibir o seu tesouro divino. Nós nos reunimos não para impressionar uns aos outros pela maneira como cantamos, a roupa que vestimos ou por quem somos, mas para sermos impressionados por Deus e seus atos poderosos de salvação. Nós vamos para louvá-lo pelo que ele é e pelo que ele tem feito. Vamos para ouvir a sua voz ressoando na sua Palavra e por meio dela. Vamos para sentir o pesar do nosso pecado de modo a poder sentir o gosto da glória da sua salvação. Nós nos reunimos para ser magnificamente vencidos, humilhados e reduzidos pelo poder e força do Deus vivo.

Isso está em absoluto contraste com a insistência do mundo de que, quanto maior nos tornamos e quanto melhor nos sentimos com relação a nós mesmos, tanto mais livres nos tornamos. É por isso que muitos cultos de adoração têm sido reduzidos a um pouco mais que canções e seminários de autoajuda com cânticos e sermões do tipo "você consegue". Porém, o que encontramos no evangelho é exatamente o oposto. O evangelho é boas-novas para os perdidos, não para os vencedores. É para aqueles que anseiam ficar livres da escravidão de acreditar que toda a sua importância, significado, propósito e segurança dependem da sua habilidade de "se tornar melhor". O evangelho nos diz que a fraqueza precede a utilidade – que, quanto menor você se torna, tanto mais livre você será. Como G. K. Chesterton escreve: "A sua vida seria bem maior se o seu ego pudesse se tornar menor".[2] Nada o faz ficar mais ciente da sua pequenez e do potencial grandioso de vida do que encontrar a glória de Deus na adoração. Os cultos comunitários de adoração, hoje, precisam desesperadamente recuperar um senso da magnitude de Deus.

Não muito tempo atrás, eu estava sentindo uma necessidade desesperada de que Deus me libertasse da pressão servil para desempenhar, lembrando-me da minha pequenez e da sua grandeza. E, como Deus tem usado a pregação do falecido Dr. D. Martyn Lloyd-Jones ao longo da minha vida cristã para trazer grande perspectiva e reorientação à minha alma perturbada, recorri a um de seus sermões de 1959 sobre reavivamento. Com grande unção, Lloyd-Jones fez um lembrete, o qual eu precisava muito:

> A nossa necessidade suprema, nossa única necessidade, é conhecer a Deus, o Deus vivo, e o poder de sua força. Não precisamos de mais nada. É apenas isto, o poder do Deus vivo, saber que o Deus vivo está entre nós e que nada mais importa… quero dizer, esqueça tudo. Esqueça *tudo* o mais. Nós precisamos perceber a presença do Deus vivo entre nós. Deixe que tudo o mais se cale. Não é hora para diferenças de importância secundária. Todos nós precisamos do toque do poder do Deus vivo.[3]

"O toque do poder do Deus vivo" – foi isso o que Isaías sentiu. Ele foi libertado ao perceber que Deus é grande e ele era pequeno – que Deus era Deus e ele não era. E é isso que Deus quer que nós experimentemos quando nos reunimos para o culto. Isaías não saiu do templo pensando: "Que maravilhoso coral angelical", ou "Que belo templo". Ele saiu pensando: "Que Deus maravilhoso".

Como pastor da Coral Ridge Presbyterian Church, serei o primeiro a admitir que somos abençoados com ótima música e instalações de primeira classe. Mas, como eu sempre lembro à nossa igreja, se as pessoas não saírem da igreja pensando: "Que Deus maravilhoso", então nossa música e nossas instalações não significam nada. Seja o que for que possamos ver no culto, devemos, antes de tudo e melhor, ver a Deus.

Um encontro pleno

Isaías 6.4 nos diz que no momento desse encontro que o profeta teve com a glória de Deus, a base do templo tremeu. Para nós, somente a glória de Deus pode balançar a estrutura da nossa vida, para que nos tornemos mais conscientes da sua presença e mais dependentes do seu poder. Um culto de adoração centralizado em Deus, animado pelo evangelho, leva as pessoas a concluírem que Jesus somado com nada é igual a tudo e tudo menos Jesus é igual a nada.

Algo muito comum hoje são tendências polarizadas no culto que impedem que a pessoa como um todo seja alcançada. Por exemplo, em algumas igrejas, o modo de pensar do cristão é importante, mas o seu sentimento não é. O culto nessas igrejas é principalmente direcionado a informar a mente. No entanto, quando se trata de sentir Deus elas se mantêm rígidas. Essas igrejas transformam o culto numa sala de aula.

Outras igrejas estimulam bem o sentimento no culto, mas são deficientes no que diz respeito ao pensamento. Nessas igrejas, o culto é essencialmente direcionado a envolver as emoções, o pensamento é muito menos importante do que o sentimento. Essas igrejas transformam o culto num divã do terapeuta para curas emocionais.

E ainda outras igrejas concluem que nem os nossos pensamentos nem os nossos sentimentos com relação a Deus são tão importantes quanto o que *fazemos* para Deus. Nessas igrejas, o culto é primeiramente direcionado à vontade – o objetivo do culto é fazer que os que estão ali contribuam mais, sirvam mais ou façam alguma coisa.

Mas observe a reação multifacetada de Isaías ao seu encontro com a glória de Deus. Ele responde intelectualmente à presença de Deus – não há dúvida na *mente* de Isaías de quem Deus é: "… os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos!" (v. 5). No mesmo versículo há também uma

resposta emocional – ele sente a presença de Deus no seu *coração*: "Estou perdido!" Finalmente, há uma reação que diz respeito à sua vontade – tendo encontrado o Deus vivo, Isaías está pronto e *disposto* a fazer a vontade de Deus com todo o seu ser: "Eis-me aqui, envia-me a mim" (v. 8).

No culto, nós, também, devemos experimentar a Deus com a totalidade do nosso ser. O culto de adoração deve informar a nossa mente, envolver emocionalmente o coração e submeter a vontade. Deus quer adoradores racionais que creiam, adoradores que contemplem e adoradores obedientes que ajam. O culto centralizado em Deus produz pessoas que pensam profundamente em Deus, sentem ardentemente por Deus e vivem urgentemente em resposta para Deus. Então, quando nos encontramos com Deus no culto, devemos esperar uma combinação de seriedade e alegria, profundidade e prazer, doutrina e devoção, preceito e paixão, verdade e amor.

Não apenas nesse exemplo em Isaías, mas ao longo de toda a Escritura, vemos pessoas na presença de Deus chorando pelos seus pecados, celebrando o perdão e exaltando a grandiosidade de Deus. As pessoas sentem o seu desespero, choram pela libertação, celebram o perdão – e de muitas outras maneiras, respondem em plenitude à forte presença da glória de Deus.

A nossa adoração deve ser animada pelo evangelho

A reação multifacetada de Isaías à glória revelada de Deus é firmada, em última instância, na beleza multifacetada do evangelho – as boas-novas

de que, na pessoa de Jesus Cristo, Deus veio até nós para recuperar e restaurar um mundo perdido e destruído pelo pecado.

Ao contrário do que muitos cristãos têm concluído, a Bíblia não conta duas histórias: uma sobre Israel no Antigo Testamento, outra sobre a igreja no Novo Testamento. A Bíblia nos conta uma história e aponta para uma figura. Narra como Deus salva o seu universo que nós destruímos e exalta a Cristo como aquele que realiza a salvação. No Antigo Testamento, Deus revelou-se por meio de figuras e sombras, promessas e profecias. No Novo Testamento, Deus se revelou em Cristo, o qual é a substância de cada sombra e o cumprimento de cada promessa e profecia. O Antigo Testamento *prediz* o Salvador mandado por Deus; o Novo Testamento apresenta o Salvador. Então, toda a Bíblia – o Antigo e o Novo Testamento – é sobre o Salvador enviado por Deus. Um culto animado pelo evangelho conta e repete essa história única – destacando o Herói infalível da História – por intermédio da música, do sermão e dos sacramentos.

Se o nosso culto for genuinamente animado pelo evangelho, então nós, como Isaías, passaremos por uma variedade de expressões quando estivermos reunidos. A experiência do adorador deve ser multifacetada porque a história de Deus – o evangelho – é multifacetada. O nosso culto deve ter várias partes porque o evangelho tem diversas partes e não é nem unidimensional nem estagnado.

A manjedoura, a cruz e a coroa do Salvador enviado por Deus devem ser apresentadas e, de alguma maneira, sentidas. Por exemplo, o evangelho nos leva a um sentimento de gratidão quando refletimos sobre a *encarnação*, a um sentimento de dor quando refletimos sobre a *crucificação* e a um sentimento de glória quando refletimos sobre a *ressurreição*.

A história de Deus nos humilha e nos exalta e o culto de adoração animado pelo evangelho deve de alguma maneira refletir esses altos e baixos no seu estilo e substância, contexto e conteúdo. Com o nosso Herói, devemos sentir algo da escuridão do Getsêmani *e* da luz do túmulo no jardim. Não podemos refletir sobre a cruz sem sentir o nosso pecado. E não podemos avaliar o túmulo vazio sem sentir a nossa salvação.

O nosso louvor deve incluir momentos de louvor, lamento e ações de graça – ou, nas palavras do estudioso do Antigo Testamento, Walter-Brueggemann: "orientação, desorientação e reorientação".[4] Deve envolver um sentimento de culpa *e* de gratidão, desespero *e* libertação, contemplação melancólica *e* celebração de alegria. Deve conter silêncio *e* música, confissão *e* purificação, louvor a Deus *e* a convicção de Deus.

O evangelho, sempre para todos

Um culto de adoração animado pelo evangelho é um culto em que Deus oferece o evangelho aos pecadores em necessidade de salvação – e isso inclui tanto cristãos quanto não cristãos. Por muitos anos, as igrejas têm debatido sobre se os cultos de adoração deveriam ser direcionados aos cristãos (para encorajá-los e fortalecê-los) ou aos não cristãos (para fazer o apelo e ganhá-los para Cristo). No entanto, esse debate e as lutas a respeito dessa questão estão mal orientados. Estamos fazendo as perguntas erradas e fazendo pressuposições erradas.

Como muitos outros, certa vez assumi que o evangelho era simplesmente aquilo em que os não cristãos deveriam crer para serem salvos e que, depois de crerem, eles avançariam para as águas teológicas mais profundas. Porém, como Tim Keller explica, o evangelho não é

simplesmente o ABC do cristianismo, mas o A a Z. O evangelho simplesmente não dá início à vida cristã; ele é o combustível que mantém o cristianismo vivo e crescendo a cada dia. Uma vez que Deus resgata os pecadores, o seu plano não é fazê-los avançar além do evangelho, mas levá-los mais profundamente para dentro dele. Afinal de contas, o único antídoto contra o pecado é o evangelho – e uma vez que os cristãos permanecem pecadores mesmo depois de se converterem, o evangelho deve ser o remédio que o cristão toma todos os dias. Como nunca deixamos de pecar, não podemos nunca deixar o evangelho.

Para descrever a sua condição como cristão, Martinho Lutero empregou a expressão *simul justus et peccator* – "justificado e pecador ao mesmo tempo". Lutero entendia que embora já tivesse sido salvo da culpa do pecado, ainda tinha necessidade diária da salvação do poder do pecado.

Paulo chama o evangelho de "… o poder de Deus para a salvação" (Rm 1.16) e, contrário ao que alguns têm concluído, ele não quer dizer simplesmente "poder de Deus para conversão". O evangelho permanece como o poder de Deus para a salvação até que sejamos glorificados porque somos "parcialmente descrentes até morrermos", como Calvino colocou isso. Nós precisamos da salvação de Deus todos os dias e de todas as maneiras.

No seu livro, *The Gospel for Real Life*,[i] Jerry Bridges analisa este tema – que os cristãos precisam do evangelho tanto quanto os não cristãos – ao explicar como a deficiência espiritual em tanto da nossa experiência cristã é o resultado de um entendimento inadequado das profundezas do evangelho. A resposta não está em tentar com mais afinco na vida cristã, mas em compreender de maneira mais completa e clara a incrível obra de Cristo em favor dos pecadores e, então, viver numa consciência mais vital

dessa graça no dia a dia. O nosso principal problema na vida cristã, em outras palavras, não é que não tentamos o suficiente ser bons, mas é que não refletimos nas implicações do evangelho nem aplicamos sua realidade poderosa a todas as áreas da nossa vida. O verdadeiro crescimento espiritual acontece à medida que redescobrimos continuamente o evangelho.

A mesma dinâmica explica o propósito principal do louvor comunitário: redescobrir os poderosos atos de Deus na vinda de Cristo para fazer por nós o que nunca poderíamos fazer por nós mesmos. Nós nos reunimos para celebrar o controle de Deus sobre nós, não o nosso controle sobre Deus.

Um culto de adoração animado pelo evangelho é um culto no qual a salvação de Deus em Cristo é revelada e desenvolvida por meio da música, do sermão e dos sacramentos de tal maneira que o resultado é o desmascaramento tanto dos ídolos da nossa cultura como dos ídolos do nosso coração. A exposição fiel do nosso verdadeiro Salvador em cada elemento do culto, de maneira dolorosa, mas liberadora, revelará os meios sutis pelos quais nós, como indivíduos e como uma cultura, dependemos de coisas menos importantes do que Jesus para no dar segurança, aceitação, proteção, afeto, significado e satisfação que somente Cristo pode dar.

Nesse culto, o louvor, a oração e a pregação devem, de modo uniforme, expressar simplesmente quanto Jesus é relevante e necessário. Esses elementos do culto devem servir o evangelho aos pecadores ao contar e repetir a história que, conquanto sejamos grandes pecadores, Cristo é um grande Salvador.

Ensaio para o futuro

Quando nos reunimos para o culto, devemos estar em espírito de busca, ávidos por Deus, prontos para festejar, juntos, as boas-novas de que, na pessoa de Jesus Cristo, Deus veio até nós, pois nunca poderíamos ir até ele. Deleitar-nos, juntos, no evangelho do Senhor que, por meio da oração e da pregação, dos sacramentos e do louvor, enche-nos de fé, esperança e amor de que precisamos para sermos pessoas que levam as boas-novas num mundo de más notícias.

E nós não somente olharemos para trás, para o que Cristo fez, mas olharemos adiante para o que Cristo irá fazer. Nós nos lembraremos do passado, mas também anteciparemos o futuro. Isso porque, quando Cristo voltar, o processo de reverter a maldição do pecado e recriar todas as coisas será completado (1Co 15.51-58). A paz na terra que os anjos anunciaram na noite que Cristo nasceu se tornará uma realidade universal. A missão cósmica de Deus para a salvação estará completa. A estrutura esfarrapada do nosso mundo caído será total e perfeitamente reconstituída. Tudo e todos "em Cristo" viverão em perfeita harmonia. A *paz* reinará.

Isaías 11.6-9 retrata isso desta maneira:

> O lobo habitará com o cordeiro,
> e o leopardo se deitará junto ao cabrito; o bezerro, o leão novo e o animal cevado andarão juntos, e um pequenino os guiará.
> A vaca e a ursa pastarão juntas, e as suas crias juntas se deitarão; o leão comerá palha como o boi.
> A criança de peito brincará sobre a toca da áspide, e o já desmamado meterá a mão na cova do basilisco.
> Não se fará mal nem dano algum em todo o meu santo monte, porque a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar.

Para aqueles que encontraram o perdão dos pecados em Cristo, haverá um dia sem doença, morte, lágrimas, divisões ou tensão. Os filhos perdoados de Deus trabalharão e louvarão em uma terra perfeitamente

renovada sem a interferência do pecado. Cada um de nós, que cremos no evangelho, desfrutará de um coração e mente sem pecado e um corpo livre de doenças. Tudo o que nos causa dor e desconforto será destruído e viveremos para sempre.

Até que esse dia chegue, nós nos reuniremos para o culto, não para fugir da realidade do mundo presente, mas para sermos lembrados por Deus de que este mundo não é tudo que existe. A Bíblia deixa claro que, ainda que apreciemos ter um dia em sete para descansar das nossas atividades terrenas, ainda existe um descanso a ser cumprido (Hb 4.9). É o descanso final quando cada dia será um dia santo e celestial.

Até que a glória do Senhor encha a terra como as águas cobrem o mar, até que o reino deste mundo se torne o reino do nosso Senhor e seu Cristo, nem todo dia é santo. É por isso que precisamos do domingo – para nos dar um antegosto de um dia do nosso futuro destino, e então, podemos perseverar ao longo do restante da semana.

Quando cultuamos juntos, temos prazer e sentimos uma intrusão do céu no mundo real – o fim dos tempos dentro do tempo. É o futuro sendo trazido para o presente. Ao cultuar juntos semanalmente, entramos nos próprios arredores do céu e sentimos um antegosto do que será finalmente permanente e eterno.

Sinto-me ansioso para participar do culto mais do que qualquer momento da semana porque, quando estou cultuando *com* outros santos-pecadores, a minha expectativa quanto ao Grande Ajuntamento do último dia se intensifica. O que nós fazemos *juntos* no culto não é nada menos do que um ensaio glorioso do que vamos vivenciar quando o "ajuntamento final" será completo e finalmente reunido por Cristo. O nosso culto semanal é uma antecipação do dia em que a nossa celebração será permanente e o

nosso jejum cessará – quando finalmente poderemos "aproveitar o que é mais prazeroso com energia e paixão ilimitadas para sempre".[5]

Para estudo adicional

Carson, D. A. org. *Do shabbath ao dia do Senhor*. São Paulo: Cultura Cristã.

_____. *Um chamado à reforma espiritual*. São Paulo: Cultura Cristã.

Edwards, Charles E. (org.). *Devocionais e orações de João Calvino*. São Paulo: Cultura Cristã.

Horton, Michael S. *Um caminho melhor*. São Paulo: Cultura Cristã.

Lopes, Augustus Nicodemus. *O culto espiritual*. São Paulo: Cultura Cristã.

Maia, Hermisten. *Princípios bíblicos de adoração cristã*. São Paulo: Cultura Cristã.

Owen, John. *Comunhão com o Deus trino*. São Paulo: Cultura Cristã.

---

[i] O evangelho para a vida real (NE).

Capítulo 18

MISSÕES:

A adoração a Jesus e a alegria de todos os povos

DAVID MATHIS

Missões têm a ver com a adoração a Deus. O objetivo de missões é a adoração global a Deus pelo seu povo redimido de todas as tribos, línguas e nações. O resultado de missões é ver todos os povos terem prazer em louvar a Jesus. E a motivação para missões é a alegria que o seu povo tem nele. As missões têm como objetivo a adoração de Jesus, e são realizadas e estimuladas por essa adoração.

Outra maneira de dizer isso é que fazer missões tem o objetivo de obter glória global para Jesus. Do início ao fim – quanto ao objetivo, efeito e impulso – os centros de missões ao redor do mundo anunciam Jesus por meio dos louvores dos seus diferentes povos de todas as tribos, línguas e nações. O que está em jogo em missões é a honra universal do Pai na glória global do seu Filho na alegria de todos os povos.

O que é missões?

Com raiz no latim *mitto* (que significa "enviado"), *missões* é um antigo termo de quinhentos anos que significa o *envio* dos seguidores de Jesus à sua seara global de todos os povos. Por quase três mil anos, o termo *missões* tem sido usado, especificamente, para evangelização do mundo, para levar o evangelho para povos aos quais ele ainda não foi anunciado.

No cerne de missões encontram-se duas passagens do evangelho de Mateus. Jesus disse aos seus discípulos em Mateus 9.37-38: "A seara, na verdade, é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara". Missões significa *enviar* trabalhadores para a colheita global.

A segunda passagem é o envio dos discípulos por Jesus em Mateus 28.18-20, a convocação histórica chamada a Grande Comissão. O principal comando de Jesus aqui: "fazei discípulos de todas as nações", se segue à incumbência de "ir", ser *enviado*. Enviar e ir são dois lados da mesma moeda. Jesus e sua igreja estabelecida enviam, e aqueles que vão são "os enviados" ou "missionários". Assim, *missões* é o envio de missionários (os enviados) pela igreja para estabelecer a igreja entre povos que de outro modo não teriam acesso ao evangelho.

A comissão de Jesus

Talvez a melhor maneira de desenvolver o tema neste capítulo é caminhar por esta Grande Comissão, a qual vai ao cerne do empreendimento missionário.

> Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até a consumação do século.

Jesus tem toda a autoridade (Mt 28.18)

Primeiro, Jesus disse que "toda a autoridade" foi dada a ele, no céu e na terra. Desde a eternidade, o Filho de Deus tinha "toda a autoridade" como Deus, mas agora, pelo fato de ele ter assumido a nossa humanidade e efetuado a nossa redenção, o Filho vem como homem com "toda a autoridade" como ser humano, como o Deus-homem. Ele cumpriu o destino da humanidade (Sl 8.3-8; Hb 2.5-10) e governa o universo com a própria soberania de Deus, garantindo o sucesso de sua missão global.

Ele não será impedido de cumprir a sua promessa: "Edificarei a minha igreja" (Mt 16.18). O Deus-homem garantiu: "E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim" (Mt 24.14). Ele garante o cumprimento de Habacuque 2.14: "Pois a terra se encherá do conhecimento da glória do Senhor, como as águas cobrem o mar".

Isso é megalomania – ou amor?

É megalomania Jesus usar "toda a autoridade" e fazer de si mesmo a pessoa mais famosa no universo? Se conhecer Jesus fosse qualquer coisa menor do que o melhor dos prazeres, então a sua busca seria sem amor. No entanto, ele *é* a realidade de maior valor no universo. Conhecê-lo é ter a "sublimidade do conhecimento" que faz que tudo o mais seja contado como perda (Fp 3.8). Portanto, é uma demonstração de profundo amor Jesus

exaltar a si mesmo. Ele não pode amar as nações sem se expor, pois é somente ele quem verdadeiramente satisfaz a alma humana. Isso faz que o amor de Deus por Deus seja a base mais profunda para missões.

Então, a base da Grande Comissão é, em última análise, não o coração de Deus pelas nações – por mais surpreendente que isso seja – mas o coração de Deus por Deus. E a busca de Deus pela sua glória torna a causa de missões inevitável. Tão certo como ele não entregará a sua glória a outro (Is 48.11), do mesmo modo a comissão não falhará. A sua honra está em jogo. Quando buscamos a glória de Deus na adoração a Jesus na causa global de missões, embarcamos com uma missão que não fracassará. Jesus edificará a sua igreja. A tarefa de missões será concluída.

Fazei discípulos de todas as nações (Mt 28.19)

Em vista dessa autoridade incomparável, Jesus extrai uma implicação para os seus seguidores – um dos mais importantes *portanto* na história do mundo: "Ide, *portanto*, fazei discípulos de todas as nações".

As duas ordens traduzidas como "ide" e "fazei discípulos de todas as nações" funcionam juntas como uma única ordem no grego original de Mateus. Uma tradução literal seria "tendo ido, fazei discípulos de todas as nações". A principal ênfase é no discipular, mas o "ide" é o caminho necessário. Para envolver-se nessa tarefa mundial de fazer discípulos de todas as nações, deve haver o "ide". Jesus não promete que todas as nações irão a Jerusalém enquanto seus discípulos continuem investindo onde estão. Eles precisam ir. Oceanos e fronteiras devem ser atravessados. Como Paulo e Barnabé em Antioquia, eles precisam ser "enviados" (ver At 13.3). Precisa haver missionários.

Mas mesmo no nosso contexto global atual, com pessoas não alcançadas, aglomeradas nas cidades nas quais igrejas já estão estabelecidas, outro tipo de "ide" deve acontecer: aprender uma língua e uma nova cultura, ser enviado da rotina do dia a dia para o meio de pessoas que são como nós. Mesmo quando a geografia não é uma questão, cultura e língua o são. A Grande Comissão necessita de "ide" de todos os tipos.

Discipular é um verbo

Então, se a ordem de Jesus para "fazer discípulos de todas as nações" é o cerne da comissão, o que ele quer dizer com esse discipulado? Ele não quer dizer uma simples busca de conversão. Isso não funcionará com o que segue: "batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado". Ensinar as nações "a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado" não é a simples busca de conversão. E se fazer discípulo de todas as nações não significa simplesmente a transferência de informação numa sala de aula, mas, "ensinando a guardar", o que esse ensino deve envolver?

Ele deve, no mínimo, envolver maturidade espiritual. E assim, é dessa maneira que muitos cristãos bem-intencionados hoje usam o termo *discipulado* – como um termo para a busca da maturidade espiritual. Ser um "discípulo", eles dizem, significa ser um sério, em vez de casual, seguidor de Jesus. Eles dizem que os "programas de discipulado" são designados para aqueles que buscam um crescimento cristão. Talvez. No entanto, parece que algo está faltando aqui.

O exemplo de Jesus

Não há mais nada para dizer dentro do contexto do evangelho de Mateus? O "fazei discípulo de todas as nações" não nos faz lembrar como o próprio Jesus "discipulou" os seus homens? Afinal de contas, eles eram os seus "discípulos". E quando eles ouviram Jesus dizer: "fazei discípulos de todas as nações", será que pensaram que esse discipulado é o que ele havia feito com eles, investimento prolongado, mundo real, diariamente, tempo planejado com jovens crentes para levá-los à maturidade, bem como modelar para eles de como *discipular* outros do mesmo modo?

Isso parece o que Paulo está dizendo em 2Timóteo 2.2, quando instrui o seu discípulo Timóteo: "E o que de minha parte ouviste através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros". *Timóteo, meu discípulo, discipula outros para discipularem outros*. Quatro gerações espirituais são mencionadas de maneira explícita aqui: Paulo, Timóteo, "homens fiéis" e "outros", com a implicação de que as gerações seguintes deveriam seguir.

O discipulado, visto por essa luz, implica não apenas a busca da maturidade espiritual, mas também a necessidade de uma ligação pessoal e um investimento de tempo, o tipo de investimento no qual deve haver o "ide" para ser executado. Jesus passou mais de três anos com os seus doze discípulos. Ele os chamou para serem discipulados no início do seu ministério (Mt 4.19) e deu a eles a maior parte da sua vida até sua partida, em Mateus 28. Ele investiu a sua vida nos seus homens. É maravilhoso acompanhar, nos evangelhos, quanto Jesus deu de si mesmo aos seus discípulos. As multidões o buscavam, mas ele buscava os seus discípulos. Ele estava pronto para abençoar as multidões, mas investiu em poucos.

Todas as nações

Mas se “discípulo” não se refere apenas à conversão, mas também à maturidade espiritual, até mesmo ao investimento pessoal da vida do discipulador, o que dizer então sobre “todas as nações”? Aqui Jesus faz uma observação que é parte de uma sinfonia bíblica que abrange as Escrituras de Gênesis a Apocalipse.

Desde a criação, Deus tem se preocupado com “todas as nações”. As genealogias de Gênesis remontam a origem de todas as nações a Adão por meio de Noé e seus filhos (Gn 10).[1] E com a sua bênção a todas as nações, Deus chamou um adorador da lua chamado Abrão para sair “… da tua terra… vai para a terra que te mostrarei; de ti farei uma grande nação… em ti serão benditas todas as famílias da terra” (Gn 12.1-3). Observe a palavra *todas*.

De Abrão (renomeado para Abraão, “o pai de numerosas nações” em Gn 17.4-5), viria a nação de Israel escolhida por Deus. O relacionamento especial dessa nação com Deus deveria trazer bênção para o restante das nações no mundo, que estavam separadas do seu Criador desde o pai delas, Adão.

Para o bem das nações, Deus operou nessa única nação por dois mil anos. Ele multiplicou seu número, libertou-a da escravidão, guiou-a pelo deserto, derrotou seus inimigos, estabeleceu-a na Terra Prometida e levou-a para o ponto mais alto de paz e prosperidade sob o reinado de Davi e seu filho, Salomão. Com o templo construído por Salomão, era como se a bênção de Deus nesse momento estivesse preparada para chegar às nações por meio da prosperidade de Israel e da submissão das nações a ela.

Vem e vê

Em 1Reis 4, Israel se tornou "… numeroso como a areia que está ao pé do mar" (v. 20). Salomão estava governando "… sobre todos os reinos desde o Eufrates até a terra dos filisteus e até a fronteira do Egito" (v. 21) e era dito que "… dominava sobre toda a região e sobre todos os reis aquém do Eufrates" (v. 24). É esse o cumprimento das promessas de Deus para Abrão em Gênesis 12.3 e 15.5: fazer seus descendentes tão numerosos quanto as estrelas e abençoar as nações por meio dos seus descendentes? Deus havia concretizado todos os seus propósitos quanto à prosperidade de Israel e que, então, climaticamente, "… todos os povos da terra saibam que o Senhor é Deus e que não há outro" (1Rs 8.60)?

No entanto, o problema do pecado que começou com Adão ainda permanecia, com a própria nação de Israel sofrendo na mesma condição pecaminosa de todas as nações. Assim como todas as nações precisavam da bênção do perdão, de um novo coração, da remoção da ira divina e da restauração ao próprio Deus, Israel também precisava. E 1Reis 11–2Reis 25 contêm a descrição de como o pecado destruiu Israel em menos da metade de um milênio ao cair da altura do reinado de Salomão ao mais profundo abismo na destruição de Jerusalém e no exílio sob o poder dos babilônios.

Mas os profetas, mesmo entre suas graves denúncias, prometiam formidável esperança além do exílio para os sobreviventes que retornariam para Deus. E não seria a simples restauração dos dias passados de Israel, pois o profeta Isaías anunciou:

> Pouco é o seres meu servo,
> para restaurares as tribos de Jacó
> e tornares a trazer os remanescentes de Israel;
> também te dei como luz para os gentios,
> para seres a minha salvação até à extremidade da terra (Is 49.6).

Deus tinha algo mais em mente para a bênção de todas as nações do que: "Venha e veja Israel e coma das suas migalhas". Na Grande Comissão, encontramos a revelação monumental de Deus aos seus seguidores – e por meio deles, ao mundo – da missão para a bênção mundial que Deus tem guardado desde o início: o povo de Deus conhecê-lo e ter prazer nele em Jesus e ir e contar a todas as nações sobre ele.

Ao se preparar para a cruz, Jesus é aquele que promete: "E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações". E Jesus é quem incumbe seus discípulos de fazer "discípulos de todas as nações" e promete a eles: "… mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra" (At 1.8).

Ide e fazei discípulos

Jesus deu início a uma nova época da história do mundo, na qual Deus não está mais centralizando sua ação preparatória redentora em Israel no estilo "vem e vê" (quando "… nas gerações passadas, permitiu que todos os povos andassem nos seus próprios caminhos"; At 14.16). Mas nesse momento, com o total cumprimento do evangelho do seu Filho, Deus ampliou a sua abrangência, por assim dizer, a todas as nações e inaugurou a época do poder do Espírito de *ir e contar* – ou melhor, *ir e fazer discípulos.*

E desse modo o apóstolo Paulo diz que a essência do seu ministério é "… para a obediência por fé, entre *todos os gentios*" (Rm 1.5) e que o evangelho agora está se tornando "… manifesto… entre *todas as nações*" (Rm 16.26). O propósito global de Deus, sendo exercitado por meio da autoridade do Deus-homem ressurreto e reinante, é fazer adoradores do seu Filho entre *todas as nações*: todas as tribos, línguas e povos.

Quando Jesus fornece ao apóstolo João um relance do fim, João ouve um novo cântico:

> Digno és de tomar o livro
> e de abrir-lhe os selos,
> porque foste morto e com o teu sangue compraste
> para Deus os que
> procedem de toda tribo, língua, povo e nação (Ap 5.9).

Dois capítulos adiante, João vê uma "… grande multidão que ninguém podia enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro" (Ap 7. 9).

O Ocidente pós-cristão e o "Sul global"

Na busca de todas as nações, Paulo levou o evangelho para Filipos, em Atos 16, e pelos dezessete séculos seguintes o cristianismo se enraizou mais especificamente no Ocidente (na Europa e, depois, na América do Norte). A Reforma do século 16 aprofundou as raízes em muitos aspectos, mas as terríveis guerras religiosas do século 17 alimentaram o "Iluminismo" do século 18 e, com ele, o modernismo e o secularismo.

Hoje, o Ocidente, que já foi considerado a fortaleza do cristianismo global, está se tornando cada vez mais (e rapidamente) pós-cristão. Há reservatórios de bênçãos significativas e grande esperança de progresso nos dias à frente, mas em geral, a igreja, que uma época esteve no centro da sociedade ocidental, encontra se na periferia (o que, na economia de Deus, pode ser uma boa coisa para a igreja ocidental).

No entanto, o lento declínio do cristianismo no Ocidente não significou um declínio global para o evangelho. Jesus edificará a sua igreja. Os últimos cinquenta anos produziram um desenvolvimento global formidável e histórico à medida que o cristianismo prosperou na África, na América

Latina e na Ásia – no que muitos estão chamando de "o Sul global". Os números podem ser enganosos, já que só podem contar cristãos *professos*, mas mesmo que haja algum exagero, a tendência geral é espantosa:

- A Europa era o centro com mais de 70% dos cristãos professos no mundo em 1900, mas por volta de 2000 eram menos de 30%. Nesse meio-tempo, a América Latina e a África se tornaram o centro com mais de 40%.
- A África tinha 10 milhões de cristãos professos em 1900 – cerca de 10% da população. Mas por volta de 2000 o número era de 360 milhões – quase a metade da população africana. Isso pode marcar a maior mudança de filiações religiosas na História mundial.[2]
- "O número de cristãos praticantes na China está se aproximando do número nos Estados Unidos."[3]
- "No domingo passado… mais cristãos foram à igreja na China do que em toda a chamada 'Europa cristã'."[4]
- "Em suma, a igreja tem experimentado uma maior redistribuição geográfica nos últimos cinquenta anos do que em qualquer período na sua história, com exceção dos primeiros anos da história da igreja."[5]

Seguindo com o "Sul global"

Para alguns, essa tendência surpreendente dá origem à pergunta sobre se o Ocidente já encerrou o envio de missionários. A tarefa de concluir a Grande Comissão vai ser deixada para o "Sul global"? A clara resposta é não. Primeiro, essa tendência não leva em conta o poder das parcerias para o avanço do evangelho entre o Ocidente e o "Sul global". No entanto, em segundo lugar, essas parcerias devem ser no sentido de não enviar só

dinheiro ocidental, mas pessoas do Ocidente. O "ide" é necessário para fazer discípulos.

De acordo com www.joshuaproject.net (que acompanha o progresso global do evangelho entre os povos não alcançados no mundo), existem cerca de 6.650 grupos de povos não alcançados no mundo, de um total de quase 16.300 povos de línguas étnicas. O Joshua Project lista 1.540 desses povos não alcançados como *não envolvidos*, o que significa que não há trabalho missionário atualmente entre eles. Com tanto trabalho ainda a ser feito, será necessária a parceria do evangelho de toda a igreja global – ocidental, hispânica, asiática, africana, da Europa oriental, russa, do Oriente Médio e mais – para levar a mensagem sobre Jesus para a fronteira missionária mundial final, os povos mais hostis ao evangelho.

Porém, essa nova situação global não cria somente uma promessa para novos modos de parceria para o envio de pessoas e recursos; faz que surjam também novas possibilidades e problemas no Ocidente.

A promessa e o potencial perigo do missional

Na última década, um novo termo relacionado a *missões* tem sido usado entre evangélicos que estão fazendo ministério doméstico: *missional*. Os mais perspicazes entre aqueles que o estão usando reconhecem que o Ocidente está se tornando rapidamente pós-cristão e que essa mudança dá origem a importantes questões sobre o que significa fazer ministério doméstico. A Europa e a América do Norte têm se tornado cada vez mais como um campo missionário – mas um campo pós-cristão, em vez de pré-cristão. Desde que o termo *evangelização* traz consigo, para muitos, a bagagem de cristandade – lembrando os dias em que a cosmovisão bíblica era suficientemente predominante na sociedade que os confrontos de

esquina e cruzadas em estádios tinham mais força e produziam mais convertidos genuínos – surgiu o termo *missional* (no lugar de *evangelístico* e um tipo mais holístico de evangelização), significa que os tempos estão mudando num grau importante, chamando para novos envolvimentos parecidos com missões. Esse novo pensamento é uma boa evolução, mas com ele vem um perigo.

O perigo é que, com as discussões sobre "ser missional" e "todo cristão ser um missionário", a busca de todas as pessoas ao priorizar o não alcançado pode ser obscurecida. Nós temos de preservar um lugar para a categoria bíblica de alcançar o não alcançado. O tema bíblico não é simplesmente que Deus alcança o maior número possível de *pessoas*, mas *todas as pessoas*. Ele tem a intenção de formar adoradores do seu Filho de todas as nações. O impulso para ser *missional* capta algo muito importante no coração de Deus, mas o perigo é quando ele vem à custa de outra coisa que é essencial no coração de Deus: buscar *todas as nações*, não somente aqueles que compartilham nossa língua e cultura.

A prioridade do não alcançado

Nós precisamos de "ambos". As nossas igrejas devem buscar tanto a *missão* entre nosso próprio povo quanto *missões* entre povos não alcançados no mundo. Uma maneira de se resumir isso é dizer que não podemos ser verdadeiramente *missionais* sem preservar um lugar e dar prioridade à busca do não alcançado. Não importa quanto a igreja possa dizer que está sendo *missional*; ela não é totalmente *missional* no sentido bíblico se não está fazendo ambos, ocupando-se da missão em casa (tradicionalmente chamada de *evangelismo*) entre as pessoas nativas já

alcançadas e envolvendo-se no envio e apoio de missionários aos não alcançados.

À medida que o Ocidente se torna progressivamente pós-cristão, é fácil ver a intensa necessidade do evangelho ao nosso redor e negligenciar as fronteiras. Missões é uma convocação para as fronteiras. E cada vez mais essas fronteiras não significam selvagens que moram nas florestas que forneceram material para as idealizadas histórias de missões da geração anterior, como *Bruchko*, *Peace Child* e *Through Gates of Splendor*.[i] As "fronteiras" de hoje são os povos que habitam este mundo que são os mais hostis ao evangelho. Não pense em selvas e tangas. Pense nos apartamentos abafados e abarrotados dos grandes centros do mundo urbano. Deus está levando as pessoas não alcançadas das florestas para dentro das cidades para que a Grande Comissão seja completada.

Haverá sofrimento e martírio

Isso significa que haverá sofrimento. Muitos dos 6.650 povos não alcançados (e 1.540 povos não envolvidos) são não alcançados (e não envolvidos) por uma razão. Eles são profundamente hostis ao evangelho. Mas o sofrimento e martírio que estão para vir – e eles virão[6] – não serão um obstáculo para o nosso soberano Salvador.

O sofrimento não é apenas a consequência da conclusão da Comissão, mas são meios escolhidos por Deus pelos quais ele mostrará o valor superior do seu Filho a todos os povos. Assim como "convinha que aquele… aperfeiçoasse, por meio de sofrimentos, o Autor da salvação deles" (Hb 2.10), do mesmo modo convém que Deus salve um povo entre todos os povos do sofrimento eterno por meio do sofrimento redentor de Jesus manifestado nos sofrimentos temporários dos seus missionários.

Foi por isso que Paulo pôde se alegrar nos seus sofrimentos – porque ele sabia que neles ele estava preenchendo "… o que resta das aflições de Cristo" (Cl 1.24). O que está faltando nos sofrimentos de Jesus não é o seu valor redentor, mas a sua apresentação pessoal às pessoas pelas quais ele morreu. E no sofrimento e martírio das missões "os enviados" preenchem o que está faltando ao mostrar o valor superior de Jesus e apontando para o seu sofrimento no lugar deles.

Portanto, o chamado para a Grande Comissão é um chamado para mártires. Não um chamado para camicazes, mas um chamado para missionários que se empenham pela fama de Jesus ao redor do mundo, e que estão tão profundamente nele que podem dizer com Paulo: "… morrer é lucro" (Fp 1.21).

Jesus estará conosco (Mt 28.20)

O poder para a reorientação da vida dado por missões e o fato de arriscar a vida ao ir para missões, para o sofrimento e para o martírio, é a alegria Daquele que pregamos. Missões não são apenas fortalecidas pela autoridade de Jesus baseada na sua obra concluída e modelada no seu ministério; missões são sustentadas pela promessa da sua presença e pela alegria que temos nele. Ele diz: "E eis" para se certificar de que tem a nossa atenção, pois isso é realmente precioso. "*E eis* que estou convosco todos os dias até à consumação do século."

Ele estará com você. Nas fronteiras do país "fechado", no aprendizado de uma língua difícil e na desorientação de uma nova cultura, ele estará com você. Ao falar do evangelho quando seus ouvintes porventura se virarem contra você, na perseguição e na prisão, ele estará com você. E

quando você for pressionado para renunciar à fé ou morrer, ele estará com você. Ele ama estar com o seu povo para dar a eles a graça de dizer de coração, como Martinho Lutero:

> Família, bens, prazer!
> Se tudo se acabar
> E a morte enfim chegar,
> Com ele reinaremos!

Missões é sobre a adoração a Jesus e a alegria de todos os povos. Tão certo como Jesus é o Senhor do Universo, a Grande Comissão será completada. Ele edificará a sua igreja. Ele será adorado entre todos os povos. E nele, o seu povo redimido, de todos os povos, para sempre exultará: "… com alegria indizível e cheia de glória" (1Pe 1.8). A Jesus seja a glória. Amém.

Para estudo adicional

Barrs, Jerram. *A essência da evangelização*. São Paulo: Cultura Cristã.

Breder, Dorcas & Luciano. *Para onde, Senhor?* São Paulo: Cultura Cristã.

Greenway, Roger. *Ide e fazei discípulos*. São Paulo: Cultura Cristã.

Hardie, Katherine Hall. *Sobre asas de águia*. São Paulo: Cultura Cristã.

Marra, Cláudio. *A igreja discipuladora*. São Paulo: Cultura Cristã.

Matos, Alderi Souza e Maia, Hermisten. *Cristo e a cruz*. São Paulo: Cultura Cristã.

Medeiros, Elias dos Santos. *Evangelização e ministério pastoral*. São Paulo: Cultura Cristã.

Packer, J. I. *Evangelização e a soberania de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã.

Piper, John. *Alegrem-se os povos*. São Paulo: Cultura Cristã.

Robertson, O. Palmer. *Jonas – Um estudo sobre compaixão*. São Paulo: Cultura Cristã.

---

[i] Bruce Olson escreveu *Bruchko*, contando sua história como missionário entre os índios Motilone Barí, na Colômbia e na Venezuela. *Peace Child* é o nome do livro de Don Richardson (*O totem da paz* em português) que relata sua experiência missionária na Nova Guiné, Indonésia, e sustenta a tese de que o Senhor plantou em cada cultura elementos que possibilitam o reconhecimento do evangelho. *Through Gates of Splendor* é o nome do livro escrito por Elizabeth Elliot em 1957, sobre a morte de missionários na Missão Auca, no Equador.

Colaboradores

Thabiti Anyabwile, Pastor titular da First Baptist Church of Grand Cayman, Ilhas Cayman.

Denny Burk, Reitor da Boyce College e professor assistente de Novo Testamento do Southern Baptist Theological Seminary, Louisville, Kentucky.

Tim Challies, escritor e *blogger*.

Kevin DeYoung, Pastor titular da University Reformed Church, East Lansing, Michigan.

Greg Gilbert, Pastor titular da Third Avenue Baptist Church, Louisville, Kentucky.

Collin Hansen, Diretor Editorial de The Gospel Coalition.

Jay Harvey, Pastor titular da Evangelical Presbyterian Church em Newark, Delaware.

Ted Kluck, escritor, fundador da Gut Check Press, Grand Ledge, Michigan.

Jonathan Leeman, Diretor de comunicações da 9Marks, Washington, DC.

David Mathis, Presbítero da Bethlehem Baptist Church em Minneapolis, Minnesota, e Assistente executivo pastoral de John Piper.

Russell Moore, Reitor da Escola de Teologia, Vice-presidente sênior para Administração Acadêmica e Professor de teologia cristã e ética do Southern Baptist Theological Seminary, Louisville, Kentucky.

Andy Naselli, Gerente de pesquisa para D. A. Carson e administrador da *Themelios*.

Darrin Patrick, Pastor principal da The Journey Church, St. Louis, Missouri.

Ben Peays, Diretor-executivo da The Gospel Coalition.

Eric Redmond, Pastor titular da Reformation Alive Baptist Church, Temple Hills, Maryland, e professor assistente de Bíblia e teologia,- Washington Bible College, Lanham, Maryland.

Owen Strachan, Instrutor de teologia cristã e história da igreja na Boyce College, Louisville, Kentucky.

Justin Taylor, Vice-presidente da Book Publishing, Crossway, Wheaton, Illinois.

Tullian Tchividjian, Pastor titular da Coral Ridge Presbyterian Church, Fort Lauderdale, Florida.

NOTAS

Capítulo 1 – O segredo para alcançar a geração mais jovem

1. Roger Finke e Rodney Stark, *The Churching of America, 1776-2005* (Piscataway, NJ: Rutgers University Press, 2005), 53.
2. Citado em John R. W. Stott, *Between Two Worlds*: *The Challenge of Preaching Today* (Grand Rapids: Eerdmans, 1982), 285.
3. Mark DeVries, *Family-Based Youth Ministry: Reaching the Been-There, Done-That Generation* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1994), 63.
4. Christian Smith, com Melissa Lundquist Denton, *Soul Searching: The Religious and Spiritual Lives of American Teenagers* (Nova York: Oxford University Press, 2005), 56.
5. Thom Rainer, *Surprising Insights from the Unchurched* (Grand Rapids: Zondervan, 2001), 74.
6. *Ibid*., 62.
7. Smith e Denton, *Soul Searching*, 162s.

Capítulo 2 – A história do evangelicalismo desde o seu início e antes

1. George M. Marsden, *Understanding Fundamentalism and Evangelicalism* (Grand Rapids: Eerdmans, 1991), 6.

2. Henry Bettenson e Chris Maunder, orgs., *Documents of the Christian Church,* 3ª ed. (Nova York: Oxford University Press, 1999), 153.

3. Roland H. Bainton, *Here I Stand: A Life of Martin Luther* (Nova York:- Meridian, 1995), 49-50.

4. João Calvino. *As institutas.* São Paulo: Editora Cultura Cristã. 4.17.2.

5. Jonathan Edwards, "A Narrative of Surprising Conversions", in *Jonathan Edwards on Revival* (Carlisle, PA: Banner of Truth, 1965), 14.

6. Douglas A. Sweeney, *The American Evangelical Story: A History of the Movement* (Grand Rapids: Baker, 2005), 39.

7. *Ibid*., 49.

8. Thomas S. Kidd, *The Geat Awakening: Te Roots of Evangelical Christianity in Colonial America* (New Haven, CT: Yale University Press, 2007), 322.

9. *Ibid*.

10. Mark A. Noll, *The Civil War as a Theological Crisis* (Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2006).

11. J. Gresham Machen, *Christianity and Liberalism* (Grand Rapids: Eerdmans, 1923).

12. Carl F. H. Henry, *The Uneasy Conscience of Modern Fundamentalism* (Grand Rapids: Eerdmans, 1947), 88-89.

13. Harold John Ockenga, "Is America's Revival Breaking?", *United Evangelical Action*, 1º. de julho de 1950, 3.

Capítulo 3 – Deus: não é igual a você

1. Carl Sagan, *Cosmos* (Nova York: Random House, 1980), 218.
2. Brad Pitt, *Parade*, 7 de outubro de 2007, http://www.parade.com/articles/editions/2007/ edition_10-07-2007/Brad_Pitt.
3. Jonathan Edwards, "Treatise on grace", in *The Works of Jonathan Edwards*, vol. 21*, Writings on the Trinity, Grace, and Faith*, org. Sang Hyun Lee (New Haven, CT: Yale University Press, 2002), 78.
4. Gregório de Nazianzo, *On Holy Baptism* 40.41, citado em *Institutas* de João Calvino, trad. Ford Lewis Battles, org. John T. McNeill (Filadélfia: Westminster Press, 1960), 1.13.17. Calvino disse: "essas palavras me deleitam imensamente".

Capítulo 4 – Escritura: como a Bíblia não é igual a qualquer outro livro

1. Para um resumo de algumas recentes "batalhas pela Bíblia", ver Stephen J. Nichols e Eric T. Brandt, *Ancient Word, Changing Worlds*: *the Doctrine of Scripture in a Modern Age* (Wheaton, IL: Crossway, 2009), 63-85.
2. A clássica definição de B. B. Warfield é mais precisa: "Inspiração é… uma influência sobrenatural exercida nos escritores sagrados pelo Espírito de Deus, em virtude da qual é dada divina confiabilidade aos seus escritos". *The Works of Benjamin B. Warfield*, vol. 1, *Revelation and Ispiration* (Nova York: Oxford University Press, 1927), 77-78 [Em

português, ver *A Inspiração e Autoridade da Bíblia*, de Benjamin Warfield, publicado pela Cultura Cristã (NE)].

3. O prefixo "in" na palavra *inspiração* induz ao erro, porque 2Timóteo 3.16 se refere a uma obra escrita que Deus soprou *para fora* e não a algo já existente que Deus soprou *dentro* e animou. O prefixo "ex" é mais preciso, mas dizer que toda a Escritura foi expirada não melhoraria a explicação. Nós estamos presos à palavra tradicional "inspirada".

4. Ver John Wenham, *Christ and the Bible*, 3ª ed. (Grand Rapids: Baker, 1994).

5. Paul Feinberg, "*The Meaning of Inerrancy*", in *Inerrancy*, org. Norman L. Geisler (Grand Rapids: Zondervan, 1980), 294.

6. Ver James R. White, *The King James Only Controversy: Can You Trust Modern Translations?*, 2ª ed. (Minneapolis: Bethany House, 2009).

7. Para uma introdução acessível a respeito do quanto é exato o texto do Novo Testamento, ver J. Ed Komoszewski, M. James Sawyer e Daniel B. Wallace, *Reinventing Jesus: How Contemporary Skeptics Miss the Real Jesus and Mislead Popular Culture* (Grand Rapids: Kregel, 2006), 51-117, 272-95. [Ver também *Crítica histórica da Bíblia*, de Eta Linnemann; *Inspiração e canonicidade da Bíblia,* de Laird Harris e *A inspiração e inerrância das Escrituras* de Hermisten Maia Pereira da Costa, todos da Editora Cultura Cristã (NE).]

8. Cf. as sete qualificações sensíveis de Wayne Grudem: "A Escritura afirma que ela pode ser compreendida, mas, (1) não tudo de uma vez, (2) não sem esforço, (3) não sem meios ordinários, (4) não sem a disposição do leitor para obedecê-la, (5) não sem a ajuda do Espírito Santo, (6) não

sem o mau entendimento dos homens e (7) nunca totalmente". "The Perspicuity of Scripture" *Themelios* 34, nº 3 (2009): 288-309, acessado em http://theGospelCoalition.org/publications.

9. Ver os dois capítulos sobre "Bible Intake" in *Spiritual Disciplines for the Christian Life*, de Donald S. Whitney (Colorado Springs, CO: NavPress, 1997), 23-60.

10. Timothy Ward, *Words of Life: Scripture as the Living and Active Word of God* (Downers Grove, IL: Inter-Varsity, 2009), 27 (itálicos dele).

Capítulo 6 – Novo nascimento: "importa-vos nascer de novo"

1. Esse relatório, *Religious Change around the World*, de Tom W. Smith, foi publicado em 23 de outubro de 2009 pelo National Opinion Research Center da University of Chicago para a Templeton Foundation.

2. Acessado em www.nytimes.com/2009/10/22/us/22sweat.html.

Capítulo 7 – Justificação: por que o Senhor nossa justiça é uma notícia melhor do que o Senhor nosso exemplo

1. Martyn Lloyd-Jones, *The Kingdom of God* (Wheaton, IL: Crossway, 1992), 80.

2. Peter Kreeft, *Catholic Christianity* (San Francisco: Ignatius Press, 2001), 130.

Capítulo 8 – Santificação: estar genuinamente aniquilado não é suficiente

1. Wayne Grudem, *Systematic Theology: An Introduction to Biblical Doctrine* (Grand Rapids: Zondervan, 1995), 746.
2. John Murray, *Redenção consumada e aplicada* (São Paulo: Cultura Cristã, 2010), 133.
3. J. C. Ryle, *Holiness: Ist Nature, Hindrances, Difficulties, and Roots* (1877; repr., Moscow, ID: Charles Nolan, 2001), 19.

Capítulo 9 – Reino: céu depois da terra, céu na terra, ou algo totalmente diferente?

1. Esse relato faz parte de um documentário histórico oral sobre Garvey na série da PBS *American Experience*. A transcrição pode ser encontrada *on-line* em http://www.pbs.wgbh/amex/garvey/filmmore/pt.html.

Capítulo 11 – Às vezes, a vida pode ser maravilhosa: os evangélicos e a vocação

1. (Nova York: Riverhead, 2005), 30.
2. Aviso: nesses empregos, havia algumas pessoas realmente bacanas, bem como ótimos momentos, embora eu não estivesse inteiramente (ou qualquer coisa do tipo) satisfeito. Não era apenas trabalho penoso.
3. Dito isso, essa perspectiva pode muito bem estar certa. Eu simplesmente não queria escrever isso de novo.

4. Gene Edward Veith, "Our Calling and God's Glory", *Modern Reformation* 16, nº 6 (2007), acessado *on-line*.

5. Acessado em http://www.college-church.org/missions/YouandMissions.htm.

6. O que significava, na verdade, passar um longo tempo refletindo sobre as cenas de luta de filmes como *Roadhouse* [filme de 1989 dirigido por Rowdy Herrington, com Patrick Swayze no papel principal, lançado no Brasil com o título de *Matador de aluguel* (NE)].

7. Isso acontece, até certo ponto. Confio que Deus proverá (ele sempre tem feito isso), mas ainda assim tenho dificuldade para pegar no sono. Ser um escritor cristão, para mim, não significou a cessação de todas as minhas preocupações.

Capítulo 12 – Justiça social: o que Deus tem a ver com isso

1. Timothy J. Keller, "The Gospel and the Poor" (esboço não publicado, Nova York: Redeemer Presbyterian Church, 2009), 5-7.

2. *Ibid*., 5.

3. Meu livro com Matt Carter (a ser publicado), *A Church for the City*, lidará detalhadamente com princípios práticos e exemplos de como as igrejas podem servir àqueles com as necessidades mais prementes nas nossas cidades.

4. D. A. Carson, "The Gospel of Jesus Christ (1 Corinthians 15:1-19)", *The Spurgeon Fellowship Journal* (primavera de 2008): 6.

5. *Ibid*.

6. Em At 13, Paulo pregou Cristo para os judeus com base no calendário da história judaica. Em At 14, Paulo e Barnabé converteram muitos gentios pagãos trabalhadores que achavam que os missionários eram deuses, e em At 17, Paulo pregou o evangelho para intelectuais gregos no Areópago em Atenas. Em outras palavras, o mesmo evangelho foi pregado, mas adaptado para mais efetivamente atingir o grupo de pessoas que estava sendo visado.

7. Ver Michael Green, *Evangelism and the Early Church* (Grand Rapids: Eerdmans, 2003, 23-26).

8. John Wimber, *Healing Seminar* (Londres: Vineyard Ministries International, s.d.), 11.

9. Ver http://thegospelcoalition.org/about/foundation-documents/vision/.

10. Tim Chester e Steve Timmis, *Total Church: A Radical Reshaping around Gospel and Community* (Wheaton, IL: Crossway, 2008), 78.

11. Abraham Kuyper, "Common Grace", in *Abraham Kuyper: A Centennial Reader*, org. James D. Bratt (Grand Rapids: Eerdmans, 1998), 165-201.

12. David F. Well, org. *Reformed Theology in America: A History of Its Modern Development* (Grand Rapids: Eerdmans, 1985), 140-43.

13. Ver http://www.missionstl.org e http://www.hfny.org para exemplos de como organizações sem fins lucrativos, criadas pelas igrejas, estão direcionando verba para as necessidades tanto das cidades pequenas quanto das grandes nos Estados Unidos.

14. Aubrey Malphurs, *Planting Growing Churches for the 21st Century* (Grand Rapids: Baker, 2000), 44.

15. *Ibid.*

16. Timothy J. Keller, "Why Plant Churches?" (Ensaio não publicado. Nova York: Redeemer Presbyterian Church, 2002), 4.

Capítulo 13 – Homossexualidade: graça, verdade e a necessidade de coragem tolerante

1. Tom Shales, "Let's Remember That Letterman's is a Comic, Not a Cleric or a Congressman", *The Washington Post*, 6 de outubro de 2009, acessado em 21 de outubro de 2009, http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2009/10/05/AR2009100503982.html?nav=rss_email/components.

2. "Christianity and the Church: Scripture and Experience", *Commonweal*, 15 de junho de 2007.

3. *Christianity Today*, dezembro de 2004, 50-51.

Capítulo 14 – Aborto: por que o silêncio e a omissão não se constituem opções para os evangélicos

1. Ver seu excelente livro, *Tactics: A Game Plan for Discussing Your Christian Convictions* (Grand Rapids: Zondervan, 2009).

2. Robert P. George, "When Life Begins", *National Review Online*, 2 de novembro de 2008 (ênfase dele).

3. Citado em Francis J. Beckwith, *Defending Life: A Moral and Legal Case Against Abortion Choice* (Nova York: Cambridge University Press, 2007), 253, n. 11.

4. Eu o incentivo a assistir a esse vídeo aflitivo de 4 minutos: www.abort73.com/HTML/I-A-4-video.html.

5. Para mais, ver o excelente livro de Scott Klusendorf, *The Case for Life: Equipping Christians to Engage the Culture* (Wheaton, IL: Crossway, 2009). Ver também o *website* associado, www.caseforlife.com.

6. *Ibid*., seguindo Stephen Schwartz, *The Moral Question of Abortion* (Chicago: Loyola University Press, 1990).

7. John Piper, "One-Issue Politic, One-Issue Marriage, and the Humane Society" (1º. de janeiro de 1995), disponível *on-line* em www.desiringGod.org.

8. O aborto é o ataque mais dramático e penetrante sobre a santidade da vida humana nos nossos dias. Porém, seria enganoso sugerir que ele é o único ataque à dignidade e à santidade da vida humana. Para uma boa discussão sobre a pesquisa da célula-tronco embrionária e como ela pode destruir embriões vivos, ver Klusendorf, *A Case for Life*, capítulo 4.

9. John Piper, *A Hunger for God* (Wheaton, IL: Crossway, 1997), 171.

Capítulo 15 – Confusão de gênero sexual e uma contracultura moldada pelo evangelho

Este ensaio é uma expansão de um editorial escrito em 2009 para o *The Journal of Biblical Manhood and Womanhood*. Ver Denny Burk, "Editorial: A Collision of Worldviews and the Complementarian Response", *JBMW* 14, nº 1 (2009): 2-5.

1. Ouvi pela primeira vez a história de Katy Perry num sermão feito pelo Dr. Hershel York intitulado "I Kissed a Girl and I Liked It", na capela do Southern Baptist Theological Seminary em 26 de fevereiro de 2009.

2. Leah Greenblatt, "Katy Perry's Long Road: How the 'I Kissed a Girl' Songstress Finally Hit It Big", *Entertainment Weekly*, 1º. de agosto de 2008.

3. "A 'Society of Biblical Literature' é a maior e mais antiga organização internacional erudita no campo de estudos bíblicos. Fundada em 1880, a Society atingiu mais de 8.500 membros internacionais inclusive professores, alunos, líderes religiosos e pessoas de todas as profissões que compartilham interesse pela investigação crítica da Bíblia." "About SBL" [citado em 23 de março de 2009]. *On-line*: http://www.sbl-site.org/aboutus.aspx.

4. "Meeting Program Units", acessado em 23 de março de 2009, http://www://sbl-site.org/meetings/Congresses_CallForPaperDetails.aspx?Meetingld=15VolunteerUnitld=350.

5. Peter Jones argumenta que o projeto da "hermenêutica homossexual" trabalha em "cooperação com a interpretação bíblica feminista". Ele o descreve desta maneira: "A interpretação dos homossexuais procura simplesmente ir um passo além na hermenêutica da dúvida e expor o 'preconceito heterossexista' da Bíblia e dos intérpretes da Bíblia. Ao

identificar a exegese como um exercício de poder social, os teóricos homossexuais rejeitam a estreiteza opressiva da visão binária homem/mulher da Bíblia e ousadamente geram um significado textual baseado no 'poder erótico interno' do intérprete *gay*". Peter Jones, "Androgyny: the Pagan Sexual Ideal". *Journal of the Evangelical Teological Society* 43 (2000): 444 [Ver também, de Peter Jones, *A ameaça pagã*, *O Deus do sexo* e *Verdades do evangelho vs. Mentiras pagãs*, da Cultura Cristã (NE)].

6. A história que se segue também apareceu *in* Denny Burk, "Why Evangelicals Should Not Heed Brian McLaren: How the New Testament Requires Evangelicals to Render Judgment on the Moral Status of Homosexuallity", *Themelios* 35, nº 2 (2010): 215-216.

7. Michael Dobbs, "Harvard Chief's Comments on Womens Assailed", *Washington Post*, 19 de janeiro de 2005, A02.

8. Margaret Talbot, "Red Sex, Blue Sex: Why so Many Evangelical Teenagers Become Pregnant?", *The New Yorker*, 3 de novembro de 2008, acessado em 6 de abril de 2009, http://www.newyorker.com/reporting/2008/11/03/081103fa_fact_talbot?printable=true.

9. Mark Regnurus, *Forbidden Fruit: Sex and Religion in the Lives of American Teenagers* (Nova York: Oxford University Press, 2007), 123, 127.

10. Para mais sobre isso, ver Burk, "Why Evangelicals Should Not Heed Brian McLaren", 212-226.

11. Brian McLaren, *A New Kind of Christianity: Ten Questions That Are Transforming the Faith* (Nova York: HarperOne, 2010), 174-175.

12. "The 25 Most Influential Evangelicals in America", *Time*, 7 de fevereiro de 2005, 45. O artigo na *Time* relata que quando McLaren foi consultado para comentar sobre "casamento" *gay,* ele respondeu: "Sabe de uma coisa? O que parte o meu coração é que não há como responder a isso sem ferir alguém em ambos os lados".

13. Tony Jones, "How I Went from There to Here: Same Sex Marriage-Blogalogue", 19 de novembro de 2008, http://blog.beliefnet.com/tonyjones/2008/11/same-sex-marriage-blogalogue-h.html.

14. Denny Burk, "Discerning Corinthian Slogans through Paul's Use of the Diatribe in 1 Corinthians 6.12-20", *Bulletin for Biblical Research* 18, nº 1 (2008): 99-121.

Capítulo 16 – A igreja local: nem sempre maravilhosa, mas amada por Jesus

Uma forma anterior deste capítulo foi dada como uma palestra na conferência Worship God, em 2009.

1. Por "católica" ou "catolicidade", estou me referindo ao reconhecimento da igreja universal, a igreja como ela existe em todos os tempos e em todos os lugares, além dos limites da cultura, das denominações e outros.

2. Para uma visão criteriosa, benevolente e inteligente sobre grande parte desse debate, ver Kevin DeYoung e Ted Kluck, *Why We Love the*

Church: In Praise of Institutions and Organized Religion (Chicago: Moody, 2009).

3. D. Martyn Lloyd-Jones, *Great Bible Doctrines*, vol. 3, *The Church and the Last Things* (Wheaton, IL: Crossway, 2003), 4-5.

4. Ao dizer que a nossa união com Cristo e o batismo comum no Espírito criam uma unidade que transcende distinções étnicas, de gênero e sociais, não quero dizer, no entanto, que essas distinções não existam mais ou que os papéis associados com gênero não se aplicam mais. A Bíblia ensina tanto nossa semelhança em Cristo ("nem homem nem mulher") como também que Deus designou papéis específicos na família e na igreja (Ef 5.22-33; Cl 3.18-4.1; 1Tm 2.12; 3.2-5; 1Pe 3.1-7). Para um tratamento mais completo deste tema, ver o capítulo anterior, de Denny Burk, "Confusão de gênero sexual e a contracultura moldada pelo evangelho".

5. John Stott, *The Living Church: Convictions of a Lifelong Pastor* (Nottingham, UK: Inter-Varsity, 2007), 19.

6. DeYoung e Kluck, *Why We Love the Church*, 13.

Capítulo 17 – Adoração: algo muito importante

1. Essa história pessoal é adaptada de *Unfashionable: Making a Difference in the World by Being Different*, de Tullian Tchividjian, copyright © 2009 de William Graham Tullian Tchividjian. Usado com permissão de WaterBrook Multnomah, uma marca do Crown Publishing Group, uma divisão da Random House, Inc.

2. G. K. Chesterton, *Orthodoxy* (Londres: John Lane, 1909). 34-35.

3. D. Martyn Lloyd-Jones, *Revival* (Wheaton, IL: Crossway, 1987), 127-128.

4. Ver Walter Brueggemann, *The Message of the Psalms* (Minneapolis: Augsburg), 1984.

5. John Piper, *The Pleasures of God* (Portland, OR: Multnomah, 1991), 24.

Capítulo 18 – Missões: a adoração a Jesus e a alegria de todos os povos

1. At 17.26 confirma que Deus "… de um só fez toda a raça humana".

2. Philip Jenkis, "Believing in the Global South", *First Things*, 13 de dezembro de 2006.

3. Mark Noll, *The New Shape of World Christianity: How American Experience Reflects Global Faith* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2009), 10.

4. *Ibid*.

5. *Ibid*.

6. É geralmente aceito que houve mais mártires cristãos no século 20 do que nos dezenove séculos anteriores.